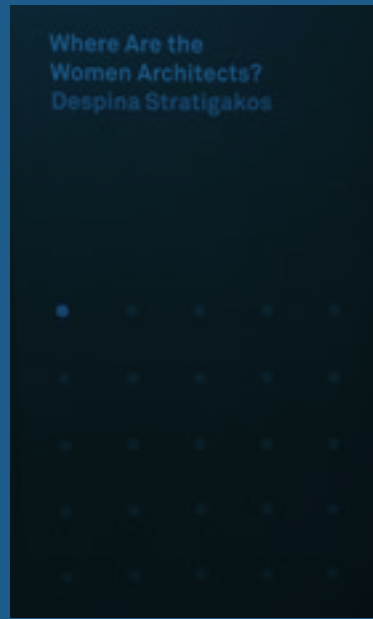




O LUGAR DAS ARQUITETAS NA ARQUITETURA CONTEMPORÂNEA NO CONTEXTO BRASILEIRO



**CAMILA
GUERREIRO
REIS**
SÃO PAULO, 2022





Camila Guerreiro Reis

O lugar das arquitetas na arquitetura contemporânea no contexto brasileiro

Dissertação apresentada a Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo para a obtenção do título de Mestre em Arquitetura e Urbanismo.

Área de Concentração: Projeto de Arquitetura

Orientador: Rodrigo Cristiano Queiroz



SÃO PAULO, 2022

CAMILA GUERREIRO REIS

**O LUGAR DAS ARQUITETAS NA ARQUITETURA
CONTEMPORÂNEA NO CONTEXTO BRASILEIRO**

EXEMPLAR REVISADO E ALTERADO EM RELAÇÃO À VERSÃO ORIGINAL, SOB
RESPONSABILIDADE DA AUTORA E ANUÊNCIA DO ORIENTADOR.

A versão original, em formato digital, ficará arquivada na Biblioteca da Faculdade.

São Paulo, 04 de julho de 2022.

Dissertação apresentada a Faculdade de
Arquitetura e Urbanismo da Universidade de
São Paulo para a obtenção do título de Mestre
em Arquitetura e Urbanismo.

Área de Concentração: Projeto de Arquitetura

Orientador: Rodrigo Cristiano Queiroz

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catálogo na Publicação
Serviço Técnico de Biblioteca
Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo

Reis, Camila Guerreiro

O lugar das arquitetas na arquitetura contemporânea no contexto brasileiro / Camila Guerreiro Reis; orientador Rodrigo Cristiano Queiroz. - São Paulo, 2022. 168 p.

Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo. Área de concentração: Projeto de Arquitetura.

1. Gênero. 2. Arquitetura Contemporânea Brasileira. 3. Arquitetas. 4. Ensino de Arquitetura e Urbanismo. I. Queiroz, Rodrigo Cristiano, orient. II. Título.

SUMÁRIO

AGRADECIMENTOS	9
RESUMO / ABSTRACT	10
INTRODUÇÃO	12

1 ESTUDOS DE GÊNERO NA ARQUITETURA E URBANISMO E A QUESTÃO DO RECONHECIMENTO — **20**

1.1 Construção do campo teórico de gênero na Arquitetura e Urbanismo	21
1.1.1 Década de 1970: pioneiras, primeiras publicações	23
1.1.2 Década de 1980: a segunda fase de publicações	30
1.1.3 Década de 1990: novas temáticas	33
1.1.4 Novo século, novas discussões?	36
1.2 Espaços de visibilidade, reconhecimento e o problema da invisibilidade	43
1.2.1 Construção de um relato único	43
1.2.2 A construção do relato arquitetônico e o problema da invisibilidade	45
1.2.3 Premiações	49
1.2.4 Exposições	54

2 AS REVISTAS, PUBLICAÇÕES ESPECIALIZADAS E A VISIBILIDADE E O RECONHECIMENTO DAS ARQUITETAS — **58**

2.1 A construção das narrativas através das revistas especializadas	60
2.1.1 Revistas e periódicos como fontes históricas	60
2.1.2 O papel das publicações especializadas de arquitetura e urbanismo	62
2.1.3 Revistas especializadas nacionais: breve contextualização	64
2.1.4 Análise de periódicos especializados: contribuições para as pesquisas de arquitetura	70

2.2	Análise editorial das Revistas Projeto Design e AU	72
2.2.1	Revista Projeto Design	72
2.2.2	Revista Arquitetura e Urbanismo (AU)	80
2.3	Levantamentos e análises das publicações	87
2.3.1	Metodologia	88
2.3.2	Publicações: projetos, entrevistas, debates e artigos	90
2.3.3	Publicações especializadas: outros destaques	100

3 A DIVISÃO SEXUAL NO ENSINO E PROFISSÃO ————— **102**

3.1	Ensino de Arquitetura e urbanismo: corpo discente, corpo docente e disciplinas	106
3.1.1	Os alunos de arquitetura e urbanismo. Ou seriam as alunas?	108
3.1.2	Onde estão as professoras de arquitetura e urbanismo? A FAU-USP como exemplo	112
3.1.3	Os espaços de debate destinado às questões de gênero nos cursos de arquitetura e urbanismo	118
3.2	Onde estão as arquitetas?	121
3.2.1	A divisão sexual do trabalho na arquitetura e a falsa percepção de igualdade	122
3.2.2	Instituições de regulamentação da atividade profissional no Brasil e a questão de gênero	131
3.3	Ações para a equidade entre os gêneros: experiências no ensino e na profissão	135
3.3.1	Exemplos de ações no ensino	135
3.3.2	Exemplos de ações na profissão	137

CONSIDERAÇÕES FINAIS ————— **142**

BIBLIOGRAFIA ————— **146**

LISTA DE FIGURAS ————— **154**

ANEXOS ————— **160**

AGRADECIMENTOS

Foram muitas as pessoas que colaboraram com desenvolvimento e concretização dessa pesquisa. Muitas debateram e trouxeram seus próprios questionamentos sobre o tema, outras leram os capítulos e participaram da organização da pesquisa e muitas estiveram ao meu lado durante esses três anos.

Agradeço primeiramente ao Rodrigo Queiroz que aceitou o desafio de ser o orientador, acompanhando o trabalho desde a elaboração do projeto de pesquisa, contribuindo com muitos dos questionamentos desenvolvidos ao longo dos capítulos sobre o ensino de arquitetura e urbanismo e o exercício profissional. À professora Helena Ayoub que incentivou que o debate de gênero fosse trazido para área de projeto de arquitetura.

À Sabrina Fontenele, agradeço as inúmeras formas de interação ao longo da pesquisa, nas trocas e descobertas de livros e artigos, na qualificação, nos encontros em debates e congressos, nas discussões de literatura e mulheres. Agradeço também por ter organizado o grupo de leitura e estudo, “Mulheres, Espaços e Práticas”, que me apresentou às incríveis mulheres que proporcionaram momentos de leveza e contribuíram com o amadurecimento do trabalho.

Essa pesquisa teve início a partir de trocas e conversas com amigas, amigos e colegas de profissão: Adriana Freitas, Alex Ninomia, Camila Paim, Camila Sanches, Claudia Freeland, Fernanda Moraes, Denis Ferri, Fernanda Mota, Flávia Trevisan, Giulia Corsi, Laura Figueiredo, Isabella Armentano, Julia Ximenes, Luisa Fecchio, Natália Romeu, Natalia Tanaka, Raquel Araruna, Renata Peres, Robert Borba. Agradeço imensamente à Mariane Takahashi pelo companheirismo e incentivo. À Julia Anversa pelo olhar crítico frente ao tema, pelas conversas, leituras e contribuições com a pesquisa. À Luiza Itokazu pela leitura atenta dos capítulos.

Obrigada à toda a equipe do Natureza Urbana que apoiou, acompanhou e contribuiu com o desenvolvimento da pesquisa. À Manoela e ao Pedro pela confiança e incentivo, que permitiram meu crescimento como pesquisadora e como arquiteta dentro do escritório.

Agradeço às amigas de toda a vida: Ana Paula Peruchi, Carolina Noronha, Kamila Souza, Maibi Tasqueti, Tais Rodrigues e Luiza Leite. Ao André Lemos pelo companheirismo, incentivo e por trazer luz nos dias escuros.

Ao meu irmão Gerson Reis e aos meus pais Marcia e Gerson que sempre me acompanharam pelos caminhos que decidi tomar e sempre foram exemplos para mim.

RESUMO

REIS, Camila Guerreiro. **O lugar das arquitetas na arquitetura contemporânea no contexto brasileiro.** 2022. Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2022.

Esta pesquisa pretende identificar a participação profissional das arquitetas e urbanistas na arquitetura contemporânea brasileira sob a perspectiva de gênero. Procura entender qual a importância das mulheres na produção do projeto arquitetônico contemporâneo e as formas de inserção dessas profissionais nos cursos de graduação e pós-graduação de arquitetura e urbanismo, no mercado de trabalho e nas instituições que regulam a profissão no Brasil. Parte-se do argumento de que, idealmente, a arquitetura deveria contemplar em sua atuação o amplo espectro da sociedade contemporânea: a experiência de vida coletiva e individual dos homens, das mulheres, das pessoas de todas as idades e de todos os grupos de minorias sociais. Não sendo dessa forma e com um claro desequilíbrio histórico da mulher no campo profissional, há uma urgência em se discutir sobre as contribuições de arquitetas para a história e para a arquitetura contemporânea e entender como opera a divisão sexual do trabalho na profissão.

PALAVRAS-CHAVE: Mulheres.
Gênero. Arquitetura Contemporânea.
Reconhecimento.

ABSTRACT

REIS, Camila Guerreiro. **The place of women architects in contemporary architecture in the Brazilian context.** 2022. Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2022.

This research aims to identify the professional participation of women architects and urban planners in Brazilian contemporary architecture from a gender perspective. It seeks to understand the importance of women in the production of contemporary architectural design and the forms of integration of these professionals in graduate and postgraduate courses in architecture and urbanism, in the labor market and in the institutions that regulate the profession in Brazil. It starts with the argument that, ideally, the architecture should include in its activities the broad aspect of contemporary society: the experience of collective and individual lives of men, women, people of all ages and all minority groups. Not being that way and with a clear historical imbalance of women in the professional field, there is an urgent need to discuss the contributions of architects for the history and the contemporary architecture and understand how the sexual division of labor operate in the profession.

KEYWORDS: *Women. Gender. Contemporary architecture. Recognition.*

INTRODUÇÃO

A reflexão sobre a relação entre ciência e gênero traz considerações acerca do papel central da divisão homem/mulher na construção do saber científico. Evelyn Fox Keller foi a primeira estudiosa a questionar a associação entre o homem e a ciência, a objetividade e o masculino, em artigo publicado em 1978¹. Para a autora era pertinente levar em conta o gênero ao trabalhar com mulheres na ciência, porém discordava da existência de um modo feminino de se fazer ciência, pontuando que nenhum trabalho de pesquisa é totalmente dissociado do tempo e do lugar de sua produção. Margareth Rago afirma que o modo feminista de pensar rompe com os modelos hierárquicos de funcionamento da ciência e com vários pressupostos da pesquisa científica (RAGO, 1998)². O feminismo propõe uma nova relação entre teoria e prática, não isento e imparcial, mas subjetivo e afirmando sua particularidade.

Segundo Rago (1998), as epistemologias tradicionais excluem sistematicamente, com ou sem intenção, a possibilidade das mulheres serem vistas como sujeitos ou agentes de conhecimento. Para a autora, a epistemologia feminista permite aproximar conceitos feministas da ciência, com um ponto de partida já crítico aos modelos das epistemologias tradicionais, que ignoram que seus pesquisadores fazem tão parte desse mundo ao qual eles olham, quanto seus sujeitos de pesquisa (RAGO, 1998). Faz-se necessário que as pesquisadoras(es) coloquem-se no mesmo plano crítico que o objeto estudado, assim a autoras(es) da pesquisa não se apresentam como narradoras(es) isentas(os) de opinião, mas como indivíduos reais, com desejos, interesses particulares e específicos.

O questionamento sobre a existência de uma metodologia feminista propõe a discussão sobre métodos e metodologias utilizados em pesquisas científicas, debate se as pesquisas caracterizadas como feministas são realizadas seguindo métodos³ tradicionais ou se apresentam novas metodologias (HARDING, 1987). Ao mesmo tempo, por trás desse questionamento, existe a preocupação com a ligação entre política e ciência. O feminismo é uma filosofia política que, por meio do pensamento da pesquisadora, interfere no processo de pesquisa. Segundo Grada Kilomba, o conceito de conhecimento não se resume a um simples estudo apolítico da verdade, mas é sim a reprodução de relações de poder raciais e de gênero, que definem não só o que se considera verdadeiro, mas em quem acreditar (KILOMBA, 2016)⁴.

As pesquisas feministas revelam que as perguntas feitas e, sobretudo, as perguntas não feitas determinaram quem foram os agentes formuladores da história contada como universal. Para a historiadora Michele Perrot, a voz da ciência ainda é masculina e a história foi escrita desde o ponto de vista dos homens (PERROT, 2007). Porém, assim como não existe o homem

1 KELLER, Evelyn Fox. *Gender and Science*. In: *Discovering Reality*. Springer, Dordrecht, 1978. pp. 187-205.

2 RAGO, Margareth. *Epistemologia feminista, gênero e história* (1998). In PEDRO, Joana Maria e GROSSI, Miriam Pilar. *Masculino, Feminino, Plural*. Gênero na interdisciplinaridade. Florianópolis-SC, Editora das Mulheres, 1998, pp. 21-41.

3 Nesse contexto o método de pesquisa é entendido como as diferentes técnicas de compilação de informações: escutar os informantes ou interrogá-los, observar o comportamento, examinar registros históricos.

4 KILOMBA, Grada. *Palestra-Performance: Descolonizando o conhecimento*. Realizada em São Paulo em 2016, transcrita pelo Instituto Goethe. Disponível em: <https://www.goethe.de/mmo/priv/15259710-STANDARD.pdf>. Acessado em: 28/03/2021.

universal, tão pouco existe a mulher universal, as pesquisadoras feministas devem estar atentas em mostrar sob qual ponto de vista a pesquisa está sendo feita, uma vez que não existe a história da mulher e sim das mulheres, sob seus diferentes pontos de vista (PERROT, 2007).

Quando pensamos no modo como os fenômenos sociais são convertidos em problemas que precisam de explicação, vemos, imediatamente, que não existe problema se não há um sujeito que o defina. Dessa forma, quando ampliamos as perguntas realizadas e as pessoas que as respondem, temos múltiplos olhares para uma mesma questão. Para a filósofa Sandra Harding, a diferença de uma pesquisa e pesquisadora feminista consiste na forma em que os dados são coletados e quais dados são priorizados (HARDING, 1987).

Sandra Harding também enfatiza, em seu texto *Is There a Feminist Method?* (1987)⁵, que há uma grande diferença entre pesquisas feministas e pesquisas que falam sobre mulheres. Segundo a autora, existem algumas formas de fazer pesquisas sobre as mulheres, por exemplo, mostrar como as mulheres são pesquisadoras e profissionais importantes que foram “esquecidas” pela história. Porém, para a autora, esse tipo de abordagem oferece pontos de vista parciais e distorcidos sobre gênero e as atividades sociais das mulheres. Sugere, falsamente, que as únicas atividades que constituem e moldam a vida social são aquelas que os homens consideram importantes e dignas de estudo e acabam ocultando outros temas importantes de pesquisa e análise.

Quando a historiadora francesa Michelle Perrot (2007) foi questionada se existiria uma maneira feminina de fazer/escrever a história, diferente da masculina, sua resposta foi que simultaneamente sim e não. Sim, porque entendia que há um modo de interrogação próprio do olhar feminino, um ponto de vista específico das mulheres ao abordar o passado, uma proposta de releitura da História no feminino. Não, quando considerava que a forma de trabalhar e procurar as fontes não se diferenciavam do que ela própria havia feito antes, enquanto pesquisadora do movimento operário francês. Perrot entendia que o fato de ser uma historiadora do sexo feminino não alterava em nada a maneira como havia estudado seu objeto de análise.

Em 1986, a revista norte americana *American Historical Review* publicou o artigo da historiadora Joan Scott intitulado *Gênero: uma categoria útil para análise histórica*⁶ (1986). Trata-se de um dos artigos mais lidos e citados da história da revista e tornou-se um texto essencial para a formação de um campo de estudo de história do gênero dentro dos estudos anglo-americanos. Scott (1986) explica que a inclusão da história das mulheres na historiografia, sem que essa fosse transformada em um campo específico de estudo, excluída da História “oficial”, dependeria de como as questões trazidas pelo debate de gênero fossem incorporadas: “como é que o gênero funciona nas relações sociais humanas? Como é que o gênero dá sentido à organização e à percepção do conhecimento

5 HARDING, Sandra. *Is There a Feminist Method?* (1987). In: HARDING, Sandra. *Feminism and Methodology*. Indiana: Indiana University Press, 1987.

6 Joan Scott é professora da Escola de Ciências Sociais do Instituto de Altos Estudos de Princeton. O texto foi originalmente publicado em 1986 na *American Historical Review*, porém sua tradução para o português só foi feita em 1995 e publicado na revista *Educação e Realidade*. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/view/71721>.

histórico? As respostas dependem do gênero como uma categoria de análise”⁷.

No artigo, a autora apresenta duas definições sobre gênero: “(1) gênero é um elemento constitutivo de relações sociais baseado nas diferenças percebidas entre os sexos e (2) é uma forma de significar as relações de poder”⁸. Ao colocar o gênero como uma categoria de análise, as relações sociais entre homens e mulheres deixam de ser colocadas como oposição umas às outras, como uma relação binária, e passam a ser vistas de forma relacional. Posto dessa forma, o estudo das mulheres acrescenta não só novos temas como também traz uma reavaliação crítica de nossa sociedade. Inscrever as mulheres na história implica, necessariamente, a redefinição e o alargamento das noções tradicionais. Não se trata de escrever a história das mulheres, mas uma nova história que inclua as mulheres (SCOTT, 1986).

Quando me questionei o porquê são tão poucas as mulheres que possuem seus trabalhos reconhecidos na arquitetura e urbanismo, ou mesmo, o escasso número de arquitetas que sejam colocadas como “gênios”, percebi que essas não eram as principais perguntas para as quais queria obter respostas. São indagações e reflexões que há tempos fazia sozinha ou com outras colegas de profissão, reflexões essas que me levaram a questionar e repensar a própria organização da profissão.

O que significa ter uma carreira de prestígio na profissão? Seria ter o reconhecimento entre os pares? Ou o acúmulo de riquezas? Ter obras reconhecidas, citadas, estudadas e analisadas no mundo acadêmico? O que significa ser um “gênio” na profissão? Quem concede esse título? Quais são as instituições que governam e mantêm esse pensamento? Como a arquitetura e o pensamento crítico são ensinados nas universidades? E se analisássemos a arquitetura por outros ângulos, por exemplo, questionando como que os arquitetos considerados “gênios” conseguiram tal consagração, teriam tido pais ou avós arquitetos? Algum mecenas (cliente/estado) que alavancou sua carreira? Quais foram suas parcerias profissionais? Quem foram seus professores(as)/ mestres?

Sempre fui encantada pela arquitetura enquanto disciplina: pela possibilidade que um projeto tem de transformar um local; como um espaço público bem construído pode mudar a qualidade de vida das pessoas que o utilizam; como cidades bem pensadas e projetadas são mais democráticas. Longe de pensar que somente um bom projeto é capaz de trazer e fazer toda uma remodelação de uma sociedade, mas, de fato, acredito que um bom projeto, principalmente, quando este é de um espaço público ou de uma instituição que atende a um público heterogêneo, traz qualidade de vida aos seus beneficiários e deixa as cidades mais igualitárias.

Porém sempre me questionei como uma disciplina que se preocupa tanto em melhorar as cidades, construir espaços democráticos, garantir acessibilidade universal, etc., mostra-se incapaz de fazer uma reflexão interna. Muitos concursos e concorrências públicas de projetos de arquitetura fazem contratação de projetos com valores inferiores aos honorários de trabalho estabelecidos pelo CAU/BR; muitos escritórios que trabalham com clientes privados cobram valores inferiores em seus projetos para lucrarem com as reservas técnicas pagas pelos fornecedores⁹; muitos escritórios de arquitetura trabalham com softwares pirateados; dificilmente um arquiteto é contratado ou registrado com CLT, trabalha sem direitos trabalhistas, sem auxílios, sem o receber o piso salarial mínimo

7 SCOTT, Joan. *Gênero: uma categoria útil para análise histórica*. In: Educação e Realidade, Porto Alegre, jul./dez. 1995, p. 74.

8 SCOTT, Joan. *Gênero: uma categoria útil para análise histórica*. In: Educação e Realidade, Porto Alegre, jul./dez. 1995, p. 86.

9 Prática ilegal da profissão. Disponível em: https://www.caubr.gov.br/arquitetospelaetica/?page_id=9. Acessado em: 15/01/2022.

estabelecido pelo órgão regulador da profissão¹⁰.

Dentro dessa situação, como ficamos nós mulheres? Somos maioria nos cursos de graduação de arquitetura e urbanismo, somos maioria dos profissionais registrados no CAU/BR¹¹, porém nossos salários ainda são menores que de nossos colegas homens. Segundo o *1º Diagnóstico de Gênero em Arquitetura e Urbanismo*¹², divulgado em 2020, o rendimento médio mensal de um arquiteto branco é de R\$ 6.565, 51, ou seja, é quase duas vezes maior que o rendimento mensal médio de uma arquiteta negra (R\$ 3.436, 15). O episódio abaixo relata a experiência de uma arquiteta, vivenciada no escritório onde era coordenadora de projeto:

Eu era coordenadora em um escritório de arquitetura fundado por dois sócios (um homem e uma mulher). Dentro do escritório a maioria dos arquitetos da equipe eram mulheres, durante os anos que trabalhei lá coordenei apenas dois arquitetos homens. Meu salário de coordenadora era menor que os dos arquitetos homens que coordenei, os salários de todas as arquitetas mulheres que trabalhavam no escritório era menor que os dos homens, mesmo elas apresentando melhores desempenhos que os arquitetos homens. Os dois homens que coordenei se achavam superiores a mim e desmereciam constantemente meu trabalho na frente de toda a equipe.

O que acontece com nossas carreiras quando engravidamos? Por que temos tão pouco reconhecimento? Por que somos submetidas a agressões e assédios constantes, que se iniciam durante a graduação e continuam em nossa vida profissional?

Trabalhei num renomado escritório de arquitetura de São Paulo que era formado por dois sócios (um homem e uma mulher) que eram casados e tinham filhos pequenos. A secretária do escritório engravidou e quando ela saiu de licença maternidade a sócia comentou com a equipe: “logo que ela voltar da licença maternidade ela será demitida, mulher com filho pequeno não trabalha direito”.

Destaco, que eu (autora da dissertação), sou uma mulher, cisgênero, heterossexual, branca, de classe média alta, com pais que fizeram cursos superiores em universidades públicas e, desde a formatura, nunca estive desempregada, situação que encaro como privilégios diante da sociedade brasileira. A pesquisa iniciou-se a partir da minha experiência cotidiana em atuar como arquiteta, trabalhando ora de forma autônoma, ora como colaboradora e sócia em escritórios de arquitetura e urbanismo de São Paulo. Durante muito tempo me questionei sobre algumas situações que vivenciei ainda no curso de graduação e posteriormente como profissional, se essas decorreram pelo fato de ser mulher ou se meus colegas homens também passavam por situações parecidas.

Ao fazer o projeto de pesquisa, em 2018, comecei a questionar como que, passados quase vinte anos do século XXI, alguns comportamentos abusivos ainda eram naturalizados. Fui questionada inúmeras vezes sobre a importância dessa pesquisa, sobre onde eu pretendia chegar e como conseguiria transformar percepções pessoais em uma pesquisa acadêmica. Na época, o CAU/BR pouco ou nada falava sobre as mulheres na profissão, nenhuma arquiteta havia sido condecorada com o Colar de Ouro do IAB/DN.

Felizmente, em quatro anos, algumas mudanças aconteceram. O número de pesquisas e pes-

10 Disponível em: <https://www.caumt.gov.br/salario-minimo-profissional/>. Acessado em: 15/01/2022.

11 Disponível em: <https://www.caubr.gov.br/dia-da-mulher-participacao-das-mulheres-arquitetas-e-urbanistas-cresce-a-cada-ano/>. Acessado em: 15/01/2022.

12 Disponível em: <https://www.caubr.gov.br/wp-content/uploads/2020/08/DIAGN%C3%93STICO-%C3%ADntegra.pdf>. Acessado em: 15/01/2022.

quisadoras(es) brasileiras(os) sobre gênero na arquitetura e no urbanismo tem aumentado¹³, bem como o número de lançamentos de livros sobre mulheres arquitetas. O número de seminários, que destacam a mulher como profissional arquiteta, urbanista, mãe, habitante da cidade, usuária de transporte público, ciclista, aumentou significativamente¹⁴. Instituições como o IAB/SP organizaram atividades e encontros para trazer luz ao tema¹⁵; as arquitetas uniram-se para formar chapas exclusivamente femininas para concorrerem na eleição do CAU/2020, dessa forma conseguiram aumentar a representatividade feminina no órgão que regulamenta a profissão no Brasil¹⁶ e, em 2020, o CAU/BR publicou o primeiro *Diagnóstico de Gênero na Arquitetura e Urbanismo*¹⁷.

O significado de “lugar” presente no título da pesquisa diz respeito aos escassos espaços de visibilidade e reconhecimento destinados à produção arquitetônica feminina. Mostrar, quantificar e exemplificar que ainda temos uma clara diferença de gênero na profissão é um trabalho necessário. A obliteração das mulheres perpassa o sistema educacional bem como as instituições de consagração da profissão. Os cursos de graduação em arquitetura e urbanismo têm prestado pouca atenção às dinâmicas de gênero existentes nas salas de aula, disciplinas como a teoria e a história da arquitetura enfatizam as desigualdades de gênero, nas quais as arquitetas e as suas contribuições ainda não têm lugar de destaque definido.

O princípio de Divisão Sexual do Trabalho¹⁸ é aplicado dentro de cada profissão, atribuindo aos homens o mais nobre, o mais sintético, o mais teórico e às mulheres o mais analítico, o mais prático, o menos prestigioso. Entender as relações de gênero na profissão, sobretudo como elas operam sobre os trabalhos feitos pelos homens e pelas mulheres, em relação à produção, divulgação, ensino de arquitetura e reconhecimento, tornou-se um dos principais objetivos dessa pesquisa.

Partindo do princípio que o fato de ser homem ou mulher não interfere diretamente na qualidade da produção da arquitetura, entender e expor os motivos da menor participação da mulher nesse campo atravessou todos os capítulos dessa pesquisa. Para isso foi trazido o debate de gênero e de reconhecimento no campo da arquitetura e urbanismo; foi mapeada a participação da produção das arquitetas em mídias especializadas na área de arquitetura e urbanismo; foi debatida a prática profissional nos cursos de graduação, órgãos de regulamentação da profissão

13 PERFEITO, Livia; PENA, Mariana; HRIHOROWITSCH, Victoria. *A trajetória do urbanismo com perspectiva de gênero: uma análise da produção acadêmica entre 2009 e 2019*. XII Seminario Internacional de Investigación en Urbanismo, São Paulo-Lisboa, 2020. São Paulo: Faculdade de Arquitetura da Universidade de Lisboa, 2020.

14 O *Congresso Internacional Arquitectura e Género*, realizado desde 2014, apresentou em 2021 sua quinta edição, realizada de forma online em decorrência da pandemia da COVID-19; em 2017, Centro Cultural São Paulo, ocorreu o *Seminário Internacional Onde estão as mulheres Arquitetas?*; A última edição do *Congresso Brasileiro de Arquitetos*, realizado em 2019, trouxe uma sessão temática sobre *Mobilidade e a Questão de Gênero* e outra sobre *Mulheres e arquitetura: atuação e estratégia*; a última edição do *Seminário Internacional Fazendo Gênero*, realizado em 2021, apresentou uma mesa temática sobre *cultura material, relações de gênero e ambiente doméstico: entre discursos e práticas*; A última edição do ENANPARQ, realizado em 2021, contou com uma mesa temática sobre *História, historiografia e crítica: questões raciais, de gênero e outras interseccionalidades*; o *Congresso Mundial de Arquitetos*, realizado em 2021, realizou a mesa de debate *Gênero e Cultura*, convidando as arquitetas Gabriela de Matos e Zaida Muxi, com moderação de Tainá de Paula.

15 Disponível em: <https://www.iabsp.org.br/?noticias=rede-feminina-do-iab-conversas-entre-arquitetas-para-um-campo-em-construcao>. Acessado em: 14/01/2022.

16 Disponível em: <http://www.fna.org.br/2020/10/23/mulheres-sao-maioria-na-eleicao-do-cau/>. Acessado em: 15/01/2022.

17 Disponível em: <https://www.caubr.gov.br/wp-content/uploads/2020/08/DIAGN%C3%93STICO-%C3%ADntegra.pdf>. Acessado em: 15/01/2022.

18 KERGOAT, Danièle. *Divisão sexual do trabalho e relações sociais de sexo*. In: HIRATA, Helena; DOARÉ, Hélène Le; SENOTIER, Danièle (org.). *Dicionário Crítico do Feminismo*. São Paulo: Editora Unesp, 2009, pp. 67-75.

e atuação profissional das arquitetas no Brasil.

A primeira parte do primeiro capítulo faz um levantamento bibliográfico sobre as publicações de gênero no campo da arquitetura e urbanismo; apresenta, por períodos, as principais publicações de gênero e arquitetura, publicadas a partir do início da década de 1970, no eixo Estados Unidos – Inglaterra; mostra que o debate de gênero na profissão não é novo e também não é uma questão recente do século XXI. Porém destaca que na virada para o novo século, os debates e publicações ganharam novo fôlego, quebraram a barreira Estados Unidos – Europa e trouxeram novos questionamentos. A segunda parte do capítulo discorre sobre o reconhecimento e os locais de destaques na profissão; mostra o “lugar” das mulheres nas premiações e nas exposições.

O segundo capítulo é uma extensão do primeiro, reflete sobre a importância das revistas especializadas para a construção de um campo teórico e crítico na profissão; mostra o lugar de destaque dessas publicações especializadas na propagação e divulgação de uma arquitetura nacional. Por fim, é apresentado os levantamentos feitos nas revistas *Projeto Design* e *AU*, primeiramente de suas equipes editoriais desde a fundação dos dois periódicos e, na sequência, são apresentados os levantamentos numéricos de todos os projetos, entrevistas e artigos publicados nas duas revistas de 2001 a 2015. O objetivo dessa quantificação é entender quais são os espaços ocupados pelas arquitetas nos primeiros quinze anos do século XXI.

O último capítulo busca retratar a Divisão Sexual do Trabalho no ensino e profissão. Traz levantamentos sobre o Concurso Opera Prima, de Trabalhos Finais de Graduação, seus vencedores, professores(as) orientadores(as) e bancas julgadoras; mostra levantamentos quantitativos dos docentes do curso de graduação e da pós-graduação da FAU-USP, divididos de acordo com os departamentos em que lecionam e os quadros de disciplinas ofertadas; traz o quantitativo de pesquisas realizadas na pós-graduação da FAU-USP, com a contagem dos pesquisadores de mestrados e doutorado de cada Área de Concentração. Os levantamentos nos órgãos de regulamentação da profissão no Brasil mostram como estes estão organizados e como as mulheres aparecem representadas nos mesmos. A interpretação dos dados oficiais sobre o trabalho dos arquitetos no Brasil busca identificar e caracterizar o trabalho realizado pelas mulheres. Por fim, são apresentadas algumas ações tanto do ensino, quanto da profissão, que buscam diminuir a disparidade de gênero entre os alunos e os profissionais da área.

Durante o desenvolvimento da pesquisa, em conversas informais com outras arquitetas e colegas de profissão, coletei algumas anedotas que trazem situações de violências e discriminações que vivenciamos ao ingressar no curso de graduação e em nossas carreiras profissionais. As anedotas aparecem ao longo dos capítulos dessa dissertação, de forma anônima, ora como epígrafe dos capítulos, ora como citações ao longo do texto. Por último, destaco que a pesquisa iniciou-se em 2019, anterior à pandemia de COVID-19. Os levantamentos feitos nas revistas especializadas foram realizados ao longo do ano de 2019, quando a biblioteca da FAU-USP estava aberta. Todos os demais levantamentos e dados contidos na pesquisa foram obtidos a partir de informações disponíveis em plataformas *online*.



Figura 1: Capa do livro *Where Are the Women Architects?*. Despina Stratigakos, 2016. Fonte: Imagem da autora.

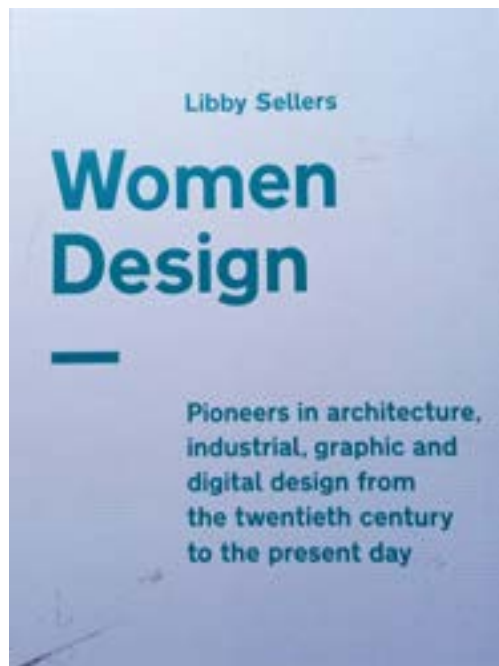


Figura 2: Capa do livro *Women Design*. Libby Sellers, 2017. Fonte: Imagem da autora.



Figura 3: Capa do livro *Mujeres, casas y ciudades. Más allá del umbral*. Zaida Muxí, 2018. Fonte: Imagem da autora.



Figura 4: Capa do livro *Domesticidade, Gênero e Cultura Material*. Flávia Brito do Nascimento, Joana Mello de Carvalho e Silva, José Tavares Correia de Lira e Silvana Barbosa Rubino (Org.), 2017. Fonte: Imagem da autora.

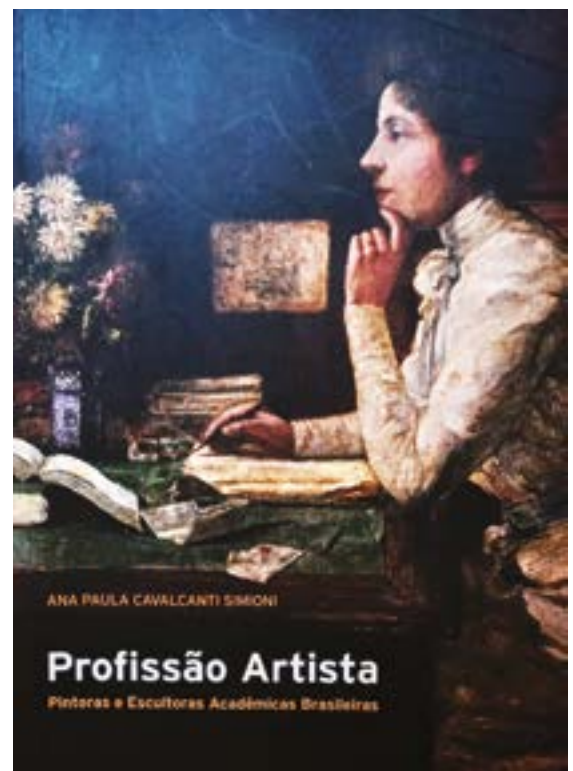


Figura 5: Capa do livro *Profissão Artista: Pintoras e Escultoras Acadêmicas Brasileiras*. Ana Paula Cavalcanti Simioni, 2019. Fonte: Imagem da autora.



Figura 6: Capa do livro *História das mulheres, histórias feministas: antologia*. Adriano Pedrosa, Amanda Carneiro e André Mesquita (Org.), 2019. Fonte: Imagem da autora.



Figura 7: Capa da revista *Projeto*, Edição Especial, *Mulheres na Arquitetura*, 2021. Fonte: Imagem da autora.



Figura 8: Capa do livro *Modos de morar nos apartamentos duplex: rastros de modernidade*. Sabrina Stuart Fontenele Costa, 2021. Fonte: Imagem da autora.

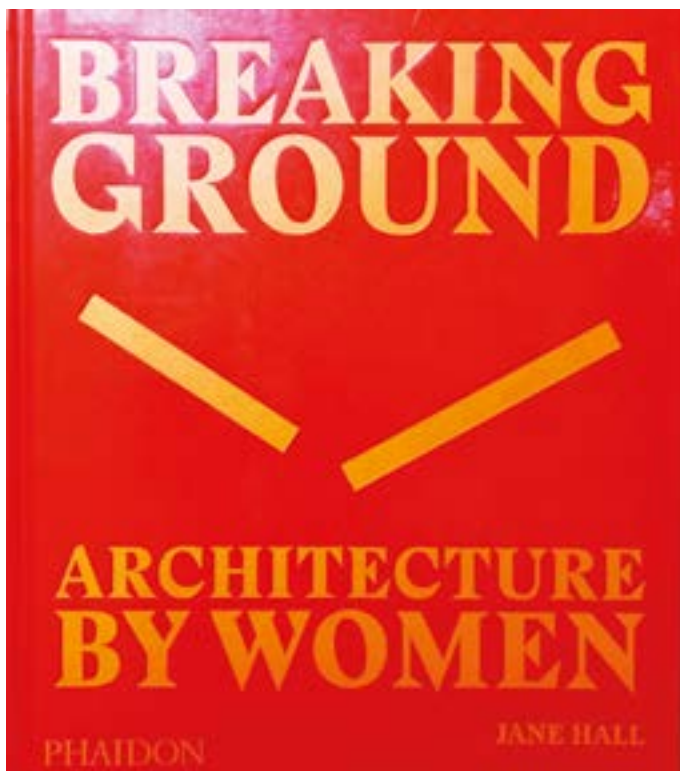


Figura 9: Capa do livro *Breaking Ground. Architecture by Women*. Jane Hall, 2019. Fonte: Imagem da autora.

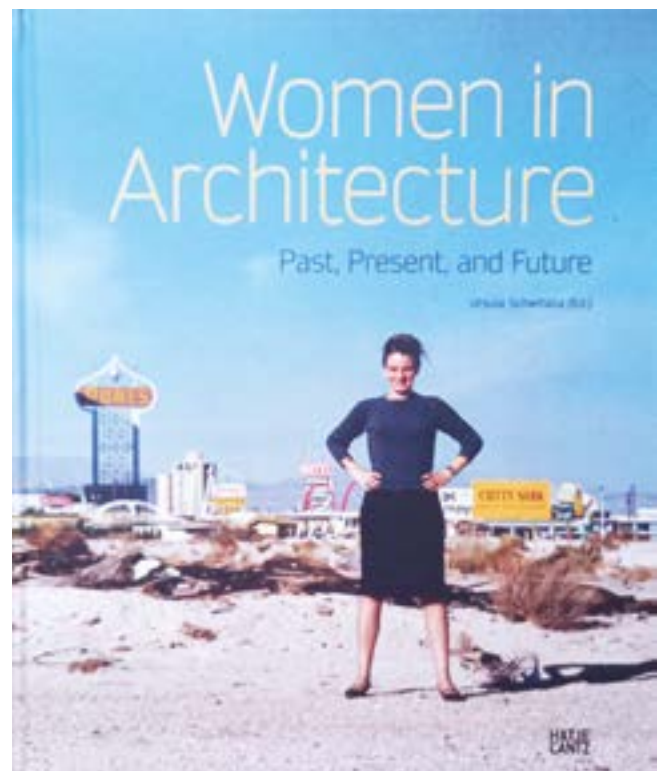


Figura 10: Capa do livro *Women in Architecture*. Ursula Schwitalla (Ed.), 2021. Fonte: Imagem da autora.

**ESTUDOS DE
GÊNERO NA
ARQUITETURA
E URBANISMO E
A QUESTÃO DO
RECONHECIMENTO**

01

1.1

CONSTRUÇÃO DO CAMPO TEÓRICO DE GÊNERO NA ARQUITETURA E URBANISMO

Segundo os números registrados no censo dos arquitetos de 2012, realizado pelo CAU/BR¹⁹, os arquitetos homens com mais de 61 anos representam 71,21% dos profissionais nessa faixa etária, já na faixa etária entre 51 e 60 anos a porcentagem despenca para 48,20%. Em meados da década de 1970, o número de mulheres em cursos de graduação de arquitetura e urbanismo passou de uma presença simbólica a uma porcentagem estimada entre 20% e 28% do total de alunos²⁰. Simultaneamente, profissionais arquitetas e acadêmicas, sobretudo nos EUA, começaram a repensar e a questionar as narrativas históricas da arquitetura moderna.

Hoje, o debate de gênero na arquitetura e urbanismo aparece em diversos espaços da profissão, seja nas salas de aulas, nas eleições de conselhos, nas premiações, nas publicações, na forma de projetar e pensar cidades. É promovido por diversas entidades, em múltiplos territórios, sendo um debate heterogêneo assim como o campo de atuação da profissão e seus profissionais. Muitas vezes, o tema aparece como uma questão contemporânea e inexistente durante o século XX, essa falsa impressão talvez ocorra pelo fato que até a virada do século quase toda a produção de questionamentos ocorreu no eixo EUA-Inglaterra, com praticamente todos os livros e artigos escritos na língua inglesa, limitando o debate a esse público.

Pouca ou quase nenhuma pesquisa ou publicações produzidas desde a década de 1970 sobre as questões de gênero em arquitetura e urbanismo foram traduzidas para outras línguas. No Brasil, soma-se, à dificuldade imposta pela língua, o fato que as bibliotecas das faculdades de arquitetura e urbanismo nacionais adquiriram somente algumas dessas publicações²¹, prejudicando as pesquisas e o entendimento da construção desse campo teórico dentro da Arquitetura e Urbanismo. Juntando-me às outras pesquisas de mestrado e doutorado realizadas no Brasil, decidi mostrar, em parte desse capítulo, como ocorreu a construção do campo teórico de gênero na arquitetura e urbanismo, desde as primeiras publicações na década de 1970 até os debates contemporâneos.

Partindo da pesquisa realizada pela arquiteta e urbanista Ana Gabriela Godinho Lima em sua tese de doutorado, apresentada ao programa de pós-graduação em Educação da Universidade de São Paulo em 2004²², concordo com a autora quando ela explica “ser possível identificar algumas fases de desenvolvimento da produção do conhecimento sobre as mulheres na

19 Destaco que, neste caso, optei por utilizar o Censo dos arquitetos de 2012 pois nesse ano 85% dos arquitetos registrados no conselho responderam o questionário, enquanto apenas 25% dos arquitetos e arquitetas responderam ao questionário de 2020. Disponível em: https://www.caubr.gov.br/wp-content/uploads/2018/03/Censo_CAUBR_06_2015_WEB.pdf. Acessado em 02/07/2021.

20 Porcentagem estimada pela autora a partir dos números revelados no I Censo dos arquitetos do Brasil, realizado pelo CAU/BR.

21 A biblioteca da FAU-USP possui poucos livros que foram utilizados como referencial teórico para essa pesquisa.

22 LIMA, Ana Gabriela Godinho. *Revendo a História da Arquitetura: uma perspectiva feminista*. Tese de doutorado apresentada ao programa de Pós-graduação da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, 2004.

arquitetura e, decorrente disso, o surgimento da perspectiva feminista da arquitetura”²³. Lima (2004) identificou três fases do desenvolvimento do campo teórico: a primeira até o final da década de 1970, caracterizada como uma fase de levantamento e documentação do trabalho das mulheres na arquitetura; a segunda fase até o final da década de 1980, com o aprofundamento da reflexão, análise crítica e multiplicidade de pontos de vista sobre a perspectiva feminista na arquitetura e a, última fase, contida na década de 1990, caracterizou-se pelo aumento do número de publicações sobre o tema e debates em universidades norte americanas com novas abordagens e interdisciplinaridade.

Percebo que hoje estamos passando por uma quarta fase, que difere das três fases anteriores por ser um acontecimento mundial, por aparecer em diversos campos da profissão e por ter suas peculiaridades regionais, abraçando temas que nenhuma das três fases anteriores englobaram como, por exemplo, o lugar das arquitetas negras²⁴ dentro das narrativas históricas e na arquitetura contemporânea. Na virada para o século XXI, as mulheres são maioria nas universidades²⁵, em muitos países as arquitetas são maioria dos profissionais registrados nos órgãos que regulamentam a profissão²⁶, porém somente em 2004 a primeira arquiteta foi laureada com o Prêmio Pritzker.

23 LIMA, Ana Gabriela Godinho. *Reverendo a História da Arquitetura: uma perspectiva feminista*. Tese de doutorado apresentada ao programa de Pós-graduação da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, 2004, p. 56.

24 Para gerar visibilidade à produção de arquitetas negras brasileiras, as arquitetas e urbanistas Gabriela de Matos e Bárbara Oliveira idealizaram em 2018 o projeto Arquitetas Negras, com objetivo de mapear a produção dessas profissionais e criar uma plataforma tanto para pesquisa quanto para contratação, a fim de diminuir a desigualdade racial e de gênero na arquitetura. Disponível em: <https://linktr.ee/arquitetasnegras>. Acessado em 02/07/2021.

25 Em 2019 o Conselho de Arquitetos de Brasil CAU/BR realizou uma pesquisa sobre a participação feminina no setor. A pesquisa constatou que apesar das mulheres serem maioria dos profissionais registrados no CAU/BR e também maioria dos estudantes nas universidades, elas são minorias nas premiações nacionais, vencedoras de concursos nacionais, membros dos conselhos. Disponível em: <https://www.cauap.gov.br/?p=10680>. Acessado em 02/07/2021.

26 No Brasil as arquitetas representam 64% dos profissionais registrados no Conselho de Arquitetos e Urbanistas. Disponível em: <https://www.caubr.gov.br/pesquisa-cau-br-revela-perfil-profissional-dos-arquitetos-e-urbanistas-brasileiros/>. Acessado em: 04/01/2022.

1.1.1 DÉCADA DE 1970: PIONEIRAS, PRIMEIRAS PUBLICAÇÕES

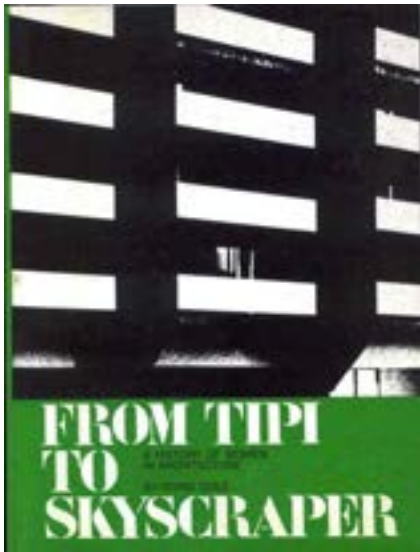


Figura 11: Capa do livro *From tipi to Skyscraper*. Doris Cole, 1973. Fonte: Imagem da autora.

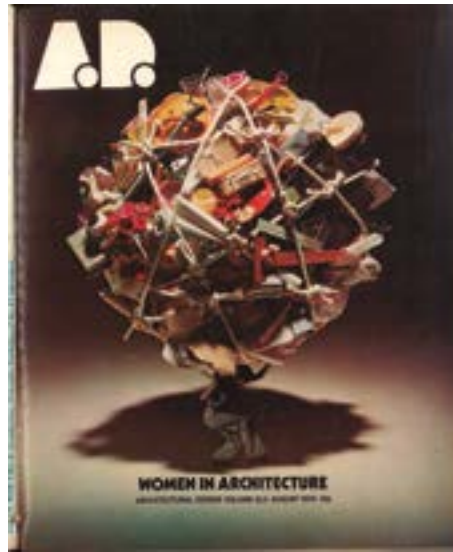


Figura 12: Capa da revista *Architectural Design*, vol. XLV, n° 8, 1975. Fonte: ALVAREZ ISIDRO, Eva Maria. Women in architecture. 1975, 2015. Tese de doutorado. Universitat Politècnica de València. Departamento de Projectos Arquitectònics - Departament de Projectes Arquitectònics, 2016. p. 343.



Figura 13: Capa do catálogo *Women in American Architecture: A historic and Contemporary Perspective*, Susana Torre (Ed.), 1977. Fonte: Imagem da autora.

A primeira fase das publicações está vinculada à intensa mudança de mentalidade que atingiu os Estados Unidos nos últimos anos da década de 1960, evoluiu diretamente dos movimentos que lutaram pelos direitos civis e antiguerra e foi impulsionada por obras de autoras feministas norte americanas e britânicas como *A mística feminina* (1963) de Betty Friedan, *Sexual Politics* (1970) de Kate Millet e *Woman's Estate* (1971) de Juliet Mitche. O aumento das mulheres nas universidades, contrastando com suas “ausências” no meio profissional, fez com que a pergunta “onde estão as mulheres?” fosse feita em diversas áreas de atuação profissional.

No campo da arquitetura e urbanismo, as primeiras publicações tinham como objetivo reconhecer o trabalho das arquitetas esquecidas ou subvalorizadas pela história da arquitetura e repensar a natureza e os limites da profissão, buscando entender onde entrava a contribuição feminina. Destaco três iniciativas de maior impacto produzidas durante a década de 1970: O livro *From Tipi to Skyscraper* (1973), da arquiteta norte americana Doris Cole; a edição de setembro de 1975 da revista inglesa *AD Architectural Design* e a exposição acompanhada de seu catálogo *Women in Architecture: An Historical and Contemporary Perspective* (1977), organizados pela arquiteta Susana Torre.

No início da década de 1970, as arquitetas norte americanas começaram a lutar para mudar a profissão. Na época, apenas 1% dos arquitetos registrados no AIA (*American Institute of Architects*) eram mulheres, apesar do número de alunas nas faculdades de arquitetura ser em maior porcentagem. Alinhadas com outros grupos feministas da época, as alunas e profissionais atuaram em diversas frentes para que suas reivindicações fossem ouvidas. Em 1972, foram funda-

dos os primeiros coletivos profissionais independentes: *The Alliance of Women in Architecture* (AWA) em Nova York; *Women Architects, Landscape Architects and Planners* (WALAP) em Boston; e a *Organization of Women Architects* (OWA) em São Francisco. Cinco anos depois, em 1977, já existiam diversos coletivos espalhados por todo o território norte americano.

Os coletivos promoviam encontros, realizavam debates sobre as mulheres atuantes na profissão, escreviam artigos. Em 1973, a arquiteta Denise Scott Brown deu uma conferência, na sede da *Alliance of Women in Architecture*, intitulada *Room at the Top? Sexism and the Star System*. Nessa célebre palestra, publicada apenas em 1989 no livro *Architecture: a Place for Women* editado por Ellen Perry Berkeley e Matilda McQuaid, Scott Brown exemplifica como o sexismo atua no mundo profissional da arquitetura e como opera a falta de reconhecimento da atuação das mulheres na profissão, seja pela crítica especializada, pela academia ou por outros profissionais da área. A arquiteta identifica como o modelo do *Star System* atua na profissão, baseando-se na noção de que apenas o trabalho realizado por alguns homens é importante, dá a falsa impressão de que o ato de projetar é uma atividade individual e que apenas alguns “gênios” merecem destaque.



Figura 14: Capa da revista *Architectural Forum*, Vol. 137, n° 2, 1972.
Fonte: Imagem da autora.

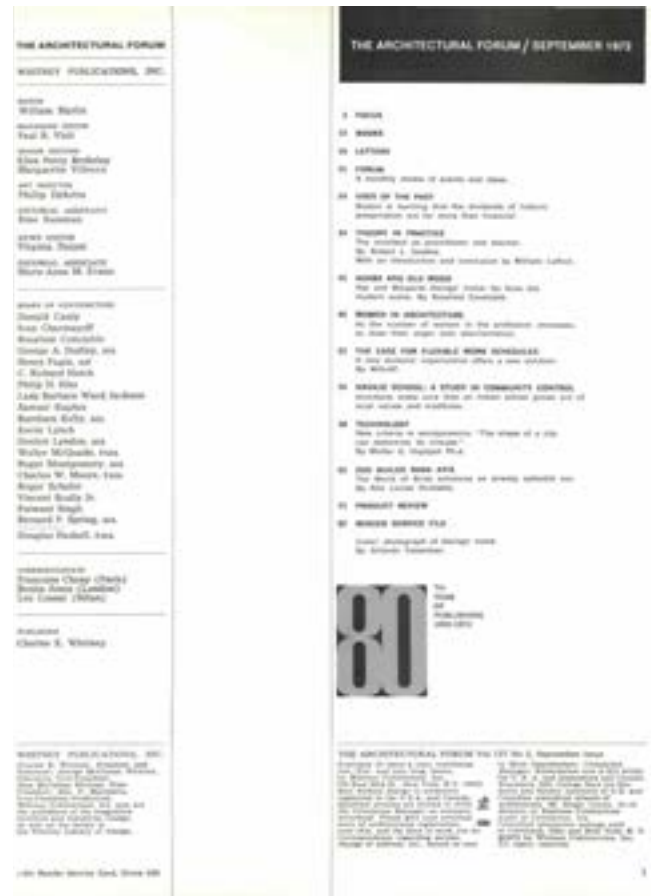


Figura 15: Índice da revista *Architectural Forum*, Vol. 137, n° 2, 1972.
Fonte: Imagem da autora.

Na sequência, a autora enumera uma série de relatos de assédios sofridos por profissionais mulheres em seus locais de trabalho, universidades e canteiros de obras. Com poucos dados e estatísticas disponíveis, a arquiteta tenta mostrar a disparidade existente entre o número de estudantes no curso de arquitetura e o número de profissionais registradas no AIA, buscando entender porque muitas mulheres abandonaram a profissão logo que finalizaram a graduação. O artigo ainda discorre sobre o surgimento das primeiras organizações e coletivos fundados por arquitetas para discutirem a atuação feminina na profissão. A autora finaliza o texto citando algumas pesquisas e livros, entre eles o livro escrito por Doris Cole (que estava prestes a ser publicado), que buscavam mapear a participação das arquitetas na profissão.

Em 1973, foi publicado o primeiro livro que mostrou a contribuição histórica das mulheres norte americanas na arquitetura: *From Tipi to Skyscraper. A History of Women in Architecture*, escrito por Doris Cole. Já no prefácio, a autora comenta que espera que seu livro seja apenas o primeiro passo para a documentação e registro das contribuições das mulheres na história da arquitetura e ressalta que praticamente nenhuma informação coletada para a publicação teve como fonte os livros tradicionais da história da arquitetura, uma vez que as mulheres, por muito tempo, deixaram de ser mencionadas nas publicações (COLE, 1973). No desenvolvimento dos cinco capítulos, Cole apresenta uma breve história das contribuições das mulheres nas construções norte americanas, desde o período colonial até o século XX. Ao focar no contexto social da vida das mulheres, Cole demonstra que muitas mulheres não se tornaram arquitetas não por falta de talento, mas por causa de fatores sociais, principalmente, porque a prática não era considerada uma atividade adequada para as mulheres.



Figura 18: Capa do *Status of Women in the Architectural Profession*, produzido pelo AIA em 1975. Fonte: Imagem da autora.

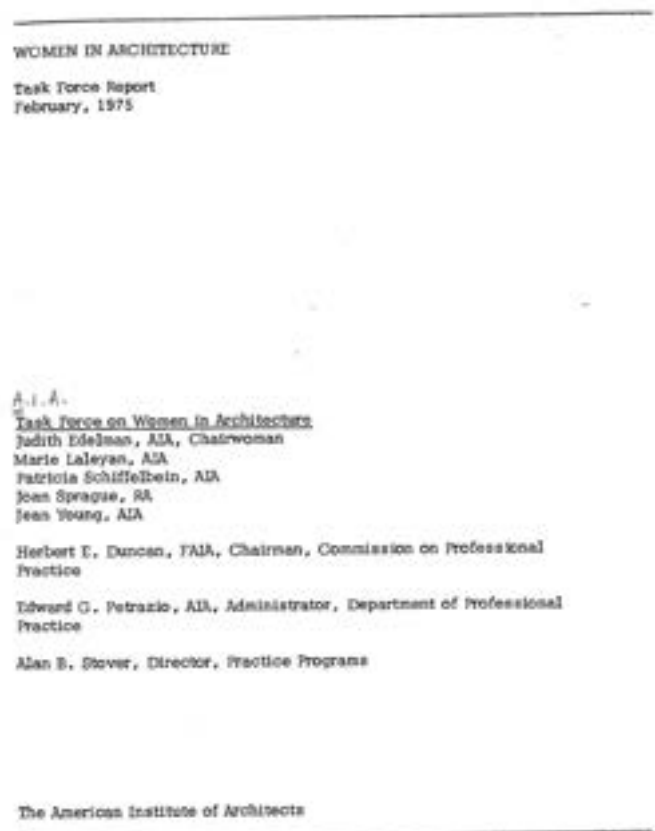


Figura 19: Folha de rosto do *Status of Women in the Architectural Profession*, produzido pelo AIA em 1975. Fonte: Imagem da autora.

Também em 1973, o *American Institute of Architects* (AIA) aprovou a resolução que exigia a realização do estudo sobre o status das mulheres na profissão. A pesquisa deveria trazer dados estatísticos atualizados sobre as arquitetas e suas práticas profissionais e deveria elaborar políticas e ações destinadas à integração das mulheres na profissão. Em 1974, foi criado o comitê responsável por realizar o plano de ação e os estudos iniciais e, em 1975, foi lançado o informe *Status of Women in the Architectural Profession*. A arquiteta Judit Edelman foi a presidente da comissão responsável pelo desenvolvimento da pesquisa, a mesma arquiteta foi umas das fundadoras da *Alliance of Women in Architecture* (AWA), em 1972.

Na mesma época, algumas universidades norte americanas começaram a organizar conferências e congressos para discutir a atuação profissional das mulheres na arquitetura. Em 1974, foi realizado o *Women in Architecture: A Symposium*, na Universidade de Washington em St. Louis, organizado pelas estudantes do curso de arquitetura, considerado o primeiro congresso sobre as mulheres na arquitetura. Também, em 1974, na Universidade de Oregon, foi realizado o *West Coast Women's Design Conference*.

O ano de 1975 foi designado pela ONU como o ano internacional da mulher²⁸, com o objetivo de lembrar à comunidade internacional a necessidade de eliminar o persistente problema de discriminação contra as mulheres. No mesmo ano, no mês de agosto, a edição da revista *AD Architectural Design* foi inteiramente dedicada às profissionais mulheres, caracterizando a primeira expressão visível da temática “mulheres na arquitetura” no Reino Unido.

A revista foi fundada em 1930, com o nome *Architect's Standard Catalogue* e era distribuída de forma gratuita para os escritórios de arquitetura. Em 1932, seu nome foi alterado para *Architectural Design & Construction*, nessa época a revista fazia descrições das técnicas construtivas dos novos edifícios projetados e mostrava as novidades referentes aos materiais e métodos construtivos. Em 1946, o periódico mudou novamente seu nome para *Architectural Design* e passou a focar suas publicações no público mais jovem (jovens arquitetos e estudantes). Fizeram parte do seu corpo editorial importantes arquitetos e críticos de arquitetura, sendo considerada uma das principais revistas especializadas de arquitetura da Inglaterra.

A edição de 1975 foi realizada por mulheres e sobre mulheres. A equipe editorial da revista no mês de agosto foi inteiramente feminina. Foram publicados artigos que discutiram o trabalho das mulheres na arquitetura, entrevistas feitas com arquitetas e edificações projetadas por arquitetas, realizados sob o comando da editora Monica Pidgeon e a subdiretora Barbara Goldtein. A seleção dos temas para a publicação veio das experiências acumuladas pelas editoras em publicações anteriores da revista e do trabalho de pesquisa realizado exclusivamente para a publicação (ALVAREZ ISIDRO, 2016)²⁹. No final da edição, na seção denominada “*Who's who*”, foi apresentado um resumo bibliográfico de todas as mulheres que trabalharam nessa histórica edição da revista.

28 Realização da I Conferência Mundial da Mulher sob o lema “Igualdade, Desenvolvimento e Paz”. Tema central: a eliminação da discriminação da mulher e o seu avanço social. Disponível em: <http://www.onumulheres.org.br/planeta5050-2030/conferencias/>. Acessado em: 17/07/2021.

29 ALVAREZ ISIDRO, Eva Maria. *Women in architecture*. 1975, 2015. Tese de doutorado. Universitat Politècnica de València - Departament de Projectes Arquitectònics, 2016. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10251/63278>. Acessado em 05/01/2022.



Figura 20: Seção "Who is who" da revista *Architectural Design*, vol. XLV, nº 8, 1975.
 Fonte: ALVAREZ ISIDRO, Eva Maria. Women in architecture. 1975, 2015. Tese de doutorado. Universitat Politècnica de València. Departamento de Projectos Arquitectònics - Departament de Projectes Arquitectònics, 2016. p. 401.



Figura 21: Seção "Who is who" da revista *Architectural Design*, vol. XLV, nº 8, 1975.
 Fonte: ALVAREZ ISIDRO, Eva Maria. Women in architecture. 1975, 2015. Tese de doutorado. Universitat Politècnica de València. Departamento de Projectos Arquitectònics - Departament de Projectes Arquitectònics, 2016. p. 402.



Figura 22: Seção "Who is who" da revista *Architectural Design*, vol. XLV, nº 8, 1975.
 Fonte: ALVAREZ ISIDRO, Eva Maria. Women in architecture. 1975, 2015. Tese de doutorado. Universitat Politècnica de València. Departamento de Projectos Arquitectònics - Departament de Projectes Arquitectònics, 2016. p. 403.



Figura 23: Seção "Who is who" da revista *Architectural Design*, vol. XLV, nº 8, 1975.
 Fonte: ALVAREZ ISIDRO, Eva Maria. *Women in architecture*. 1975, 2015. Tese de doutorado. Universitat Politècnica de València. Departamento de Projectos Arquitectònics - Departament de Projectes Arquitectònics, 2016. p. 404.



Figura 24: Seção "Who is who" da revista *Architectural Design*, vol. XLV, nº 8, 1975.
 Fonte: ALVAREZ ISIDRO, Eva Maria. *Women in architecture*. 1975, 2015. Tese de doutorado. Universitat Politècnica de València. Departamento de Projectos Arquitectònics - Departament de Projectes Arquitectònics, 2016. p. 405.

A preparação da exposição e publicação do catálogo *Women in American Architecture: A Historical and Contemporary Perspective* (1977), organizados pela arquiteta de origem argentina Suzana Torre, teve início em 1973. No prefácio do catálogo, Marita O'Hare, diretora administrativa da *The Architectural League of New York*, afirma que a viabilização da exposição levantou uma série de questionamentos: qual seria a finalidade da exposição? Como seria a seleção dos projetos expostos e sob quais critérios? Como deveriam ser expostos? Diante desse emaranhado de perguntas, o comitê responsável pela organização deste projeto decidiu formar um arquivo para coletar e armazenar os dados bibliográficos e projetos das arquitetas. O *Archive of Women in Architecture* deu início a uma extensa pesquisa histórica sobre as contribuições das mulheres na arquitetura.

Torre foi fortemente influenciada pelo ensaio de Linda Nochlin escrito em 1971, *Why Have There Been No Great Women Artists?*, onde a autora argumenta que a "grandeza" não é inata, mas produzida por certas condições em determinados períodos de tempo, condições estas que sempre excluíram as mulheres. Torre aceitou a provocação de Nochlin e foi investigar quais eram essas condições e instituições do campo da arquitetura, no contexto norte americano, que continuavam a invisibilizar e excluir as mulheres da profissão. A exposição e seu catálogo colocaram em destaque arquitetas que haviam sido "esquecidas" pela crítica histórica e pela crítica contemporânea, questionando a própria ideia de cânone da linhagem histórica de arquitetos "heroicos" do sexo masculino.

O catálogo foi dividido em cinco seções. A primeira delas, denominada *Woman's Place: The*

Design of Domestic Space, aborda a maneira como o projeto manipulou a forma de morar, documenta as ideologias culturais que regularam e regulam a maneira como habitamos e como as convenções sociais são reencenadas por meio das condições materiais da moradia. As segunda, terceira e quarta partes denominadas, respectivamente, *Women in the Architectural Profession: A Historic Perspective*, *Women as Critics* e *Women in the Architectural Profession: A Contemporary Perspective*, destacam as realizações e carreiras das mulheres na profissão, as condições em que ocorreram e o papel da crítica de arquitetura feita por arquitetas.

A quinta parte, *Women's Spatial Symbolism*, traz o tema da criação do espaço como um ato criativo consciente e aborda ideias espaciais nas construções femininas. O pioneirismo da exposição e seu catálogo repercutem até hoje nos estudos de gênero de arquitetura e urbanismo. Passados mais de 40 anos, ainda são poucos os exemplos de exposições de trabalhos realizados por arquitetas e urbanistas.

1.1.2 DÉCADA DE 1980: A SEGUNDA FASE DAS PUBLICAÇÕES



Figura 25: Capa do livro *The Grand Domestic Revolution*. Dolores Hayden, 1981.
Fonte: Imagem da autora.



Figura 26: Capa da revista *Heresies* 11. *Making room: Women and Architecture*, Vol. 3 n° 3, Janeiro 1981.
Fonte: <http://heresiesfilmproject.org/archive/>

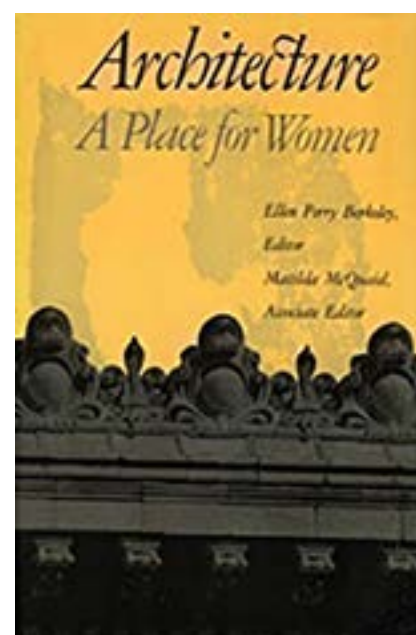


Figura 27: Capa do livro *Architecture: A Place for Women*. Ellen Perry Berkeley (Ed.) e Matilda McQuaid (Ass. Ed.), 1989.
Fonte: Imagem da autora.

Segundo Ana Gabriela Godinho Lima (2004), os textos dessa fase procuravam identificar e valorizar as qualidades consideradas tipicamente femininas. Lia Antunes (2012) explica que na virada para a década de 1980:

Explora-se o potencial de uma 'arquitetura feminista' que inclui e se desenvolve através da 'estética feminista' (alterando a aparência e a interpretação dos edifícios), numa procura por alternativas aos modos convencionais de praticar arquitetura. (ANTUNES, 2012, p. X)

O livro de Dolores Hayden, *The Grand Domestic Revolution* (1981), examina uma série de esforços experimentais, propostos por arquitetas, para reestruturar e repensar arranjos quotidianos que excluem as mulheres dos espaços públicos e invisibilizam o trabalho doméstico. Hayden, ancorada pela teoria das feministas materialistas³⁰, estuda e expõem projetos e arquitetas que propuseram novas tipologias, alternativas às convencionais, como a casa sem cozinha, a cozinha pública, o refeitório comunitário. Projetos que não só trouxeram novas formas de organização do espaço doméstico, como também o colocaram como uma responsabilidade comunitária. Não era o estilo que interessava, o importante era a ligação entre o ambiente físico e a forma como eram habitados.

Esta mesma dedicação à mudança social marca a edição especial da revista de arte feminista *Heresies*³¹, publicada em 1981, com o título: *Making Room: Women and Architecture*. A equipe editorial dessa edição, dedicada à arquitetura e urbanismo, contou com a participação de sete mulheres, incluindo arquitetas, designers, educadoras e ativistas: Barbara Marks, Jane C. McGroarty, Deborah Nevins, Gail Price, Cynthia Rock, Susana Torre e Leslie Kanes Weisman. A edição incluiu o manifesto *A Women's Environmental Rights*, escrito por Leslie Weisman, onde a autora questiona a forma dos edifícios, o que ou quem eles representam e como as necessidades das mulheres não são incluídas nos projetos dos espaços que não sejam o ambiente doméstico.

O ensaio *Herspace*, de Noel Phyllis Birkby, arquiteta e cofundadora da *Escola Feminina de Planejamento e Arquitetura*³², apresenta algumas descobertas feitas durante a realização dos workshops *Women's Fantasy Environments*, conduzidos por ela e por Leslie Weisman. Os estudos de caso propostos no workshop revelaram um interesse, por parte das alunas, em buscar formas que fossem livres da herança cultural da arquitetura dominada pelos homens. Na edição, há ainda uma variedade de trabalhos que abordam temas como raça, pobreza e desigualdade de gênero, examinando as condições das moradias populares e possíveis respostas alternativas para solucionar a demanda habitacional, como a fundação, em 1979, da *Women's Development Corporation*, uma incorporadora de moradias sem fins lucrativos que ainda opera em Rhode Island³³. Peças históricas foram intercaladas com entrevistas e apresentação de projetos.

No âmbito acadêmico, há que se destacar duas realizações dessa década: a primeira foi a criação do *International Archive of Women in Architecture* (IAWA)³⁴, em 1985, como um programa conveniado entre o *College of Architecture and Urban Studies* e *University Libraries at Virginia Polytechnic Institute and State University* (Virginia Tech). O principal objetivo da instituição é docu-

30 Elas exigiam remuneração para o trabalho doméstico não remunerado das mulheres. Elas propuseram uma transformação completa da distribuição espacial e cultura material de casas, bairros e cidades americanas. Enquanto outras feministas faziam campanha por mudança política ou social com filosofia ou argumentos morais, as feministas materialistas concentraram-se questões econômicas e espaciais, as bases da vida material (tradução livre da autora). HAYDEN, Dolores. *The Grand Domestic Revolution*. Cambridge, Massachusetts e Londres, Inglaterra: The MIT Press, 1981, p. 1.

31 *Heresies* foi uma revista feminista publicada de 1977 a 1992, organizada por um coletivo conhecido como o *Heresies Collective*, na cidade de Nova York. Foram publicadas 27 edições, editadas coletivamente por um grupo de voluntárias interessadas em feminismo, arte, política, padrões de comunicação, questões de gênero, artes tradicionais femininas e políticas, estética, violência contra mulheres, mulheres trabalhadoras, mulheres de países periféricos, mulheres e música, sexo, cinema, ativismo, racismo, pós-modernismo e maioridade. Todas as edições da revista estão disponíveis no site: <http://heresiesfilmproject.org/archive/>.

32 *Smith College* é uma faculdade privada de artes liberais para mulheres, localizada em Northampton, Massachusetts. Foi fundada em 1871, como parte do legado de Sophia Smith. Em 2019, foi considerada a 31ª colocada da lista das melhores faculdades norte americanas, divulgada pela Forbes.

33 Women's Development Corporation. Disponível em <https://www.wdchoc.org/>. Acessado em 24/07/2021.

34 International Archive of Women in Architecture. Disponível em <https://spec.lib.vt.edu/iawa/>. Acessado em 24/07/2021

mentar a história das contribuições das mulheres na arquitetura, o IAWA reúne informações sobre arquitetas do mundo inteiro, arquivando livros, dados biográficos e materiais publicados. A segunda realização a ser destacada, no campo da produção teórica, foi a publicação do livro *Architecture: A Place for Women* (1989), editado por Ellen Perry Berkeley e Matilda McQuaid.

Ellen Perry Berkeley (1989) destaca, no prefácio do livro, que, como crítica e jornalista, procurou realizar uma edição que carregasse sua marca. Para isso, ela estabeleceu dois compromissos para a publicação: buscou ensaios com variados pontos de vista, mesmo não concordando necessariamente com todos eles e colocou como condição que a linguagem dos ensaios fosse acessível aos mais diversos leitores, não se tratando de um livro escrito somente para mulheres, ou mulheres arquitetas, mas para todos os públicos interessados na temática. Já na introdução, a autora assume uma postura extremamente otimista com o futuro da profissão e exalta as conquistas já alcançadas pelas arquitetas. Um tom completamente oposto do usado em seu artigo *Women in Architecture* (1972), publicado na revista *The Architectural Forum*.

O livro reúne vinte e dois ensaios escritos por diferentes autores, sendo apenas dois deles homens, agrupados em quatro partes: (1) *Researching the Past*, (2) *Recounting Personal Involvement*, (3) *Suggesting Various Possibilities* e (4) *Envisioning Future Roles*. Os temas dos textos são variados e abordam diferentes estratégias e narrativas, porém em todas as quatro partes do livro há ensaios que debatem a educação na arquitetura, destacando as primeiras mulheres nas faculdades de arquitetura, o ensino de projeto, estudos de casos como a Escola de Cambridge, que foi a primeira faculdade de arquitetura exclusiva para mulheres³⁵.

Vários outros textos exaltam as arquitetas norte americanas do século XIX, as arquitetas do começo do século XX e projetos de arquitetas contemporâneas ainda pouco conhecidas. Há ainda ensaios que discorrem sobre o crescimento do número de mulheres nas universidades e na instituição que regula a profissão nos EUA. Entre os ensaios está a publicação da palestra dada pela arquiteta Denise Scott Brown, em 1973, na sede da *Alliance of Women in Architecture*, intitulada *Room at the Top? Sexism and the Star System*. A grande variedade de temas expostos no livro faz com ele se aproxime muito das publicações da década seguinte, quando a discussão sobre mulheres e arquitetura ganhou muitas novas formas e abordagens.

35 No segundo capítulo de sua Tese de Doutorado Ana Gabriela Godinho Lima discorre sobre a Escola de Cambridge, sua criação, ensino e inserção profissional das arquitetas. LIMA, Ana Gabriela Godinho. *Reverendo a História da Arquitetura: uma perspectiva feminista*. Tese de doutorado apresentada ao programa de Pós-graduação da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, 2004.

1.1.3 DÉCADA DE 1990: NOVAS TEMÁTICAS



Figura 28: Capa do livro *Sexuality and Space*. Beatriz Colomina, 1992. Fonte: Imagem da autora.



Figura 29: Capa do livro *The sex of Architecture*. Diana Agrest, Patricia Conway e Leslie Kanes Weisman, 1996. Fonte: Imagem da autora.



Figura 30: Capa do livro *The Architect: Reconstructing her Practice*. Francesca Hughes, 1996. Fonte: Imagem da autora.



Figura 31: Capa do livro *Gender Space Architecture*. Jane Rendell, Barbara Penner e Iain Borden (ed.), 2000. Fonte: Imagem da autora.

Na década de 1990, foram publicadas diversas antologias de textos que resultavam, principalmente, de conferências em universidades norte americanas (LIMA, 2004). Foram publicações menos ativistas e mais teóricas, mais centradas na representação do que na prática. Segundo Ana Gabriela Godinho Lima (2004), os textos dessa fase discutem o corpo no espaço e o espaço como um local de representação que não é neutro. O objetivo era expor e criticar as construções opressivas de gênero no imaginário visual e no discurso. Segundo Mary McLeod (2005)³⁶, o feminismo já estava enraizado no discurso acadêmico, a escrita tornou-se difícil e obscura, e, ironicamente, lida e discutida somente na academia, afastando-se dos profissionais arquitetos.

A conferência *Sexuality and Space*, organizada em 1990 na Universidade de Princeton por Beatriz Colomina, pode ser colocada como o evento de inauguração dessa fase. O livro, com o mesmo nome do simpósio, foi editado e publicado em 1992. *Sexuality and Space* (1992) foi a primeira coleção de textos que juntou ideias em volta de um tema central, gênero, explorando a sua relação com diversas áreas como a antropologia, a história da arte, a geografia e a filosofia. A publicação expõe uma mudança na abordagem e metodologia para estudar obras e arquitetos canônicos, com objetivo de ganhar novas perspectivas sobre a forma como o gênero se inscrevia e se codificava no pensamento destes autores.

Beatriz Colomina, no texto *The Split wall: domestic voyeurism* (1992), um dos doze ensaios publicados no livro *Sexuality and Space*, faz uma comparação entre os projetos de Adolf Loos e Le Corbusier a partir da análise de textos escritos pelos dois arquitetos, desenhos e fotografias de suas obras. Colomina explora as complexidades das relações entre o espaço interior projetado, o corpo, o observador e o autor do projeto. Destaca as diferentes estratégias de cada arquiteto para a configuração dos espaços internos em seus projetos e, por último, analisa as foto-

36 MCLEOD, Mary. *Um sonho adiado. História feminista da arquitetura*. Publicado originalmente na revista *Casabella*, nº 732, abril de 2005. Disponível em: <http://arquivo.jornalarquitectos.pt/pt/242/ensaio%202/>. Acessado em 25/07/2021.

grafias das obras construídas. Enfatiza que nas fotografias dos projetos de Loos nunca aparece pessoa alguma, já as fotografias dos projetos de Le Corbusier são feitas como que numa visão seriada, de acordo com a perspectiva de um observador masculino e que não mostram traço algum de domesticidade (COLOMINA, 1992).

O livro *The Sex of Architecture*, editado por Diana Agrest, Patricia Conway e Leslie Weisman, publicado em 1996, pode ser interpretado como um retrato do pensamento feminista norte americano na década de 1990. Os artigos publicados foram selecionados após a conferência, *Inherited Ideologies: a Re-Examination*, que ocorreu na universidade da Pensilvânia, no primeiro semestre de 1995. A conferência reuniu mulheres de diversos campos de conhecimento interessadas na construção crítica da arquitetura e outras áreas relacionadas. Segundo as editoras, o objetivo do livro era criar um diálogo entre mulheres teóricas, historiadoras, professoras e arquitetas em volta dos temas explorados pelas teóricas feministas. Em concordância com outros livros sobre gênero e arquitetura publicados na década de 1990, *The Sex of Architecture* é multidisciplinar. Reconhece e interage com diversas vozes e diferentes contextos, refletidos na heterogeneidade dos temas, das preocupações e das abordagens.

Na introdução as organizadoras indicam que o que as mobilizou para a organização do congresso e edição do livro foi a enorme disparidade entre os sexos na prática profissional da arquitetura. Destacam que há quase duas décadas as mulheres já representavam quase metade das alunas nas faculdades de arquitetura norte americanas, porém eram menos de 10% dos arquitetos registrados no AIA, quase nenhuma mulher era reconhecida como sócia em um grande escritório e raros projetos em grande escala e importância haviam sido encomendados a alguma arquiteta. Entretanto, as mulheres eram as principais teóricas, críticas, historiadoras e educadoras da profissão, toda linha de frente do debate arquitetônico dos EUA contava com mulheres em sua maioria. Para as organizadoras do livro, as mulheres inventaram uma forma de serem incluídas na arquitetura, propondo novas formas de práticas profissionais, porém a imagens (construções-projetadas por arquitetos) ainda valiam mais que as palavras (críticas-arquitetas mulheres).

Os ensaios publicados dialogam entre si: foram estruturados como correspondências, onde uma autora responde a outra sobre o tema abordado em seu texto e amplia a discussão. Entre os artigos, está o célebre ensaio *Battle Lines: E.1027*, escrito por Beatriz Colomina. Segundo Mary McLeod (2005), trata-se do artigo mais conhecido do livro, sendo o mais traduzido e replicado em outras publicações. Colomina retrata Eileen Gray como uma mulher vítima da arrogância, ciúme e mutilação de Le Corbusier que pintou alguns murais em sua casa sem a autorização da arquiteta. Eileen Gray ficou tão ofendida com o gesto de Le Corbusier que parou de frequentar a casa. A foto de Le Corbusier despido, pintando os murais, foi tão amplamente divulgada nas publicações especializadas e nos livros de história e teoria de arquitetura, que a autoria do projeto da casa passou a ser atribuída ao arquiteto. O livro tem também ensaios escritos por Denise Scott Brown, Susana Torre, Alice T. Friedman, entre outras arquitetas e teóricas.

Também, em 1996, foi publicado o livro *The Architect: Reconstructing her Practice*, editado e organizado por Francesca Hughes. O livro reúne doze ensaios que exploram as temáticas já presentes nas duas publicações anteriores, porém, nesses textos, as autoras também “disseram sobre suas vidas, seus trabalhos e seus pensamentos sobre arquitetura”³⁷. Na introdução, Hughes destaca que a estrutura do livro e a escolha das autoras afirmam que as mulheres têm

37 LIMA, Ana Gabriela Godinho. *Reverendo a História da Arquitetura: uma perspectiva feminista*. Tese de doutorado apresentada ao programa de Pós-graduação da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, 2004, p. 79.

uma contribuição particular para a prática da arquitetura e que são tão capazes de realizar projetos quanto os homens. A autora afirma que a ausência de mulheres na profissão aponta para uma profunda crise de gênero na base da arquitetura.

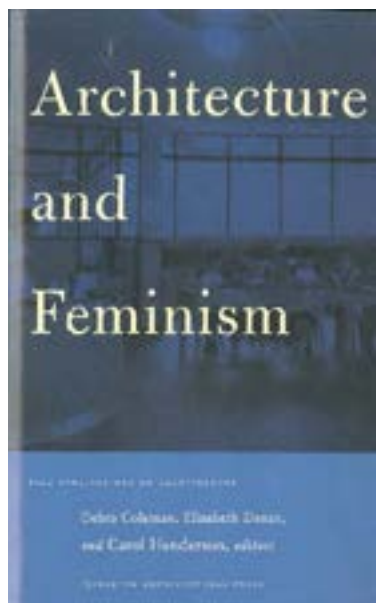


Figura 32: Capa do livro *Architecture and Feminism*. Debra Coleman (Ed.), 1996. Fonte: Imagem da autora.



Figura 33: Capa do livro *Desiring Practices: Architecture, Gender and the Interdisciplinary*. Katerina Rüedi, Sarah Wigglesworth, Duncan McCorquodale, 1996. Fonte: Imagem da autora.

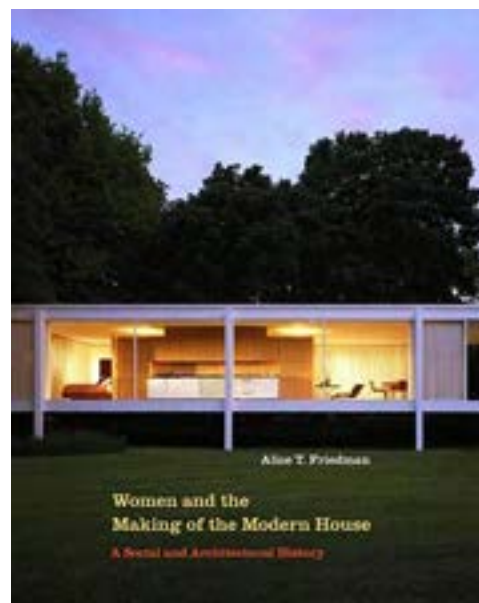


Figura 34: Capa do livro *Women and the Making of the Modern House: A Social and Architectural History*. Alice Friedman, 1998. Fonte: Imagem da autora.

Mary Mcleod (2005) destaca que pouco tempo depois das publicações dessas antologias, foram editados e publicados em sequência uma série de livros com temáticas feministas de autoras norte americanas e britânicas: *Architecture and Feminism* (1996), organizado por Debra Coleman, Elizabeth Danze e Carol Henderson; *Desiring Practices: Architecture, Gender and the Interdisciplinary* (1996), organizado por Katerina Rüedi, Sarah Wigglesworth e Duncan McCorquodale; *Women and the Making of the Modern House: A Social and Architectural History* (1998) estudo feito por Alice T. Friedman sobre projetos de residências encomendadas por mulheres excepcionais do século XX a renomados arquitetos modernos; *Design and Feminism: Revisiting Spaces, Places, and Everyday Things* (1999), editado por Joan Rothschild e o último livro dessa fase *Gender Space Architecture: an interdisciplinary introduction* (2000), editado por Jane Rendell, Barbara Penner e Iain Borden.

A antologia *Gender Space Architecture*, apesar de focar na relação da mulher com o espaço, explora também os espaços queer, a homossexualidade e a construção cultural da masculinidade. Em seu prefácio, os autores afirmam que entender arquitetura em relação às questões de gênero demanda uma contextualização urgente. O livro foi dividido em três partes: I. *Gender*, II. *Gender and Space* e III. *Gender Space and Architecture*. *Gender* faz uma breve história do pensamento feminista ocidental, através de textos de Simone de Beauvoir, Virginia Woolf, Betty Friedan; *Gender Space* faz o estudo do espaço e do gênero numa abordagem interdisciplinar e *Gender Space Architecture* fala das mulheres enquanto praticantes de arquitetura.

Lia Antunes (2012) apresenta breve análise sobre as publicações dessa década:

Através de variadas abordagens, procura-se explicar e repensar a situação da mulher enquanto arquiteta – a exclusão ou o esquecimento na profissão – ao mesmo tempo que se exploram as parcerias marido/mulher ou a dimensão da autoria e do gênio em arquitetura. Denise Scott Brown fala do sexismo a que esteve sujeita quando a rotulavam como ‘a parceira de Robert Venturi’ e Dolores Hayden identifica as características do ambiente construído pelo e para o homem e de que forma(s) discriminam a mulher, propondo novas soluções para cidades, mais sensíveis à diferença. (ANTUNES, 2012, p. 42)

1.1.4 NOVO SÉCULO, NOVAS DISCUSSÕES?

Apesar das publicações da década de 1990 mostrarem a aceitação das preocupações feministas, principalmente no ambiente acadêmico norte americano, representaram um ponto final na visibilidade do feminismo na arquitetura dos EUA. No começo do século XXI, foram poucas as universidades que continuaram a promover debates sobre a temática, muito do trabalho acadêmico e da teoria feminista foi integrado a outros estudos e novos assuntos tornaram-se mais atrativos como a sustentabilidade e a parametrização. Mary McLeod (2005) aponta que enquanto a visibilidade do feminismo norte americano diminuiu, os estudos feministas britânicos ganharam nova vitalidade, com novas publicações e organizações de conferências. McLeod afirma que, no começo do século XXI, também foram organizadas conferências sobre gênero e arquitetura em outros países da Europa como na França, Bélgica e Holanda.

Apesar da continuidade dos estudos feministas na arquitetura e do seu crescimento em outros países e outras universidades, pode-se dizer que a quarta onda de publicações, iniciada no século XXI, foi intensificada no ano de 2013, quando as estudantes de arquitetura Arielle Assouline-Lichten e Caroline James lançaram a petição reivindicando o Prêmio Pritzker à arquiteta Denise Scott Brown³⁸. O lançamento dessa petição *online* possibilitou que a discussão chegasse a todos os lugares, trouxe visibilidade ao tema, agregou novas vozes ao debate e, principalmente, fez com que a instituição (no caso a fundação que dirige a premiação) respondesse publicamente ao pedido. Mesmo sendo negativa a resposta dada pelos organizadores do Pritzker, a mudança foi instaurada.

38 Disponível em: <https://www.change.org/p/the-pritzker-architecture-prize-committee-recognize-denise-scott-brown-for-her-work-in-robert-venturi-s-1991-prize>. Acessado em: 02/01/2022.

The Pritzker Architecture Prize Committee: Recognize Denise Scott Brown for her work in Robert Venturi's 1991 Prize



21.730 pessoas já assinaram. Ajude a chegar a 25.000!



Com 25.000 assinaturas, esta petição se torna uma das mais assinadas na Change.org!

Nome
Sobrenome
Email


 [Women In Design](#) criou este abaixo-assinado para pressionar Martha Thorne - Executive Director (The Pritzker Architecture Prize) e [2 outros](#)

Figura 35: Petição feita para que o Pritzker reconhecesse o trabalho de Denise Scott Brown junto com Robert Venturi no prêmio de 1991.

Fonte: <https://www.change.org/p/the-pritzker-architecture-prize-committee-recognize-denise-scott-brown-for-her-work-in-robert-venturi-s-1991-prize>

A explosão de *blogs* feministas e organização *online* de campanhas em mídias sociais transformaram as maneiras pelas quais ocorre o debate feminista na arquitetura contemporânea. A *internet* facilitou a criação de uma comunidade global de feministas, pesquisadoras, estudantes, professoras que usam a rede tanto para discussão e divulgação, quanto para o ativismo. Diferentemente das demais ondas de publicações de textos feministas em arquitetura, as publicações e debates contemporâneos sobre a presença das mulheres na profissão não estão concentrados apenas no eixo Estados Unidos-Europa. São bastante significativas as publicações e os debates promovidos no Brasil, países da América Latina, países africanos. Não só há variedade de publicações, mas há também variedade de temas e problemáticas trazidas, provavelmente só agora (no século XXI) os debates interseccionais chegaram ao campo da arquitetura.



Figura 36: Capa do site do coletivo *Matri-Archi(tecture)*.

Fonte: <https://www.matri-archi.ch/>

Mais do que destacar autoras ou publicações o que procurarei mostrar na sequência são alguns coletivos e ações contemporâneas que se chocam diretamente com o modo tradicional de divulgação e produção da arquitetura. Muitos desses coletivos começaram a ser organizados por grupos discentes ou grupos de estudos fora das universidades, mas que agora também reivindicam seu espaço dentro da academia. O *Matri-Archi(tecture)*³⁹ é um coletivo interseccional que reúne mulheres africanas, organizado por Khensani de Klerk (África do Sul) e Solange Mbanefo (Nigéria). Fundado em 2017, reúne profissionais de vários lugares do globo, com formações distintas, por meio de ações conjuntas ou com pesquisas próprias.

O grupo tem como objetivo fomentar diálogos e estimular a consciência na espacialidade, a partir de projetos, textos e debates, trazendo à tona a necessidade de um espaço interseccional, colaborando com o empoderamento e o desenvolvimento de cidades africanas. Além do site de fácil acesso e leitura, o coletivo mantém suas contas em outras redes sociais como *Instagram*, *Twitter* e *Facebook* ativas e constantemente atualizadas, ampliando sua rede de alcance. As ações do coletivo tiveram bastante visibilidade após a publicação do texto *Dead Fish on the Beach: The Problem with "Women in Architecture"*, no portal de arquitetura *Archdaily*⁴⁰ em 2019. A versão em português foi publicada somente em 2020⁴¹.

39 Disponível em <https://www.matri-archi.ch/>. Acessado em 02/01/2022.

40 Disponível em: https://www.archdaily.com/918877/dead-fish-on-the-beach-the-problem-with-women-in-architecture?ad_medium=gallery. Acessado em 31/07/2020.

41 Disponível em: <https://www.archdaily.com.br/br/919254/o-peixe-morto-na-praia-o-problema-das-mulheres-na-arquitetura>. Acessado em 31/07/2021.



Figura 37: Capa do blog *Un día, Una Arquitecta*.

Fonte: <https://undiaunaarquitecta.wordpress.com/>

O blog *Un día, una Arquitecta*⁴² foi fundado em 2015 por um grupo de arquitetas, pesquisadoras e professoras. A equipe de redação é formada por arquitetas de três nacionalidades Cecilia Kesman, Florencia Marciani, Inés Moisset e Gueni Ojeda (Argentina), Zaida Muxí (Argentina – Espanha) e Daniela Arias (Uruguai – Espanha). O principal objetivo do blog é dar visibilidade à contribuição das arquitetas em diferentes frentes: projetos arquitetônico, urbano e paisagístico; publicações; produção artística; teoria e ensino. A intenção inicial do projeto era realizar uma publicação por dia sobre o trabalho e obra de uma arquiteta, para isso foram selecionadas 365 arquitetas de diferentes épocas, com diferentes tipos de produção e origens. O objetivo era construir uma linha do tempo que permitiria situar o trabalho e obras das arquitetas.

As ações do coletivo confrontam paradigmas tradicionais que perpetuam omissões, desvalorizações e sub-representações da mulher na atividade profissional contemporânea. Ao considerarem o uso das redes sociais como um instrumento de empoderamento político, as publicações no *blog*, contribuições em enciclopédias online, premiações e palestras acessaram os espaços de construção da opinião pública, trazendo reflexões e sensibilizando maior número de pessoas sobre a produção arquitetônica feita por mulheres. O projeto cresceu, foram feitas três edições durante três anos seguidos, exibindo o trabalho feito por arquitetas. Foram publicados mais de 750 artigos e o projeto ramificou-se em demais ações que fomentam a promoção da mulher na profissão.



Figura 38: Capa do livro *Arquitetas e Arquiteturas na América Latina no século XX*. Ana Gabriela Godinho Lima, 2013.
Fonte: https://be332de1-025f-4804-aa16-615df5882c7f.filesusr.com/ugd/ff1b92_554e1673a4184c0b9f29194d835b8220.pdf



Figura 39: Capa do blog *Feminino e Plural: percursos e projetos de arquitetas*.
Fonte: <https://femininoeplural.wordpress.com/>

A arquiteta, pesquisadora e professora Ana Gabriela Godinho Lima é uma das referências brasileiras na pesquisa de gênero no campo da arquitetura e urbanismo. Sua dissertação de mestrado, *Arquitetas e Arquiteturas na América Latina do Século XX* (1999), concluída e defendida em 1999, quando foi editada e publicada em livro homônimo no ano de 2013⁴³, ainda era um dos poucos trabalhos sobre gênero e arquitetura produzidos no Brasil. Em sua tese de doutorado, *Reverendo a História da Arquitetura: uma Perspectiva Feminista* (2004), a arquiteta dá continuidade à sua pesquisa iniciada no mestrado, debruçando-se sobre o ensino de história da arquitetura sob uma perspectiva feminista.

Em 2012, Lima iniciou um novo ciclo de pesquisa: o projeto *Feminino e Plural: percursos e projetos de arquitetas e designers*, dedicado a analisar os testemunhos sobre processos de projeto de arquitetas e designers mulheres. Como coordenadora da equipe composta por jovens pesquisadores e pesquisadoras, seu objetivo principal é destacar e registrar, através de relatos e entrevistas, os processos de projetos das profissionais arquitetas e designers. As pesquisas, entrevistas e publicações realizadas pelo coletivo foram registrados no *blog* da pesquisa⁴⁴.

43 Disponível em: https://femininoeplural.files.wordpress.com/2014/03/arquitetasalxx_final.pdf. Acessado em: 02/01/2022.

44 Disponível em: <https://femininoeplural.wordpress.com/>. Acessado em 31/07/2021.



Figura 40: Capa plataforma *Arquitetas Negras*.
 Fonte: <https://linktr.ee/arquitetasnegras>

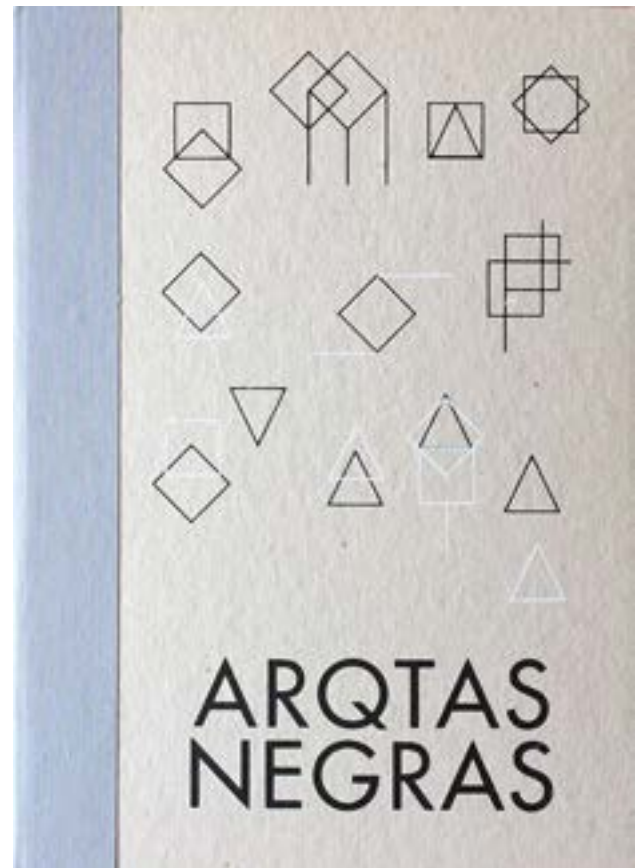


Figura 41: Capa da revista *Arquitetas Negras*, vol. 1, 2019.
 Fonte: Imagem da autora.

No início de 2018, as arquitetas Gabriela Matos e Bárbara Oliveira organizaram, nas mídias sociais, a plataforma *Arquitetas Negras*⁴⁵, com o objetivo de catalogar, divulgar e potencializar o trabalho de mulheres negras na arquitetura e urbanismo. Com o lançamento da página no Facebook e Instagram, as arquitetas negras foram convocadas a preencher um formulário⁴⁶ para se apresentarem e relatarem suas experiências e realidade de trabalho. O projeto cresceu, Matos criou uma base de pesquisa e um mapeamento do trabalho das arquitetas negras brasileiras, único no Brasil até dezembro de 2021, quando o CAU/BR divulgou os dados do II Censo das Arquitetas e Arquitetos e Urbanistas do Brasil, incluindo perguntas de raça no questionário realizado. Em 2019, foi publicada a primeira edição da revista *Arquitetas Negras*, com chamada aberta para a submissão de trabalhos, foram selecionados treze trabalhos, organizados em três partes temáticas: Seção 01: *corpo preto cidade branca*; Seção 02: *práticas arquitetônicas > linguagens e fazeres* e Seção 3: *mulher negra na arquitetura e urbanismo*.

45 Disponível em <https://www.instagram.com/p/BiiCt4eDvH7/>. Acessado em 31/07/2021.

46 Disponível em: <https://docs.google.com/forms/d/e/1FAIpQLSeqZIS52tJsjEK7sfY5GmYI9IRck4K690ncKLhHDYy3RcbReQ/viewform>. Acessado em: 02/01/2022.



Figura 42: Capa do site *Arqúitetas Invisíveis*.
 Fonte: <https://www.arquitetasinvisiveis.com/pg/>



Figura 43: Capa da revista *Arqúitetas Invisíveis. Pioneiras*, vol. 1, 2015.
 Fonte: https://be332de1-025f-4804-aa16-615df5882c7f.filesusr.com/ugdfff1b92_554e1673a4184c0b9f29194d835b8220.pdf



Figura 44: Capa da revista *Arqúitetas Invisíveis. Nas Sombras*, vol. 2, 2017.
 Fonte: https://be332de1-025f-4804-aa16-615df5882c7f.filesusr.com/ugdfff1b92_692517ec29d14f42a2f69e7b9c7c6b4c.pdf

O coletivo *Arqúitetas Invisíveis*⁴⁷ foi fundado em 2014 por cinco alunas da graduação em arquitetura e urbanismo da UNB, surgiu da necessidade de mostrar a produção feminina no âmbito da arquitetura e urbanismo. A primeira ação do coletivo foi a criação da página no *Facebook* e a organização de uma exposição na faculdade, apresentando uma cronologia com a biografia e obras de 26 arquitetas e urbanistas. Com pesquisas acadêmicas, palestras e publicações em *sites* especializados, o coletivo divulga e debate importantes trabalhos realizados por arquitetas, urbanistas, paisagistas e pesquisadoras. Em 2015, foi lançada a primeira edição da revista homônima, que em seu primeiro volume deu destaque às mulheres pioneiras da profissão. Atualmente, a revista já publicou duas edições e a terceira edição está sendo editada⁴⁸.

São inúmeras as iniciativas que poderiam ser listadas nessa parte desse capítulo. Como dito anteriormente, mais importante que mapear e quantificar livros e autoras, meu objetivo era destacar a variedade de pesquisas, abordagens e plataformas de divulgação de trabalhos que surgiram nos últimos anos. As ações atuais diferenciam-se por buscarem caminhos alternativos às mídias especializadas já estabelecidas, utilizam rede sociais e promovem lançamentos de revistas independentes a partir da colaboração coletiva. No capítulo 2, destacarei a presença das arquitetas em duas revistas especializadas de veiculação nacional, mostrando que ainda há enorme disparidade de gênero nos projetos publicados nos periódicos especializados.

47 Disponível em: <https://www.arquitetasinvisiveis.com/pg/>. Acessado em 02/01/2022.

48 Disponível em: <https://www.arquitetasinvisiveis.com/apoie-a-revista/>. Acessado em : 02/01/2022.

1.2

ESPAÇOS DE VISIBILIDADE, RECONHECIMENTO E O PROBLEMA DA INVISIBILIDADE

1.2.1 CONSTRUÇÃO DE UM RELATO ÚNICO

(...) Pensei nisso quando sai da Nigéria para fazer faculdade nos Estados Unidos. Eu tinha dezoito anos. Minha colega de quarto americana ficou chocada comigo. Ela perguntou onde eu tinha aprendido a falar inglês tão bem e ficou confusa quando respondi que a língua oficial da Nigéria era o inglês. Também perguntou se podia ouvir o que chamou de minha “música tribal”, e ficou muito decepcionada quando mostrei minha fita da Mariah Carey. Ela também presumiu que eu não sabia como usar um fogão.

O que me impressionou foi: ela já sentia pena de mim antes de me conhecer. Sua postura preestabelecida em relação a mim, como africana, era uma espécie de pena condescendente e bem-intencionada. Minha colega de quarto tinha uma história única da África: uma história única de catástrofe. Naquela história única não havia possibilidade de africanos serem parecidos com ela de nenhuma maneira; não havia possibilidade de nenhum sentimento mais complexo que pena; não havia possibilidade de uma conexão entre dois seres humanos iguais. (ADICHE, 2019, pp. 16 e 17)

A historiadora norte americana Joan Scott escreveu em seu artigo, *O problema da Invisibilidade* (1989)⁴⁹, que as discussões de mulheres e sobre mulheres desempenham um papel importante no debate político contemporâneo. No entanto, os historiadores que buscam testemunhos sobre as mulheres tropeçam no fenômeno da sua invisibilidade. Ausentes daquilo que a tradição historiográfica considerava digno de ser percebido e, conseqüentemente, narrado, os(as) interessados(as) em conhecer ou problematizar a presença de mulheres na história deparam-se com outra lacuna considerável, para além das narrativas: a ausência de fontes sobre elas. Ainda segundo Scott (1989), a história do desenvolvimento da raça humana foi narrada, quase sempre, por homens e a identificação dos mesmos como a “humanidade” deu como resultado o desaparecimento das mulheres e outras minorias sociais dos registros do passado. “É assim que se cria uma história única: mostre um povo como uma coisa, uma coisa só, sem parar, e é isso que esse povo se torna”⁵⁰.

A invisibilidade feminina foi um tema bastante trabalhado pela historiadora francesa Michelle Perrot⁵¹. Segundo a autora, reis e príncipes; profetas, missionários, padres; guerreiros e colonizadores foram erguidos como protagonistas de narrativas monopolizadas por sujeitos masculinos.

49 SCOTT, Joan (1989). *The Problem of invisibility*. In KLEINBER, Jay (Org.). *Retrieving women's history*, UNESCO/Berg, Paris, 1989, pp. 5-29.

50 ADICHE, Chimamanda Ngozi. *O perigo de uma história única*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019. P. 22.

51 PERROT, Michele. *Minha história das mulheres*. São Paulo: Contexto, 2007.

Tudo o que sabemos dos fatos históricos conhecemos através de vozes e representações masculinas. Dessa forma, cristalizou-se a crença de que “eles” ocuparam-se dos grandes feitos e das grandes obras, enquanto “elas” ficaram reduzidas à reprodução da ordem, ou seja, aos cuidados da casa e dos filhos; da colheita e do trabalho fabril, tarefas desvalorizadas socialmente.

O ensaio, *Um teto todo seu* (1929)⁵², escrito por Virginia Woolf após duas conferências realizadas em Cambridge na década de 1920, destaca a assimetria dos papéis sociais destinados à mulher e ao homem, que recebiam atribuições e privilégios bastante distintos. O ensaio discute em que medida a posição que a mulher ocupa na sociedade traz empecilhos para a expressão livre de seu pensamento. Nele, a autora discorre sobre a dificuldade de encontrar obras literárias produzidas por mulheres nas prateleiras das bibliotecas universitárias inglesas, contrastando com a vastidão de livros escritos por homens, muitos dos quais traziam as mulheres como temas ou objetos. A mulher como autora parecia inexistir:

(...) É estranho pensar que todas as grandes mulheres da ficção tenham sido, até o advento de Jane Austen, não só retratadas pelo outro sexo, mas apenas de acordo com sua relação com o outro sexo. E como é pequena essa parcela da vida de uma mulher; e como um homem pouco sabe até sobre isso, quando às observa através dos óculos pretos ou avermelhados que o sexo coloca sobre o nariz dele. (WOOLF, 2014, pp. 119-120)

Um relato único cria estereótipos, o que não significa que sejam mentiras, mas são incompletos; fazem com que uma história torne-se a única história. A história das mulheres não pode se contentar em registrar, por exemplo, somente suas exclusões e ausências. Ela também deve estar empenhada em esclarecer e escancarar, para cada período, o sistema de agentes e as instituições, que, com peso e medidas diversas, contribuíram para a obliteração da história das mulheres e outras minorias.

52 O ensaio foi escrito, na década de 1920, após a autora palestrar em duas faculdades inglesas exclusivas para mulheres. A partir do tema “As mulheres e a ficção”, Woolf discute de que forma a sociedade patriarcal e a posição destinada às mulheres nessa sociedade acarreta dificuldades para a expressão livre de seu pensamento.

1.2.2 A CONSTRUÇÃO DO RELATO ARQUITETÔNICO E O PROBLEMA DA INVISIBILIDADE

O nome de um determinado artista encabeça cada movimento. Todos aqueles canonizados como precursores da arte moderna são homens. Seria por que não houve mulheres envolvidas nos primeiros movimentos modernos? Não. Seria por que aquelas que se envolveram não tiveram qualquer importância na determinação da forma e do caráter da arte moderna? Não. Ou por que aquilo que a história da arte moderna celebra é uma tradição seletiva que normaliza como o único modernismo um conjunto de práticas específicas e pautadas pela questão do gênero? Eu defenderia essa explicação. Assim qualquer tentativa de lidar com artistas mulheres dos primórdios do modernismo exige a desconstrução dos mitos machistas do modernismo. (POLLOCK, 1988, p. 122)⁵³

Em 1971, a historiadora da arte Linda Nochlin escreveu o ensaio, *Por que não houve grandes mulheres artistas?*⁵⁴, nele a autora afirma que o problema da falta de representatividade e da invisibilidade não está no fato de ser mulher, mas sim em como as instituições estão organizadas e estruturadas e “na visão de realidade que estas impõem sobre os seres humanos que as integram”⁵⁵. Assim como na história da arte, a história da arquitetura tem dependido de clientes individuais, de instituições corporativas e do poder público. O *status quo* do arquiteto, assim como dos artistas, desenvolveu-se dentro de conceitos renascentistas no qual a arquitetura era um serviço encomendado por um poderoso mecenas a um artista/artesão apadrinhado, não existindo lugar para as mulheres (ANTUNES, 2012).

A história da arquitetura mostra arquitetos homens apadrinhados por outros arquitetos homens e heroicizados por críticos de arquitetura também homens, tal como destaca a curadora de arte contemporânea Helen Molesworth⁵⁶, em seu ensaio *De que modo instalar arte como uma feminista* (2010), quando discute a organização do acervos e exposições dos museus:

(...) a apresentação comum das coleções permanentes dos museus é uma amostra de harmonia pluralista (uma boa obra depois da outra) intermitentemente atravessada por narrativas edipianas a respeito da influência, segundo as quais os filhos fazem homenagens a seus pais (Richard Serra a Jackson Pollock [1912-1956]); matam seus pais (Frank Stella com relação a Pollock), ou ignoram seus pais de forma explícita (Luc Tuymans com relação a Pollock). (MOLESWORTH, 2010, p. 340).

Garry Stevens faz em seu livro *O Círculo Privilegiado. Fundamentos sociais da distinção arquitetônica* (2003), a definição de campo da arquitetura. Segundo o autor:

53 POLLOCK, Griselda. *A modernidade e os espaços da feminilidade* (1998). In: PEDROSA, Adriano; CARNEIRO, Amanda; MESQUITA, André (Org.). *História das mulheres, histórias feministas: antologia*. São Paulo: MASP, 2019, p. 122.

Griselda Pollock é ativista e intelectual. Seus focos de trabalho são teoria visual, análise cultural e feminismo pós-colonial, com especial atenção para a história da arte. O texto “*Modernity and Spaces of Femininity*” foi originalmente publicado em POLLOCK, Griselda. *Vision and Difference: Feminism, Femininity and the Histories of Art*. Londres/Nova York: Routledge, 1988, pp. 70-127.

54 Ensaio publicado originalmente na revista estadunidense *ARTNews* em 1971. A partir da tentativa de resposta à pergunta, Linda Nochlin questiona metodologias da história da arte e construção de sua narrativa, baseada na criação do gênio criador.

55 NOCHLIN, Linda (1971). *Por que não houve grandes mulheres artistas?* São Paulo: Edições Aurora, 2016, p. 9. Disponível em: <http://www.edicoesaurora.com/ensaios/Ensaio6.pdf>. Acessado em: 27/01/2020.

56 Helen Molesworth é curadora de arte contemporânea e ensaísta. Seu ensaio “*How to Install Art as a Feminist*” (2010) foi originalmente publicado em BUTLER, Cornelia e SCHWARTZ, Alexandra (eds.). *Modern Women, Women Artists at the Museum of Modern Art*. Nova York: Museum of Modern Art, 2010, pp. 498-513.

Trata-se de uma entidade social muito maior do que apenas os integrantes da ocupação arquitetura: é um campo que estrutura todo o universo social do arquiteto/a do qual eles/as são apenas uma parte. O campo é o conjunto de instituições sociais, indivíduos e discursos que se suportam mutuamente, ele é constituído por arquitetos, críticos, professores, construtores, clientes, instituições financeiras, discursos arquitetônicos, exigências legais, etc. (STEVENS, 2003, p. 10).

O reconhecimento pode ser entendido como uma ação de distinção de um sujeito ou uma coisa entre os/as demais. Quando o reconhecimento é alcançado ocorre a individualização do indivíduo perante aos demais. No caso da arquitetura, há uma cadeia de agentes associados ao reconhecimento e à consagração dos arquitetos e das suas obras: colegas de profissão, clientes, investidores, curadores de exposições, críticos de arquitetura, jornalistas, instituições de ensino. O recebimento de prêmios, publicações de projetos em revistas conceituadas, divulgação das obras por fotógrafos renomados, discussões teóricas por especialistas publicitam, promovem e celebram publicamente os “melhores”.

Sendo a arquitetura uma profissão de índole artística, o talento é um fator que conta com a validação produzida pelos pares e por toda a cadeia de formadores de opinião, como os críticos e publicações especializadas. O “arquiteto herói”, que imagina e constrói marcos espaciais, aparece como propaganda para fins políticos, capaz de deixar suas marcas em territórios urbanos. Suas obras publicadas, divulgadas e fotografadas para revistas especializadas da área e eventos de arquitetura ampliam a propaganda e aumentam a reputação de uns e outros. Somada a elas, a obtenção de um prêmio de prestígio leva os laureados ao topo da pirâmide reputacional e de reconhecimento entre os pares.

Os nomes reconhecidos e renomados possuem mais créditos e suas empresas e parceiros são beneficiados por essa transferência de valor dos indivíduos para as instituições. As vantagens, que as redes e as associações de nomes reconhecidos produzem, funcionam como um mecanismo concorrencial que pode gerar monopólios no mercado de trabalho da arquitetura, à semelhança daquilo que acontece em outras profissões.

As experiências formadoras aumentam as competências. Quando o número e a variedade de experiências aumentam, também crescem as redes de colaboração mobilizadas pelos indivíduos. A formação na escola, apadrinhamento de algum professor e o trabalho ainda durante o curso aparecem como variáveis correlacionadas com o êxito de uma carreira. Somado a isso, o capital familiar pode favorecer a quantidade de experiências vividas por um estudante de arquitetura ou arquiteto recém formado, tornando ainda maior sua rede de contatos e oportunidades, aumentando as chances de obtenção de reconhecimento na profissão.

As narrativas dominantes da arquitetura são naturalizadas, o sexismo está tão enraizado à linguagem e à lógica institucionais do campo da arquitetura⁵⁷, que acaba passando quase sempre despercebido. O movimento moderno trouxe muitas transformações sociais e quebras de paradigmas, porém nunca questionou a natureza institucional e patriarcal da profissão. O discurso da arquitetura está envolvido com a masculinidade, que é construída em oposição e pela subordinação do feminino. “As narrativas e histórias arquitetônicas, os conceitos, a linguagem e o vocabulário, as preocupações, as práticas e os processos traduzem-se em uma orientação

57 Segundo a definição de Garry Stevens.

masculinizada do *mainstream* da disciplina”⁵⁸.

Segundo a arquiteta e urbanista Zaida Muxí (2018), o gênero, no contexto ocidental, é uma construção social e cultural de papéis, formada historicamente, que atribui capacidades específicas, destina espaços e dá prioridades diferentes a cada um dos sexos. O espaço também é resultado de uma produção social, sendo assim, não é neutro e deve ser analisado considerando os diferentes atores e funções que desempenham e participam da criação da vida diária.

A forma urbana e as dinâmicas das cidades são influenciadas, direta e indiretamente, pelos sistemas de poder e controle, dos quais as mulheres ainda são sucessivamente excluídas. Nesta esfera de exclusão, tem-se a arquitetura como profissão que, no Brasil, apesar das arquitetas serem maioria numérica⁵⁹, aparecem em clara minoria na produção e execução de grandes projetos arquitetônicos e urbanos, no campo político de atuação da profissão, nas organizações e instituições profissionais⁶⁰.

Segundo Lia Antunes a questão da igualdade e do reconhecimento não se desenvolve na má vontade do homem como indivíduo, mas na natureza das estruturas institucionais e na visão de realidade que as mesmas impõem. No artigo, *La construcción del relato arquitectónico* (2015), Josep Maria Montaner e Zaida Muxí afirmam que até recentemente a história da arquitetura e do urbanismo foi escrita a partir da predominância de critérios masculinos e mecanismos de ênfase no heroísmo, individualidade, monumentalidade e o apagamento de precedentes, que levaram à invisibilidade daquilo que as mulheres fizeram e contribuíram. Destacam que a simplificação das narrativas históricas acaba, injustamente, reduzindo a presença das mulheres na história da arquitetura, ressaltando que as formas de divulgação do conhecimento arquitetônico não são alheias à construção dos papéis de destaque e reconhecimento na profissão⁶¹.

Os primeiros historiadores do século XX seguiram cada passo dos “arquitetos-heróis” do período moderno. Consequentemente, a história da arquitetura foi escrita por homens, sobre homens e para homens. Em *An Introduction to Modern Architecture* (1940), James Maude Richards discute os trabalhos de Rennie Mackintosh sem Margaret MacDonald, de Maxwell Fry sem Jane Drew, de Charles Eames sem Ray Eames.

Após a Segunda Guerra, os historiadores focaram no tema da tradição moderna com uma perspectiva mais ampla, contudo prosseguiram sem revelar as arquitetas e parcerias que ajudaram a desenvolver o pensamento arquitetônico da época. Como, por exemplo, no livro *História crítica da arquitetura moderna* (1980, revisado 1985, 1992 e 2007) de Kenneth Frampton, onde é quase nulo o protagonismo das mulheres arquitetas e designers. O livro destaca os “grandes arquitetos” do século XX, porém pouco se fala das parcerias e das equipes que contribuíram para a concepção dos projetos e dos movimentos.

58 ANTUNES, Lia Pereira Saraiva Gil (2012). *Arquitetura: substantivo feminino. Contribuição para uma história das mulheres na arquitetura*. Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitectura apresentada ao Departamento de Arquitectura da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra, 2012, p. 4.

59 Segundo o último levantamento realizado pelo Conselho de Arquitetura e Urbanismo do Brasil (CAU/BR), em março de 2019, há uma prevalência de arquitetas e urbanistas mulheres no Brasil. Disponível em: <https://www.caubr.gov.br/inedito-visao-completa-sobre-a-presenca-da-mulher-na-arquitetura-e-urbanismo/>. Acessado em 18/08/2019.

60 Mais adiante será mostrada as poucas vezes em que as mulheres foram laureadas com prêmios de arquitetura e tiveram exposições destinadas ao seu trabalho. No capítulo 2, apresentarei os levantamentos feitos nas publicações das revistas especializadas Projeto Design e AU dos anos 2001 a 2015.

61 MONTANER, Josep Maria; MUXÍ, Zaida (2015). *La construcción del relato arquitectónico*. Disponível em: https://www.academia.edu/23493297/LA_CONSTRUCCI%C3%93N_DEL_RELATO_ARQUITECT%C3%93NICO. Acessado em: 09/06/2019.

No entanto, mesmo no século XXI, os livros de história da arquitetura continuam enfatizando o mito dos “arquitetos heróis”. No livro, *A arquitetura do novo milênio* (2007), de Leonardo Benevolo, apesar de ser um livro publicado em 2006 e traduzido para o português em 2007, a história da arquitetura contemporânea é narrada a partir das influências e apadrinhamentos dos arquitetos homens, modernos e europeus. Apenas os dois últimos capítulos do livro, do total de dez, falam sobre a arquitetura contemporânea produzida fora do eixo Europa-EUA-Japão. As arquitetas aparecem em clara minoria ao longo da publicação, sendo a arquiteta iraniana Zaha Hadid a que tem maior destaque. Muxí (2018) pontua que além de sub representadas nos textos, as arquitetas são citadas de forma discriminatória e exemplifica casos de projetos feitos por equipes compostas por vários homens nos quais cada arquiteto aparece com voz própria, mas quando há mulheres nas equipes, elas aparecem dentro da voz genérica do grupo ou do arquiteto⁶².

Beatriz Colomina destaca, em seu artigo, *The private life of modern Architecture* (1999), que apenas no final do século XX as publicações sobre a arquitetura moderna mudaram o foco, dando mais importância ao “como” do que o “qual”. Sendo que o “como” não se trata da estrutura dos edifícios e suas técnicas construtivas, mas as relações interpessoais de cada projeto. A arquiteta Alice T. Friedman, em seu livro, *Women and the making of modern house* (1998), investiga como os projetos encomendados por mulheres “não convencionais” foram centrais para a inovação dos projetos residenciais na arquitetura moderna. A autora constata que ao olharmos projetos feitos por arquitetos consagrados pela historiografia arquitetônica como Frank Lloyd Wright, Le Corbusier, Mies van der Rohe e outros, torna-se claro que as casas desenhadas para mulheres, enquanto clientes, estão entre os projetos mais significativos realizados por esses arquitetos, sendo muitas delas consideradas monumentos arquitetônicos do século XX (FRIEDMAN, 1998)⁶³.

Lia Antunes comenta que a questão da autoria surge como um instrumento de propaganda e *marketing* no meio profissional, pois é dela que vem a percepção de criatividade por parte do público (ANTUNES, 2012). A construção do mito dos criadores, em muitos casos considerados gênios, está baseada em destacar o indivíduo e poucas vezes as equipes. Em seu artigo, *With, or without you: the ghosts of Modern Architecture* (2010)⁶⁴, Beatriz Colomina destaca que as arquitetas quando são creditadas por seus trabalhos, feitos em parcerias de outros arquitetos, ocorre a partir da conjunção “com” e não da conjunção “e”, dando a elas não o destaque de também protagonistas dos projetos, mas coadjuvantes. O episódio abaixo exemplifica como uma arquiteta, sócia fundadora de um renomado escritório de arquitetura e urbanismo brasileiro, foi apresentada ao entrar em um escritório de um colega de faculdade:

Uma arquiteta famosa, sócia de um escritório de arquitetura brasileiro famoso, entra no escritório em que eu trabalhava na época para encontrar meu antigo chefe (os dois eram colegas de faculdade e haviam marcado um almoço juntos). Meu chefe então decide apresentá-la ao escritório “Gente, essa é fulana, mulher de ciclano”. Na mesma hora ela toma a fala e contesta: “mulher de ciclano não, arquiteta sócia de tal escritório e sua amiga há muito tempo”.

62 MARTÍNEZ, Zaida Muxí. *Mujeres, casas y ciudades*. Más allá del umbral. Barcelona: Dpr-barcelona, 2018.

63 FRIEDMAN, Alice. *Women and the Making of the Modern House: A Social and Architectural History*. New York: Harry N. Abrams, Inc., 1998. No livro a arquiteta faz a análise de casas emblemáticas como Hollyhock House (1915-23, Frank Lloyd Wright para Aline Barnsdall), Schröder House (1923-24, Gerrit Rietveld para Truus Schröder), Villa Stein-de Monzie (1926-28, Le Corbusier para a família Stein), Farnsworth House (1945-51, Ludwig Mies van der Rohe para Edith Farnsworth), Perkins House (1952-55, Richard Neutra para Constance Perkins), Vanna Venturi House (1961-64, Robert Venturi para Vanna Venturi).

64 COLOMINA, Beatriz. *With, or without you: the ghosts Modern Architecture*. In: BUTLER, Cornelia; SCHWARTZ, Aledra (Ed.). *Modern Women: women artists at the Museum of Modern Art*. New York: The Museum of Modern Art, 2010, pp. 216-233.

Para a arquiteta Despina Stratigakos, esse mecanismo historiográfico cria uma narrativa de individualidades, apagando os colaboradores e colaboradoras. A existência de algumas arquitetas superstars, ou exemplos simbólicos de sucesso, não significa que as arquitetas conquistaram a igualdade (STRATIGAKOS, 2016). Estes problemas não são exclusivos da arquitetura, são resultados da organização da sociedade patriarcal, como bem destaca Virginia Woolf:

(...) Ninguém em seu juízo perfeito conseguiria ignorar a predominância do professor. Dele eram o poder e o dinheiro e a influência. Ele era dono do jornal e seu editor e subeditor. Ele era secretário de Relações Exteriores e o juiz. Ele era o jogador de críquete; ele era os donos dos cavalos de corrida e dos iates. Ele era o diretor da empresa que paga duzentos por cento aos seus acionistas. Ele deixou milhões para fundações de caridade e faculdades dirigidas por si mesmo. Ele suspendeu a atriz de cinema em pleno ar. Ele vai decidir se o cabelo encontrado no machado de cortar carne é humano; é ele quem vai inocentar ou condenar o assassino, e enforcá-lo ou colocá-lo em liberdade. Com exceção do nevoeiro, ele parece controlar tudo. (WOOLF, 2014, p. 52).

Porém, enquanto continuarmos a contar as narrativas de formas individualizadas, desconsiderando todos os agentes promotores de um projeto; todas as pessoas que contribuíram com a sua concepção, desde a equipe técnica do projeto até a equipe de obra, enquanto o valor continuar no arquiteto herói e na arquitetura alheia às pessoas, com orçamentos exorbitantes e trabalho sem limites, as mulheres permanecerão invisíveis na profissão.

1.2.3 PREMIAÇÕES

Fui coordenadora de um grande projeto público no escritório em que trabalhava na época. O escritório foi contratado para a realização do projeto após ser premiado com o primeiro lugar em um concurso de projetos nacional. Eu havia participado da concepção do projeto desde a época do concurso, porém, em nenhuma palestra ou apresentação do escritório, meu nome foi citado com coordenadora do projeto. Em 2017, o projeto foi um dos escolhidos para ser exposto na Bienal de Arquitetura de Veneza, no pavilhão brasileiro, e meu nome também não apareceu como coordenadora.

As premiações na arquitetura e urbanismo são bastante recorrentes, praticamente todos os países promovem ao menos uma premiação nacional para arquitetos, obras construídas, obra sustentável, etc. Estas são promovidas pelos órgãos reguladores da profissão, instituições de ensino, fundações, empresas fabricantes de matéria prima para a construção civil. O Prêmio Pritzker foi criado em 1979, é financiado pela Família Pritzker e patrocinado pela Fundação Hyatt. Trata-se de uma premiação anual para homenagear um ou mais arquitetos que tenham produzido contribuições consistentes e significativas, sendo considerado o mais renomado prêmio internacional de arquitetura.

Entre 1979 e 2003, foram laureados com o Pritzker somente arquitetos homens⁶⁵; apenas em 2004, Zaha Hadid recebeu o mais prestigiado prêmio da arquitetura. Em 2010, Kazuyo Sejima é vencedora em parceria com seu sócio, o arquiteto Ryue Nishizawa (SANAA); em 2017, Carme Pigem é também vencedora junto com seus sócios Rafael Aranda e Ramón Vilalta (RCR Arquitectes); em 2020, pela primeira vez, o prêmio foi dado para um escritório fundado e coordenado por duas arquitetas: Yvonne

65 Disponível em: <https://www.pritzkerprize.com/>. Acessado em 29/01/2020.

Farrell e Shelley McNamara, da Grafton Architects; e, em 2021, o prêmio foi dado ao escritório francês Lacaton & Vassal, comandado pelos arquitetos Jean-Philippe Vassal e Anne Lacaton.

Quando Zaha Hadid foi nomeada vencedora, nenhum artigo ou reportagem deixaram de mencionar o sexo da arquiteta condecorada com o prêmio, a primeira mulher a receber o prêmio máximo da arquitetura (STRATIGAKOS, 2016). As reportagens e entrevistas deram tanto ou mais destaque à personalidade da arquiteta, sua aparência, seu estado civil que à sua trajetória profissional. O que nenhum dos artigos mencionou foi que a primeira arquiteta só foi laureada com a premiação máxima da arquitetura em 2004 devido a uma omissão da premiação de 1991.

Em 1991, quando Robert Venturi foi nomeado vencedor do Pritzker sem a sua sócia e também esposa Denise Scott Brown, a resposta oficial do júri foi que a premiação tinha como objetivo destacar arquitetos de forma individual e não parcerias ou escritórios. Porém, em 1988, o prêmio já havia sido dado para dois arquitetos: Gordon Bunshaft e Oscar Niemeyer. Uma década depois, em 2001, o júri do Pritzker ignorou suas próprias regras e nomeou como vencedores os sócios Jacques Herzog e Pierre de Meuron. Quando Zaha Hadid foi laureada vencedora, Denise Scott Brown destacou que as arquitetas ainda são mantidas “no seu lugar”, à parte do *Star System*:

O júri do Pritzker tem uma certa definição sobre arquitetura, uma noção que vem desde o século XIX, pautada em homens geniais e em projetos que são criados por mentes geniais. Demorou muito tempo para encontrar uma mulher que se encaixasse nessas noções. (BROWN, 2004, p. 25)⁶⁶

Em 2013, a organização estudantil *Women In Design*, da escola de Design de Harvard, realizou uma a petição para pedir o reconhecimento retroativo do prêmio de Denise Scott Brown. A petição teve enorme repercussão mundial, em pouco tempo alcançou mais de 12 mil assinaturas⁶⁷, entre elas de arquitetos laureados com o grande prêmio da arquitetura, como Zaha Hadid, Rem Koolhaas e o próprio marido e sócio de Denise Scott Brown, Robert Venturi. Pouco tempo depois o presidente da premiação elaborou uma carta resposta à petição lançada, negando o pedido posto, argumentado não ser possível um júri posterior reabrir ou questionar o trabalho de um júri anterior, mas que a arquiteta continuava elegível para a premiação.

Somente em 2020, após 16 anos da premiação de Zaha Hadid, o prêmio foi dado para um escritório fundado e coordenado por duas arquitetas: as irlandesas Yvonne Farrell e Shelley McNamara. Porém a mídia especializada, mais uma vez, tratou essa premiação como inusitada e inesperada, o gênero das premiadas foi novamente colocado em destaque e, em muitas publicações, o trabalho do escritório foi destacado como sóbrio e austero, apesar de ser comandado por duas mulheres. Quando o resultado foi divulgado, no dia 03 de março de 2020, muitas publicações mostraram tom de surpresa com a escolha do escritório irlandês, mesmo com as arquitetas apresentando uma carreira sólida de mais de 40 anos em seu escritório; sendo autoras de projetos renomados em seu país de origem e diversos outros países; vencedoras de outras premiações renomadas e diretoras da Bienal de Arquitetura de Veneza em 2018.

66 Denise Scott Brown (2004), quando a arquiteta Zaha Hadid recebeu o Prêmio Pritzker em 2004. BRAKE, Alan. *Zaha Hadid: Barrier Braker, Conversation Starter*. In: *Architectural Record*, 192, N° 5, p. 25. Tradução da autora.

67 Atualmente a petição conta com 21.730 assinaturas. Disponível em: <https://www.change.org/p/the-pritzker-architecture-prize-committee-recognize-denise-scott-brown-for-her-work-in-robert-venturi-s-1991-prize>. Acessado em: 02/01/2022.

Em artigo, publicado no *Archdaily* no dia da nomeação da premiação, o primeiro parágrafo já destaca: “as laureadas de 2020, que são educadoras e arquitetas, reconhecidas por suas abordagens poderosas, porém delicadas”⁶⁸. O uso de uma conjunção adversativa no artigo publicado pelo portal e não de uma conjunção aditiva traz grande estranhamento. Dois adjetivos usados como oposição, como se fossem antagônicos, como se uma obra de arquitetura não pudesse ser poderosa e delicada ao mesmo tempo, como se a palavra poderosa não pudesse ser utilizada para descrever a obra de duas arquitetas.

O primeiro parágrafo da reportagem publicada no *Jornal Folha de São Paulo* faz o seguinte destaque: “Feitas por mulheres, mas sem explícitos traços de delicadeza. À primeira vista, aparentam ser edificações brutas, talvez mesmo musculosas. Contudo, quem permanece nessas construções presencia momentos de ternura”⁶⁹. Mais uma vez o estilo arquitetônico da dupla de arquitetas foi posto como antagônico e incoerente ao seu gênero e, mais uma vez, uma conjunção adversativa é empregada para mostrar essa “oposição” entre o estilo brutalista das arquitetas e os “momentos de ternura” vividos em suas obras.

Em artigo publicado no *Portal Vitruvius*⁷⁰, Gabriel Kogan escreve logo no primeiro parágrafo que fará a discussão da premiação dada às arquitetas irlandesas a partir da arquitetura. Porém, apesar desse destaque dado logo no começo do texto, o arquiteto discute apenas um projeto feito pela dupla: o Edifício da *Universita Luigi Bocconi* (2008). Não a partir da utilização de desenhos técnicos do projeto, mas desde a sua interpretação ao conhecer o edifício. No decorrer do artigo, o arquiteto descreve sua percepção ao percorrer a Bienal de Arquitetura de Veneza em 2018, comparando o projeto de curadoria da bienal com os projetos de outras bienais que havia visitado, a partir de sua percepção como visitante. E, mais uma vez, apresenta uma opinião subjetiva, sem apresentação de desenhos técnicos, em um texto que, já em seu primeiro parágrafo, afirmou que faria o debate a partir da arquitetura.

Outro exemplo de premiação é o *American Institute of Architects Gold Medal*⁷¹ que, do ano de sua criação em 1907 até 2013, foi entregue apenas a profissionais homens. A primeira mulher a receber o prêmio foi a arquiteta norte americana Julia Morgan em 2014. Em 2016, Denise Scott Brown foi premiada junto ao seu marido e sócio Robert Venturi, desde então a premiação voltou a consagrar apenas arquitetos homens. No contexto nacional, desde 1967, o Instituto de Arquitetos do Brasil (IAB) homenageia os arquitetos e urbanistas brasileiros, que realizaram obras notáveis e que contribuíram para a valorização da arquitetura e urbanismo no país, com o Colar de Ouro. Apenas em 2019, a primeira arquiteta recebeu a comenda: a arquiteta e urbanista Rosa Kliass. Em 2020, a premiação foi concedida à arquiteta e urbanista Dora Alcântara.

Em 1997, ainda quando nenhuma arquiteta havia sido prestigiada com um dos grandes prêmios internacionais de arquitetura e urbanismo, foi lançado o *Prêmio Jane Drew*, exclusivo para arquitetas, com objetivo de promover a inovação, diversidade e inclusão na arquitetura. Seu nome é uma homenagem à arquiteta inglesa Jane Drew, falecida em 1996 que, entre ou-

68 Fonte: Archdaily. Disponível em: <https://www.archdaily.com.br/br/934793/yvonne-farrell-e-shelley-mcnamara-recebem-o-premio-pritzker-2020>. Acessado em 12/04/2021.

69 Fonte: Folha de São Paulo. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2020/03/irlandesas-do-grafton-architects-vencem-o-pritzker-maior-premio-da-arquitetura.shtml>. Acessado em 12/04/2021.

70 Fonte: Portal Vitruvius. Artigo publicado em março de 2021. Disponível em: <https://vitruvius.com.br/index.php/revistas/read/drops/20.150/7663>. Acessado em 12/04/2021

71 Disponível em: <https://www.aia.org/awards/7046-gold-medal>. Acessado em 29/01/2020.

tras realizações, tentou estabelecer a prática da arquitetura exclusivamente feminina. A partir de 2011, o prêmio passou a ser submetido à jurisdição das publicações especializadas inglesas *Architect's Journal* e *Architectural Review*, que lançaram o prêmio *Women in Architecture* nas categorias *Woman Architect of the Year* e *Emerging Woman Architect of the Year*⁷².

Em 2013, foram criados dois novos prêmios internacionais destinados exclusivamente a arquitetas. O *ArcVision Prize*⁷³, organizado pelo grupo Italcementi, premiou, de 2013 a 2016, profissionais cujos projetos se destacaram enquanto métodos construtivos e tecnológicos, sustentabilidade e arquitetura social. E o *Prix des Femmes Architectes*⁷⁴, organizado pela *Association pour la recherche sur la Ville et l'habitat* (ARVHA) com apoio do Ministério Francês da Cultura e Comunicação. O *Women in Architecture and Construction Award*⁷⁵ faz parte do programa de sete prêmios promovidos pelo *Tamayouz Excellence Award*. Entre 2013 e 2016, o prêmio era aberto apenas para concorrência de arquitetas iraquianas; e, a partir de 2018, passou a premiar as realizações de arquitetas no Oriente Próximo e Norte da África em duas categorias: *Rising Star* e *Woman of Outstanding Achievement*.

De modo geral, as premiações, separadas por gênero, têm como objetivo homenagear profissionais mulheres do século XX e dar visibilidade à produção de profissionais contemporâneas. Despina Stratigakos aponta, no livro *Where are the Women Architects?* (2016), que a criação de prêmios específicos para mulheres arquitetas trouxe para o debate a necessidade de premiações separadas por gênero, se a criação delas possibilitaria o combate ao sexismo na profissão ou se replicariam os mecanismos já utilizados pelo *Star System*. A autora conclui que a criação de premiações exclusivas para mulheres tornou-se uma política de ação afirmativa, capaz de provocar, gerar discussões e trazer atenções aos prêmios existentes em arquitetura e urbanismo, como os sistemas de premiações funcionam e quem são seus vencedores⁷⁶.

A comparação com premiações feitas no cinema é recorrente (COLOMINA, 2010), pois tais premiações são divididas em diferentes categorias e cada filme pode receber uma ou mais indicação em diferentes categorias. A indústria do cinema lista todos os profissionais envolvidos numa produção: nos créditos iniciais aparecem os nomes com mais destaques de uma produção como os criadores, produtores e atores e, em seguida, nos créditos finais, os nomes e funções de todos os envolvidos na produção cinematográfica são listados. Sendo as obras arquitetônicas tão complexas e multidisciplinares quanto a produção de filmes, podemos questionar por quais motivos as fichas técnicas de projetos e obras não listam todos os profissionais envolvidos, permitindo que as premiações fossem divididas em diferentes categorias.

Abriria a possibilidade que os prêmios fossem mais específicos sobre o objeto de premiação, além de permitir uma discussão mais franca sobre o que torna um projeto bem-sucedido.

72 Disponível em: <https://www.architectural-review.com/awards/w-awards>. Acessado em 29/01/2020.

73 Disponível em: <http://www.arcvision.org/?lang=en>. Acessado em 29/01/2020.

74 Disponível em: <http://www.femmes-archi.org/en/homepage-2/>. Acessado em 29/01/2020.

75 Disponível em: <https://www.tamayouz-award.com/women-in-architecture-and-construction-award.html>. Acessado em 29/01/2020.

76 STRATIGAKOS, Despina. *Where are the Women Architects?* New York: Princeton University Press, 2016. Na introdução do livro a arquiteta destaca os locais e situações nos quais ela já se questionou "onde estão as mulheres arquitetas?", por exemplo, após premiações de arquitetura, em salas de reuniões, em convenções, etc. A autora diz que essa pergunta ecoa cada vez mais entre as arquitetas, que se questionam com cada vez mais frequência o porquê das mulheres ainda precisarem lutar para ganhar posições na profissão.

Não só as mulheres se beneficiariam dessa mudança de significado do reconhecimento, mas todos os profissionais da área. Pois, ao estabelecer critérios claros sobre o que é um bom e bem sucedido projeto de arquitetura, listando todos os tipos de profissionais envolvidos em todas as suas etapas de desenvolvimento, seriam abertas brechas para a discussão de custos de projetos e obras, remuneração, bem estar dos profissionais.

Corrigir os registros históricos não é apenas uma questão de adicionar alguns nomes à história da arquitetura. Não se trata apenas de uma questão de justiça ou precisão histórica, mas uma forma de compreender mais plenamente a arquitetura e as formas complexas de sua produção. A arquitetura é profundamente colaborativa, mais semelhante à produção cinematográfica que às artes visuais, por exemplo. Até recentemente, essa informação era tratada como um segredo muito bem guardado. [COLOMINA, 2010, p. 217]⁷⁷.

77 Tradução livre da autora. *“Correcting the record is not just a question of adding a few names or even thousands to the history of architecture. It is not just a matter of human justice or historical accuracy but a way to more fully understand architecture and the complex ways it is produced. Architecture is deeply collaborative, more like moviemaking than visual art, for example. But unlike movies, this is hardly ever acknowledged. Until recently, it has been a secret carefully guarded”.*

1.2.4 EXPOSIÇÕES



Figura 45: Exposição *Women in American Architecture: A Historic and Contemporary Perspective*. Susana Torre, 1977.

Fonte: <https://www.susanatorre.net/architecture-and-design/making-room-for-women/women-in-american-architecture/>



Figura 46: Exposição *Women in American Architecture: A Historic and Contemporary Perspective*. Susana Torre, 1977.

Fonte: <https://www.susanatorre.net/architecture-and-design/making-room-for-women/women-in-american-architecture/>

As exposições sobre arquitetura e sobre o trabalho feito por arquitetos e arquitetas é outro item que merece ser analisado. Assim como nas premiações, a exposição de trabalhos individuais feitos por profissionais do sexo feminino segue escassa. Esse questionamento não é contemporâneo, nem recente. Em 1977, Susana Torre foi responsável pela curadoria e organização da exposição e catálogo *Women in American Architecture: A Historic and Contemporary Perspective*⁷⁸. A exposição mostrou a biografia e carreira de várias arquitetas e destacou o importante papel desempenhado pelas mulheres na profissão, em projetos de edificações, projetos urbanos, projetos de curadoria, formação da crítica especializada da área.

Um dos primeiros reconhecimentos dados à Charlotte Perriand foi com a exposição de sua obra no Museu das Artes Decorativas de Paris em 1985, intitulada *Charlotte Perriand an art de vivre*⁷⁹. Posteriormente, em 1998, houve outra exposição dedicada a sua obra no Museu de Design de Londres, coincidindo com a publicação de sua autobiografia *Une vie de création* (1998). Em 2005, o Centre Georges Pompidou realizou uma retrospectiva de sua obra que ocupou parte do sexto andar do edifício; em 2010, o Museu do Design (Museum für Gestaltung) de Zurique, exibiu a exposição *Charlotte Perriand: design, fotografia, ativismo*, com a curadoria de Arthur Rüegg e Andres Janser; e, em 2019, a Fundação Louis Vuitton exibiu a mostra *Charlotte Perriand: Inventing a new World*⁸⁰, para marcar os vinte anos de falecimento da arquiteta.

O Centre Georges Pompidou também expôs, em 2013, a obra completa de Eileen Gray⁸¹, em uma retrospectiva inédita que percorreu sua obra arquitetônica, desenhos de mobiliários, pinturas e fotografias. Organizada por Matilda McQuaid, em 1996, o Museu de arte Moderna de Nova York (MoMA) apresentou o

78 A organização da exposição e publicação do seu catálogo foi discutido no item 1.1.1 desse capítulo.

79 Disponível em: <https://www.centrepompidou.fr/cpv/resource/cGjXdk>. Acessado em 28/01/2020.

80 Disponível em: <https://www.fondationlouisvuitton.fr/en/events/charlotte-perriand-inventing-a-new-world>. Acessado em: 15/01/2022.

81 Disponível em: https://www.centrepompidou.fr/cpv/ressource.action?param.id=FR_R-c34d7a15bad11bf68dfbac4c36fdd7f6¶m.idSource=FR_E-c34d7a15bad11bf68dfbac4c36fdd7f6. Acessado em 28/01/2020.

trabalho e contribuição de Lilly Reich, denominada *Lilly Reich: Designer and Architect*⁸². E, em 2013, o Instituto de Arte Contemporânea da Universidade da Pensilvânia abriu a exposição destinada à obra de Anne Tyng, nomeada *Anne Tyng: Inhabiting Geometry*⁸³.



Figura 47: Exposição *Lina Bo Bardi: Habitat*, 2019.
Fonte: <https://masp.org.br/exposicoes/lina-bo-bardi-habitat>. Feita por: Eduardo Ortega



Figura 48: Exposição *Lina Bo Bardi: Habitat*, 2019.
Fonte: <https://masp.org.br/exposicoes/lina-bo-bardi-habitat>. Feita por: Eduardo Ortega

No Brasil, a atuação do Museu de Arte de São Paulo (MASP) precisa ser destacada. Quando, em 2017, o coletivo *Guerrilla Gilrs*⁸⁴ colocou no pôster de divulgação de sua exposição a seguinte pergunta: *As mulheres precisam estar nuas para entrar no Museu de Arte de São Paulo?*⁸⁵, o grupo informou que apenas 6% dos artistas presentes nas seções de arte moderna do MASP eram mulheres, mas que 60% dos nus eram femininos, escancarando a enorme disparidade entre os gêneros dos artistas que estavam em exposição no museu. Em 2019, o museu teve um ano dedicado à reflexão dos valores de gênero dentro da história da arte e da arquitetura: o eixo temático *História das mulheres, histórias femininas*⁸⁶ foi pauta do programa das exposições que ocorreram ao longo do ano no museu. A exposição da obra da arquiteta Lina Bo Bardi, *Lina Bo Bardi: Habitat*⁸⁷, fez parte desse eixo temático.

As Bienais Internacionais de Arquitetura assumem importante papel na divulgação dos trabalhos, pesquisas e questionamentos contemporâneos da arquitetura e urbanismo. A Bienal de Arquitetura de Veneza talvez seja o evento de arquitetura que tenha maior destaque entre os profissionais da área. Embora a arquitetura fizesse parte da Bienal de Arte de Veneza desde 1968, a Bienal de Arquitetura foi oficialmente estabelecida em 1980. Desde então, já contou com a curadoria de arquitetos renomados como

82 Disponível em: <https://www.moma.org/calendar/exhibitions/278?locale=en>. Acessado em 28/01/2020.

83 Disponível em: <https://icaphila.org/exhibitions/anne-tyng-inhabiting-geometry/>. Acessado em 28/01/2020.

84 A Guerrilla Girls é um coletivo de artistas, ativista e feministas. Tem como princípio a manutenção do anonimato de seus membros para que o foco seja mantido nos temas discutidos pelo coletivo e não focado em figuras individuais. Disponível em: <https://www.guerrillagirls.com/about>. Acessado em 30/01/2020.

85 Disponível em: <https://masp.org.br/exposicoes/guerrilla-girls-grafica-1985-2017>. Acessado em 29/01/2020.

86 Foram realizadas exposições monográficas de Djanira da Motta e Silva (*Djanira: a memória de seu povo*), Tarsila do Amaral (*Tarsila Popular*), Anna Bella Geiger (*Anna Bella Geiger: Brasil Nativo/Brasil Alienígena*), Leonor Antunes (*Leonor Antunes: Vazios, intervalos e juntas*), Gego (*Gego: a linha emancipada*) e duas mostras coletivas internacionais, intituladas *Histórias Feminista: Artistas depois de 2000* e *História das Mulheres: Artistas até 1900*.

87 Mostra dedicada à vida e à obra da arquiteta Lina Bo Bardi, responsável pelo projeto de dois edifícios icônicos de São Paulo: o MASP e o Sesc Pompeia. A mostra buscou posicionar Lina como uma intelectual polivalente e multidisciplinar e uma verdadeira pensadora da cultura de seu tempo. Disponível em: <https://masp.org.br/exposicoes/lina-bo-bardi-habitat>. Acessado em 29/01/2020.

Aldo Rossi, Massimiliano Fuksas, Kazuyo Sejima, David Chipperfield, Rem Koolhaas, Yvonne Farrell e Shelley McNamara, entre outros, contando com público de visitantes superior a 100 mil pessoas.

Durante a abertura do evento em 2018, mais de 100 arquitetas realizaram um protesto contra a discriminação de gênero na arquitetura⁸⁸. O protesto foi liderado pelas arquitetas Martha Thorne, Caroline James, Odile Decq e Fashid Moussavi. Thorne, diretora executiva do Prêmio Pritzker, iniciou o protesto com a leitura de um manifesto, intitulado *Voices of Women*. O texto destaca que as mulheres não são minoria numérica no mundo, mas são minoria entre os reconhecidos no campo da arquitetura e urbanismo, pede que a arquitetura seja um reflexo melhor do mundo e que tenha mais representatividade. A mobilização também prestou homenagem às curadoras do evento de 2018, as arquitetas Yvonne Farrell e Shelley McNamara.

A pesquisadora Ana Paula Cavalcanti Simioni⁸⁹ escreveu, em seu artigo *Modernas em museus: uma consagração tardia* (2019), que durante as décadas de 1930 e 1940 a artista plástica Tarsila do Amaral ocupou um lugar secundário nos meios artísticos paulistanos. Tal situação começou a se transformar em 1951, após sua primeira retrospectiva no MAM-SP. Em 1972, com a comemoração dos 50 anos da Semana de 22, Tarsila foi consagrada como sua musa, mesmo sem ter participado do evento. A especulação do mercado em torno da produção da artista a colocaram num lugar de destaque da cultura brasileira.

Simioni (2019) afirma que “o caso de Tarsila é indicativo do quanto há de histórico no processo de reconhecimento das e dos artistas, respondendo a valores, sensibilidades e questões que mudam ao longo do tempo”⁹⁰. A autora mostra como são frágeis os parâmetros estabelecidos pela historiografia e crítica da arte para determinar a qualidade das obras, explicar as inclusões ou exclusões das construções narrativas. Destaca que as instituições que, nos anos 1940, não notaram o valor do trabalho de Tarsila, passaram a considerá-la um dos nomes mais importantes do modernismo global, ou seja, houve uma mudança da percepção coletiva sobre a artista e sua obra.

Simioni (2019) também afirma que no campo das artes plásticas “os museus ocupam um lugar duplo: são tanto resultado de processos sociais mais amplos quanto promotores de novas proposições, leituras e construções narrativas”⁹¹. No campo da arquitetura, algumas arquitetas, mesmo que tardiamente, conquistaram suas posições de destaque⁹². A promoção desigual do trabalho realizado por arquitetas, tanto em exposições quanto em bienais, mostra que este ainda é um espaço que precisa ser reivindicado. Outro espaço de destaque da profissão são as publicações especializadas de arquitetura e urbanismo, no seguinte capítulo será apresentado um breve histórico sobre as revistas especializadas nacionais e internacionais, sua importância para a historiografia da arquitetura e o resultado dos levantamentos feitos em duas revistas especializadas nacionais.

88 Nenhum site brasileiro, especializado de arquitetura, publicou a faz alguma menção do protesto realizado pelas arquitetas. Em busca realizada no Google o único veículo nacional que fez reportagem a respeito do evento foi a Gazeta do Povo. Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/haus/arquitetura/arquitetas-protestam-contradesigualdade-de-genero-na-bienal-de-veneza/>. Acessado em: 06/01/2022.

89 Ana Paula Cavalcanti Simioni é livre-docente em sociologia da arte pela Universidade de São Paulo. O artigo “*Modernas em museus: uma consagração tardia*” (2019) foi escrito a partir de apresentação no terceiro seminário *Histórias das mulheres, histórias feministas*, realizado no MASP, no dia 05/05/2019.

90 SIMIONI, Ana Paula Cavalcanti. *Modernas em museus: uma consagração tardia* (2019). In: PEDROSA, Adriano; CARNEIRO, Amanda; MESQUITA, André (Org.). *História das mulheres, histórias feministas: antologia*. São Paulo: MASP, 2019, p. 496.

91 SIMIONI, Ana Paula Cavalcanti. *Modernas em museus: uma consagração tardia* (2019). In: PEDROSA, Adriano; CARNEIRO, Amanda; MESQUITA, André (Org.). *História das mulheres, histórias feministas: antologia*. São Paulo: MASP, 2019, p. 496.

92 Coloco essa afirmação com ressalvas porque acredito que é necessário ter cuidado para que a presença das arquitetas que alcançaram posições de destaque não seja utilizada como desculpa para justificar o ofuscamento de outras tantas profissionais.

**AS REVISTAS,
PUBLICAÇÕES
ESPECIALIZADAS E
A VISIBILIDADE E O
RECONHECIMENTO
DAS ARQUITETAS**

02

Ana Gabriela Godinho Lima (1999) dedica um capítulo de sua dissertação de mestrado às mulheres críticas, historiadoras e teóricas da arquitetura. Amplamente excluídas da profissão, foi na escrita que muitas mulheres encontraram um caminho por onde atuar na arquitetura. Lima cita algumas profissionais latino americanas que se destacaram por seu trabalho desenvolvido exclusivamente na área teórica: a argentina Marina Waisman, a colombiana Sílvia Arango e a mexicana Louise Noelle Gras de Mereles. A autora apresenta importante levantamento sobre as publicações especializadas latino americanas e dá ênfase aos periódicos que eram comandados por mulheres. A arquiteta finaliza o capítulo destacando a importância das mulheres para a formação da crítica arquitetônica na América Latina.

As revistas especializadas são as grandes propagadoras da profissão: divulgam os prêmios e eventos; fazem entrevistas; publicam projetos e pensamentos. Os periódicos podem operar como agentes de mudança: dão ou tiram valor de projetos, obras ou debates, a partir da contribuição da crítica contida em suas páginas. O fato de muitas arquitetas dedicarem-se à crítica da arquitetura e atuarem como editoras ou jornalistas nas revistas especializadas não fez com que o debate de gênero ou a exclusão das arquitetas na profissão viessem à tona nas páginas dos periódicos. Por muito tempo foi um assunto isolado do *mainstream* da profissão, tido como menos valoroso que outros temas e debates. Os levantamentos que serão mostrados ao longo do capítulo provam com números a afirmação acima. No entanto, há que ser mencionado que nos últimos cinco anos o debate sobre a contribuição das arquitetas na profissão ocupa cada vez mais as páginas das revistas e *sites* especializados.

2.1

A CONSTRUÇÃO DAS NARRATIVAS ATRAVÉS DAS REVISTAS ESPECIALIZADAS

2.1.1 REVISTAS E PERIÓDICOS COMO FONTES HISTÓRICAS

A historiadora Tania Regina de Luca, em seu artigo *História dos, nos e por meio dos periódicos*⁹³ (2008), afirma que os periódicos passaram a ser aceitos como fontes históricas quando a própria disciplina de história foi revista. Segundo a autora, a introdução de estudos interdisciplinares junto à sociologia, antropologia e linguística, somados ao interesse, por parte dos pesquisadores, em contar a história a partir de novos narradores, a história dos oprimidos, história das mulheres, história das crianças, fez com que os historiadores passassem a buscar novas fontes históricas.

As revistas e periódicos tiveram papel fundamental na formulação, discussão e articulação de concepções, processos e práticas culturais. São espaços para textos curtos e provocativos, além de atuarem como intermediários entre o conhecimento acadêmico e o grande público. Ana Maria de Almeida Camargo (1971) afirma que os periódicos são os documentos que dão aos historiadores a medida mais aproximada da consciência que se tem de uma época e seus problemas. Afirma, também, que apresentam sempre uma visão parcial e subjetiva da realidade, uma vez que não há distanciamento temporal entre os narradores e os fatos narrados (CAMARGO, 1971)⁹⁴.

Os periódicos, como instrumento de expressão de um olhar parcial, foram tema de pesquisa das historiadoras Maria Helena Capelato e Maria Ligia Prado, apresentada no livro *O Bravo Matutino. Imprensa e Ideologia: O Jornal O Estado de S. Paulo* (1980). As autoras partiram do estudo do jornal *O Estado de S. Paulo* como fonte única de investigação e análise crítica e entenderam a imprensa como instrumento de manipulação e intervenção na vida social, negando seu papel de transmissor imparcial e neutro dos acontecimentos. A historiadora Tania Regina de Luca (2008) afirma que:

O pesquisador dos jornais e revistas trabalha com o que se tornou notícia, o que por si só já abarca um espectro de questões, pois será preciso dar conta das motivações que levaram à decisão de dar publicidade a alguma coisa. Entretanto, ter sido publicado implica atentar para o destaque conferido ao acontecimento, assim como para o local em que se deu a publicação: é muito diverso o peso do que figura na capa de uma revista semanal ou na principal manchete de um grande matutino e o que fica relegado às páginas internas. (LUCA, 2008, p.140)

93 LUCA, Tania Regina de. *História dos, nos e por meio dos periódicos*. In: PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). *Fontes Históricas*. São Paulo: Contexto, 2008, v. 1, pp. 111-153.

94 CAMARGO, Ana Maria de Almeida. *A Imprensa periódica como fonte para a História do Brasil*. In: *Anais do V Simpósio Nacional dos Professores Universitários de História, 1969, Campinas*. São Paulo 1971. pp. 225-239.

Os jornais e revistas reúnem um conjunto de indivíduos, o que os torna projetos coletivos: sua linha editorial, seus colaboradores mais assíduos, seus proprietários e público alvo, seu tempo de duração e periodicidade das publicações, sua organização interna e apresentação externa (tipografia, tipo de papel, ilustrações, imagens) “sugerem uma série de indagações e contêm uma carga informativa extremamente eloquente ao olhar histórico”⁹⁵. Pierre Bourdieu (2004), afirma que a publicação é o ato de oficialização por excelência⁹⁶, a arquitetura encontrou nas revistas especializadas o meio legal para divulgar e legitimar o pensamento de uma época.

Dessa forma, o estudo das publicações revela o que foi valorizado pela equipe editorial, o material disponibilizado aos arquitetos, professores, alunos (público) e parte do que foi produzido e construído. A utilização das revistas como fonte de pesquisa não se limita a extrair um ou outro texto de autores isolados, “mas antes realizar a análise circunstanciada do seu lugar de inserção e delinear uma abordagem que faz dos impressos, a um só tempo, fonte e objeto de pesquisa historiográfica, rigorosamente inseridos na crítica competente”⁹⁷.

95 DEDECCA, Paula Gorenstein. *Sociabilidade, Crítica e Posição: o meio arquitetônico, as revistas especializadas e o debate do moderno em São Paulo (1945-1965)*. Dissertação (Mestrado) - Curso de Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, História e Fundamentos da Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012. p. 26. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/16/16133/tde-10072012-130257/pt-br.php>. Acessado em: 03/10/2021.

96 BOURDIEU, Pierre (2004). *Coisas ditas*. São Paulo: Brasiliense, 2004.

97 LUCA, Tania Regina de. *História dos, nos e por meio dos periódicos*. In: PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). *Fontes Históricas*. São Paulo: Contexto, 2008, v. 1, p. 141.

2.1.2 O PAPEL DAS PUBLICAÇÕES ESPECIALIZADAS DE ARQUITETURA E URBANISMO

De Vitruvius a Peter Eisenman, arquitetos contaram com textos para promover seu trabalho, explicar suas teorias, documentar suas carreiras e glorificar suas vidas na tentativa de garantir seus lugares na história. Afinal, a palavra escrita atinge um público muito maior e dura muito mais do que edifícios, e não está sujeita as devastações dos elementos, economia e mudanças nas necessidades sociais. (FAVRO, 1996, p. 295)⁹⁸

O texto de apresentação da publicação, *Revistas, Arquitectura, y Ciudad: Representaciones en la Cultura Moderna* (2013), organizada por Horacio Torrent, explica que as revistas especializadas de arquitetura e urbanismo foram fundamentais para “a constituição do mundo das ideias da arquitetura e urbanismo modernos”⁹⁹. Mario Guidoux Gonzaga e Karine de Vargas Soares (2016)¹⁰⁰ afirmam que no começo do século XX as revistas culturais foram amplamente utilizadas para a publicação de novas ideias. “As novas expressões e a crítica se utilizaram muito mais dos periódicos do que dos livros, por uma questão de temporalidade, de agilidade editorial e da abrangência de difusão”¹⁰¹.

As questões mais polêmicas sobre a arquitetura moderna brasileira de meados do século XX vieram de debates e publicações trazidos pelas revistas especializadas (TINEM, 2010). Silvana Rubino (2008) destaca que boa parte dos debates sobre a arquitetura do século XX correram por escrito:

Pensem em dois momentos cruciais, a emergência do chamado movimento moderno nos anos 1910-20 e do pós-modernismo em meados dos anos 1960, e não há como negligenciar a importância dos textos, artigos e manifestos. Textos que debatiam com textos e com projetos, concursos concluídos com resultados diversos. Revistas que representavam polos distintos de disputas por classificações e eleições. Modernos versus tradicionalistas, nacionalistas versus cosmopolitas, racionalista versus organicistas: foi por escrito que parte dessa luta simbólica, que forjou a trama da arquitetura dos últimos cem anos, foi tecida, reforçada e esgarçada. (RUBINO, 2008, p. 21)¹⁰².

As revistas, que muitas vezes eram editadas pelos próprios artistas/arquitetos, faziam a

98 FAVRO, Diane. *The pen is mightier than the Building: writing on architecture 1850-1940*. In: AGREST, Diana; CONWAY, Patricia; WEISMAN, Leslie Kanes. *The Sex of Architecture*. New York: Harry N. Abrams, 1996. pp. 295-308. Tradução da autora: *From Vitruvius to Peter Eisenman, Architects have relied on texts to promote their work, explain their theories, document their careers, and glorify their lives in an attempt to ensure their places in history. The written word, after all, reaches a far larger audience and endures far longer than place-bound buildings, and it is not subject to the ravages of the elements, economics, and changing social needs.*

99 TORRENT, Horacio. Apresentação. In: TORRENT, H. (Ed.). *Revistas, Arquitectura, y Ciudad: Representaciones en la Cultura Moderna*. Santiago de Chile: T6 Ediciones, 2013, p. 7. Tradução da autora.

100 GONZAGA, Mario Guidoux; SOARES, Karine de Vargas. *Narrativas Editoriais: contrastes entre publicação de livros e revistas*. In: Anais do XI DOCOMOMO_BR, 2016, Recife. p. 1-10. Disponível em: http://seminario2016.docomomo.org.br/artigos_publicacao/DOC0_PE_GONZAGA_SOARES.pdf. Acessado em: 25/09/2021.

101 SOBREIRA, Fabiano José Arcadio. *Dinâmicas do jogo: concursos de arquitetura em revista: 1935 a 1971*. Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Programa de Pós-Graduação, Universidade de Brasília, Brasília, 2018. p. 31. Disponível em: <https://repositorio.unb.br/handle/10482/34837>. Acessado em: 01/10/2021.

102 RUBINO, Silvana. *A escrita de uma arquitetura*. In RUBINO, Silvana; GRINOVER, Marina (Org.). *Lina por escrito. Textos escolhidos de Lina Bo Bardi*. São Paulo: Cosac Naify, 2009, pp. 19-40.

divulgação e promoção de seus ensaios e trabalhos. Em 1921, Le Corbusier e Amadée Ozenfant criaram a revista *L'Esprit Nouveau*, que tinha como objetivo a publicação de manifestos e artigos vinculados às artes e arquitetura que, provavelmente, não teriam espaço nas revistas francesas do começo da década de 1920 (GONZAGA; SOARES, 2016). Nos primeiros anos da revista, Le Corbusier publicou uma série de artigos que resultaram na publicação de seu livro, *Por uma Arquitetura* em 1923, considerado um dos livros mais influentes da história da arquitetura moderna. Mario Guidoux Gonzaga e Karine de Vargas Soares (2016) destacam que:

A publicação dos artigos encartados em *L'Esprit Nouveau* permitiu que Le Corbusier não apenas testasse suas ideias separadamente antes de juntá-las em formato de livro, mas também exercesse controle sobre a maneira como o texto seria apresentado. (...) Estas sutilezas – e a atenção a todos os aspectos da publicação – só foram possíveis graças ao controle exercido por Le Corbusier durante todo o processo. (GONZAGA; SOARES, 2016, p. 3)

As revistas criadas e editadas pelos próprios arquitetos ou grupo de arquitetos apresentavam não só o controle sobre a publicação periódica, foram também espaços responsáveis por criarem terrenos para a produção arquitetônica. Na década de 1960, emergiu uma nova categoria de revista especializada de arquitetura e urbanismo de vanguarda: as *Little Magazines*. O termo *Little Magazine* foi originalmente usado para designar um grupo de revistas, predominantemente, literárias do início do século XX que tinham como missão publicar arte, literatura e teoria social realizadas por escritores progressistas. No final dos anos 1960, o termo passou a ser utilizado por críticos de arquitetura para denominar os periódicos arquitetônicos independentes que surgiram em resposta às mudanças políticas, sociais e artísticas do período (COLOMINA; BUCKLEY, 2010).

Essas publicações não representavam apenas um espaço de construção da crítica de arquitetura, eram locais de produção arquitetônica propriamente dito, desafiando a construção de edifícios como o principal local de experimentação e debate arquitetônico (COLOMINA; BUCKLEY, 2010). Nesse contexto, um grupo de jovens arquitetos de Londres fundou uma revista homônima: *Archigram*. “A revista *Archigram* se tornaria a própria obra do grupo (...) documentos que guardam a história de uma arquitetura que respondia ao brutalismo do pós-guerra”¹⁰³.

As publicações assumiram projetos culturais e disciplinares; foram responsáveis por constituírem um campo disciplinar. Horacio Torrent (2013) ressalta que, durante o século XX, as revistas especializadas assumiram o papel que os tratados tinham para a arquitetura clássica: difundiram conceitos, imagens e formas, com objetivo de produzirem transformações nos modos de pensar e fazer arquitetura e cidades. Nelci Tinem (2010) afirma que as revistas especializadas do século XX garantiram uma sobrevida ao projeto moderno e consolidaram a versão hegemônica da arquitetura moderna brasileira. A autora coloca as publicações especializadas como elementos pré canônicos, capazes de gerar muitas versões de uma mesma história, trazendo importante suporte documental do patrimônio moderno¹⁰⁴.

As revistas especializadas de arquitetura tornaram-se um recurso privilegiado para entender os

103 GONZAGA, Mario Guidoux; SOARES, Karine de Vargas. *Narrativas Editoriais: contrastes entre publicação de livros e revistas*. In: Anais do XI DOCOMOMO_BR, 2016, Recife. p. 3. Disponível em: http://seminario2016.docomomo.org.br/artigos_publicacao/DOC_PE_GONZAGA_SOARES.pdf. Acessado em: 25/09/2021.

104 TINEM, Nelci. *As revistas de arquitetura como documentos pré-canônicos*. In: Anais do I ENANPARQ. *Arquitetura, Cidade, Paisagem e Território: Percursos e Prospectivas*. Rio de Janeiro: PROURB, 2010. v. único. Disponível em: <http://www.enanparq.org.br/dvd-enanparq/simposios/169/169-678-1-SP.pdf>. Acessado em 20/09/2021.

modos de pensar e atuar que caracterizam os diferentes momentos da cultura arquitetônica. Situada entre o panfleto e o livro, a partir delas podemos entender o que foi valorizado durante determinada época, onde o juízo histórico é substituído pelo juízo crítico, produzido no fervor do momento, sem a distância temporal necessária para que haja uma justa interpretação dos fatos (TINEM, 2010).

Suas publicações são um retrato das escolhas éticas, estéticas e ideológicas, das formas como seus editores e diretores enxergavam o mundo e das intenções de transformações que pretendiam causar em seus leitores (TORRENT, 2013). As revistas de arquitetura são “importantes registros para a historiografia da disciplina e da profissão (...) e, por isso, importantes fontes de pesquisa”¹⁰⁵. O estudo e a pesquisa das revistas como fontes documentais permite um olhar complementar para a história da arquitetura.

2.1.3 REVISTAS ESPECIALIZADAS NACIONAIS: BREVE CONTEXTUALIZAÇÃO

Segundo Diane Favro¹⁰⁶ (1996), no contexto norte americano, os primeiros textos relacionados à arquitetura eram pragmáticos, destinados a amadores que planejavam construir alguma coisa por conta própria. No entanto, como destaca a autora, no final do século XIX, escrever sobre arquitetura mudou de caráter e de objetivo: os arquitetos passaram a escrever para exaltar a disciplina como uma arte e/ou ciência e os próprios profissionais arquitetos como gênios artistas independentes, criadores de obras primas (FAVRO, 1996).

A primeira edição da revista inglesa *Architectural Review* foi publicada em 1896, com objetivo de competir com os periódicos de Arte da Europa e da América. Hoje, é a revista de arquitetura mais antiga em circulação. A revista francesa *L'Architecture d'Aujourd'hui* foi fundada em 1930 por André Bloc e Marcel Eugène Cahen. Associada ao Movimento Modernista, a revista publicou projetos e artigos; promoveu debates em torno do ideal moderno; foi uma das principais revistas internacionais que publicou projetos de arquitetos brasileiros e colocou a arquitetura modernista brasileira no radar mundial (TINEM, 2010). Hoje, é a revista de arquitetura francesa mais antiga em circulação.

Segundo Gonzaga e Soares (2016), no contexto brasileiro, as primeiras revistas especializadas de arquitetura assumiram uma dupla função: (1) foram veículos importantes para o amadurecimento da profissão, uma vez que somente na década de 1940 foram criados os primeiros cursos de graduação em arquitetura e urbanismo no Brasil dissociados do curso de engenharia civil. E, também, (2) foram responsáveis para a difusão e afirmação de uma arquitetura moderna brasileira (GONZAGA; SOARES, 2016). Paula Gorenstein Dedecca (2012) destaca, em sua dissertação de mestrado, que “até junho de 1963, tinham sido publicadas no Brasil trinta revistas de arquitetura,

105 SOBREIRA, Fabiano José Arcadio. *Dinâmicas do jogo: concursos de arquitetura em revista: 1935 a 1971*. Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Programa de Pós-Graduação, Universidade de Brasília, Brasília, 2018. p. 49. Disponível em: <https://repositorio.unb.br/handle/10482/34837>. Acessado em: 01/10/2021.

106 Diane Favro é professora emérita do Departamento de Arquitetura e Desenho Urbano da Universidade da Califórnia, Los Angeles (UCLA). Autora dos livros: *Streets: Critical Perspectives on Public Space* (1996) *The Urban Image of Austan Rome* (1998) e *Roman Architecture and Urbanism: From the Origins to Late Antiquity* (2019).

sendo dezoito cariocas, nove paulistas, duas de Belo Horizonte e uma de Porto Alegre”¹⁰⁷.

Sobreira (2018) pontua que entre a década de 1920 e início da década de 1930 os jornais diários eram os principais veículos de manifestação da crítica e das vanguardas no Brasil. A revista *Architectura no Brasil* (1921-1926) era o principal periódico especializado do período e “tinha como enfoque a expressão ‘acadêmica’, o ecletismo e o neocolonial”¹⁰⁸. A primeira revista especializada nacional, dedicada ao ideal moderno, foi a *Revista Municipal de Engenharia*, editada a partir de 1932, coordenada por Carmen Portinho.

A edição nº 295¹⁰⁹, comemorativa de 25º aniversário da revista *Acrópole*, publicada em junho de 1963, apresenta uma linha do tempo expondo todas as revistas de arquitetura nacionais por ordem do ano de lançamento de suas primeiras edições. A publicação mostra que as primeiras revistas foram fundadas na década de 1920, entre elas há que se destacar a revista titulada *A Casa*, que ficou em circulação por 26 anos, de 1926 a 1949, e teve um total de 304 edições publicadas. A própria revista *Acrópole* foi fundada em 1938 e ficou em circulação até 1971, totalizando 391 edições publicadas. O que chama a atenção nessa linha do tempo é o fato que foram poucas as revistas que tiveram mais de cinco anos de circulação antes de serem encerradas. “A vida curta de várias destas iniciativas demonstra que, apesar de tal efervescência, não eram estáveis suas condições de produção”¹¹⁰.

107 DEDECCA, Paula Gorenstein. *Sociabilidade, Crítica e Posição: o meio arquitetônico, as revistas especializadas e o debate do moderno em São Paulo* (1945-1965). Dissertação (Mestrado) - Curso de Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, História e Fundamentos da Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012. p. 78. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/16/16133/tde-10072012-130257/pt-br.php>. Acessado em: 03/10/2021.

108 SOBREIRA, Fabiano José Arcadio. *Dinâmicas do jogo: concursos de arquitetura em revista: 1935 a 1971*. Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Programa de Pós-Graduação, Universidade de Brasília, Brasília, 2018. p. 49. Disponível em: <https://repositorio.unb.br/handle/10482/34837>. Acessado em: 01/10/2021.

109 Disponível em: <http://www.acropole.fau.usp.br/edicao/295>. Acessada em: 04/01/2022.

110 DEDECCA, Paula Gorenstein. *Sociabilidade, Crítica e Posição: o meio arquitetônico, as revistas especializadas e o debate do moderno em São Paulo* (1945-1965). Dissertação (Mestrado) - Curso de Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, História e Fundamentos da Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012. p. 80. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/16/16133/tde-10072012-130257/pt-br.php>. Acessado em: 03/10/2021.

Damos abaixo uma visão de todas as revistas de arquitetura até agora editadas no Brasil. Os clichês mostram, na maior parte, o 1.º número de cada publicação; onde impossível consegui-lo, um dos primeiros. Após o nome, consta a cidade onde foram ou são editadas, data do início e do fim de circulação; nas revistas que continuam em curso, um traço. Segue, entre parêntesis, o número de edições até o fim de publicação, ou os números vindos a lume até junho, 1963. Finalizando os dados, o nome do proprietário (P), os diretores (D) na época de fundação, e o formato.



Arquitetura no Brasil
Rio de Janeiro
Outubro, 1921 - 1926 (29)
P. M. Moura Brasil da Amaral
31 x 23 cm



A Construção em São Paulo
São Paulo
Dezembro, 1923 - 1926 (20)
P. Barros, Ekinas & Cia. Ltda.
32 x 23 cm (circula em S. P., desde fevereiro, 1948, uma publicação semanal com o mesmo nome)

A Casa
Rio de Janeiro
Dezembro, 1923 - 1949 (304)
P. Arq. Ricardo Wriedt
27 x 19 cm



Arquitetura e Construções
São Paulo
Agosto, 1929 - 1932 (30)
P. Eng. Júlio Capua (Instituto Paulista de Arquitetos); D. Arqs. Christiano das Neves, Dacio A. de Moraes, Engs. Antonio Ippolito e Arthur Motto
31 x 23 cm



Revista de Arquitetura
Rio de Janeiro
Maio, 1934 - 1944 (64)
P. Diretório da Escola Nacional de Belas Artes; D. Levi Autran e Paulo Mota
26 x 19 cm



Arquitetura e Urbanismo
Rio de Janeiro
Maio, 1936 - Dez. 1940 (30)
P. Instituto de Arquitetos do Brasil; D. Cipriano Lemos
30 x 22 cm

Urbanismo e Viação
Rio de Janeiro
1938 - 1943 (26)
P. Engs. F. Baptista de Oliveira, Armando C. Silva e Edmundo Lyn
27 x 19 cm



Acropole
São Paulo
Maio, 1938 - (294)
P. Roberto Corrêa de Brito (1938-1952); Max e Manfred Grunwald (1953); D. Arqs. Alfredo E. Becker, Cyro R. Pereira, Eduardo Kneese de Mello e Walter S. Kneese
30 x 22 cm



Figura 49: Linha do tempo das revistas especializadas brasileiras, publicada na revista Acrópole nº 295, 1963.
Fonte: <http://www.acropole.fau.usp.br/edicao/295>



Ante-Projeto
Rio de Janeiro
1945 - 1959 (4)
P: Diretório Acadêmico de Arq. da Faculdade Nac. de Arq.; D: Edgar Graeff, Marcos Jaimovich e Norberto Rizzo
32 x 24 cm



Arquitetura e Engenharia
Belo Horizonte
Maio, 1946 - (65)
P: Geraldo G. Castro
31 x 23 cm

Arquitetura
Belo Horizonte
1947 - 1951 (12)
P: Diretório Acadêmico da Escola de Arq. da U.M.G.; D: João K. de Figueiredo, Helcio S. Tito, Claudio C. P. de Silva e Jefferson Lodi
27 x 18 cm



Pilota
São Paulo
1949 - 1949 (3)
P: D: Carlos Milán, Jorge Wilhelm, Paolo Tagliacozzo, Roberto C. Franco, Salvador Cardia e Sidney da Fonseca
32 x 23 cm



Habitat
São Paulo
Outubro, 1950 - (70)
P: Habitat Editora Ltda.; D: Arq. Lina Bo Bardi
32 x 23 cm



Brasil Arquitetura Contemporânea
Rio de Janeiro
Agosto, 1953 - 1958 (13)
P: Edições Contemporâneas Ltda.; D: Joaquim de A. Mattos e Maria Barato
30 x 23 cm

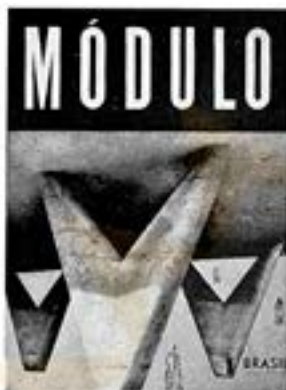
AD
São Paulo
Agosto, 1953 - Março, 1958 (27)
P: Expedito G. Castro; D: Arq. Edvardo Corona
30 x 22 cm



Forma
Rio de Janeiro
Junho, 1954 - Abril, 1955 (5)
P: Luiza E. Massena
28 x 23 cm



Figura 50: Linha do tempo das revistas especializadas brasileiras, publicada na revista Acrópole nº 295, 1963.
Fonte: <http://www.acropole.fau.usp.br/edicao/295>



Módulo
Rio de Janeiro
Março, 1955 - (32)
P: Editora Módulo Ltda.
D: Joaquim Cardozo, Oscar Niemeyer, Rodrigo M. F. Franco, Rubem Braga e Zenon Leal
34 x 26 cm (mudou em 1959 para 30 x 23)



Brasília
Rio de Janeiro
Janeiro, 1957 - Abril, 1961 (52)
P: Cia. Urbanizadora da Nova Capital
28 x 22 cm

IAB
Rio de Janeiro
Janeiro, 1958 - Julho, 1959 (19)
P: Instituto de Arq. do Brasil, Dept. do Rio de Janeiro; D: J. R. Godoy Quintão
28 x 21 cm



Bem Estar
São Paulo
Fevereiro, 1958 - 1960 (4)
P: Gustavo N. da Rocha F.; D: Breno C. Nogueira
29 x 22 cm



Arquitetura Mackenzie
1958 - 1958 (2)
P: Direção Acadêmica da Fac. de Arq. Mackenzie; D: Geraldo C. Hungria, Decio F. de Almeida, Claus Bergner e Maurício N. Lima
32 x 24 cm



IAB
São Paulo
Julho, 1959 - Junho, 1961 (76)
P: Instituto de Arq. do Brasil, Dept. de São Paulo; D: Arq. Breno C. Nogueira
28 x 20 cm (publicado anteriormente - desde Janeiro, 1954 - como suplemento da Revista Acrópole)
28 x 20 cm



Espaço
Porto Alegre
1959 - (3)
P: Faculdade de Arq. e Urbanismo da U.R.G.S.; D: Arq. Edgar Graeff e Nelson Souza
30 x 22 cm



Guanabara
Rio de Janeiro
Maio, 1961 - (12)
P: Instituto de Arq. do Brasil, Dept. da Guanabara; D: Arqs. Maurício Roberto, Maurício S. N. Botina, Alfredo L. Brito, Carlos Ishikawa e Carlos E. Hime
30 x 24 cm (passou a denominar-se "Arquitetura" em Dezembro, 1962; tornou-se órgão do IAB nacional em Junho, 1963)



Figura 51: Linha do tempo das revistas especializadas brasileiras, publicada na revista Acrópole nº 295, 1963.
Fonte: <http://www.acropole.fau.usp.br/edicao/295>

Dedecca (2012) explica que as publicações estavam concentradas nas cidades de São Paulo e Rio de Janeiro, com seus corpos críticos formados, principalmente, por colaboradores não remunerados, que tinham a escrita e a crítica como hobby (DEDECCA, 2012). Ainda segundo a autora, a maioria dos trabalhos e projetos publicados estavam concentrados nas próprias cidades sede dos periódicos e muito do material escrito não era exclusivo das publicações. Alguns textos de projetos publicados eram elaborados pelos próprios arquitetos responsáveis pelo projeto, também eram publicados transcrições de entrevistas ou pronunciamentos ou textos já veiculados em outros jornais ou revistas estrangeiras. Por fim, Dedecca (2012) pontua que muito raramente os periódicos da década de 1950 dialogavam entre si. “As menções de uma à outra se restringem em noticiar algum conteúdo das últimas edições (...) e quase nunca manifestam desacordos ou interdições às opiniões expressas”¹¹¹.

As revistas especializadas da década de 1950 tinham diferentes caráter e público alvo, algumas estavam vinculadas a entidades de ensino, instituições ou órgãos de classe; outras com perfil mais comercial, podendo estar vinculadas também às artes plásticas, decoração ou engenharia. O número elevado de revistas especializadas, na segunda metade do século XX no Brasil, indica o crescente número de arquitetos no país e o alargamento das atividades exercidas pelos profissionais da área, multiplicando o público de interesse por esses periódicos (DEDECCA, 2012). Porém, esse cenário efervescente perdeu fôlego na década de 1960, quando muitas revistas encerraram suas edições em decorrência da ditadura militar iniciada com o golpe de 1964.

Após um ano do golpe militar, apenas duas revistas de arquitetura continuaram em circulação: a revista *Acrópole* e a revista *Arquitetura* editada pelo IAB do Rio de Janeiro. Em 1968, com o encerramento da revista *Arquitetura*, a revista *Acrópole* passou a ser a única revista especializada nacional em circulação, até 1971, quando foi encerrada¹¹². Foi um período de dois anos sem revistas especializadas nacionais, até 1973, quando as publicações voltaram a circular: *CJ Arquitetura* (1973-1978), *Módulo* (1975-1986), *Projeto* (1977-atual), *Pampulha* (1979-1984) e *Arquitetura e Urbanismo* (1985-atual). Abilio Guerra (2010)¹¹³ explica que o ressurgimento das publicações regulares na década de 1980 marcaram uma nova fase para os periódicos especializados nacionais, iniciando um processo de profissionalização do jornalismo em arquitetura, destacando as atuações profissionais de Ruth Verde Zein, Cecília Rodrigues dos Santos e Hugo Segawa.

Apesar das dificuldades iniciais enfrentadas pelas primeiras revistas especializadas nacionais, estas foram de extrema importância para a estruturação das mudanças do campo de intelectual e arquitetônico nacional. As revistas especializadas instalaram-se “(...) na rede de sociabilidade dos arquitetos, como uma de suas instâncias de articulação e debate, legitimação

111 DEDECCA, Paula Gorenstein. *Sociabilidade, Crítica e Posição: o meio arquitetônico, as revistas especializadas e o debate do moderno em São Paulo (1945-1965)*. Dissertação (Mestrado) - Curso de Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, História e Fundamentos da Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012. p. 85. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/16/16133/tde-10072012-130257/pt-br.php>. Acessado em: 03/10/2021.

112 GUERRA, Abilio. *A construção de um campo historiográfico*. In: I ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM ARQUITETURA E URBANISMO, 2010, Rio de Janeiro. Disponível em: <http://www.anparq.org.br/dvd-enanparq/simposios/103/103-252-1-SP.pdf>. Acessado em: 30/09/2021

113 DEDECCA, Paula Gorenstein. *Sociabilidade, Crítica e Posição: o meio arquitetônico, as revistas especializadas e o debate do moderno em São Paulo (1945-1965)*. Dissertação (Mestrado) - Curso de Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, História e Fundamentos da Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012. p. 86. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/16/16133/tde-10072012-130257/pt-br.php>. Acessado em: 03/10/2021.

e diferenciação”¹¹⁴; proporcionaram a articulação de grupos que uniram arquitetos de diferentes partes do Brasil, associações vinculadas à profissão, editores, críticos e colaboradores nacionais e internacionais; assumiram posicionamentos, publicaram entrevistas e ensaios que permitiram a profissionalização da crítica arquitetônica nacional.

2.1.4 ANÁLISE DE PERIÓDICOS ESPECIALIZADOS: CONTRIBUIÇÕES PARA AS PESQUISAS DE ARQUITETURA

Desde a realização do *I Encontro Nacional da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo - ENANPARQ* , em 2010, que as revistas especializadas são objeto de simpósios temáticos do evento: *Páginas da arquitetura moderna brasileira em revistas especializadas* (I ENANPARQ, 2010); *Fotografia como documento do patrimônio moderno* (II ENANPARQ, 2012); *Discursos visuais sobre arquitetura e a cidade: Viena, São Paulo, Brasília e Maceió em imagens fotográficas* (III ENANPARQ, 2014); *Palavras e imagens impressas: as publicações periódicas especializadas e sua contribuição para a pesquisa em arquitetura e urbanismo* (IV ENANPARQ, 2016); *Ideias em Revistas e Ideias Revista I e II* (V ENANPARQ, 2018).

Maria Beatriz Camargo Cappello e Maria de Fatima de Mello Barreto Campello (2016) publicaram, nos anais do IV ENANPARQ¹¹⁵, artigo em que apresentam um panorama geral sobre as pesquisas nacionais dedicadas à análise e estudos das publicações especializadas. As pesquisadoras explicam que as revistas funcionam como um termômetro de uma época, capazes de medir o calor e emoções dos debates em curso. Sendo assim, são importantes documentos que funcionam como fonte documental para estudos de debates e ideias. As autoras destacam que Yves Bruand foi o primeiro pesquisador a recorrer às publicações especializadas nacionais para escrever sua tese de doutorado sobre a arquitetura contemporânea no Brasil.

Cappello e Campello (2016) explicam que até o final dos anos 1980 os livros de Yves Bruand, Alberto Xavier, Sylvia Ficher e Marlene Acayaba, editados a partir das pesquisas em revistas, são referências fundamentais para o estudo da história da arquitetura moderna brasileira. As autoras enfatizam a importância das teses e dissertações realizadas na pós-graduação em teoria e história da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo de São Carlos, publicadas na década de 1990, sob orientação de Carlos Martins. Segundo Cappello e Campello (2016), as pesquisas debruçaram-se sobre as revistas especializadas, constituindo consideráveis contribuições para a historiografia da arquitetura moderna brasileira.

114 DEDECCA, Paula Gorenstein. Sociabilidade, Crítica e Posição: o meio arquitetônico, as revistas especializadas e o debate do moderno em São Paulo (1945-1965). Dissertação (Mestrado) - Curso de Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, História e Fundamentos da Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012. p. 86. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/16/16133/tde-10072012-130257/pt-br.php>. Acessado em: 03/10/2021.

115 CAPPELLO, Maria Beatriz Camargo; CAMPELLO, Maria de Fatima de Mello Barreto. *Palavras e imagens impressas: as publicações periódicas especializadas e sua contribuição para a pesquisa em Arquitetura e Urbanismo*. In: Anais do IV ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM ARQUITETURA E URBANISMO, 2016, Porto Alegre. Disponível em: <http://www.anparq.org.br/dvd-enanparq-4/SESSAO%2032/S32-00-CAPPELO,%20M.%20B;%20CAMPELLO,%20M.%20F.pdf>. Acessado em: 30/09/2021.

Em 1999, em sua dissertação de mestrado, apresentada no programa de pós-graduação da FAU-USP, com o título *Arquitetas e Arquitetura na América Latina do século XX*¹¹⁶, Ana Gabriela Godinho Lima faz levantamentos nas revistas especializadas de arquitetura e urbanismo latino americanas até o final da década de 1990, com o objetivo de mapear a produção das arquitetas que trabalharam como autoras ou coautoras de projetos, artigos e entrevistas publicados nos periódicos. Em sua pesquisa, Lima mostra a importante contribuição das arquitetas como parte do corpo teórico das publicações especializadas. A partir da divisão e organização dos periódicos em: *Revistas Universitárias; Revistas Comerciais; Revistas de Instituições; Revistas de Entidades Profissionais e Seção de Arquitetura de Periódicos*¹¹⁷, a pesquisadora destaca as publicações latino americanas que eram dirigidas ou coordenadas por mulheres.

Em 2005, Fernando Serapião apresentou sua dissertação de mestrado com o título *Arquitetura Revista: a Acrópole e os prédios de apartamentos em São Paulo. (1938-1971)*. Sua pesquisa, sobre os edifícios de apartamentos publicados nas edições da revista, mostrou a importância que a revista *Acrópole* teve para a divulgação da arquitetura produzida na época, além de registrar o vertiginoso crescimento da cidade de São Paulo. O artigo de Cappello e Campello (2016) destaca que no final da década de 2000 foram criados dois grupos de pesquisas, vinculados a universidades brasileiras, com interesse nos periódicos especializados: o *Laboratório de Pesquisa Projeto e Memória*, vinculado à Universidade Federal da Paraíba, coordenado por Nelci Tinem e *Arquitetura Moderna no Brasil – Recepção e Difusão nas Revistas de Arquitetura*, vinculado à Universidade Federal de Uberlândia, coordenado por Maria Beatriz Camargo Cappello.

São muitas as pesquisas que recorreram às revistas especializadas como fontes¹¹⁸. Livros, catálogos de exposições, teses e dissertações dispuseram das publicações das revistas especializadas para escreverem a história da arquitetura. A utilização dos periódicos especializados nas pesquisas contribui para o desenvolvimento de estudos com temáticas variadas. As diferentes metodologias aplicadas em cada investigação permitem a análise de textos, imagens, projetos publicados e publicidades; trazem referências de outros campos disciplinares; ampliam as formas de leituras e compreensão das publicações.

116 Ana Gabriela Godinho Lima defendeu sua dissertação, com o título *Arquitetas e Arquiteturas na América Latina do Século XX*, em 1999. No ano de 2013 a dissertação foi editada e publicada na forma de e-book pela editora Altamira, o e-book encontra-se disponível para download: https://femininoeplural.files.wordpress.com/2014/03/arquitetasalxx_final.pdf.

117 LIMA, Ana Gabriela Godinho. *Arquitetas e Arquitetura na América Latina no século XX*. E-book. Ed. São Paulo: Altamira, 2013, p.64.

118 Paula Gorenstein Dedecca (2012) lista, na página 27 de sua dissertação, algumas pesquisas e pesquisadores que utilizaram as revistas especializadas como objeto de estudo ou como ponto de partida para estabelecer os recortes de suas investigações.

2.2

ANÁLISE EDITORIAL DAS REVISTAS PROJETO DESIGN E AU

Ao fazer a apresentação do livro *Revistas, Arquitectura, y Ciudad: Representaciones en la Cultura Moderna* (2013), Horacio Torrent afirma que as revistas especializadas, através de suas publicações, congelaram as escolhas éticas e ideológicas de como seus editores e jornalistas enxergavam o mundo e como mostravam suas intenções de transformação do público que às leem.

Mais do que simplesmente fontes, estas revistas especializadas são espaços de produção, pois inventam um presente arquitetônico, produzem e consagram tendências e significados. (...) Deste modo, tal como o texto histórico, os periódicos operam como agentes de mudança. Mais do que isso, o estudo dessa imprensa altera o foco recorrentemente dirigido a profissionais singulares como principais agentes da história arquitetônica e atribui às revistas um importante papel nas mudanças da profissão, pois, como lugares de enunciação e legitimação, inserem-se nos conflitos do meio. (DEDECCA, 2012, pp. 27 e 28)

Dessa forma, os levantamento e análise da equipe editorial das revistas Projeto Design e AU são necessários. Não só para a compreensão da importância dessas revistas especializadas para a divulgação e promoção da arquitetura brasileira, mas também para o entendimento dos rumos tomados pela profissão nos últimos anos, quais conflitos e temas foram priorizados, o que se tornou notícia e, principalmente, o que não foi publicado.

2.2.1 REVISTA PROJETO DESIGN

A revista *Projeto* foi fundada em 1977, porém seu projeto de publicação foi iniciado cinco anos antes, juntamente com o lançamento do *Jornal Arquiteto*¹¹⁹, em 1972, onde a revista era um caderno do jornal. Quando o periódico foi oficialmente lançado, a revista *Acrópole* havia parado de circular e outras revistas de arquitetura, como a *Habitat* e a *Arquitetura do IAB do Rio de Janeiro*, pararam de ser editadas após o início da Ditadura Militar. Neste período, existia apenas uma cobertura esporádica da arquitetura nas revistas de construção.

Durante as primeiras dez edições, a revista funcionou como um mini periódico experimental que era editado pela editora *Schema*. Seu lançamento, como revista independente, ocorreu em 1979, a partir da publicação da edição nº 11 (onze), quando os leitores começaram a reivindi-

119 A gestão do IAB/SP de 72/73, de Paulo Mendes da Rocha, criou uma comissão de imprensa e um jornal mensal, O ARQUITETO, cujo leque de interesses seriam a prática profissional, a relação sindical dos arquitetos e o campo cultural. Fonte: <<https://www.archdaily.com.br/br/907401/iab-75-anos-registros-da-historia-para-pensar-o-futuro-da-instituicao>>. Acessado em 30/01/2020.

car que houvesse também a publicação de projetos nas páginas da revista. Em carta, intitulada *Chegou a hora da grande virada* (1979), Wissenbach diz:

Finalmente estamos virando uma revista e, com sua ajuda e colaboração, vamos nos transformar na revista brasileira de arquitetura que os arquitetos há tanto tempo reclamam e nos cobram com insistência. (WISSENBACH, 1979, p. 9)¹²⁰

A equipe editorial da revista, comandada pelo jornalista Vicente Wissenbach, tinha como ambição criar “uma revista que abrangesse todos os campos de atuação do arquiteto, que analisasse a arquitetura e seu relacionamento social e econômico, apresentando teoria, propostas, formulações e críticas”¹²¹. Em entrevista feita à edição nº 450¹²² da *Projeto Design*, Wissenbach (2019) comenta que a primeira capa da revista autônoma foi sobre projetos industriais, anunciando a intenção da equipe editorial de ser uma revista plural. O jornalista comenta que sua preocupação sempre foi fazer uma revista condizente com a circulação nacional, com objetivo de descobrir projetos em todo o Brasil.

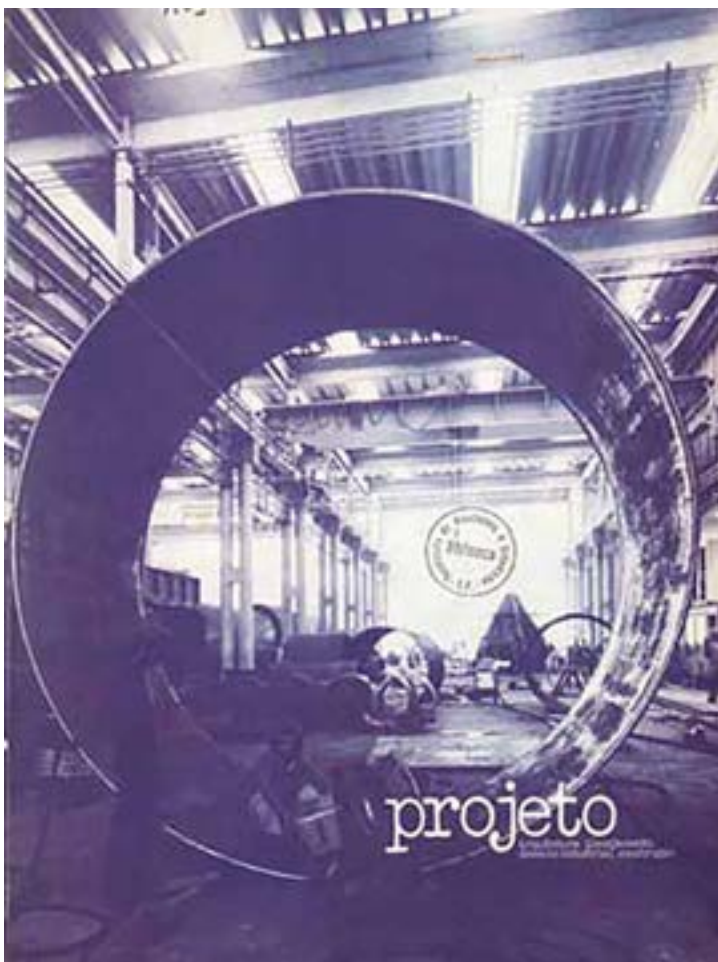


Figura 52: Capa da revista *Projeto*, n. 1, 1977.
Fonte: <https://revistaprojeto.com.br/acervo/projetodesign-revista-nasceu-10-01-2003/>

120 WISSENBACH, Vicente. *Chegou a hora da grande virada*. Carta do Editor, PROJETO, n. 11, p. 9, 1979.

121 WISSENBACH, Vicente. *Um novo desafio*. Carta do editor, PROJETO, n. 1, p. 3, 1977.

122 Disponível em: <https://www.arcoweb.com.br/projetodesign/entrevista/entrevista-vicente-wissenbach-e-arlindomungioli#>. Acessado em 31/01/2020.

A partir de 1997, a revista passou a ser uma publicação mensal, independente, com nova organização interna (projetos, artigos, debates) e novo projeto gráfico. Na mesma época, foi fundada a *Projeto Editores Associados Ltda.*, editora responsável pela revista. O jornal *O Arquiteto* foi mantido como encarte da revista, publicando matérias de interesse da Federação Nacional de Arquitetos e Urbanistas (FNA) e IAB Direção Nacional (IAB/DN)¹²³.



Figura 53: Capa da revista *Projeto*, n. 11, 1979.
Fonte: Imagem da autora.

Desde a sua primeira edição até a edição nº157, de setembro de 1992, o editor responsável pela revista foi o jornalista Vicente Wissenbach. O envolvimento do jornalista com arquitetura teve início em 1972, quando o arquiteto Alfredo Paesani, primeiro presidente do Sindicato dos Arquitetos de São Paulo (SASP), o consultou sobre a viabilidade de fazer um Informativo do SASP. Em entrevista concedida para o *site* ArqSC¹²⁴, em 2016, Wissenbach comentou que na época da consultoria sugeriu a formação de um jornal especializado, convidando o IAB/SP para

123 Desde a sua fundação a revista manteve forte vínculo com as entidades de classe da profissão: Federação Nacional de Arquitetos e Urbanista (FNA), Instituto de Arquitetos do Brasil (IAB), Associação Brasileira dos Escritórios de Arquitetura (AsBEA). As questões sobre as práticas profissionais e ensino fazem parte do conteúdo da revista, presentes em algumas seções como *Opinião e Debate*, a criação do *Prêmio AsBEA* e o crescimento do número de concursos promovidos pelo IAB, publicados nas páginas da revista.

124 Disponível em: <https://arqsc.com.br/vicente-wissenbach-um-icone-do-jornalismo-de-arquitetura-no-brasil/>. Acessado em 30/01/2020.

participar da publicação e o arquiteto Fabio Penteado para sua direção. O jornalista ressalta que em pouco tempo o periódico especializado deixou de ser uma publicação paulista para se tornar um jornal de veiculação nacional. Segundo Wissenbach (2016), o periódico fazia a cobertura de todos os eventos nacionais e publicava as reivindicações dos arquitetos de todo o Brasil, cumprindo um importante papel na difusão da profissão pelo país, além de funcionar como um canal de denúncias e reivindicações.

Em 1992, quando a revista completou 20 anos, foi lançada uma edição especial, edição nº 156, de setembro de 1992, bilíngue, também para celebrar os 500 anos da chegada e Cristóvão Colombo à América. Em carta, o editor diz “para comemorar o *cumpleaños* dessa jovem senhora, preparamos essa edição bilíngue, português/espanhol, com a participação de projetos e depoimentos de arquitetos dos países ibero-americanos”¹²⁵. Além de ser uma edição comemorativa da revista, a publicação tinha a intenção de afirmar-se não só como uma das principais revistas especializadas nacionais em circulação, mas como um importante periódico latino americano.

A partir da edição nº 158, de outubro de 1992, o também jornalista Arlindo Mungioli passou a ser editor da revista junto com Vicente Wissenbach, conforme noticiado na *Carta do Editor*:

Editor experiente, com passagens pela *Folha*, *Jornal da Tarde* e *Editora Abril*, responsável pela mais tradicional *newsletter* da área econômico-financeira, a *Análise*, e uma série de publicações especializadas. Arlindo Mungioli volta agora, após 17 anos e muito namoro, para dar sua contribuição à *Projeto*, que passa a ser editada por uma nova empresa, a *Arco Editorial*, cujas metas são estimular o aperfeiçoamento da revista, melhorar o atendimento aos assinantes e anunciantes. (WISSENBACH, 1992, p. 4)¹²⁶

Vicente Wissenbach foi editor da revista até a edição nº 164, de junho de 1993. A partir da edição nº 165, Arlindo Mungioli passa a ocupar o cargo.

Após 21 anos, estou deixando a direção da revista *Projeto*. Foram 21 anos de muita luta, muitas alegrias, preocupações e vitórias. Desde o lançamento do primeiro número do jornal *Arquiteto* no dia 31 de julho de 1972, do lançamento do encarte *Projeto* dentro do jornal, a *Projeto* foi formando uma filosofia editorial e se firmando junto a leitores e anunciantes. O pequeno encarte, de 16 páginas impressas em preto e branco, virou revista. Tornou-se o principal veículo da arquitetura brasileira. Ganhou vários prêmios nacionais e internacionais. Ajudou a difundir nossa arquitetura, no Brasil e no exterior. (...)

Mas, acima de tudo, a revista *Projeto* desenvolveu uma equipe de profissionais de imprensa e críticos de arquitetura altamente qualificados, como Hugo Segawa (conosco desde os tempos de estudante), Ruth Verde Zein, Anita Di Marco, Denise Yamashiro, Cida Paiva, Vanda Frias e Adilson Melendez, e um extenso grupo de colaboradores onde pontifica, no exterior, o crítico Jorge Glusberg. (WISSENBACH, 1993, p. 4)¹²⁷

125 WISSENBACH, Vicente. *Com otimismo para enfrentar os próximos 20 anos*. Carta do Editor, PROJETO, n. 156, p. 8, 1992.

126 WISSENBACH, Vicente. *Repensando e renovando. Sempre ao lado do arquiteto*. Carta do Editor, PROJETO, n. 158, p. 4, 1992.

127 WISSENBACH, Vicente. *Sem título*. Carta do Editor, PROJETO, n. 164, p. 4, 1993.

Em 1996, na edição nº 194, a revista passou por mais uma renovação, ocorreu a fusão entre as revistas *Projeto* e a *Design e Interiores*, desse modo além da alteração do nome para *Projeto Design*, a revista sofreu mudanças físicas e de conteúdo significativas: seu tamanho, diagramação de capa e diagramação interna foram atualizados e suas seções internas foram alteradas. Em carta, Arlindo Munglioli explica que a mudança na revista veio em decorrência da necessidade de atender às novas demandas da profissão, que estava passando por transformações:

O grande escritório de arquitetura mostra-se disposto a participar do processo de viabilização econômica de um empreendimento, mas também demonstra seu interesse em projetar os interiores do espaço que criou, sem deixar de lado a hipótese de trabalhar com a comunicação visual corporativa de seu cliente. Médios e pequenos trilham o mesmo caminho e também se envolvem com o design de produtos e embalagens. Designers trabalham em conjunto com arquitetos em busca de uma nova qualidade para o desenho dos edifícios e de seus interiores. (MUNGIOLI, 1996, p. 3)¹²⁸



Figura 54: Capa da revista *Projeto Design*, n. 194, 1996.
Fonte: <https://revistaprojeto.com.br/noticias/centenario-do-iab-homenageia-vicente-wissenbach-pioneiro-em-jornalismo-de-arquitetura-no-brasil/>

Entre 2001 e 2012, a revista continuou sob o comando de Arlindo Munglioli e, a partir da edição nº 389, de julho de 2012, sua editora executiva passou a ser a arquiteta Evelise Grunow, que já trabalhava como jornalista de arquitetura da revista *Projeto Design* desde 2001. Diferentemente das outras edições, quando também passaram por mudança de editores, na seção *Carta do Editor*, Evelise Grunow colocou uma pequena nota sobre a sua

128 MUNGIOLI, Arlindo. *Sem título*. Carta do Editor, *Projeto Design*, n. 194, p. 3, 1996.

nova atuação na revista. Grunow segue como editora executiva até a última edição lançada pela revista (edição nº 450). A partir de 2016 a revista *Projeto Design* passou a ser bimestral, e, em 2019, trimestral.

Na edição nº 450, a revista anunciou seus novos planos: criar uma nova plataforma *online*, dispondo todo o acervo dos 43 anos de publicação da revista e dos cinco anos do jornal *O Arquiteto*; lançar anualmente o *Anuário Projeto*, destacando as principais obras produzidas; lançar edições impressas, especiais e não periódicas, com diferentes pautas e temáticas. Em abril de 2020, foi lançada a versão beta da sua nova plataforma *online*, com parte do acervo já digitalizado. Também foram publicados os *Anuários* de 2020 e 2021 e uma edição especial chamada *Mulheres na Arquitetura*, em julho de 2021.

No período estabelecido para ser analisado nesta pesquisa, as edições da revista *Projeto Design* na virada para do século XXI, de 2001 a 2015, as publicações do periódico eram mensais. Durante esses quinze anos foram publicadas 178 edições, do número 251 ao 428. Entre 2001 e 2013 foram publicadas doze edições por ano, de janeiro a dezembro e, em 2014 e 2015, foram publicadas apenas onze edições.

Durante o período analisado, sua equipe editorial foi pouco alterada. De janeiro de 2001, edição nº 251, até a edição nº 388, de junho de 2012, como citado acima, Arlindo Mungioli foi o editor responsável pela revista. Entre 2001 e 2003, a redação contava com Silvério Rocha como editor executivo; Éride Moura (até a edição nº 281, julho de 2003) e Nanci Corbioli, editoras assistentes; Adilson Melendez, redator; Fernando Serapião e Evelise Grunow (a partir da edição nº 255, de maio de 2001), assistentes editoriais e Marcos Luiz Fernandes, revisor/preparador. Silvério Rocha permaneceu como editor executivo da revista até a edição nº 288, de fevereiro de 2004. Fernando Serapião assumiu o posto na edição nº 289, de março de 2004, e na seção *Carta do Editor* foi colocada apenas uma nota notificando a saída de Silvério da Rocha.

De março de 2004, edição nº 289, a abril de 2011, edição nº 374, a redação contava com Fernando Serapião como editor executivo; Nanci Corbioli, editora assistente; Adilson Melendez, redator; Evelise Grunow, assistente editorial e Marcos Luiz Fernandes, revisor/preparador. Fernando Serapião deixou a redação da revista na edição nº 374, abril de 2011, e em julho de 2012, na edição nº 389, Evelise Grunow assumiu como editora executiva, após a saída de Arlindo Mungioli.

Até setembro de 2014, edição nº 414, a redação era composta por Nanci Corbioli como editora assistente; Adilson Melendez, redator e Marcos Luiz Fernandes, revisor/preparador. A partir da edição nº 415, de outubro de 2014, até a última edição analisada nº 428, de dezembro de 2015, a redação era composta por Adilson Melendez como editor adjunto; Gabriela Nunes e Camila Gonzalez, redadoras; Fábio de Paula, editor web e Marcos Luiz Fernandes, revisor/preparador. Durante os quinze anos analisados, a revista contou com a participação de quase 100

colaboradores¹²⁹, sendo Roberto Segre, Haifa Yazigi Sabbag e Éride Moura os que mais contribuíram com as edições da revista.

Nas edições analisadas, em relação à organização interna, conteúdo e diagramação da revista, de 2001 à 2004 (edição nº 289, do mês de março), foram publicados projetos de arquitetura, projetos de interiores e design, entrevistas, debates e artigos. A revista era composta pelas seções: *Nova Arquitetura Brasileira*, que buscava publicar projetos variados de novos profissionais; *Em dia*, que trazia debates atuais sobre a profissão, ensino, entre outros; *Prancheta*, com publicações de projetos em desenvolvimento; *Tecnologia e Serviço*, com novos materiais, fornecedores, detalhamentos; e *memória Projeto*, com objetivo de resgatar a atuação de algum profissional ou projeto de relevância. Vale destacar que essa diagramação e configuração interna dos conteúdos começaram a ser utilizadas desde a edição nº 241, de março de 2000.

De abril de 2004, edição nº 290, a fevereiro de 2013, edição nº 396, a revista passou a adotar novo design gráfico, com mudanças no design da capa, novas fontes e nova organização interna. Porém, seu conteúdo continuou o mesmo, com as mesmas seções, com uma pequena alteração a partir da edição nº 314, de abril de 2006, quando a revista passou a ter um espaço mensal destinado à publicação de casas unifamiliares, na seção *Casas Brasileiras*. Em carta, o editor Arlindo Munglioli disse: “com esta edição, novamente corremos o risco de apresentar ao mercado – especialmente aos nossos leitores – mais um projeto gráfico inovador e ousado”¹³⁰.

A partir da edição nº 397, de março de 2013, a revista adotou nova diagramação e organização interna. Em carta, a editora executiva Evelise Grunow escreveu:

O que esperar de uma revista impressa na era das grandes promessas digitais? A questão, obviamente, ronda o nosso imaginário, uma publicação física de 36 anos de existência. Mas, em vez de temor ou negação, encaramos com entusiasmo a empreitada, certos de que o futuro da comunicação não é excludente. E de que muito temos a colaborar, com profundidade e discernimento, para que cresça em relevância o conteúdo de nossas páginas, mantida a identidade de revista dedicada ao estado da arte da arquitetura e do design brasileiros. (GRUNOW, 2013, p.10).¹³¹

Apesar das alterações, a revista continuou com a organização e conteúdo muito semelhantes às

129 Lista de todos os colaboradores que participaram das edições analisadas: Aldo Urbinati, Fernando Lara, Luiz Fernández-Galiano, Adélia Borges, Eliane Lampa, Antonio Carlos Sant’Anna Jr, José Eduardo Tibiriçá, Judith Weinstock, Ricardo Antônio, Rosabelle Coelho, Laila Massuh, Airton Ribeiro, Cristiano Mascaro, Evelise Grunow, Douglas Aguiar, Paulo Moretto, Haroldo Pinheiro, Didier Maurice Klotz, Valéria London, Maria Beatriz de Castro, Marta Bogéa, Yopanan Rebello, Fabienne Klotz, Jan Versel, Nelson Kon, Alexandre Cafcalas, Luís Antonio Jorge, Rafael Perrone, Matheus Gorovitz, Violeta Mariem Almeida, Roberto Segre, Eduardo Barroso Neto, Marcos de Sousa, Ruth Verde Zein, Carlos Eduardo Comas, Marcelo Aflalo, João Pedro Backheuser, Marcelo Barbosa, Haifa Yazigi Sabbag, Hermán Barbero Sarzabal, Serio Castiglione, Jorge Mário Jáuregui, André de Souza, Francisco Spadoni, Benedito Tadeu de Oliveira, Assunta Viola, Éride Moura, Mônica Junqueira, Lessandro Lessa Rodrigues, Paulo Bruna, Chico Homem de Melo, Magna Reimberg, Maurício Azenha Dias, Marcelo Meriño, Carlos Faggin, Ruy Ohtake, Michelle Jean de Castro, José Augusto Nepomuceno, Flávio Castellotti, Fernando Diniz, Paulo Moretto, Márcio Bariani, Carlos Oliveira Santos, Fernando Brandão, Anat Faibel, Marcelo Ferraz, Guilherme Wisnik, José Marki, José Wolf, Alfredo Britto, Otávio Leonídio, Miguel Lawner, Abílio Guerra, Alberto Xavier, André Corrêa, Renato Anelli, Ledy Valporto, Ana Luiza Nobre, Fábio de Paula, Frederico Duarte, Fábio Lopez, Adriana Levisky, João de Souza Leite, Bernardo Senna, Camila Viégas-Lee, Francesco Perrotta-Bosch, Heloísa Medeiros, Janaína Silva, Regina Monteiro, Elisabete França, Júlio Moreno, Joaquim Moreno, Clarice Smerene, Silvana Rosso, Nádia Simonelli, Daniel Mangabeira, Giulia Ricci, Stefano Passamonti e Daniele Pisani.

130 MUNGIOLI, Arlindo. *Sem título*. Carta do Editor, Projeto Design, n. 290, 2004.

131 GRUNOW, Evelise. *Novos tempos*. Carta do editor. Projeto Design, n. 397, 2013.

edições anteriores, com espaços dedicados à publicação de projetos de arquitetura, *Casas Brasileiras*, projetos de interiores e design, artigos, entrevistas e as seções *Tecnologia*, *Em dia*, *Prancheta*, *Produtos e Arquiteturas*, com charges ilustradas por Laerte. A partir da edição nº 409 de abril de 2014, foi inaugurada a seção *Vão Livre* comandada por Paulo Caruso. Até a última edição analisada (edição nº 428, de dezembro de 2015), a revista seguia com a mesma diagramação e organização interna, tendo apenas algumas adaptações em suas edições, de acordo com o conteúdo publicado.



Figura 55: Capa da revista *Projeto Design*, n. 251, 2001.
Fonte: Imagem da autora.



Figura 56: Capa da revista *Projeto Design*, n. 428, 2015.
Fonte: Imagem da autora.

A revista fez também importante cobertura das premiações nacionais como o *Prêmio IAB*; ajudou na criação, divulgação e organização do concurso *Opera Prima*, dedicado a premiação dos melhores Trabalhos de Final de Curso, e do *Prêmio AsBEA*, como destaca MUNGIOLI na edição nº 274, de dezembro de 2002:

Apresentamos, neste número, os resultados da primeira edição do Prêmio Asbea, que atribuiu sete prêmios, três destaques regionais e quatro menções honrosas a associados da entidade representativa dos escritórios de arquitetura brasileiros. Realizada em parceria da Asbea com PROJETO DESIGN, essa premiação, que pretende ser anual, certamente servirá de poderoso estímulo para a melhoria qualitativa da produção arquitetônica nacional, principal objetivo do prêmio. (MUNGIOLI, 2002).¹³²

132 MUNGIOLI, Arlindo. *Sem título*. Carta do Editor, *Projeto Design*, n. 274, 2002.

O periódico também fez reportagens de eventos nacionais e internacionais como as Bienais Internacionais, nas edições de São Paulo, Veneza, Ibero-americana. Publicou edições especiais, cobrindo o recebimento do Pritzker de Paulo Mendes da Rocha, comemoração dos 50 anos de Brasília, morte de Oscar Niemeyer. Participou de debates contemporâneos como, por exemplo, o debate em torno da criação do CAU, com a primeira notícia sobre o Conselho publicada em 2002; fez a cobertura dos eventos esportivos que ocorreram no Brasil e no mundo, publicando os projetos e discutindo o legado urbano deixado por ele; discutiu a importância dos concursos de arquitetura, entre outros.

Na edição nº 324, de fevereiro de 2007, comemorativa de 30 anos da revista, Fernando Serapião escreveu:

É interessante perceber o quanto a revista faz parte da história da arquitetura brasileira dos últimos 30 anos. Às vezes, acompanhamos e registramos os acontecimentos; outras tantas, colocamos assuntos em pauta. Não se pode fazer um estudo ou tese sobre qualquer aspecto da arquitetura brasileira dessa época sem considerar o que foi registrado nas páginas de PROJETO DESIGN. (SERAPIÃO, p. 34, 2007).¹³³

2.2.2 REVISTA AU

A revista AU foi lançada em janeiro de 1985, configurando um novo produto editorial da *Editora Pini*¹³⁴, direcionada ao campo de interesse profissional dos arquitetos e constituída a partir do trabalho de cobertura jornalística da revista *A Construção*. A decisão para a abertura de um novo espaço editorial para entrevistas, depoimentos e reflexões sobre a produção arquitetônica veio a partir do anúncio feito pela organização do XV UIA¹³⁵ (Congresso Internacional de Arquitetos, que ocorreu no Cairo em 1985), que homenagearia três arquitetos brasileiros naquela edição: Lúcio Costa, Artigas e Niemeyer. Como destaca na apresentação feita pelo diretor da redação da edição número 1, o arquiteto e urbanista Mario S. Pini:

Diante da importância que assume para o setor a realização dos Congressos Mundiais da UIA, a Pini decidiu apresentar antecipadamente aos arquitetos brasileiros, através de veículo especial, um amplo painel do Congresso, que se inicia no dia 19 no Cairo. Tal iniciativa contou com o decisivo apoio editorial da Diretoria Nacional e do Departamento de São Paulo do Instituto de Arquitetos do Brasil. Resultado: mais de 15 mil arquitetos de todo território nacional, em sua grande maioria sócios do IAB, estão recebendo o nº 1 de Arquitetura e Urbanismo. (PINI, p. 1, 1985)¹³⁶

Mario S. Pini (1985) também comentou que a *editora Pini* já tinha programada a publicação de novas edições da revista. Em abril de 1985, a revista lançou sua segunda edição, comemorativa dos 25 anos de Brasília (*Brasília Ano Zero*). Em carta, a redação da revista afirmou que

133 SERAPIÃO, Fernando. *Sem título*. Carta do Editor, Projeto Design, n. 324, 2007.

134 Fundada em 1948, com produtos direcionados à construção civil.

135 Em julho de 1928, em Lausane, foi criada a União Internacional de Arquitetos (UIA). Representações de 27 países proclamaram a vontade dos arquitetos de se unirem acima das fronteiras políticas, econômicas e culturais. A 27ª edição do Congresso Mundial de Arquitetos ocorrerá em 2020 no Rio de Janeiro, Brasil.

136 PINI, Mario Sergio. *Apresentação*, Arquitetura e Urbanismo, n. 1, 1985.

tratava-se de:

Uma tentativa de repensar os fatos sem esquecer da “carga simbólica” que envolve a Brasília urbs, capital do Brasil. Afinal, ela completa 25 anos no momento em que se registram os primeiros passos da Nova República proclamada pelo brasileiro Tancredo Neves, que nos recupera a força do direito de ser cidadão. (REDEÇÃO, p. 4, 1985)¹³⁷



Figura 57: Capa da revista AU, n. 1, 1985.
Fonte: Imagem da autora.

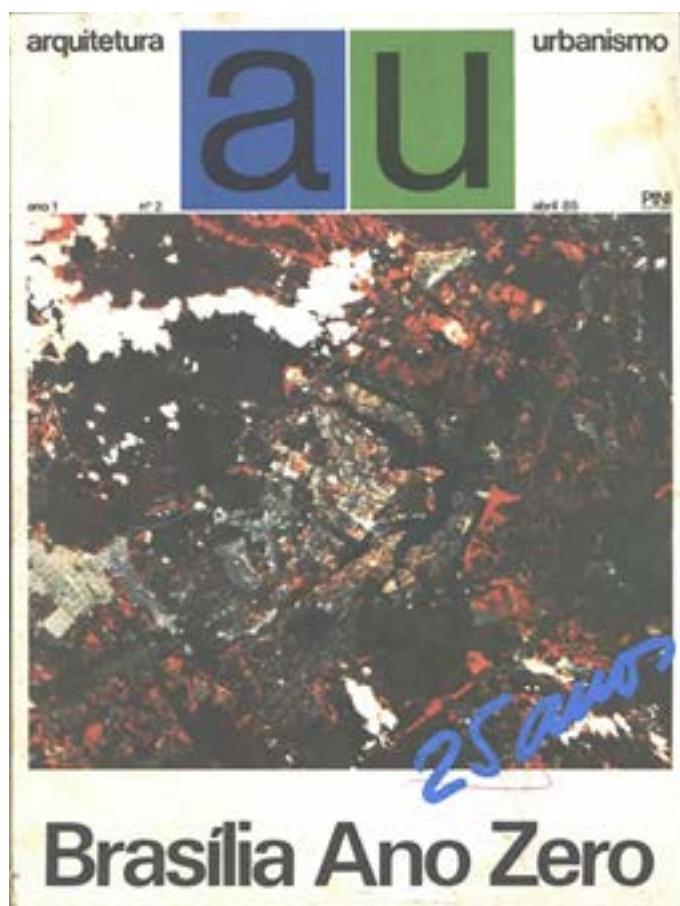


Figura 58: Capa da revista AU, n. 2, 1985.
Fonte: Imagem da autora.

Com a revista AU, a editora Pini deixou de ser uma “editora de revistas de preços”¹³⁸, para se tornar uma editora premiada, no Brasil e exterior, por suas publicações e reportagens sobre arquitetura e urbanismo. No primeiro ano de seu lançamento, foram publicadas três edições, a partir de 1987, as publicações começaram a ser bimestrais e, em janeiro de 2003, a partir da edição nº 106¹³⁹, passam a ser mensais. Mario S. Pini foi o diretor da redação da primeira edição até a edição nº 65, de abril/maio de 1996. O arquiteto e urbanista foi responsável por todos os editoriais da revista, com exceção do editorial da edição nº 44, escrito por Haifa Y. Sabbag¹⁴⁰, até

137 REDAÇÃO, *Arquitetura e Urbanismo*, n. 2, 1985.

138 A editora recebia essa classificação pois era responsável pelo lançamento do Anuário Pini Construção, com a tabulação dos preços da construção civil.

139 CAPOZZI, Simone. *Editorial*. *Arquitetura e Urbanismo*, n. 106, p. 2, 2003.

140 SABBAG, Haifa Y. *Editorial*. *Arquitetura e Urbanismo*, n. 44, p. 1, 1992.

a edição nº 47, de abril/maio de 1993.

Sua equipe editorial contou com o jornalista, especialista em arquitetura, José Wolf como editor geral da primeira até a sua décima quinta edição, impressa em dezembro/janeiro de 1988¹⁴¹. Wolf seguiu como editor até a edição nº 43, de agosto/setembro de 1992, e como repórter da revista até 2001, edição nº99, posteriormente participou de algumas edições como colaborador. Entre as 16ª e 24ª edições, de fevereiro/março de 1988 a junho/julho de 1989, a também jornalista, Livia Álvares Pedreira, que participou da revista desde a sua fundação, foi sua editora chefe.

Em 1988, em seu primeiro número como editora, Pedreira inaugurou a seção *Documento*, que se transformou “em um dos carros-chefes da revista, ao focar a obra e pensamento dos grandes nomes do modernismo nacional”¹⁴², como destaca José Wolf em reportagem especial comemorativa de 20 anos da revista *AU*. Em 1989, a revista recebeu seu primeiro prêmio, foi medalha de prata na exposição-concurso de livros e revistas da *Interarch'89* – V Bienal Mundial de Arquitetura, realizada na Bulgária.



Figura 59: Capa da revista *AU*, n. 16, 1988.
Fonte: Imagem da autora.

141 Disponível em: <https://www.vitruvius.com.br/revistas/read/drops/13.064/4598>. Acessado em 02/02/2020.

142 WOLF, José. *Uma História para celebrar, rever e relembrar*. Retrospectiva. Revista Arquitetura e Urbanismo, n. 137, p. 33, 2005.

Na edição nº 34, de fevereiro/março de 1991, a jornalista especializada em arquitetura, Haifa Y. Sabbag, que já havia colaborado com a revistas *Módulo* e *Projeto* e, também, havia participado da revista *AU* desde a sua primeira edição, assumiu sua edição geral. A partir da edição nº 48, de junho/julho de 1993, Sabbag passou a ser responsável por escrever seu editorial, substituindo Mario S. Pini. A jornalista foi editora geral da revista até sua edição nº 65, de abril/maio de 1996, já na seguinte edição, nº 66, Sabbag passou a ser editora internacional da revista *AU* e o jornalista Marcos de Sousa assumiu a edição geral, até a edição nº 87, de dezembro/janeiro de 2000. A partir da edição nº 55, de agosto/setembro de 1994, a revista adotou nova identidade visual em sua capa e diagramação interna. E, mais uma vez, a partir da edição nº 66, de junho/julho de 1996, teve a sua diagramação interna e conteúdo reformulados.

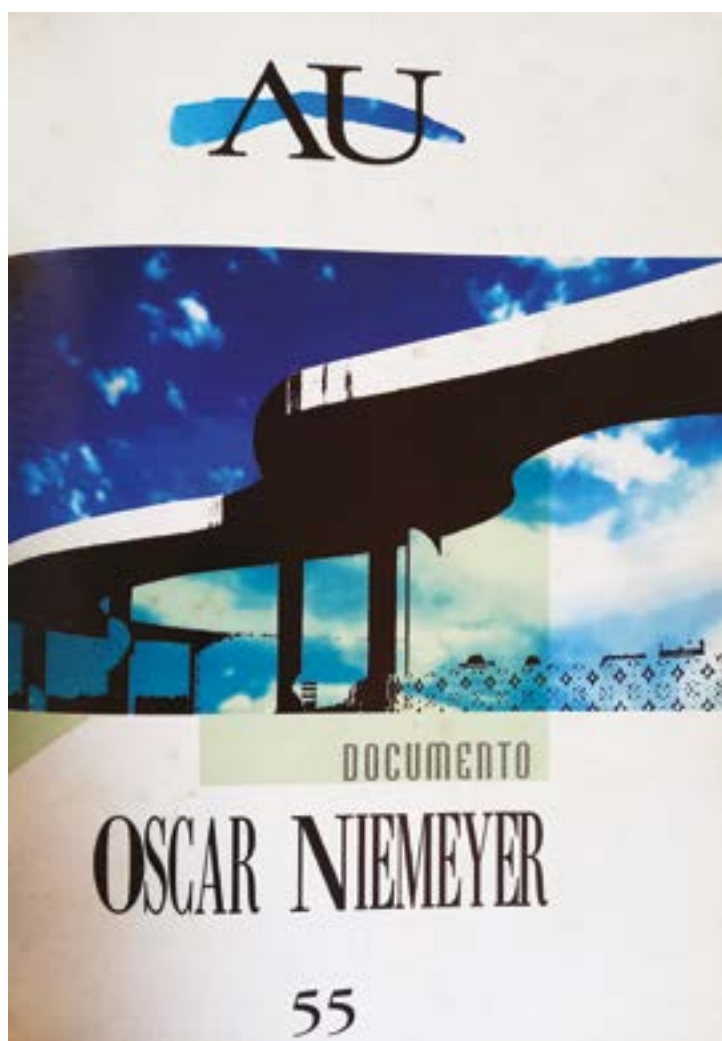


Figura 60: Capa da revista *AU*, n. 55, 1994.
Fonte: Imagem da autora.

Renato Schroeder assumiu como editor geral em 2000, na edição nº 88, de fevereiro/março de 2000, e ficou à frente da revista até a edição nº 94, de fevereiro/março de 2001. A partir da edição nº 95, de abril/maio de 2001, a Jornalista Simone Capozzi assumiu a edição, atuando no cargo até a edição nº 188, de novembro de 2009. Durante o período em que a jornalista esteve à frente da revista, as publicações passaram a ser mensais, a partir da edição nº 106, de janeiro de 2003; a revista ganhou nova identidade visual e nova organização de seu conteúdo interno. Como diz Capozzi (2003) no editorial da edição:

É com imensa satisfação e orgulho que fazemos chegar às mãos de nossos leitores a primeira edição na nova *AU*. Nova aparência e conteúdo, enriquecido por seções como *AU Responde*, *Catálogo* e *Tecnologia & Materiais*, todas voltadas à prestação de serviço, trazendo soluções e informação de qualidade, que sirvam como apoio ao trabalho do arquiteto. Além do conteúdo editorial, ao qual ainda acrescentamos temas como arquitetura de interiores e exercício profissional, o projeto gráfico da revista passou por uma profunda e necessária reforma. (CAPOZZI, p. 2, 2003)¹⁴³



Figura 61: Capa da revista *AU*, n. 106, 2003.
Fonte: Imagem da autora.

Em agosto de 2005, na edição nº 137, comemorativa de 20 anos da revista, Mário S. Pini foi responsável pelo editorial, destacando que a revista *AU* era a publicação de maior circulação da editora. Em seu texto, o arquiteto refletiu sobre como a mídia poderia contribuir para que a atuação dos arquitetos fosse difundida por toda a sociedade e como o conteúdo de arquitetura poderia tornar-se acessível a outros públicos:

Talvez o grande desafio seja levar a Arquitetura para o consumo do homem comum, do grande público. Vendendo-a como um direito civil. E qual seria o caminho? Colaborar para a integração dos veículos especializados com os veículos populacionais. Abrir espaço à temática da Arquitetura nos jornais, revistas de grande circulação e na TV. Valorizar o projeto. Posicionar o arquiteto, como formador de opinião nos debates e também como fonte de solução para as iniciativas que visam a um novo espaço para requalificar a vida das pessoas. (PINI, p.2, 2005)¹⁴⁴

Na edição nº 181, de abril de 2009, a revista adotou novo projeto gráfico. Foram criadas duas

143 CAPOZZI, Simone. *Editorial*. *Arquitetura e Urbanismo*, n. 106, p. 2, 2003.

144 PINI, Mário S. *Editorial*. *Arquitetura e Urbanismo*, n. 137, p. 2, 2005.

novas seções: uma destinada a publicação de projetos de design e a segunda, comandada por Affonso Orciuoli, com objetivo de mostrar e discutir a pesquisa e a prática do uso da tecnologia da informação na arquitetura¹⁴⁵. Em dezembro de 2009, edição nº 189, a jornalista Bianca Antunes, que já era subeditora da revista desde a edição nº 129, de dezembro de 2004, assumiu como editora e permaneceu no cargo até a última edição analisada pelo recorte temporal da pesquisa, edição nº 261, de dezembro de 2015.

No período estabelecido para ser analisado nesta pesquisa, as edições da revista *AU* na virada para do século XXI, de 2001 a 2015, foram publicadas 169 edições, do nº 93 ao nº 261. As publicações da revista eram bimestrais até a edição nº 105, dezembro de 2002, passando a ser mensais a partir do ano seguinte, 2003. Ao longo dos quinze anos analisados, sua equipe editorial sofreu algumas alterações, principalmente em relação aos seus repórteres.

Simone Capozzi e Bianca Antunes foram as editoras que permaneceram por mais tempo no comando da revista, a primeira de abril de 2001 a novembro de 2009 e a segunda de dezembro de 2009 a dezembro de 2015 (última edição analisada). Em relação à organização interna das publicações, as edições de 2001 e 2002 publicaram projetos de arquitetura, urbanismo, interiores; fizeram entrevistas; publicaram artigos com temas atuais ou resgates históricos na seção *Documento* e mostraram-se comprometidas em relação às especificações técnicas e lançamentos de novos produtos. Além disso, a revista era composta pelas seções *Internacional*, que publicava projetos realizados em outros países; *Interseção*, inaugurada na edição nº 96, de junho/julho de 2001, que promovia a crítica de arquitetura; *Exercício profissional*, também inaugurada na edição nº 96, sendo um espaço reservado para discutir o dia a dia dos escritórios de arquitetura; *Oficina*; *Made in* e *Cenário*.

A partir da edição nº 106, de janeiro de 2003, o periódico foi completamente reformulado, passou a ser mensal e adotou nova identidade visual na capa e nova diagramação interna. As seções destinadas à publicação de projetos foram divididas em *Casas*, *Brasil*, *Urbanismo*, *Internacional* e *Interiores*. As edições ainda contavam com as seções *Entrevista*, *Documento*, *Exercício Profissional*, *Cenário*, *Oficina* e *Made in*, já existentes nas edições anteriores. Além da criação de novas seções como a *Tecnologia & Materiais* e *4D* que buscavam fazer a cobertura da produção arquitetônica na era digital, *Cartas*, *AU responde*, *catálogo*, *canal*, *agenda* e *endereços*. Porém, o conteúdo de cada edição era adaptado de acordo com o tema discutido a cada mês.

A partir da edição nº 133, de abril de 2005, a revista passou a ter duas novas seções: *Arquitetas e estruturas* e *fato & opinião*. No primeiro número de 2006, edição nº 142, foi inaugurada a seção *Crônicas*, posteriormente intitulada *Crônicas Agudas*, escrita pelo crítico de arquitetura Sergio Teperman. Com pequenas alterações, a revista manteve essa organização até a edição nº 180, de março de 2009.

Na edição nº 181, de abril de 2009, a revista adotou novo projeto gráfico. Permaneceram as seções *Casas*, *Brasil*, *Urbanismo*, *Internacional* e *Interiores*, destinadas à publicação de projetos; *Entrevista*, *Interseção Documento* e *Crônicas Agudas*, destinadas à crítica de arquitetura; *Digital*, *Como especificar*, *Pesquisa de preços* e *Exercício profissional*, com ênfase em tecnologia, serviços e especificações; *Cenário*, *fato & opinião*, *agenda*, *catálogo* e *endereços* e foram criadas duas novas seções *Design* e *Sustentabilidade*. A revista manteve essa configuração até a edição nº 234, de setembro de 2013. A partir da edição nº 235, a revista lançou

145 CAPOZZI, Simone. *Editorial*. *Arquitetura e Urbanismo*, n. 181, p. 2, 2009.

um novo caderno especial, intitulado *AU Educação*, voltado para professores e estudantes de arquitetura e urbanismo. O caderno era composto por três seções: *Aulas de projeto*, *História em Detalhe* e *Material Escolar*. Até a edição nº 261, de dezembro de 2015, as seções da revista permaneciam as mesmas.

Tal como a revista *Projeto Design*, a revista *AU* fez importante cobertura das premiações nacionais como o *Prêmio Jovens Arquitetos*, promovido pelo IAB; premiações internacionais; eventos nacionais e internacionais como as Bienais Internacionais e congressos. Fez edições especiais, cobrindo a vida e obra de Lina Bo Bardi, os 50 anos de Brasília, os 100 anos de Oscar Niemeyer, além de participar e promover debates contemporâneos como, por exemplo, a o uso da tecnologia na profissão, o futuro da profissão, entre outros.

2.3

LEVANTAMENTOS E ANÁLISES DAS PUBLICAÇÕES

A análise e os levantamentos em revistas especializadas de arquitetura para entender a contribuição das arquitetas no meio arquitetônico não são novos, nem exclusivos dessa pesquisa. Ana Gabriela Godinho Lima (1999), em sua dissertação de mestrado¹⁴⁶, analisou diversas publicações latino americanas para entender e mapear a participação das mulheres na arquitetura, na América Latina, no século XX. Flávia Carvalho de Sá (2010)¹⁴⁷ fez uma extensa análise sobre a inserção das arquitetas no mercado de trabalho nacional, sendo um de seus levantamentos o quantitativo de projetos elaborados por arquitetas, publicados nas revistas *Projeto Design* e *AU*, na década de 1990. Maria Lima de Fontes (2016)¹⁴⁸ destacou a produção feminina na arquitetura impressa, a partir de levantamentos feitos em três revistas especializadas nacionais: *Acrópole*, *Habitat* e *Módulo*. Em sua dissertação de mestrado, Fontes (2016) fez a seguinte observação:

Pode-se perceber a relevância que a arquitetura impressa teve no contexto do século XX no Brasil. Tem-se então, de um lado a arquitetura impressa atrelada à história da arquitetura moderna brasileira e, de outro lado, associada também à história da atuação das mulheres dentro da profissão. No intuito de entender melhor essa atuação e representatividade, propõe-se então buscar a atuação feminina nas revistas de arquitetura de maior relevância no contexto brasileiro. (FONTES, 2016, p. 150)

As revistas *Projeto Design* e *AU* são importantes veículos de divulgação e promoção da arquitetura nacional, publicam projetos nacionais e internacionais; promovem debates sobre os diversos temas que permeiam a profissão; divulgam ganhadores de concursos de arquitetura nacionais e internacionais; promovem premiações junto aos órgãos de classe. A análise da equipe editorial das duas revistas trouxe o entendimento sobre a importância e a relevância que as duas publicações têm para a formação da crítica de arquitetura contemporânea nacional. Os levantamentos quantitativos e qualitativos feitos em todas as edições das duas publicações, de 2001 a 2015, buscam mapear qual foi a visibilidade dada aos projetos, entrevistas e artigos realizados por mulheres.

146 LIMA, Ana Gabriela Godinho. *Arquitetas e Arquitetura na América Latina no século XX*. E-book. Ed. São Paulo: Altamira, 2013.

147 SÁ, Flávia Carvalho de. *Profissão: arquiteta. Formação profissional, mercado de trabalho e projeto arquitetônico na perspectiva das relações de gênero*. Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, área de concentração: Tecnologia da Arquitetura, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010. Disponível em: https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/16/16132/tde-18012011-113711/publico/Flavia_Sa.pdf.

148 FONTES, Maria Lima de. *Mulheres invisíveis: a produção feminina brasileira na arquitetura impressa no século XX por uma perspectiva feminista*. Dissertação apresentada ao Programa de Pós Graduação da Faculdade de Arquitetura de Brasília, como requisito para obtenção do título de Mestre em Arquitetura e Urbanismo, na linha de pesquisa de Teoria, História e Crítica, pela Universidade de Brasília. Brasília, 2016.

A moldagem do pensamento arquitetônico em termos de qualidade faz com que os números e as estatísticas pareçam estranhos, porém, necessários para o entendimento do desequilíbrio existente na representatividade das arquitetas nas revistas de arquitetura e urbanismo e, conseqüentemente, na profissão. A curadora de arte Maura Reilly relata, em seu ensaio *Ativismo curatorial: resistindo ao masculinismo e ao sexismo* (2018), que os números e as estatísticas mostram que os artistas homens e brancos continuam a dominar o universo artístico, apesar de décadas de ativismo e teorização pós colonial, feminista, antirracista e queer. A autora cita exemplos de exposições e exemplos de acervos de vários museus renomados, destacando a porcentagem de artistas mulheres expostas nesses museus, para mostrar o claro desequilíbrio de gênero existente¹⁴⁹.

Precisamos continuar remoendo números. Contar, afinal, é uma estratégia feminista. As cifras devem ser disseminadas e compartilhadas publicamente. Evidenciando as disparidades – como fazem as Guerrilla Girls, as Pussy Galore e outras –, talvez os profissionais da arte possam prestar mais atenção em quem estão apoiando, promovendo publicando e sobre quem estão escrevendo. (REILLY, 2018, p.442).

2.3.1 METODOLOGIA

No intuito de entender a atuação e a representatividade das arquitetas na produção contemporânea, no contexto nacional, buscou-se mapear o protagonismo feminino nas revistas *Projeto Design* e *AU*, durante aos primeiros quinze anos do século XXI, de 2001 a 2015. O recorte temporal foi estabelecido a partir de 2001, pois, a partir da década de 1990, os cursos superiores de arquitetura e urbanismo, no Brasil, passaram a ter maior número de ingressantes do sexo feminino, conseqüentemente, a partir da virada do século, a profissão passou a ter mais profissionais do sexo feminino que do masculino. Atualmente, as mulheres representam 64% dos profissionais registradas no CAU/BR¹⁵⁰.

Os levantamentos, realizados nas edições das revistas, propõem-se a: (1) mapear a atuação profissional das arquitetas, seja em projetos publicados como autoras ou coautoras; em entrevistas, como entrevistadas ou entrevistadoras; nos artigos escritos, como autoras ou objeto de debate dos textos. (2) Contribuir para a organização desses dados quantitativos, formando uma base de dados para futuras pesquisas e (3) produzir bases para o entendimento da atuação e produção das mulheres na arquitetura impressa do século XXI, no Brasil.

A partir dos objetivos listados acima, a metodologia foi configurada da seguinte forma: (1) localização das edições das duas publicações. Num primeiro momento, tentou-se a viabilidade da realização dos levantamentos a partir do acesso *online* das edições das revistas, não sendo possível, foi utilizado o acervo da biblioteca da FAU-USP, que possui todas as edições impressas dos periódicos analisados. Foram digitalizados as capas, os editoriais e os índices de todas as

149 REILLY, Maura. *Ativismo curatorial: resistindo ao masculinismo e ao sexismo* (2018). In: PEDROSA, Adriano; CARNEIRO, Amanda; MESQUITA, André (Org.). *História das mulheres, histórias feministas: antologia*. São Paulo: MASP, 2019, pp. 433-444.

150 Disponível em: <https://www.caubr.gov.br/dia-da-mulher-participacao-das-mulheres-arquitetas-e-urbanistas-cresce-a-cada-ano2/>. Acessado em: 04/01/2022.

Na terceira etapa de análise (3), realizada após a finalização de todos os levantamentos nas edições das duas revistas¹⁵¹, foram feitas quatro tabelas comparativas, duas por revista. A primeira tabela¹⁵² teve como objetivo quantificar a participação das mulheres como projetistas, autoras de artigos e a frequência em que aparecem como entrevistadoras ou entrevistadas. Os projetos foram divididos por tipologias, pois além do levantamento quantitativo da atuação das arquitetas, buscou-se entender em quais tipologias de projeto elas têm maior visibilidade. A segunda tabela¹⁵³ teve como objetivo mapear os autores dos projetos publicados por gênero e por região de construção das obras publicadas, dessa forma pode-se ter um panorama nacional dos estados/cidades de atuação das arquitetas, se há disparidade entre as regiões ou, até mesmo, se há preferências regionais por parte das duas publicações que têm circulação nacional.

2.3.2 PUBLICAÇÕES: PROJETOS, ENTREVISTAS, DEBATES E ARTIGOS

No conjunto de todas as edições analisadas, foram publicados 1418 projetos na revista *Projeto Design*, sendo 1011 destes com autoria de arquitetos e 407 projetos que também tiveram arquitetas como autoras¹⁵⁴. Na revista *AU* foram publicados 947 projetos, sendo 682 realizados por homens e 265 feitos por equipes mistas ou exclusivamente femininas. Dentro dessa amostragem numérica exposta acima, pode-se ter algumas hipóteses: (a) o número de escritório de arquitetura liderados por homens é maior que o número de escritórios liderados por equipes mistas ou exclusivamente de mulheres¹⁵⁵; (b) os projetos de arquitetura feitos por escritórios liderados por homens tem maior destaque e visibilidade¹⁵⁶; (c) os dados apresentados nas publicações podem ser enganosos, isto é, não apresentam as equipes e colaboradores que participaram do projeto em sua totalidade, são poucos os sites de escritórios de arquitetura ou fichas técnicas de projetos que identificam essas informações, fator que contribui para o apagamento da participação das mulheres e outros profissionais¹⁵⁷.

151 Entre os anos de 2001 e 2015, na revista *Projeto Design* foram publicadas 177 edições, sendo a primeira edição tabulada na pesquisa a n° 251 e a última n° 428. Na revista *AU* foram publicadas 168 edições, sendo a primeira edição tabulada na pesquisa a n° 93 e a última n° 261.

152 Ver Anexo I: Total de projetos publicados nas revistas *Projeto Design* e *AU*, de 2001 a 2015, separados por tipologia.

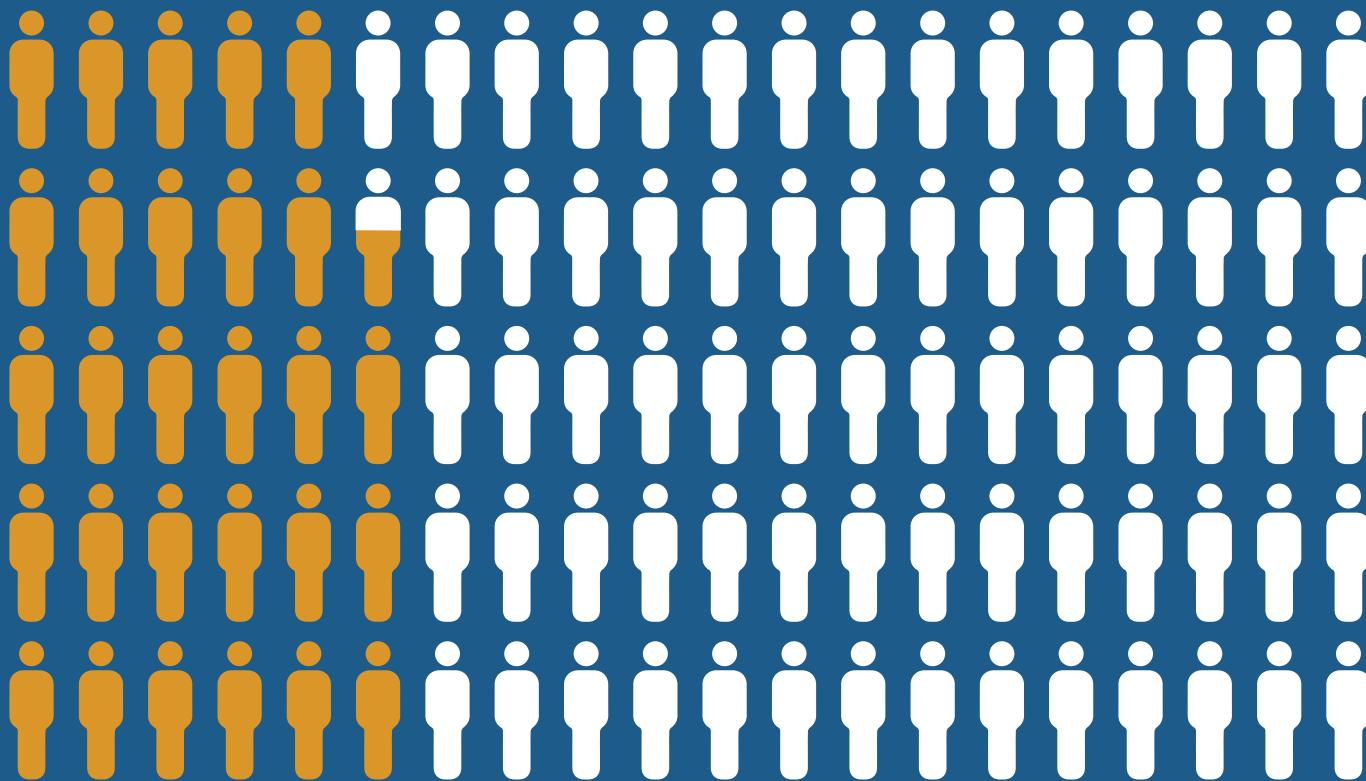
153 Ver Anexo II: Total de projetos publicados nas revistas *Projeto Design* e *AU*, de 2001 a 2015, separados por localização.

154 Em muitos projetos publicados, somente o nome do escritório é listado como autor, em escritórios com uma equipe mista de arquitetos associados todos foram considerados como autores do projeto. Dessa forma foram projetos que entraram na conta como também de autoria de arquitetas.

155 No capítulo 3 serão mostrados alguns levantamentos do CAU/BR referentes às RRTs emitidas pelos profissionais da área. Assim será possível ter um mapeamento mais preciso sobre a atuação das arquitetas dentro dos escritórios de arquitetura nacionais.

156 Aqui vale uma ressalva sobre onde e em que mãos está concentrado o capital financeiro. Arquitetos homens tem mais acesso a projetos com maior disponibilidade de capital, conseqüentemente acabam sendo responsáveis por projetos com maior visibilidade.

157 Sobre esse tema há um debate sobre a autoria dos projetos e processo criativo, a arquiteta e urbanista Adriane de Luca trata desse assunto em pesquisa de doutorado que está em andamento na FAU-USP.



A CADA 100 PROJETOS PUBLICADOS NA REVISTA PROJETO DESIGN 28,7% TÊM MULHERES COMO AUTORAS OU COAUTORAS.

Figura 63: Total de projetos publicados na revista *Projeto Design* 2001-2015, separado por gênero.
Fonte: Imagem da autora.



A CADA 100 PROJETOS PUBLICADOS NA REVISTA AU 28% TÊM MULHERES COMO AUTORAS OU COAUTORAS.

Figura 64: Total de projetos publicados na revista *AU* 2001-2015, separado por gênero.
Fonte: Imagem da autora.

Para a catalogação dos projetos publicados nas revistas, eles foram distribuídos entre onze categorias, e cada uma dessas categorias apresenta subdivisões¹⁵⁸: (1) Habitação – projetos unifamiliares e projetos multifamiliares; (2) Arquitetura industrial – fábricas e indústrias; (3) Comércio e serviços – edifícios corporativos e comerciais, espaços corporativos, lojas, cafés e restaurantes, hotéis e outros; (4) Complexos esportivos – clubes, ginásios, academias e estádios; (5) arquitetura educacional – escolas e ensino superior; (6) Arquitetura institucional – edifícios institucionais e edifícios religiosos; (7) Arquitetura hospitalar – clínicas, laboratórios, hospitais e pronto socorros; (8) Edifícios para lazer e cultura – teatros, museus, galerias e bibliotecas; (9) Projetos de urbanismo – requalificação urbana e urbanização; (10) Espaços livres – parques e praças e (11) Terminais de transporte – rodoviárias, estações de trem, metrô e aeroportos.

Ao longo dos quinze anos analisados, a revista *Projeto Design* teve somente 28,7% dos projetos publicados com autoria de arquitetas ou de escritório de arquitetura que têm arquitetas entre os sócios. Entre o total de projetos feitos por mulheres (ou equipes mistas), 17,2% são habitações (1); 2,5% arquitetura industrial (2); 38,1% comércio e serviços (3); 3,2% complexos esportivos (4); 7,4% arquitetura educacional (5); 5,7% arquitetura institucional (6); 2,5% arquitetura hospitalar (7); 16,2% edifícios para lazer e cultura (8); 1,7% projetos de urbanismo (9); 2,7% espaços livres (10) e 2,8% terminais de transporte (11)¹⁵⁹.

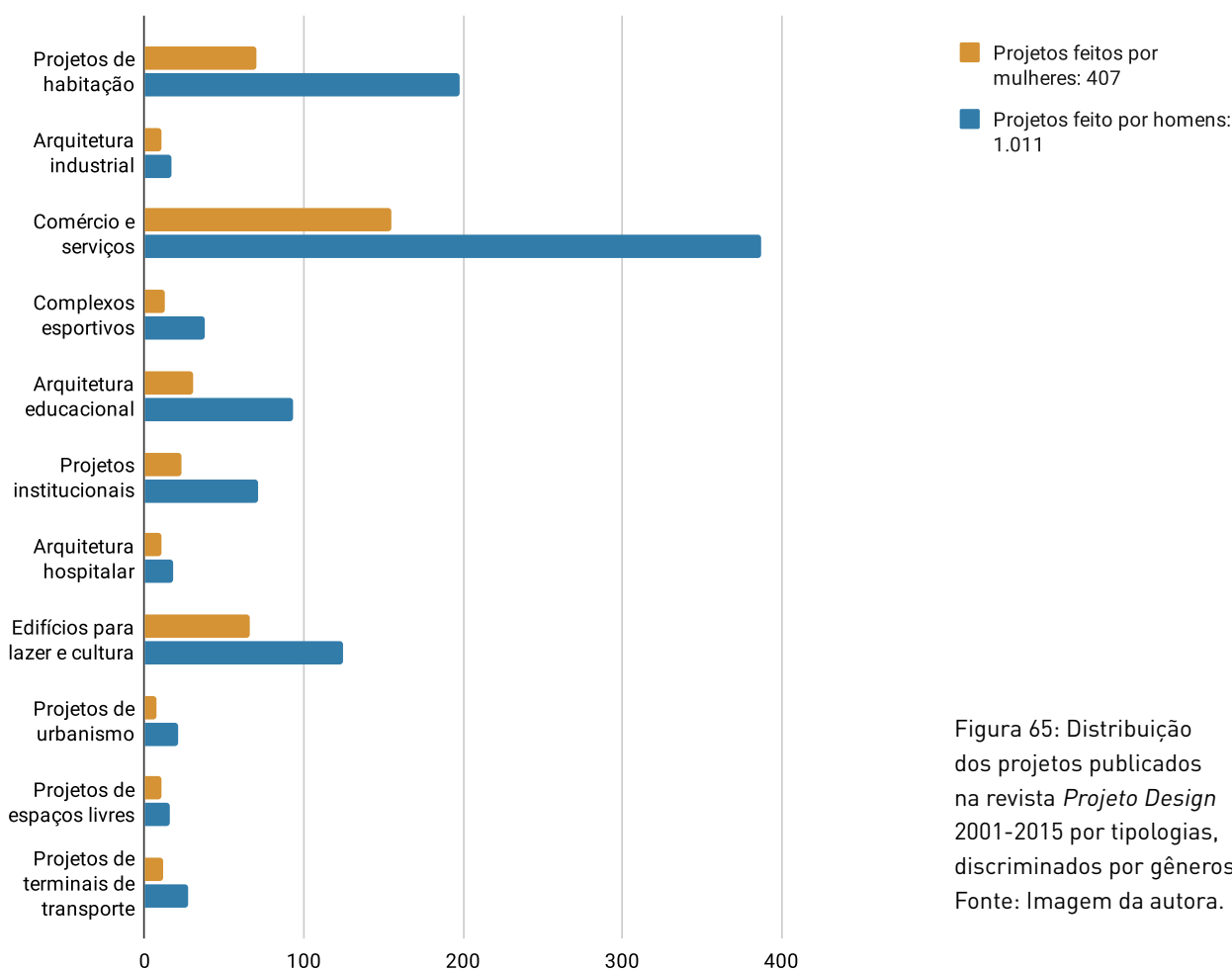


Figura 65: Distribuição dos projetos publicados na revista *Projeto Design* 2001-2015 por tipologias, discriminados por gêneros. Fonte: Imagem da autora.

158 Ver Anexo I: Total de projetos publicados nas revistas *Projeto Design* e *AU*, de 2001 a 2015, separados por tipologia.

159 As porcentagens do total de projetos publicados na revista *Projeto Design* discriminados por categorias são: 18,9% são habitações (1); 1,9% arquitetura industrial (2); 38,2% comércio e serviços (3); 3,6% complexos esportivos (4); 8,7% arquitetura educacional (5); 6,6% arquitetura institucional (6); 2% arquitetura hospitalar (7); 13,5% edifícios para lazer e cultura (8); 2% projetos de urbanismo (9); 1,9% espaços livres (10) e 2,7% terminais de transporte (11).

De modo geral, os projetos mais publicados são os destinados à arquitetura corporativa (categoria 3), seguido pelos projetos habitacionais (categoria 01). Dentro das subcategorias da categoria 3, 19,3% são projetos de edifícios corporativos e edifícios comerciais; 42,6% são projetos de interiores de espaços corporativos; 16,1% são projetos de lojas; 15,5% projetos de bares e restaurantes; 5,8% hotéis e 0,7% outros. Na categoria 1, as porcentagens por subcategorias são: 75,7% de projetos de residências e 24,3% projetos de edifícios residenciais¹⁶⁰.

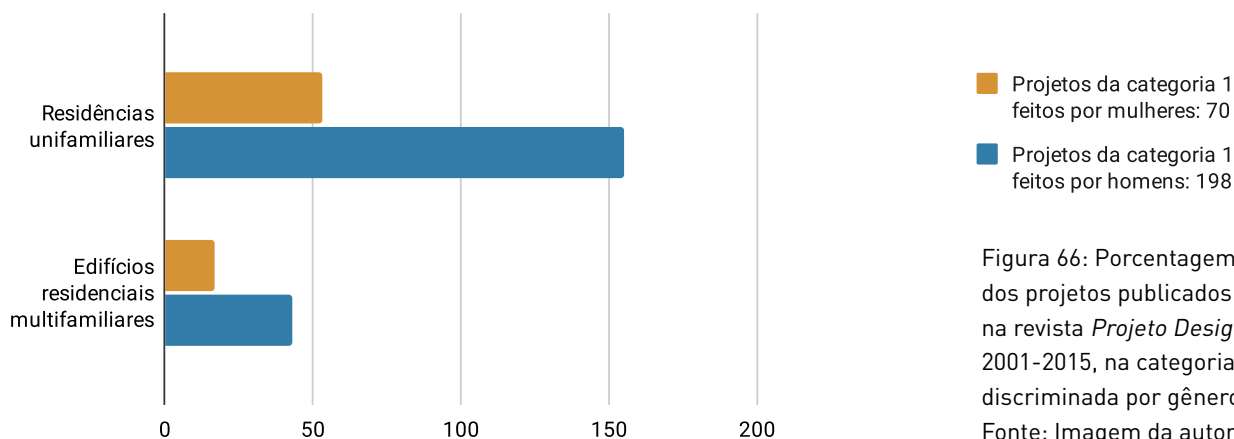


Figura 66: Porcentagem dos projetos publicados na revista *Projeto Design* 2001-2015, na categoria 1, discriminada por gêneros. Fonte: Imagem da autora.

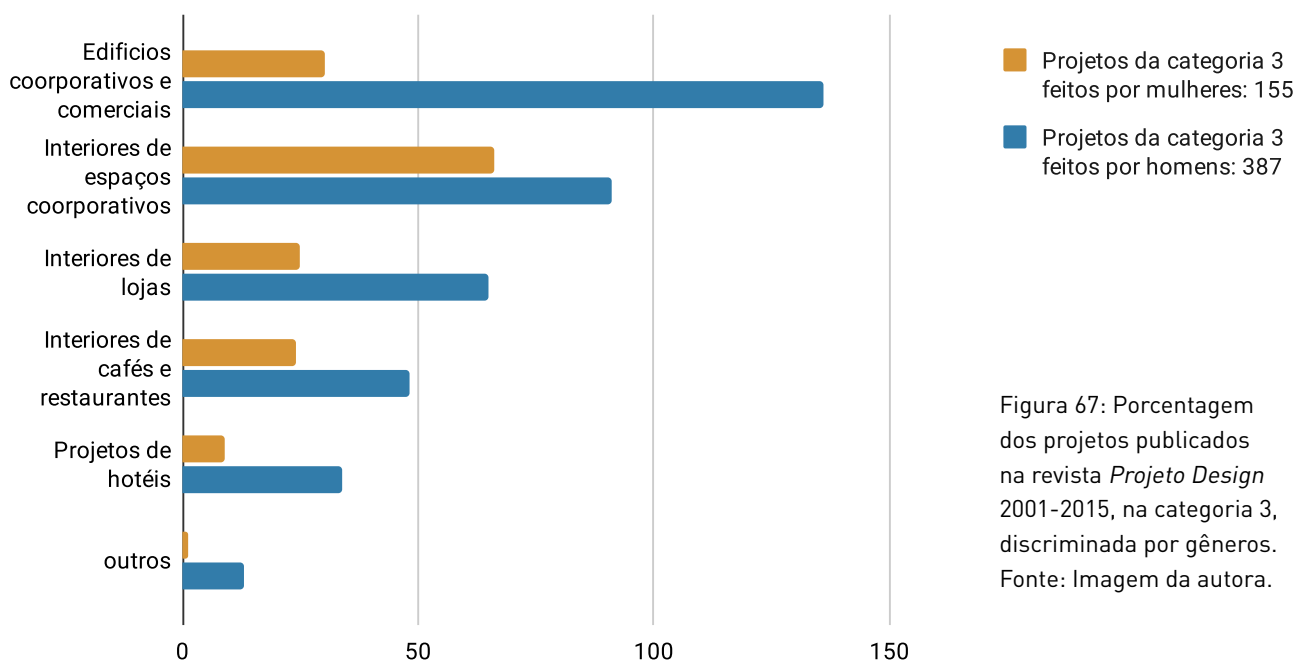


Figura 67: Porcentagem dos projetos publicados na revista *Projeto Design* 2001-2015, na categoria 3, discriminada por gêneros. Fonte: Imagem da autora.

160 As porcentagens dos totais dos projetos publicados nos subitens da categoria 01 e 03 são: 30,6% são projetos de edifícios corporativos e edifícios comerciais; 29% são projetos de interiores de espaços corporativos; 16,6% são projetos de lojas; 13,3% projetos de bares e restaurantes; 7,9% hotéis e 2,6% outros. Na categoria 1 as porcentagens são: 77,6% de projetos de residências e 22,4% projetos de edifícios residenciais.

E as porcentagens dos projetos nos subitens das categorias feitos por arquitetos são: 35,1% são projetos de edifícios corporativos e edifícios comerciais; 23,5% são projetos de interiores de espaços corporativos; 16,8% são projetos de lojas; 12,4% projetos de bares e restaurantes; 8,8% hotéis e 3,4% outros. Na categoria 1 as porcentagens são: 78,3% de projetos de residências e 21,7% projetos de edifícios residenciais.

Quando comparadas as porcentagens acima com as porcentagens dos projetos feitos por arquitetos, há que se notar que apesar de, em números gerais, as porcentagens serem parecidas (categoria 3: representa 38,1% dos projetos feitos por mulheres e 38,3% dos projetos feitos por homens) a complexidade dos projetos e conseqüentemente dos orçamentos são bem diferentes entre os gêneros. A maioria dos projetos realizados pelas arquitetas, nesta categoria (42,6%), são projetos de interiores de escritórios corporativos, já a maior parte dos projetos feitos por arquitetos (35,1%) são projetos de edifícios e complexos corporativos e comerciais.

Ao longo dos quinze anos analisados, a revista AU teve somente 28% dos projetos publicados com autoria de arquitetas ou de escritório de arquitetura que têm arquitetas entre os sócios. Entre o total de projetos feitos por mulheres 32,4% são habitações (1); 2,3% arquitetura industrial (2); 30,2% comércio e serviços (3); 1,9% complexos esportivos (4); 3,4% arquitetura educacional (5); 4,9% arquitetura institucional (6); 0,7% arquitetura hospitalar (7); 12,8% edifícios para lazer e cultura (8); 6,5% projetos de urbanismo (9); 3,8% espaços livres (10) e 1,1% terminais de transporte (11)¹⁶¹.

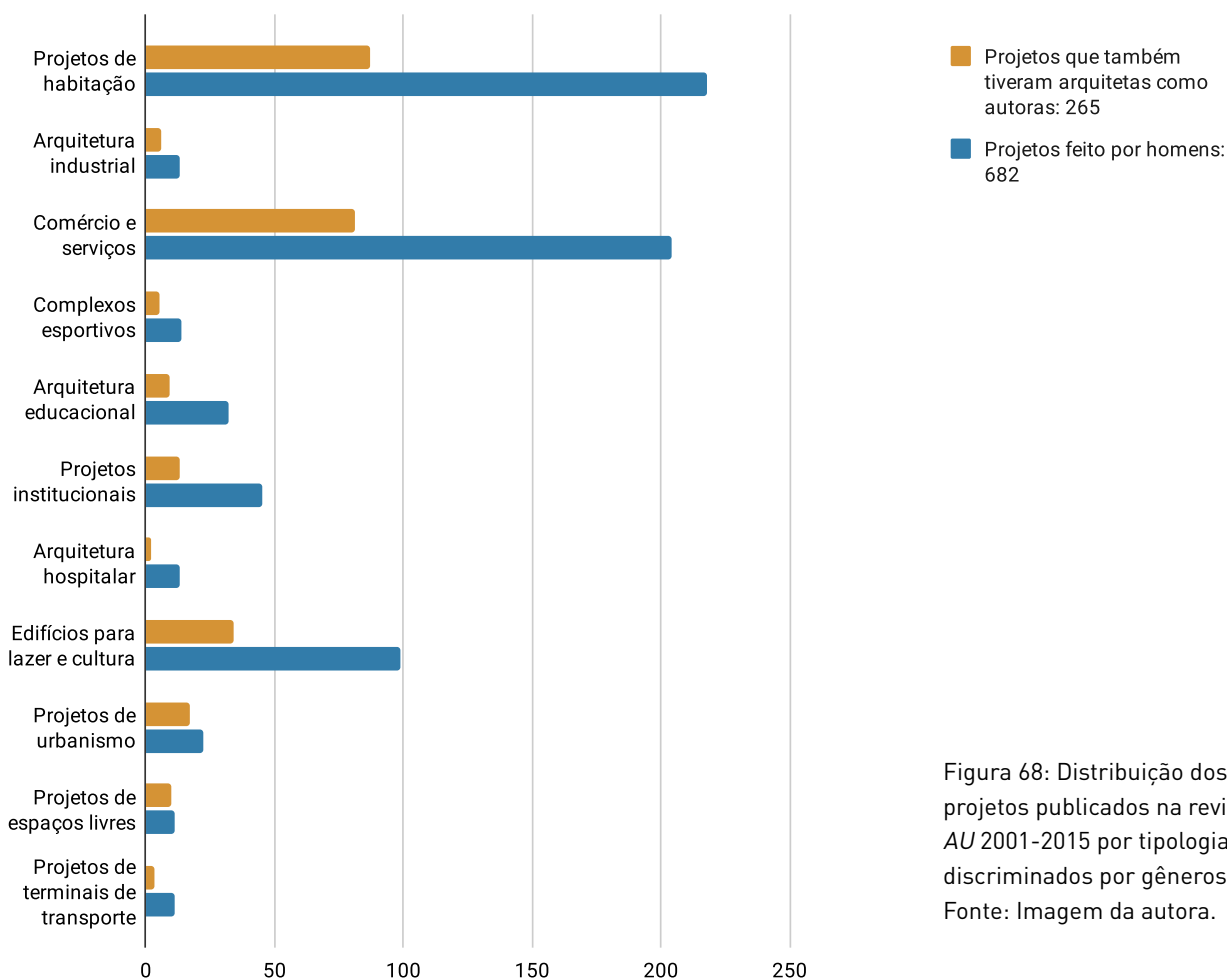


Figura 68: Distribuição dos projetos publicados na revista AU 2001-2015 por tipologias, discriminados por gêneros. Fonte: Imagem da autora.

161 As porcentagens do total de projetos publicados na revista Arquitetura e Urbanismo discriminados por categorias são: 32,1% são habitações (1); 2% arquitetura industrial (2); 30% comércio e serviços (3); 2% complexos esportivos (4); 4,3% arquitetura educacional (5); 6,1% arquitetura institucional (6); 1,6% arquitetura hospitalar (7); 14% edifícios para lazer e cultura (8); 4,1% projetos de urbanismo (9); 2,2% espaços livres (10) e 1,6% terminais de transporte (11).

E as porcentagens dos projetos publicados feitos por arquitetos do sexo masculino são: 32% são habitações (1); 1,9% arquitetura industrial (2); 29,9% comércio e serviços (3); 2% complexos esportivos (4); 4,7% arquitetura educacional (5); 6,6% arquitetura institucional (6); 1,9% arquitetura hospitalar (7); 14,6% edifícios para lazer e cultura (8); 3,2% projetos de urbanismo (9); 1,6% espaços livres (10) e 1,6% terminais de transporte (11).

De modo geral, os projetos mais publicados são os destinados à arquitetura habitacional (categoria 01), seguido pelos projetos corporativos (categoria 3). Dentro das subcategorias do item 1 as porcentagens são: 77% de projetos de residências e 23% projetos de edifícios residenciais. Na categoria 3, as porcentagens por subcategoria são: 32,1% são projetos de edifícios corporativos e edifícios comerciais; 42% são projetos de interiores de espaços corporativos; 10% são projetos de lojas; 10% projetos de bares e restaurantes; 5% hotéis e 0,9% outros¹⁶².

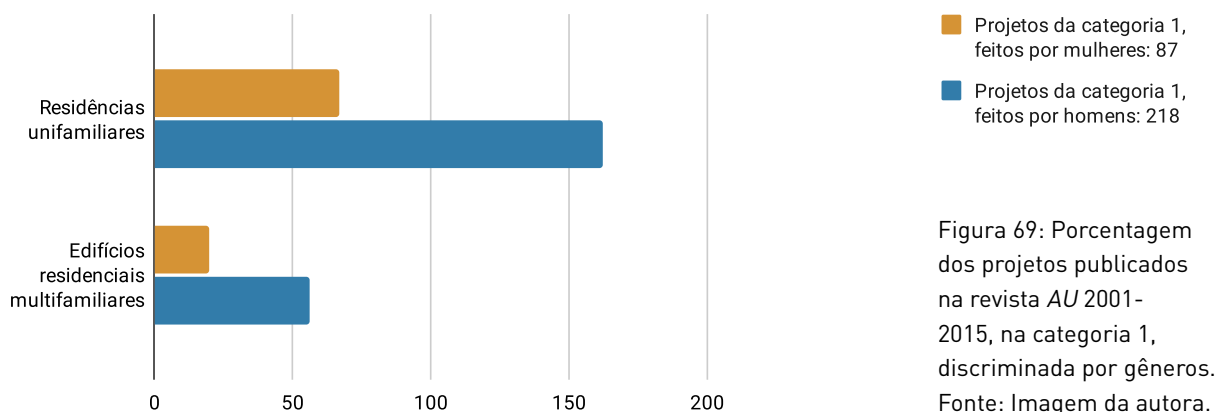


Figura 69: Porcentagem dos projetos publicados na revista AU 2001-2015, na categoria 1, discriminada por gêneros. Fonte: Imagem da autora.

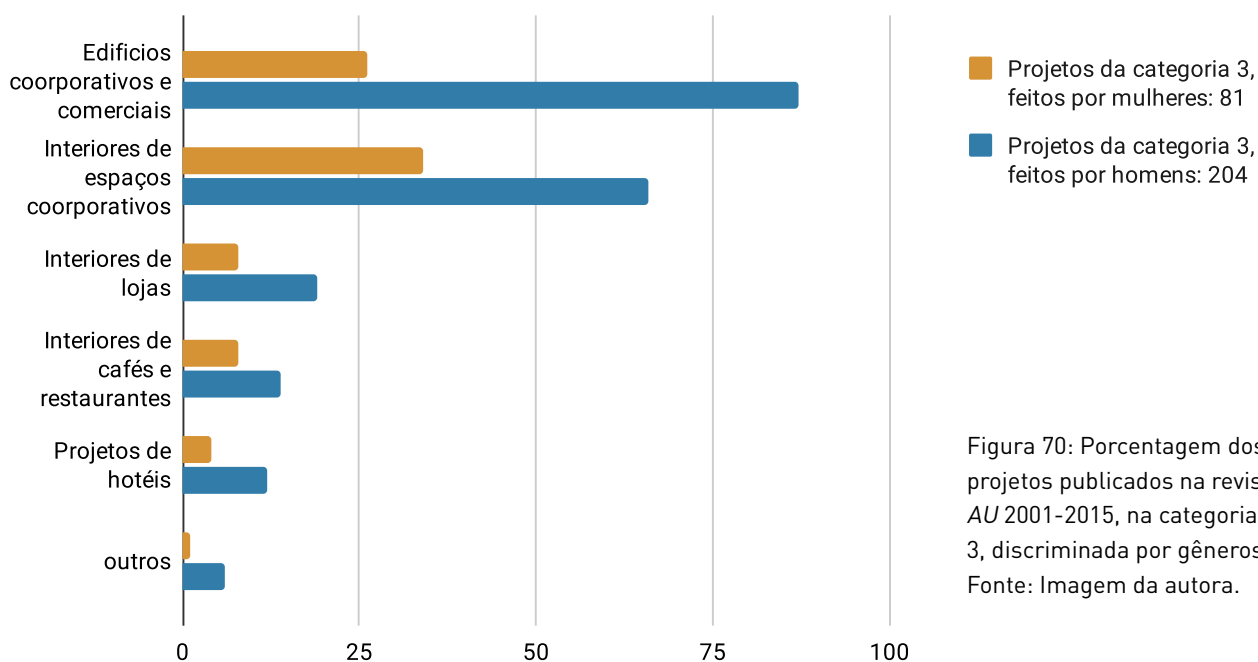


Figura 70: Porcentagem dos projetos publicados na revista AU 2001-2015, na categoria 3, discriminada por gêneros. Fonte: Imagem da autora.

162 As porcentagens dos totais dos projetos publicados nos subitens da categoria 01 e 03 são: 39,8% são projetos de edifícios corporativos e edifícios comerciais; 34,9% são projetos de interiores de espaços corporativos; 9,5% são projetos de lojas; 7,8% projetos de bares e restaurantes; 5,6% hotéis e 2,4% outros. Na categoria 1 as porcentagens são: 75% de projetos de residências e 25% projetos de edifícios residenciais.

E as porcentagens dos projetos nos subitens das categorias feitos por arquitetos são: 42,6% são projetos de edifícios corporativos e edifícios comerciais; 32,3% são projetos de interiores de espaços corporativos; 9,3% são projetos de lojas; 6,9% projetos de bares e restaurantes; 5,9% hotéis e 3% outros. Na categoria 1 as porcentagens são: 74,3% de projetos de residências e 25,7% projetos de edifícios residenciais.

Assim como ocorreu com os números expostos da revista *Projeto Design*, quando comparadas as publicações, na revista *AU*, dos projetos feitos por mulheres com as porcentagens dos projetos feitos por homens, além dos números serem bastante inferiores, os projetos de autoria de arquitetas são projetos menores, com menor capital investido, com ênfase em projetos de interiores e de decoração. Nos projetos de edifícios comerciais e serviços, a maior parte dos projetos feitos por mulheres são projetos de interiores e decoração de espaços corporativos (42%) e, em uma porcentagem menor, são projetos de edifícios e complexos corporativos (32,1%). Em comparação com os números de projeto realizados por arquitetos, as porcentagens são 32,3% e 42,6%, respectivamente.

Com relação à localização geográfica, a maioria dos projetos publicados estão localizados na região sudeste, na revista *Projeto Design*, são 73% do total entre os publicados e 59%, na revista *AU*. Os projetos realizados por arquitetas também estão concentrados na região sudeste: 76,2% na revista *Projeto Design* e 66,9% na revista *AU*. Vale destacar que, segundo pesquisa lançada pelo CAU/BR em março de 2019¹⁶³, o Brasil apresentava, na época, 167.060 arquitetos registrados no órgão, destes 88.775 (53,15%) estão na região sudeste, sendo 55.156 arquitetas (62,15% do total de arquitetos da região sudeste e 33% do total de arquitetos registrados no Brasil). Pode-se concluir que as revistas, que estão com seu corpo editorial na cidade de São Paulo, além de concentrarem as publicações dos projetos na região sudeste em números superiores à concentração de arquitetos na região, publicam em clara minoria os projetos realizados por arquitetas.

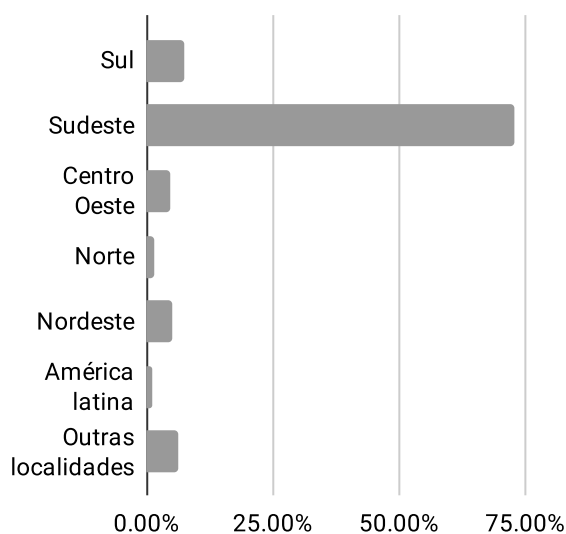


Figura 71: Distribuição geográfica dos projetos publicados na revista *Projeto Design* 2001-2015.
Fonte: Imagem da autora.

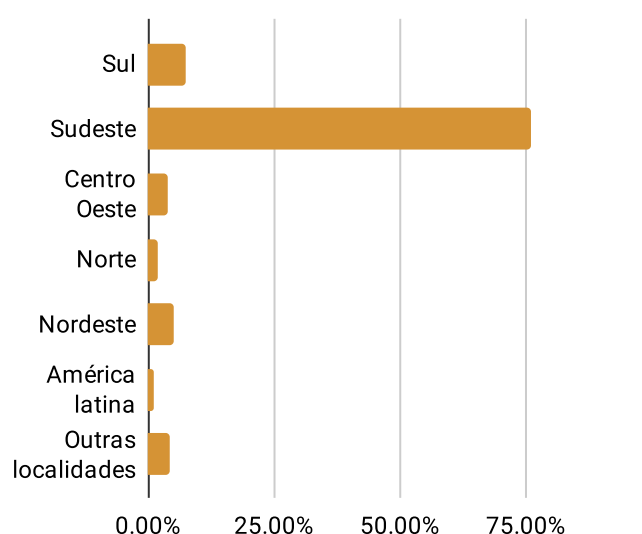


Figura 72: Distribuição geográfica dos projetos com autoria de arquitetas publicados na revista *Projeto Design* 2001-2015.
Fonte: Imagem da autora.

163 Disponível em: <https://www.caubr.gov.br/inedito-visao-completa-sobre-a-presenca-da-mulher-na-arquitetura-e-urbanismo/>. Acessado em: 04/01/2022.

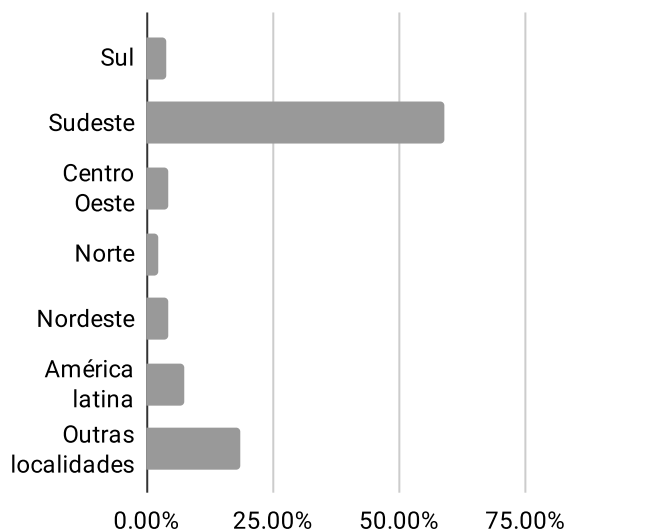


Figura 73: Distribuição geográfica dos projetos publicados na revista *AU* 2001-2015.
Fonte: Imagem da autora.

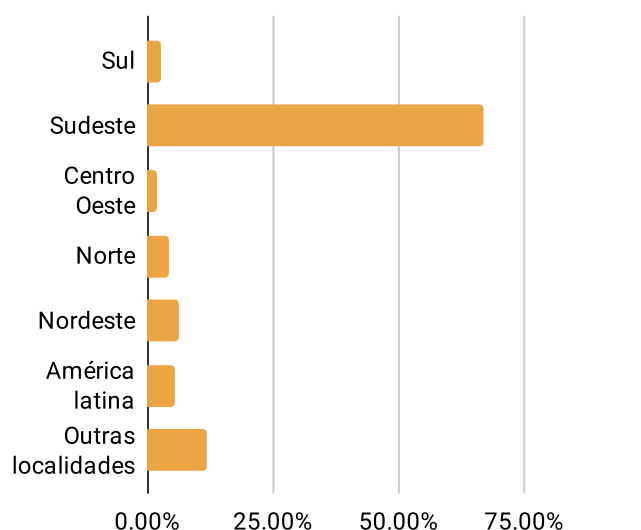


Figura 74: Distribuição geográfica dos projetos com autoria de arquitetas publicados na revista *AU* 2001-2015.
Fonte: Imagem da autora.

Em relação aos locais de destaque dos projetos, ou seja, as capas, as entrevistas e debates feitos nas edições de ambas revistas, na revista *Projeto Design*, os projetos realizados por arquitetas protagonizam 19,7% das capas e, na revista *AU*, as arquitetas protagonizaram 22,9% das capas. Para as entrevistas foram quantificados o número e o gênero dos entrevistados e o número e o gênero de seus entrevistadores¹⁶⁴. Na revista *Projeto Design*, apenas 7,7% dos entrevistados são mulheres, quinze entrevistadas de um total de 194 entrevistas. Já os responsáveis pelas entrevistas apareceram em número bem mais equilibrado, as entrevistadoras representaram 46,5% do conjunto de entrevistadores. Entre as entrevistadoras mais frequentes das edições, destaca-se a arquiteta e urbanista Evelise Grunow e as jornalista Éride Moura e Nanci Corbioli.

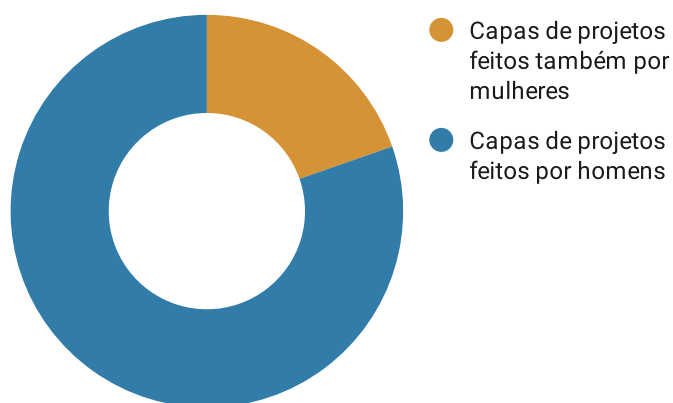


Figura 75: Comparativo entre capas protagonizadas por arquitetos e por arquitetas, revista *Projeto Design* 2001-2015.
Fonte: Imagem da autora.

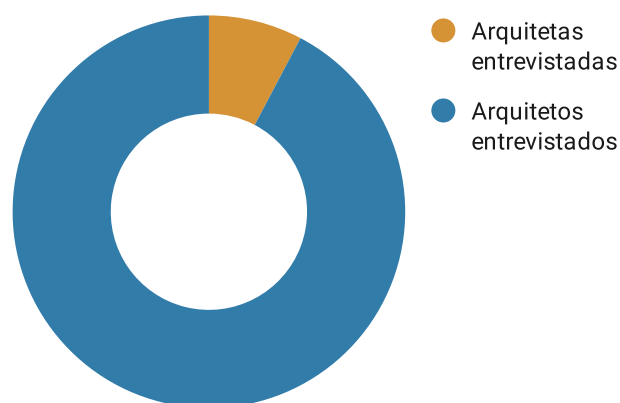


Figura 76: Comparativo entre entrevistas realizadas com arquitetos e com arquitetas, revista *Projeto Design* 2001-2015.
Fonte: Imagem da autora.

164 Ver anexo III: Total de entrevistas, entrevistadores e debates promovidos nas revistas *Projeto Design* e *AU*, de 2001 a 2015.

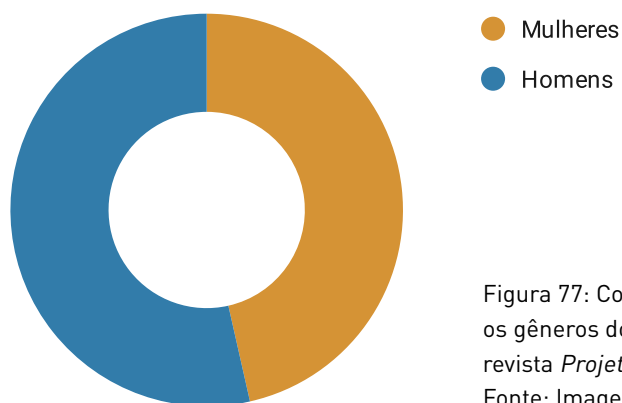


Figura 77: Comparativo entre os gêneros dos entrevistadores, revista *Projeto Design* 2001-2015. Fonte: Imagem da autora.

Na revista *AU*, 16% dos entrevistados são mulheres, 32 entrevistadas de um total de 200 entrevistas. Já os responsáveis pelas entrevistas são majoritariamente mulheres, as entrevistadoras representaram 80,7% do conjunto de entrevistadores. Diferente da revista *Projeto Design*, na revista *AU*, os responsáveis pelas entrevistas variavam muito entre os anos e as edições, porém foi possível notar que entre as entrevistadoras mais frequentes das edições destacaram-se as jornalistas Valentina Figuerola, Éride Moura, Haifa Y. Sabbag, Simone Sayegh, Bianca Antunes, Ledy Valporto Leal e Rosa Symanski e as arquitetas e urbanistas Ursula Troncoso, Mariana Siqueira e Laura Sobral.

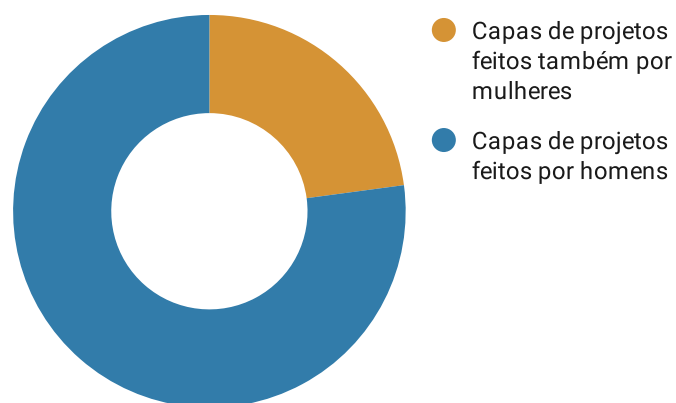


Figura 78: Comparativo entre capas protagonizadas por arquitetos e por arquitetas, revista *AU* 2001-2015. Fonte: Imagem da autora.

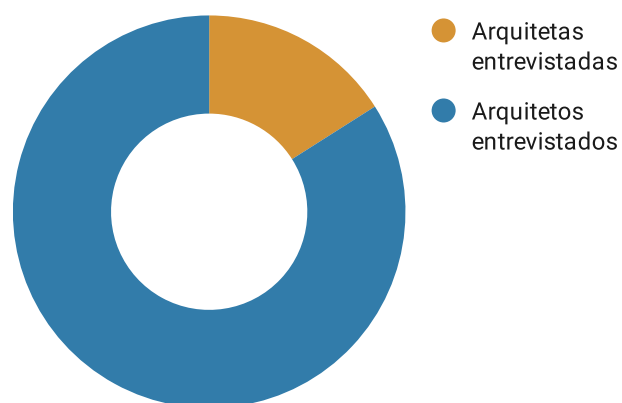


Figura 79: Comparativo entre entrevistas realizadas com arquitetos e com arquitetas, revista *AU* 2001-2015. Fonte: Imagem da autora.

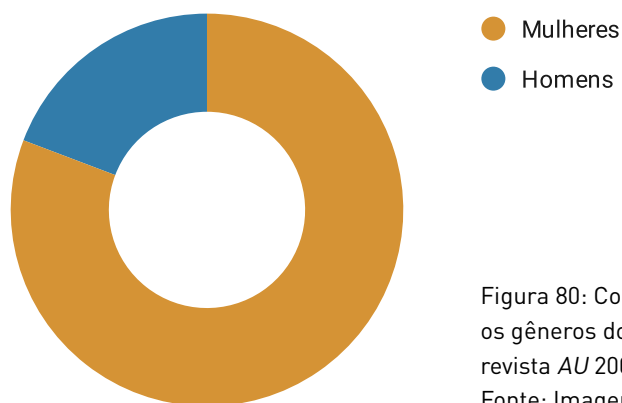


Figura 80: Comparativo entre os gêneros dos entrevistadores, revista AU 2001-2015.
Fonte: Imagem da autora.

Entre as arquitetas entrevistadas pelas duas revistas, alguns nomes coincidiram: Rosa Kliass, entrevistada pela *Projeto Design* em 2002 (n° 266) e pela *AU* em 2004 (n° 121) e 2012 (n° 223); Esther Stiller, entrevistada em 2002 pela *Projeto Design* (n° 271) e em 2005 pela *AU* (n° 134); Raquel Rolnik entrevistada pela *AU* em 2008 (n°170) e 2010 (n°191) e pela *Projeto Design* em 2003 (n° 278), Zaha Hadid entrevistada pelas duas revistas em 2012 (*Projeto Design* n° 387 e *AU* n° 218); Elisabete França entrevista pela *AU* em 2012 (n° 219) e em 2010 pela *Projeto Design* (n° 364); e, por último, a arquiteta Kazuo Sejima entrevistada em 2008 pela *Projeto Design* (n° 344) e em 2015 pela revista *AU* (n° 253).

Os debates promovidos pelas revistas, com o convite de alguns especialistas para discutirem um tema central proposto pela redação, não foram muito frequentes nas edições examinadas, notou-se que em algumas delas um grupo de arquitetos ou especialistas foi convidado para falar e discorrer sobre um tema específico colocado pela redação. Pode ser notado que a maior parte dos convidados para os debates eram homens, na revista *Projeto Design*, eles representaram 78% dos convidados e, na revista *AU*, representaram 76% dos convidados.

Por último, a listagem dos artigos publicados nos periódicos mostrou que o tema sobre a mulher na profissão ou destaques sobre trabalhos feitos por arquitetas quase não apareceu. Na revista *Projeto Design*, apenas quatro, do total de 114 artigos publicados, trouxeram o debate sobre a questão de gênero; atuação das arquitetas na profissão; corpo feminino e destaque a vida e obra de uma arquiteta. Tratam-se dos artigos *Mulheres, cadeiras e almofadas bordadas*, publicado em 2004, na edição n° 297, de autoria de Fernando Serapião; *Mulheres e Boemia: os cartazes e a principal fonte de inspiração de Lautrec, a figura feminina e a vida boêmia de Paris*, publicado em 2007, na edição n° 331, de autoria de Paulo Moretto; *Lina Bo Bardi e a tropicália*, publicado em 2008, na edição n° 337, de autoria de Marcelo Ferraz e *CAU - Censo dos Arquitetos 2013 Raio X do arquiteto*, publicado em 2013, na edição n° 399, de autoria de Adilson Melendez. Os artigos escritos por mulheres corresponderam à 16% do total de artigos publicados na revista.

Na revista *AU*, a porcentagem de artigos publicados por mulheres é maior, corresponde à 33,8% do total de artigos publicados. Porém, os debates sobre a atuação das arquitetas na profissão foram tão escassos quanto na revista *Projeto Design*. No período analisado, foram publicados apenas três artigos sobre o trabalho feito por uma arquiteta, os três sobre a arquiteta Lina Bo Bardi: *Processo criativo de Lina Bo Bardi para o MASP*, na edição n° 129, 2004, de Marcos Carrilho; *Plano de recuperação para o Centro histórico da Bahia por Lina Bo Bardi e equipe de 1986*, na edição n° 171, 2008, por Eneida de Almeida, Luis Octávio da Silva, Marta Bogéa e Yo-

panan Rebello e *Lina Bo Bardi: em busca de uma arquitetura pobre*, na edição nº 249, 2014, de Zeuler Lima. O único debate sobre gênero, *star system* e mulheres ocorreu na entrevista feita à arquiteta Denise Scott Brown feita por Camila Viegas-Lee, na edição nº 231, de 2013.

A partir dos números expostos acima, pode-se dizer que as arquitetas e a discussão sobre gênero na profissão estão sub representados nas duas publicações analisadas e que, apesar da equipe editorial e equipe de jornalistas ter a participação frequente de mulheres, com maior destaque para a equipe editorial da revista *AU*¹⁶⁵, escrever sobre mulheres, divulgar projetos de mulheres e entrevistar mulheres foi a exceção nos quinze primeiros anos do século XXI, nas duas publicações. Se considerarmos que a arquitetura é uma construção social, então podemos refletir o que a ausência das arquitetas nas publicações sugere sobre a nossa cultura, instituições e os princípios que regulam a produção do espaço. É possível afirmar que as revistas de arquitetura reproduzem e reafirmam o modelo dominante, que historicamente marca nossa sociedade, e ainda não incorporaram a diversidade da profissão.

2.3.3 PUBLICAÇÕES ESPECIALIZADAS: OUTROS DESTAQUES

A publicidade existente nas revistas especializadas, embora não tenha sido objeto de levantamento nas edições examinadas, precisa ser mencionada, uma vez que a publicidade é a grande aliada dos meios de comunicação para a construção de um pensamento unificado e padrão. Os anúncios publicitários para a apresentação dos novos produtos e serviços para o campo da arquitetura e construção civil fazem parte dos conteúdos existentes em cada publicação, da mesma forma que os artigos, entrevistas e projetos publicados. A propaganda de caráter sexista contribui para a consolidação dos estereótipos, ou seja, as mulheres seguem vinculadas a produtos destinados ao lar e âmbito doméstico, sendo muitas vezes sexualizadas nos anúncios.



Figura 81, 82, 83 e 84: Publicidade nas revistas *AU* e *Projeto Design* 2001-2015. Fonte: Imagem da autora.

165 Ver item 2.2 deste capítulo.

Todo este capítulo foi estruturado em torno das publicações especializadas impressas de arquitetura e urbanismo. Embora os *sites* especializados tenham assumido importante peso na divulgação e promoção de projetos, textos e debates de arquitetura, são poucos os sites que têm uma equipe editorial configurada tal como nas revistas impressas, responsável pelas pautas, textos e projetos a serem publicados. Porém, a importância desses canais de comunicação não pode ser ignorada.

O *Archdaily*, fundado em 2008, é o site especializado de arquitetura com maior número de visitantes, com 13.6 milhões de visitas mensais¹⁶⁶. Ao realizar uma pesquisa rápida no site, utilizando o filtro de busca “mulheres na arquitetura”, a primeira notícia que aparece data de junho de 2013, intitulada *Prêmio Pritzker rejeita pedido de Denise Scott Brown de conceder prêmio de forma retroativa*¹⁶⁷. Ainda em 2013, o *site* publicou mais uma notícia sobre mulheres na arquitetura¹⁶⁸, que discorre sobre a falta de representatividade das mulheres nas premiações de arquitetura, porém, somente em 2015, voltam as publicações sobre o tema, com cinco artigos publicados ao longo do ano.

Em 2016, apenas uma notícia com esse filtro foi publicada e, em 2017, foram publicados, novamente, apenas cinco artigos sobre o tema. Entre os artigos publicados em 2017, dois deles merecem destaque: a entrevista feita com a arquiteta francesa Odile Decq, onde a arquiteta discorre sobre os desafios que as arquitetas enfrentam para se posicionar no campo profissional¹⁶⁹ e a notícia sobre o projeto *São Paulo por Elas*, criado pelo GT-Mulheres do SASP, com objetivo de dar visibilidade ao trabalho das arquitetas brasileiras¹⁷⁰.

Somente a partir de 2018, o tema sobre “mulheres na arquitetura” passou a ter mais visibilidade no *site*, com maior quantidade de publicações e maior diversidade de temas discutidos¹⁷¹. Em 2019, o portal fez uma publicação destacando as principais tendências de debates do ano, o tema “Igualdade de Gênero” apareceu como o de maior destaque, passando a ser um dos assuntos mais pesquisados pelos visitantes do *site*¹⁷². Os seguintes anos, de 2019 a 2021, continuaram mostrando maior variedade de artigos e reportagens sobre as mulheres na arquitetura, porém aqui faço uma ressalva: a maior parte das publicações é feita ao longo do mês de março, no restante do ano o tema fica mais rarefeito.

Ao longo deste capítulo foi evidenciado como as arquitetas aparecem em clara minoria nas publicações especializadas nacionais, mesmo elas representando a maioria dos profissionais formados e registrados no conselho de classe. No seguinte capítulo, será evidenciado como ocorre a divisão sexual do trabalho na profissão e, a partir dela, entender o porquê das arquitetas ainda não alcançaram os espaços de reconhecimento e destaque da profissão.

166 Disponível em: https://www.archdaily.com.br/br/content/about?ad_source=jv-header&ad_name=hamburger_menu. Acessado em: 04/01/2022.

167 Disponível em: <https://www.archdaily.com.br/br/01-120275/premio-pritzker-rejeita-o-pedido-de-denise-scott-brown-de-conceder-o-premio-de-forma-retroativa>. Acessado em: 04/01/2022.

168 Disponível em: <https://www.archdaily.com.br/br/01-134611/porque-a-arquitetura-tem-que-ouvir-suas-mulheres-esquecidas>. Acessado em: 04/01/2022.

169 Disponível em: <https://bitly.com/Rgjcb>. Acessado em: 04/01/2022.

170 Disponível em: <https://www.archdaily.com.br/br/885858/projeto-sao-paulo-por-elas-busca-dar-visibilidade-ao-trabalho-das-arquitetas-brasileiras>. Acessado em: 04/01/2022.

171 A partir de 2018 foram publicados artigos e reportagens com temas variados sobre as mulheres na arquitetura, foram publicadas premiações vencidas por mulheres, denúncias de sobre a disparidade salarial entre homens e mulheres na arquitetura, questionários para o mapeamento da atuação das arquitetas, divulgação de trabalhos de arquitetas contemporâneas e arquitetas do século XX, entre outras temáticas. Fonte: <https://www.archdaily.com.br/br/tag/mulheres-na-arquitetura/page/4>

172 Disponível em: <https://www.archdaily.com.br/br/915607/tendencias-de-fevereiro-2019-igualdade-de-genero>. Acessado em: 04/01/2022.

**A DIVISÃO
SEXUAL NO
ENSINO E
PROFISSÃO**

03

Arquitetura é um trabalho coletivo, envolve arquitetos, engenheiros, mestres de obras, etc. Sendo assim, sempre trabalhamos com muitas equipes complementares. Em parte, nosso trabalho consiste em fazer constantemente gestão de pessoas. Nesse trabalho é comum alguns complementares não cumprirem com prazos ou acordos previamente combinados por inúmeros motivos, porém todas as vezes lidei com esses tipos de imprevistos as reações sempre foram mais duras em cima dos complementares liderados por mulheres.

Elisabeth Souza-Lobo¹⁷³ (1991) afirma que a homogeneização da classe trabalhadora remete a um conceito de classe construído exclusivamente a partir do lugar na produção, separando as relações sociais das relações de produção:

A homogeneização da classe, consequência de sua construção como elemento estrutural, se traduz numa metodologia de aproximação em que não cabe a abordagem concreta das situações de trabalho e, face ao trabalho e à sociedade, da vida cotidiana e das relações que estabelecem homens e mulheres ao viverem as relações de produção, e experimentarem situações determinadas, dentro do conjunto das relações sociais. (SOUZA-LOBO, 1991, p. 117).

A socióloga Danièle Kergoat (2009) afirma que relações sociais de sexo e divisão sexual do trabalho são indissociáveis. Segundo a autora, as diferenças entre as práticas dos homens e as das mulheres são construções sociais que expressam relações sociais de poder. A divisão sexual do trabalho é caracterizada pela separação entre a esfera reprodutiva, destinada às mulheres, e a esfera produtiva, destinada aos homens, sendo esta última associada às funções mais valorizadas socialmente. Essa forma de divisão social está organizada sob dois princípios: a distinção entre o trabalho realizado por homens e mulheres, princípio da separação, e a relação de valor entre eles, princípio da hierarquização (KERGOAT, 2009). A legitimação desses princípios reduz as práticas sociais a papéis sexuais e as coloca como destino natural de cada sexo. A discussão sobre a divisão sexual do trabalho possibilita questionar esse suposto destino e afirmar o caráter social das práticas sexuais. Sendo assim, não são dados rígidos, variam no tempo e espaço.

As transformações no mundo do trabalho, que estão em curso desde os anos 1970¹⁷⁴, repercutem diretamente sobre o trabalho masculino e o trabalho feminino. Enquanto o primeiro tende a diminuir ou estagnar, o segundo aumenta progressivamente (HIRATA, 2009). Silvia Cristina Yannoulas explica que embora haja o aumento numérico das mulheres no mercado de trabalho, são elas que acabam assumindo a maior parte da reestruturação produtiva¹⁷⁵: o trabalho em tempo parcial, o trabalho temporário, o subemprego.

173 Helena Hirata destaca que as pesquisas desenvolvidas por Elisabeth Souza-Lobo em Sociologia do Trabalho, Relações de Gênero e Movimentos Sociais Urbanos renovaram o debate no interior das Ciências Sociais brasileiras, principalmente pela leitura do universo da produção a partir das relações de gênero.

174 Silvia Cristina Yannoulas comenta que a feminização do trabalho assalariado foi uma das maiores mutações sociais da segunda metade do século XX: em poucas décadas as mulheres tornaram-se quase a metade do mundo do trabalho remunerado.

175 A reestruturação produtiva, ou também chamada de capitalismo flexível, está diretamente associada à Terceira Revolução Industrial e ao processo de implementação do Neoliberalismo. É caracterizada como o processo de renovação das práticas de gestão e de organização do trabalho, efetivada em virtude dos avanços tecnológicos, que permitiram uma maior eficiência no processo produtivo. Como consequência de reestruturação produtiva houve o aumento dos empregos temporários, aumento do trabalho precário e diminuição média dos salários. Fonte: <https://gestrado.net.br/verbetes/reestruturacao-productiva/>. Acessado em: 27/01/2022.

Hoje, a divisão sexual do trabalho não corresponde somente à separação dos espaços público e privado, mas também à hierarquização da inserção da mulher no mercado de trabalho. Segundo Yannoulas (2003), o aumento quantitativo da participação das mulheres no mercado de trabalho está mais vinculado à expansão de atividades “femininas” do que o acesso a atividades “masculinas”, como, por exemplo, o crescimento de profissões e atividades vinculadas ao cuidado¹⁷⁶: enfermeiras, professoras, assistentes sociais, nutricionistas, médicas de família, cozinheiras, cuidadoras. O conhecimento das formas de operação da divisão sexual do trabalho torna-se um instrumento importante que pode auxiliar na formulação de políticas públicas e absorção equitativa dos trabalhadores, dado que as mulheres representam grande percentual de mão-de-obra, trabalhando em condições desvantajosas que prejudicam e desencorajam sua contribuição.

Ana Paula Cavalcanti Simioni (2019), em seu livro *Profissão Artista: Pintoras e Escultoras Acadêmicas Brasileiras*¹⁷⁷, estudou a participação das mulheres no meio artístico no período que antecedeu a década de 1920. A partir das perguntas: “existiram artistas mulheres no século XIX? Se sim, quem foram elas? Em que condições estabeleceram suas carreiras? A que tipo de produção se dedicaram? E por que sabemos tão pouco sobre elas?”¹⁷⁸, a pesquisadora buscou novas fontes documentais para consolidar os nomes das artistas estudadas. Até então, a historiografia da arte não havia registrado a existência de mulheres artistas do século XIX que se distinguiram ou que mereceram tratamento crítico.

Simioni (2019) começou sua pesquisa a partir dos artistas registrados nos “dicionários de artistas plásticos, que forneceram os nomes femininos atuantes entre os primórdios do Oitocentos até 1922”¹⁷⁹, onde foram encontrados aproximadamente noventa nomes femininos. Sua segunda fonte documental foram os catálogos das Exposições Gerais de Belas-artes e dos Salões Nacionais de Belas-artes, onde a pesquisadora encontrou mais de duzentas expositoras¹⁸⁰. A autora registra e destaca o aumento progressivo da participação das mulheres artistas nas competições, chegando a representar 40% dos artistas em 1900¹⁸¹.

Os críticos de arte da época falaram pouco ou quase nada da produção feita pelas mulheres. Nos catálogos das exposições, as artistas mulheres eram classificadas como amadoras e

176 Mariana Mazzini Marcondes faz a seguinte definição: “O cuidado de pessoas é elemento estrutural do que e construiu socialmente como feminino. Seja em casa, nos hospitais ou nas escolas, as mulheres cuidam. Desde a infância até se tornarem idosas, as mulheres cuidam de crianças, idosos, deficientes e mesmo de homens adultos. A existência social feminina realiza-se na medida em que elas cuidam, e, apesar de ser uma atividade essencial para a sustentabilidade da vida humana, o cuidado e quem cuida são desvalorizados(as)”. MARCONDES, Mariana Mazzini. *O cuidado na perspectiva da divisão sexual do trabalho: contribuições para os estudos sobre a feminização do mundo do trabalho*. In: YANNOULAS, Silvia Cristina (coord.). *Trabalhadoras - a análise da feminização das profissões e ocupações*. Brasília: Editorial Abaré, 2013, p. 251.

177 Tese de doutorado elaborada por Ana Paula Cavalcanti Simioni convertida em livro.

178 SIMIONI, Ana Paula Cavalcanti. *Profissão Artista: Pintoras e Escultoras Acadêmicas Brasileiras*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo/Fapesp, 2019, p. 21.

179 SIMIONI, Ana Paula Cavalcanti. *Profissão Artista: Pintoras e Escultoras Acadêmicas Brasileiras*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo/Fapesp, 2019, p. 23.

180 Ao realizar as primeiras pesquisas procurando pelos nomes das artistas mulheres, Ana Paula Cavalcanti Simioni encontrou quase 300 mulheres artistas nas publicações dos catálogos das exposições e nos dicionários dos artistas, sobre isso a autora afirma: “esse dado é um convite a repensar o quanto as fontes contribuem para o obscurecimento das trajetórias femininas”. SIMIONI, Ana Paula Cavalcanti. *Profissão Artista: Pintoras e Escultoras Acadêmicas Brasileiras*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo/Fapesp, 2019, p.25.

181 No capítulo 1, Ana Paula Cavalcanti Simioni apresenta tabela com a participação feminina nos Salões Nacionais de Belas-artes do ano de 1890 a 1922, elaborada a partir dos catálogos dos Salões Nacionais de Belas-artes.

seus trabalhos eram vistos como a extensão de seus afazeres domésticos, realizados em seus momentos de descanso entre os cuidados com os filhos e a casa. Simioni (2019) destaca que as estudantes de Escola de Belas Artes, quando foram aceitas na instituição, não eram distintas pelos seus nomes próprios, eram apenas chamadas de grupos de alunas ou senhoras. Não tinham o direito a nomeação, objeto tão caro a todos os produtores culturais para os quais a autoria é princípio valioso de reconhecimento.

Historicamente, a delimitação e o exercício das profissões estão sexualmente marcados. Em sua pesquisa, Simioni mostra como a organização das instituições e a desqualificação do trabalho feminino pela sociedade contribuíram para o esquecimento dos nomes das mulheres artistas anteriores ao Movimento Moderno. Destaca como a divisão sexual do trabalho atuou na hierarquização dos trabalhos feitos por artistas homens e artistas mulheres, classificando o trabalho das mulheres como algo natural ao sexo e o dos homens, como excepcional e digno de valor.

Ao longo de toda essa pesquisa e, especialmente, ao longo desse capítulo, assumiu-se a não existência de uma arquitetura no feminino ou no masculino; ou que existam sequer especificidades em arquiteturas feitas por mulheres e em arquiteturas feitas por homens. Sendo os indivíduos todos diferentes entre si é natural que as respectivas arquiteturas tenham determinadas identidades e características, independentemente de serem realizadas por mulheres ou por homens. Esse capítulo foi estruturado a partir das perguntas: Onde estão as mulheres arquitetas? Que tipo de trabalho elas realizam? Onde estão as mulheres arquitetas nas universidades? E nas instituições de classe?

Se por um lado o campo da arquitetura está mais aberto para as discussões trazidas pela perspectiva de gênero, permanecem as assimetrias entre homens e mulheres na profissão; não em termos de equilíbrio numérico, mas em termos de ocupação de postos hierarquicamente superiores e de visibilidade profissional. Ao longo desse capítulo, será analisada como opera a divisão sexual do trabalho no ensino e na profissão. Primeiramente propõe-se um olhar pelas universidades, como lugares onde ocorre a aprendizagem das práticas e papéis profissionais. Na sequência, será feita uma reflexão acerca do exercício da profissão e organização das instituições que regulam as atividades dos arquitetos no Brasil. Por fim, serão apresentadas algumas iniciativas que têm como objetivo diminuir a invisibilidade das mulheres no ensino e na profissão.

Já ouvi de muitos colegas homens que um escritório de arquitetura com muitas mulheres é um ambiente com muita disputa e muita fofoca. Porém, dentro das experiências de trabalho que tive, os homens eram os mais competitivos, muitos não aceitavam ser liderados por mulheres e eram os que mais faziam fofocas e comentários maldosos de outras pessoas da equipe.

3.1

ENSINO DE ARQUITETURA E URBANISMO: CORPO DISCENTE, CORPO DOCENTE E DISCIPLINAS

Um grupo de alunas do curso de graduação de arquitetura da minha faculdade uniu-se para reclamar de várias questões do curso de graduação e um dos professores respondeu que o problema do curso era “muita mulher junta”.

O exercício profissional dos arquitetos e urbanistas foi regulamentado no Brasil em 1933¹⁸². Hoje, a regulamentação se dá através da Lei 5194 /66¹⁸³ que define as atribuições e atividades dos arquitetos e urbanistas. A habilitação é única, ou seja, não existem modalidades na profissão, e se dá pelo registro do diploma e do histórico escolar no CAU/BR, onde devem constar, obrigatoriamente, a aprovação nas matérias e o cumprimento das exigências do currículo mínimo que qualificam para o exercício profissional.

A carga horária mínima do curso de graduação em arquitetura e urbanismo estabelecida pelo MEC é de 3.600 horas¹⁸⁴, exclusivamente, destinadas ao desenvolvimento do conteúdo fixado no currículo mínimo, devendo ser cumpridas no prazo mínimo de cinco anos. O currículo mínimo é composto pelos Núcleo de Conhecimento de Fundamentação¹⁸⁵, Núcleo de Conhecimentos Profissionais¹⁸⁶ e Trabalho de Curso¹⁸⁷. Cada curso é responsável pela elaboração de seu Projeto Político Pedagógico, com a distribuição da carga horária do curso e a organização das disciplinas específicas ao longo dos semestres. A análise da grade curricular do curso de graduação de arquitetura e urbanismo de diversas faculdades mostrou que as disciplinas de Pro-

182 Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1930-1939/decreto-23569-11-dezembro-1933-503453-publicacaooriginal-1-pe.html>. Acessado em: 02/01/2022.

183 Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l5194.htm. Acessado em: 02/01/2022.

184 Disponível em: <https://normativos.confea.org.br/downloads/5194-66.pdf>. Acessado em: 02/01/2022.

185 O Núcleo de Conhecimentos de Fundamentação pode ser desenvolvido em diferentes níveis de conhecimentos e sua composição deve fornecer o embasamento teórico necessário para que o futuro profissional possa desenvolver seu aprendizado. Faz parte desse núcleo os seguintes conhecimentos: Estética e História das Artes; Estudos Sociais e Econômicos; Estudos Ambientais; Desenho e Meios de Representação e Expressão.

186 O Núcleo de Conhecimentos Profissionais é composto por campos de saber destinado à caracterização da identidade profissional. Esse núcleo é constituído por: Teoria e História da Arquitetura, do Urbanismo e do Paisagismo; Projeto de Arquitetura, de Urbanismo e de Paisagismo; Planejamento Urbano e Regional; Tecnologia da Construção; Sistemas Estruturais; Conforto Ambiental; Técnicas Retrospectivas; Informática Aplicada à Arquitetura e Urbanismo; Topografia.

187 O Trabalho de Curso é componente curricular obrigatório e deve ser desenvolvido em determinada área teórico-prática ou de formação profissional do curso, como atividade de síntese e integração de conhecimento. É um trabalho supervisionado por um docente, de modo que envolva todos os procedimentos de uma investigação técnico-científica, a serem desenvolvidos pelo acadêmico ao longo da realização do último ano do curso.

jeto do Edifício são as que apresentam a maior carga horária em todos os cursos analisados¹⁸⁸, chegando a representar 35% da carga horária na UFRGS, o que mostra o peso e a importância que a disciplina tem para a profissão.

No ano 2000, existiam no Brasil o total de 134 cursos de graduação de arquitetura e urbanismo. Em 2010, esse número havia quase dobrado, sendo 250 cursos registrados e, entre 2010 e 2018, o número de cursos de graduação em arquitetura e urbanismo mais que dobrou, totalizando 619¹⁸⁹ cursos registrados. Hoje, o CAU/BR conta com 207.678 profissionais registrados¹⁹⁰, com aproximadamente 18.000 novos profissionais registrados por ano no conselho. O órgão conta, também, com 28.837 registros de empresas que prestam serviços de arquitetura e urbanismo. No interior das regiões Norte e Nordeste existem menos profissionais e empresas registrados no conselho, já nos estados das regiões Sul e Sudeste estão as maiores concentrações de profissionais e cursos, com destaque para o Estado de São Paulo, que concentra praticamente 50% do total de profissionais registrados.

Em 2019, o CAU/BR publicou pesquisa que detalhou as atuações das arquitetas na profissão¹⁹¹. Na época da divulgação da pesquisa, as arquitetas representavam 64% do total de profissionais registrados, sendo maioria dos profissionais registrados até a faixa dos 60 anos, acima da qual os homens assumem o posto com 60% dos profissionais registrados nessa faixa etária. Os aspectos quantitativos são intrínsecos aos processos de transformação das profissões, porém o aumento numérico não, necessariamente, representa equidade entre os gêneros nas dinâmicas estabelecidas pela própria profissão, nem na organização do ensino dentro das faculdades e universidades.

188 Entre os cursos de graduação de arquitetura e urbanismo analisados, o curso de graduação da UFRGS é o que apresentou maior porcentagem da carga horária das disciplinas de projeto em comparação com a carga horária total do curso, sendo essa de 35%. A segunda maior porcentagem foi a do curso de Arquitetura e Urbanismo do Mackenzie, onde a carga horária das disciplinas de projeto do edifício corresponde a quase 30% da carga horária total do curso de graduação. Também foram analisados os cursos de graduação da FAU-USP, FAU-UNB, UFP, Unicamp e UFPel, onde a carga horária das disciplinas de projeto correspondeu, respectivamente, a 20%, 27%, 25%, 23% e 28% da carga horária total dos cursos.

189 Vale destacar que no período de 2000 a 2018 o número de cursos de graduação em Arquitetura e urbanismo em instituições públicas aumentou de 37 para 71, enquanto o número de cursos oferecidos pelas instituições privadas aumentou de 97 para 548. Fonte: <https://www.cesgranrio.org.br/pdf/Enade/1%20-%20RELATORIO%20DIGITAL%20DE%20ARQUITETURA%20E%20URBANISMO%20COMPLETO.pdf>. Acessado em: 02/02/2022.

190 Disponível em: <https://gisservar.caubr.gov.br/arcgis/apps/sites/#/novoigeo/>. Acessado em: 02/02/2022.

191 Disponível em: <https://www.caubr.gov.br/inedito-visao-completa-sobre-a-presenca-da-mulher-na-arquitetura-e-urbanismo/>. Acessado em: 02/02/2021.

3.1.1 OS ALUNOS DE ARQUITETURA E URBANISMO. OU SERIAM AS ALUNAS?

Na faculdade estava fazendo uma disciplina de projeto em que o trabalho era desenvolvido em trios. No meu grupo havia eu de mulher e dois colegas homens. O professor sempre se dirigia aos homens do grupo de forma animada e os tratava como colegas de profissão, por outro lado, eu era praticamente ignorada por ele. Um dia fui fazer o atendimento de projeto sozinha, pois meus colegas não estavam presentes naquele dia. Coloquei meu nome na lista e esperei um longo período até que minha vez chegasse. O segundo professor da disciplina, como não tinha nenhum grupo que quisesse discutir o projeto com ele, sentou-se ao lado do primeiro professor e ficou escutando os atendimentos. Quando chegou a minha vez, me sentei na mesa do professor com quem eu havia me inscrito para falar e ele se levantou e saiu para fazer atendimento com um outro grupo apenas de homens, todo sorridente e animado, me deixando sentada com o outro professor, com quem eu não havia pedido para fazer atendimento e nem possuía interesse em conversar.

O Relatório Técnico *Evidências do Enade e de outras fontes – mudança no perfil do Bacharel em Arquitetura e Urbanismo*¹⁹², elaborado em 2020 pela Fundação Cesgranrio, mostra que de 2000 a 2018 o número de alunos matriculados em cursos de graduação presenciais de arquitetura e urbanismo aumentou de 11.860, em 2000, para 22.250, em 2018. Ao mesmo tempo, o número de alunos egressos no mesmo período aumentou de 4.389, em 2000, para 22.640, em 2018. O corpo discente das escolas de arquitetura é composto por alunas em sua maior parte, o Relatório *Síntese da Área de Arquitetura e Urbanismo do ENADE 2017*¹⁹³, mostra que 69,8% dos estudantes inscritos na prova de 2017 eram do sexo feminino. Segundo o *Questionário de Avaliação Socioeconômica*¹⁹⁴ realizado pela FUVEST, em 1995, 51% da turma ingressante na FAU-USP era composta por mulheres (76 alunas do total de 150). Já no ano de 2010, o mesmo questionário revelou que 70% dos ingressantes eram do sexo feminino, ou seja, 105 alunas em uma turma de 150 estudantes.

No artigo *Sex, Stars, and Studios: A Look at Gendered Educational Practices in Architecture* (1993), Sherry Ahrentzen e Kathryn Anthony afirmam que a desigualdade de gênero permeia o sistema educacional e os currículos dos cursos de arquitetura e urbanismo. Destacam que as aulas de teoria e história da arquitetura são disciplinas que enfatizam a construção da diferença entre os gêneros, no qual as arquitetas e as suas contribuições ainda não tem lugar de destaque definido. O desenvolvimento e o ensino das disciplinas apoiam-se no *Star System*, no currículo dos “grandes mestres” e das suas grandes obras. Segundo as autoras, o ensino está embasado na ideia de que o talento inato e o gênio criativo são a fórmula do sucesso para qualquer estudante de arquitetura, ignorando outras variáveis como o capital cultural e influências que alguns indivíduos tem e que são cruciais para seu sucesso profissional. Consequentemente, os estudantes recebem uma visão parcial e irreal da profissão.

192 Disponível em: <https://www.cesgranrio.org.br/pdf/Enade/1%20-%20RELATORIO%20DIGITAL%20DE%20ARQUITETURA%20E%20URBANISMO%20COMPLETO.pdf>. Acessado em: 02/01/2022.

193 Fonte: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep). Ministério da Educação. ENADE 2017: Relatório Síntese de área Arquitetura e Urbanismo. Brasília: Ministério da Educação, 2017. p. 44. Disponível em: https://download.inep.gov.br/educacao_superior/enade/relatorio_sintese/2017/Arquitetura_e_Urbanismo.pdf. Acessado em: 30/11/2021

194 Disponível em: <http://acervo.fuvest.br/fuvest/index.html>. Acessado em 15/04/2019

As autoras enfatizam que a desigualdade de gênero também aparece nos comentários feitos pelos professores(as) durante as aulas, em palestras e conferências, com reprodução de falas e comportamentos preconceituosos, conforme destaca o episódio abaixo:

Durante a graduação tive um professor de conforto térmico e ambiental que em suas aulas sempre tentava encontrar alguma oportunidade para humilhar alguma aluna. Por exemplo, quando ele estava dando uma aula sobre inércia térmica, ele olhava para algum aluno homem e dizia: “João (nome fictício), você pode falar o que é isso? Porque acho que a Luiza (nome fictício), pela cara dela, não sabe nem que dia é hoje.”

Ahrentzen e Anthony (1993) dedicam especial atenção às dinâmicas estabelecidas nas disciplinas de projeto do edifício, destacando que estas assemelham-se mais com os comportamentos encontrados nos espaços de trabalho, onde há predominância de ambientes hierarquizados e competitivos. A hierarquia assume a forma de um modelo de ensino mestre-aprendiz, onde o mestre acolhe o seu pupilo e o favorece em detrimento dos outros, o que reforça a competição entre os alunos para obter o reconhecimento do mestre. O seguinte episódio ilustra a dinâmica explicada acima:

Estava no terceiro ano da faculdade. Na disciplina de projeto o trabalho era realizado em trios. Eu fazia grupo com outros dois colegas (um menino e uma menina) e apesar de termos interesses muito diferentes, trabalhávamos muito bem juntos e nossas habilidades eram complementares. Dos três, eu era a única que tinha como interesse trabalhar na área de projeto de arquitetura. Estávamos desenvolvendo um projeto de habitação e nosso professor orientador era um renomado arquiteto brasileiro. Eu estava muito feliz de estar fazendo a disciplina de projeto com esse professor, ansiava aprender com ele. Porém durante o semestre, o professor só falava com nosso grupo quando meu colega homem estava presente, o professor só se dirigia a ele e ignorava o que eu e minha colega falávamos durante as orientações e apresentações do trabalho.

Por fim, as autoras destacam que não existem evidências empíricas que um ambiente hierarquizado e competitivo é necessário para um aprendizado profissional, uma vez que o clima acadêmico interfere diretamente no interesse, desempenho e autoestima dos alunos. É difícil quantificar e dimensionar o quanto as dinâmicas estabelecidas no meio acadêmico refletem nas escolhas profissionais feitas pelos estudantes após sua saída do curso de graduação. Porém, partindo de dois dados concretos: (1) os cursos de graduação de arquitetura e urbanismo apresentam em sua grade curricular mais horas de ensino dedicadas às disciplinas de projeto do edifício e (2) as mulheres são maioria dos estudantes e egressos dos cursos de arquitetura. Seria lógico, então, se pensássemos que o exercício da profissão e seu reconhecimento deveria ser feito por homens e mulheres na mesma proporção em todas áreas de atuação da profissão.

Nos dois primeiros capítulos dessa pesquisa já foi evidenciado que o número de arquitetas reconhecidas no exercício da profissão é bastante inferior ao reconhecimento dado aos homens, seja nas premiações, exposições ou nas publicações das revistas especializadas. Neste capítulo procuro entender como as dinâmicas estabelecidas no sistema de ensino e na profissão contribuem para o alargamento dessas diferenças. A arquiteta Beatriz Araujo da Rocha (2016), em sua

dissertação de mestrado¹⁹⁵, desenvolveu uma ampla pesquisa sobre o Concurso Opera Prima, que premia os melhores trabalhos de conclusão de curso desenvolvidos por estudantes de arquitetura e urbanismo brasileiros. A partir do banco de dados elaborado por Rocha (2016), com os premiados de cada edição do concurso, foi possível identificar algumas possíveis dinâmicas de gênero dos cursos de graduação de arquitetura e urbanismo.

O Trabalho Final de Graduação (TFG), obrigatório para a graduação em arquitetura e urbanismo, funciona como um instrumento pedagógico que, ao simular o exercício profissional, possibilita a avaliação das competências adquiridas durante a vida acadêmica de cada aluno. O Concurso Opera Prima foi criado em 1989, pela Associação Brasileira de Ensino de Arquitetura e Urbanismo (ABEA)¹⁹⁶, em parceria com a Revista Projeto. A criação da competição teve como motivação e objetivo promover debates sobre a qualidade do ensino de arquitetura e urbanismo no Brasil, a partir da análise e premiação dos melhores TFG's¹⁹⁷ elaborados por ano. Desde a sua fundação já foram realizadas 29 edições¹⁹⁸ da premiação, totalizando 145 trabalhos premiados.

Em sua dissertação, Rocha (2016) analisou todas as edições do concurso desde a sua criação em 1989 até o ano de 2011, dividindo a análise em dois períodos: o primeiro de 1989 a 2001, quando era organizado pela ABEA e o segundo de 2001 a 2011, quando passou a ser organizado pelo IAB/DN. Rocha elaborou tabela resumo dos projetos premiados em todas as edições analisadas: identificou os projetos premiados com seus títulos, nome dos autores, nome dos professores(as) orientadores(as), das instituições de ensino, se são instituições públicas ou privadas e em qual região estão localizadas. A partir dessas tabelas resumo disponibilizadas na dissertação elaborada por Rocha (2016), completei a análise para as edições dos anos seguintes até a 29ª edição do concurso, realizada em 2019.

Como o objetivo desse trabalho é entender a participação das arquitetas na arquitetura contemporânea brasileira a partir da virada para o século XXI, quando não só a maioria dos alunos ingressos passaram a ser mulheres, mas também quando as arquitetas passaram a ser maioria dos egressos dos cursos de graduação e, conseqüentemente, maioria dos profissionais registrados no conselho de classe, serão apresentados os dados quantitativos do concurso a partir do ano de 2001. Foram quantificados o número de vencedores homens e mulheres de cada edição e o quantitativo e gênero dos professores e professoras orientadores(as) dos trabalhos premiados.

As dezessete edições analisadas totalizaram 83 trabalhos premiados, sendo 43 (51,8%) vencidos por alunas e 40 (48,2%) vencidos por alunos. Das edições de 2001 a 2004 a maioria dos premiados foram estudantes do sexo masculino, porém de 2005 a 2009 o número de mulheres vencedoras foi maior. De 2010 a 2019 houve bastante alternância entre os vencedores, ora homens foram mais premiados, ora mulheres. Por outro lado, os professores e professoras orientadores e orientadoras dos trabalhos premiados totalizaram 97, destes 75 eram homens (77,3%) e 22 mulheres (22,7%).

195 ROCHA, Beatriz Araujo da. *O concurso para formandos de arquitetura e urbanismo Opera Prima: 1989-2011*. Dissertação (Mestrado) - Curso de Faculdade de Engenharia Civil, Arquitetura e Urbanismo, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2016.

196 Entidade sem fins lucrativos, fundada em 1973 como Associação de Escolas de Arquitetura e reformulada em 1985 como entidade de ensino, que atua na melhoria na qualidade de ensino de arquitetura e urbanismo no Brasil.

197 A partir de 1994, após mudança da legislação, o Trabalho Final de Graduação passou a ser obrigatório em todos os cursos de graduação de arquitetura e urbanismo nacionais. O surgimento do Opera Prima se deu simultaneamente às discussões relativas à importância e implementação do TFG na formação do arquiteto e urbanista.

198 As premiações de 2012, 2018 e 2020 não ocorreram. De 2001 a 2011 o concurso foi organizado pelo Instituto de Arquitetos do Brasil / Direção Nacional (IAB/DN). Após a pausa em 2012, seu regresso ocorreu sem a participação de nenhuma entidade vinculada à arquitetura e urbanismo.



51% DOS GANHADORES DO CONCURSO OPERA PRIMA FORAM MULHERES

Figura 85: Porcentagem de homens e mulheres vencedores do Concurso Opera Prima 2001-2019. Fonte: Imagem da autora.



- Mulheres
- Homens

Figura 86: Gráfico com o quantitativo dos orientadores dos projetos vencedores do Concurso Opera Prima, separados por gênero. Fonte: Imagem da autora.

Embora o número de alunas na graduação de arquitetura e urbanismo seja de aproximadamente 70% do total de alunos matriculados, os trabalhos premiados realizados por mulheres recém saídas dos cursos de graduação são, numericamente, pouca coisa superior aos trabalhos premiados realizados por homens. Mesmo sendo um número bastante superior aos números apresentados nos dois primeiros capítulos, quando foram destacadas as premiações nacionais e internacionais dos profissionais da área e as publicações das revistas especializadas, pode-se questionar o que ocorre já durante a graduação que desencadeia a diminuição proporcional do reconhecimento do trabalho das alunas. Pode-se levantar a hipótese de um possível desinteresse das alunas em relação a disciplina de projeto do edifício devido às dinâmicas do ensino da disciplina citadas acima, porém não é possível ter essa dimensão sem que sejam analisadas as inscrições feitas no concurso.

Em sua pesquisa, Rocha (2016) comparou o gênero das comissões julgadoras das edições de 1989 a 2011, destacando que as arquitetas representaram apenas 13,9% dos jurados nacionais. Também chama a atenção que a quantidade de professoras orientadoras dos trabalhos premiados é muito inferior ao número de professores orientadores, esses números serão melhor analisados e debatidos no próximo item desse capítulo.

3.1.2 ONDE ESTÃO AS PROFESSORAS DE ARQUITETURA E URBANISMO? A FAU-USP COMO EXEMPLO

Estava fazendo uma aula da pós-graduação, o professor responsável havia exigido a compra de um dos livros da bibliografia. Diante da grande demanda de bibliografia para o desenvolvimento do doutorado, uma aluna da pós-graduação, que recebia bolsa, perguntou ao professor se ele não teria o PDF do livro pois o valor da bolsa era muito baixo para conseguir comprar todos. O professor respondeu: “pede para o seu marido comprar para você”.

Silvia Cristina Yannoulas (2013) explica que a legislação laboral na virada do século XIX para o século XX expressou ideias rígidas sobre a atuação profissional das mulheres e contribuiu para a determinação de funções específicas nas atividades de produção e reprodução. “O trabalho feminino fabril era considerado prejudicial para as famílias e nações, pois a família dependia do cuidado das mulheres”¹⁹⁹. Porém, como destaca Yannoulas (2013), algumas profissões e ocupações foram oferecidas para as mulheres como alternativas possíveis, por exemplo, o exercício do magistério. Cláudia Pereira Vianna (2013) ressalta que o Censo Demográfico de 1920 indicava que 72,5% do conjunto de professores brasileiros do ensino público primário era composto por mulheres²⁰⁰.

Vianna (2013) comenta que as mulheres são maioria absoluta dos professores na Educação Infantil e no Ensino Fundamental, totalizando 97,9% e 82,2% dos profissionais, respectivamente. Já o Ensino Médio registra 64,1% de professoras e o Ensino Superior conta com 44,8% de

199 YANNOULAS, Silvia Cristina (coord.). *Trabalhadoras - A análise da Feminização das Profissões e Ocupações*. Brasília: Editorial Abaré, 2013, p.42.

200 VIANNA, Cláudia Pereira. *A feminização do magistério na educação básica e os desafios para a prática e a identidade coletiva docente*. In: YANNOULAS, Silvia Cristina (coord.). *Trabalhadoras - a análise da feminização das profissões e ocupações*. Brasília: Editorial Abaré, 2013. pp. 159-180.

mulheres, com diferenças numéricas importantes de professoras na graduação e na pós-graduação, além de diferentes concentrações de homens e mulheres para as áreas disciplinares distintas. Marcia C. Barbosa e Betina S. Lima (2013) afirmam que a presença de mulheres nas áreas de Exatas ocorreu com mais de duas décadas de atraso quando comparado com as áreas da Saúde e do Direito. A primeira mulher a se formar em Engenharia foi Edwiges Maria Becker, em 1919, pela Escola Politécnica do Rio de Janeiro. Após sua formatura houve um vácuo de sete anos, superado com a graduação, em 1926, de Carmen Portinho. Em São Paulo, as mulheres passam a ser aceitas na Escola Politécnica somente em 1928.

O anonimato e a falta de reconhecimento das mulheres arquitetas não ocorre apenas no exercício da profissão, perpassa também pela academia. A divisão sexual do trabalho opera tanto de forma horizontal, com concentração de mulheres e homens em determinados grupos de disciplinas, quanto de forma vertical com a maior valorização do trabalho masculino dentro de um mesmo departamento de pesquisa. A presença das paredes e teto de vidro, de maneira invisível e informal, impedem que as mulheres estejam representadas em certos campos de conhecimento, mesmo naqueles em que são maioria (BARBOSA; LIMA, 2013).

A partir da análise do corpo docente da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo (FAU-USP), foi possível visualizar como opera a divisão sexual do trabalho dentro do corpo docente da instituição, para assim ampliar em direção ao campo de ensino da Arquitetura e Urbanismo. A FAU-USP conta, atualmente, com 141 professores²⁰¹ em seu quadro de docentes, somando os cursos de graduação e pós-graduação do curso de Arquitetura e Urbanismo e do curso de Design, destes 71 são homens (50,3%) e 70 são mulheres (49,7%).

Os professores do curso de graduação de Arquitetura e Urbanismo estão distribuídos em três departamentos: AUH (Departamento de História da Arquitetura e Estética do Projeto, que apresenta subdivisão em cinco grupos de disciplinas como Fundamentos Sociais da Arquitetura e do Urbanismo, História da Arquitetura, História da Arte, História da Técnica e História da Urbanização e do Urbanismo)²⁰²; AUT (Departamento de Tecnologia da Arquitetura, com subdivisão em três grupos de trabalho como Conforto Ambiental, Construção e Metodologia)²⁰³ e AUP (Departamento de Projeto, dividido em cinco grupos de disciplinas, como Projeto de Edificações, Planejamento Urbano e Regional, Programação Visual, Desenho Industrial e Paisagem e Ambiente)²⁰⁴.

No curso de graduação, o Departamento de Projeto (AUP) é o que tem a maior concentração de docentes, totalizando 73 professores e professoras, destes 35 são homens (48%) e 38 são mulheres (52%). Seguido pelo Departamento de História (AUH) com 28 docentes, sendo 13 homens (46%) e 15 mulheres (54%). E, por último, o Departamento de Tecnologia, com 27 docentes, sendo 15 homens (55%) e 12 mulheres (45%). Em relação à quantificação dos docentes podemos dizer que há equilíbrio entre o número total de professores (63, ou seja, 49%) e professoras (65, ou seja, 51%). Porém ao observar a distribuição dos docentes nos grupos de disciplinas de cada departamento, pode-se notar a disparidade existentes entre os sexos.

201 Disponível em: <https://www.fau.usp.br/institucional/docentes/>. Acessado em: 02/01/2022.

202 Disponível em: <https://www.fau.usp.br/institucional/departamentos/auh/>. Acessado em: 02/01/2022.

203 Disponível em: <https://www.fau.usp.br/institucional/departamentos/aut/>. Acessado em: 02/10/2022.

204 Disponível em: <https://www.fau.usp.br/institucional/departamentos/aup/>. Acessado em: 02/01/2022.

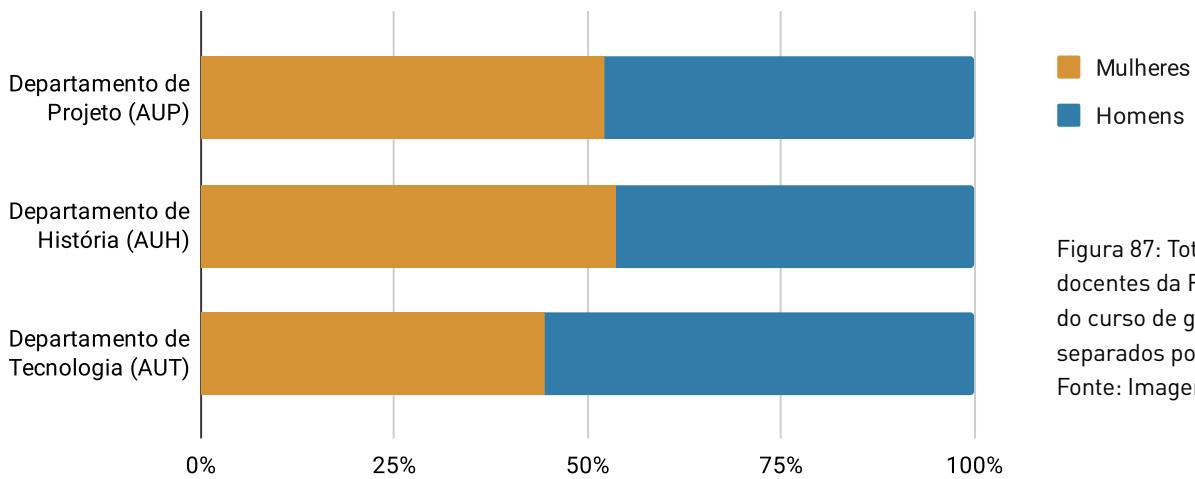


Figura 87: Total de docentes da FAU-USP do curso de graduação, separados por gênero. Fonte: Imagem da autora.

Como já mencionado acima, o Departamento de Projeto (AUP) está dividido em cinco grupos de disciplinas. O grupo de Projeto de Edificações conta com dezessete professores, destes onze são homens (65%) e seis são mulheres (35%). Outra grande disparidade ocorre no grupo de Planejamento Urbano e Regional, que apresenta dezenove docentes, onde cinco são homens (26%) e catorze são mulheres (74%). Os demais grupos deste departamento apresentam divisão homogênea entre os sexos: Programação Visual com doze docentes, sendo seis homens e seis mulheres; Desenho Industrial com catorze professores, sendo sete homens e sete mulheres e Paisagem e Ambiente com onze docentes, sendo seis homens e cinco mulheres.

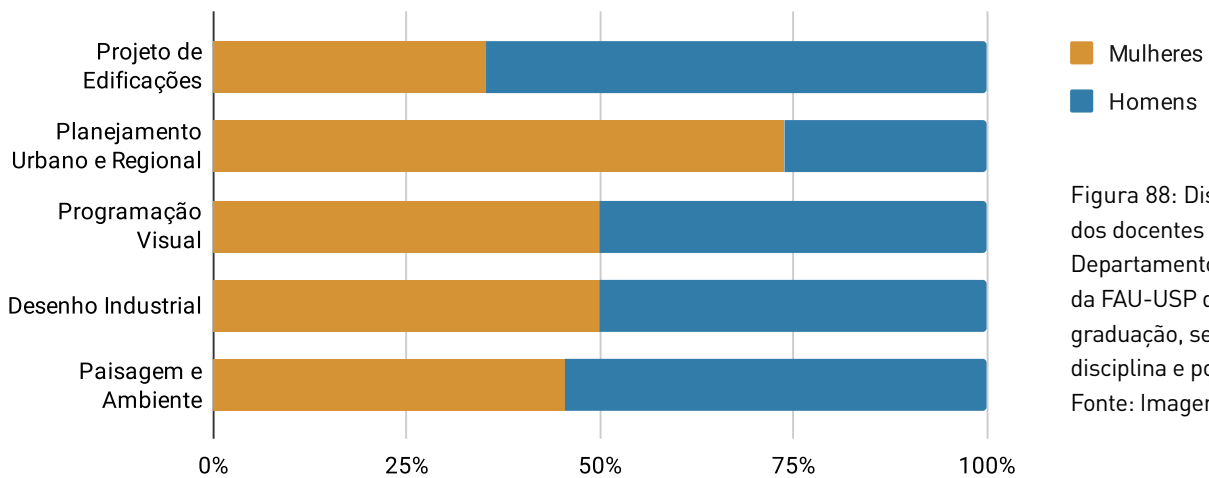


Figura 88: Distribuição dos docentes do Departamento de Projeto da FAU-USP do curso de graduação, separados por disciplina e por gênero. Fonte: Imagem da autora.

No item anterior desse capítulo foi mostrado que há certo equilíbrio de gênero entre os alunos ganhadores do Concurso Opera Prima, porém a grande maioria dos trabalhos vencedores foi orientada por professores homens, representando 77,3% do total de orientadores premiados, ao mesmo tempo as arquitetas representaram apenas 13,90% dos jurados nacionais do concurso. Estes números são similares à distribuição dos professores e professoras dentro do quadro de disciplinas do Departamento de Projeto, evidenciando a menor presença das mulheres nas disciplinas de Projeto do Edifício. O maior contato com professores homens na disciplina mais representativa da profissão pode contribuir para uma associação quase automática da prática de projeto como um trabalho de homens.

O programa de pós-graduação de arquitetura e urbanismo da FAU-USP foi criado em 1971²⁰⁵. A primeira turma de mestrado teve início em 1973 e a primeira turma de doutorado, em 1980, sendo o único curso de doutorado em arquitetura e urbanismo nacional até 1998. Desde a sua origem, é o maior programa de pós-graduação em arquitetura e urbanismo do país e, em 2021, apresentava 95 professores, 198 alunos de mestrado, 216 alunos de doutorado e 20 alunos de doutorado direto²⁰⁶. Hoje, o programa de pós-graduação da FAU-USP reúne os três departamentos da instituição (AUP, AUT e AUH) e está dividido em sete Áreas de Concentração: Habitat, História e Fundamentos da Arquitetura e do Urbanismo, Paisagem e Ambiente, Planejamento Urbano e Regional, Projeto de Arquitetura, Tecnologia da Arquitetura e Projeto Espaço e Cultura.

Assim como no ensino de graduação, na pós-graduação, quando olhamos a quantificação total dos professores podemos dizer que há equilíbrio entre o número de total de professores (48, ou seja, 50,5%) e o número de professoras (47, ou seja, 49,5%). Porém, mais uma vez, ao observar a distribuição dos docentes nas Áreas de Concentração, pode-se notar a disparidade existentes entre os sexos. As áreas de Tecnologia da Arquitetura, Projeto de Arquitetura, Habitat e Paisagem e Ambiente são as que apresentam maior disparidade entre os sexos dos professores credenciados: em ordem crescente, em Tecnologia da Arquitetura 57,9% dos professores são homens e 42,1% mulheres; em Projeto de Arquitetura 64,7% são homens e 35,3% mulheres; em Habitat 30,8% são homens e 69,2% mulheres e na área de Paisagem e Ambiente 75% dos professores são homens e 25% mulheres. Nas demais áreas de concentração não ocorre tanta disparidade em relação ao sexo dos professores: nas áreas de História e Fundamentos da Arquitetura e do Urbanismo e Planejamento Urbano e Regional 47% dos professores são homens e 53% mulheres, e, por último, na área de Projeto, Espaço e Cultura 53,8% dos docentes são homens e 46,2% mulheres.

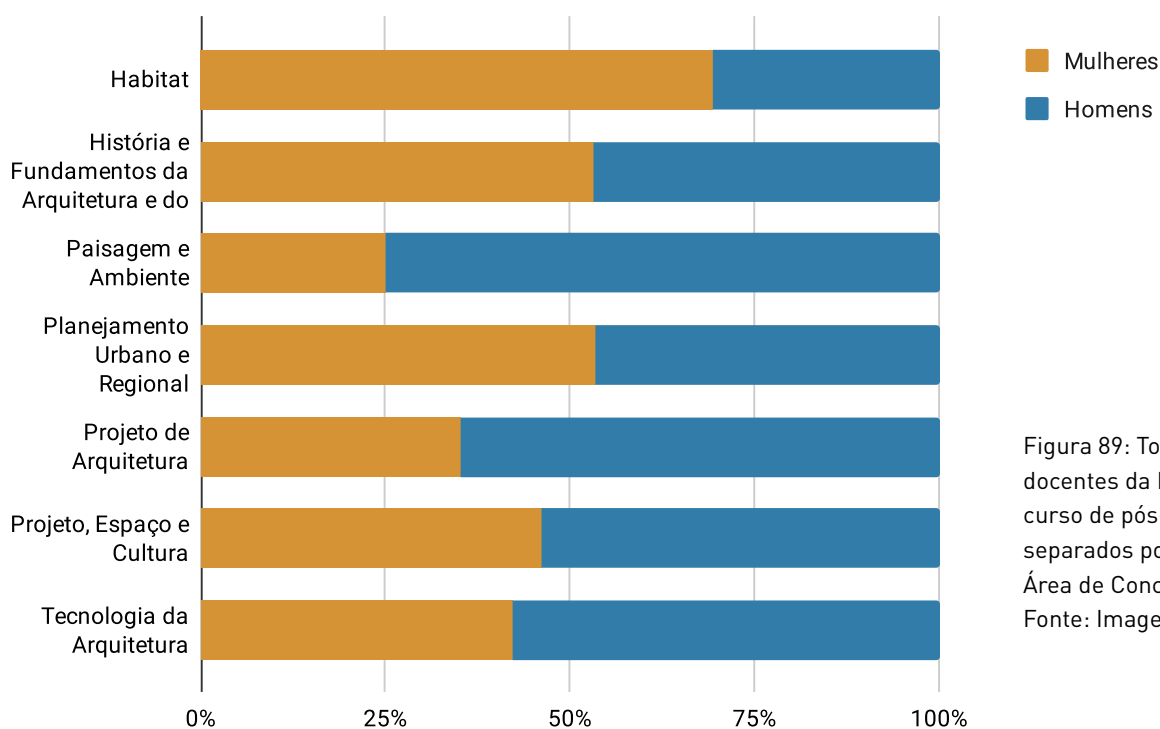


Figura 89: Total de docentes da FAU-USP do curso de pós-graduação, separados por gênero e Área de Concentração. Fonte: Imagem da autora.

205 Disponível em: <https://www.fau.usp.br/ensino/pos-graduacao/>. Acessado em: 02/01/2022.

206 Disponível em: <https://www.fau.usp.br/ensino/pos-graduacao/arquitetura-e-urbanismo/>. Acessado em: 02/01/2022.

Levando em consideração que após a obtenção de um título de mestre ou doutor, os pesquisadores(as) podem ser integrados ao quadro de docentes de outros cursos de graduação de arquitetura e urbanismo, foram quantificadas todas as dissertações de mestrado e teses de doutorado defendidas entre 2010 e 2021 no programa de pós-graduação da FAU-USP. A quantificação foi realizada de acordo com a Área de Concentração de cada trabalho defendido, com a contabilização das dissertações e teses realizadas e a contabilização do total de pesquisadoras e pesquisadores por área a partir dos trabalhos publicados na *Biblioteca Digital de Teses e Dissertações da USP*²⁰⁷.

Nos últimos onze anos foram defendidas, no curso de pós-graduação da FAU-USP, 611 dissertações de mestrado e 419 teses de doutorado. Desse total, 342 (56%) das pesquisas de mestrado e 261 (62,3%) das pesquisas de doutorado foram realizadas por mulheres. A área de História e Fundamentos da Arquitetura é a que concentra o maior número de dissertações e teses defendidas nos últimos onze anos, totalizando 144 dissertações de mestrado e 151 teses de doutorado. Desse total, aproximadamente, 60% das pesquisas de mestrado e de doutorado foram realizadas por mulheres. Na área de Tecnologia da Arquitetura foram defendidas 111 dissertações de mestrado, onde 64% delas foram realizadas por mulheres e 57 teses de doutorado, com 68,4% das pesquisas realizadas também por mulheres.

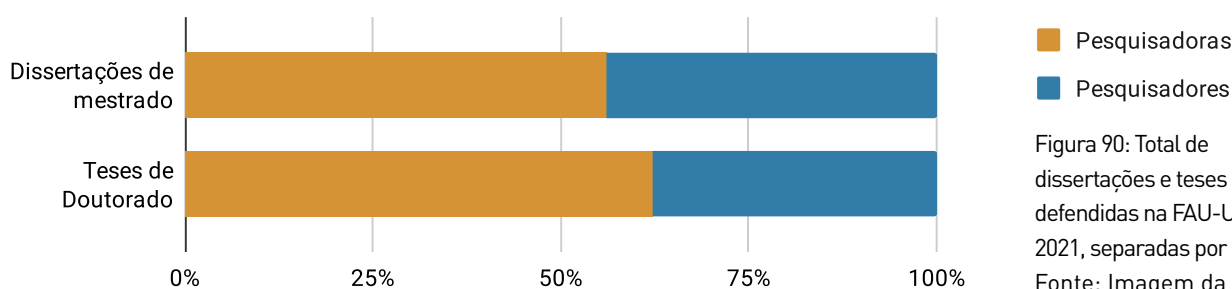


Figura 90: Total de dissertações e teses defendidas na FAU-USP 2010-2021, separadas por gênero. Fonte: Imagem da autora.

Na área da Paisagem e Ambiente foram defendidas 65 dissertações de mestrado e 38 teses de doutorado, onde, aproximadamente, 63% das dissertações e teses foram realizadas por mulheres. A área de Planejamento Urbano e Regional apresenta proporções similares, com 79 dissertações de mestrado e 66 teses de doutorado defendidas, onde 59% das dissertações e 63% das teses foram realizadas por mulheres. Na área de Habitat a maioria das pesquisadoras também são mulheres, totalizando 59,5% das dissertações de mestrado e 63,6% das teses de doutorado. A área de Projeto Espaço e Cultura foi a que apresentou maior equilíbrio entre os sexos, onde 48,1% das dissertações de mestrado e 50% das teses de doutorados defendidas por mulheres.

A única Área de Concentração que apresentou proporções diferentes das demais foi a de Projeto de Arquitetura. Nos últimos onze anos foram apresentadas 104 dissertações de mestrado e 43 teses de doutorado. Desse total, apenas 36,5% das pesquisas de mestrado foram realizadas por mulheres, ou seja, 38 dissertações das 104 entregues. Enquanto elas representam 53% das pesquisadoras nas pesquisas de doutorado da área, totalizando 23 teses de 43, evidenciando que, proporcionalmente, mais mulheres do que homens continuam suas pesquisas e realizam teses de doutorado.

207 Disponível em: <https://www.teses.usp.br/>. Acessado em: 02/01/2022.

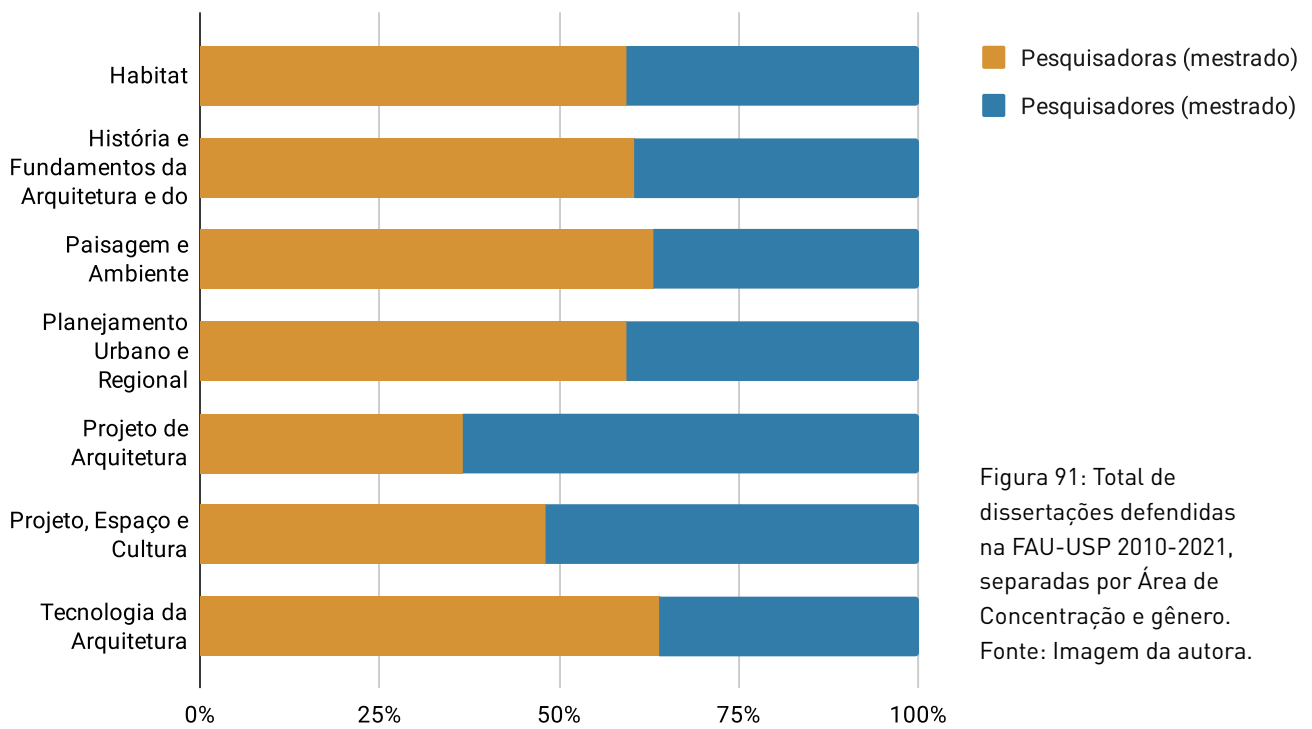


Figura 91: Total de dissertações defendidas na FAU-USP 2010-2021, separadas por Área de Concentração e gênero. Fonte: Imagem da autora.

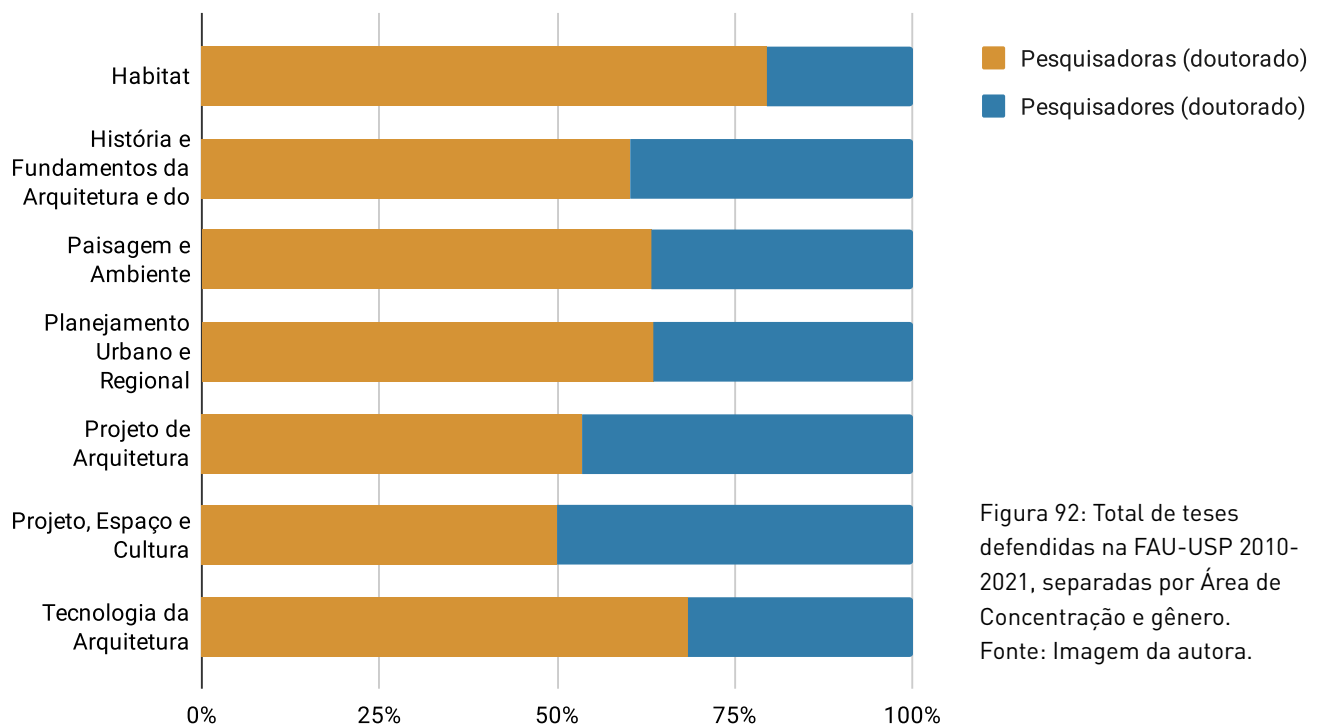


Figura 92: Total de teses defendidas na FAU-USP 2010-2021, separadas por Área de Concentração e gênero. Fonte: Imagem da autora.

Mais do que mostrar números, esses dois primeiros itens do capítulo procurou evidenciar como, já durante a graduação, as mulheres são menos representadas nas disciplinas da área de Projeto de Edifícios. Somos maioria dos estudantes na graduação, porém temos menos representantes mulheres como professoras das disciplinas de projeto do edifício. Somos maioria das pesquisadoras no programa de pós-graduação da FAU-USP, porém, assim como na graduação, temos menos professoras na Área de Projeto da pós-graduação e somos também minoria dos pesquisadores da área.

3.1.3 OS ESPAÇOS DE DEBATE DESTINADOS ÀS QUESTÕES DE GÊNERO NOS CURSOS DE ARQUITETURA E URBANISMO

A partir da última década ocorreu uma crescente reivindicação sobre o trabalho realizado por arquitetas e planejadoras urbanas. Como evidenciado no primeiro capítulo, são crescentes os números de pesquisas, grupos e coletivos que se dedicam ao estudo das arquitetas e à valorização de seus papéis profissionais, sociais e culturais. Nos últimos anos, a partir da organização do corpo discente dos cursos de arquitetura e urbanismo, houve a fundação de diversos grupos feministas nas faculdades. Tais grupos têm levantado questões sobre a presença das mulheres na profissão, promovem debates sobre o tema e, também, funcionam como canais de denúncias de ofensas feitas por parte dos professores e colegas de curso no meio acadêmico.

Além do *Coletivo Arquitetas Invisíveis*, já apresentado no primeiro capítulo dessa pesquisa, há que se destacar as ações promovidas pelo *Coletivo ZAHA*, organizado por alunas da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo do Mackenzie²⁰⁸, na cidade de São Paulo. O grupo ganhou visibilidade em 2016 quando lançou o projeto *#Esseemeuprofessor*, que denunciava ofensas e assédios por parte dos professores do curso arquitetura e urbanismo. O coletivo é também responsável pela interlocução entre o corpo discente e a direção da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo do Mackenzie nas questões de violência sexual e assédio. Além disso, o grupo promove o evento chamado *SEMANA DELAS*²⁰⁹, que consiste na organização de palestras e debates sobre as questões de gênero e do movimento feminista no campo da arquitetura e urbanismo.

Na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo (FAU-USP), o debate sobre gênero e a presença da mulher na profissão ainda é bastante incipiente, com algumas poucas exceções. Em 2020, o *FAU Encontros*²¹⁰, que passou a ocorrer de forma *online* com o início da pandemia de COVID-19, organizou dois debates com a temática de feminismo na arquitetura e urbanismo: O primeiro titulado *Neoliberalismos, feminismos e cidade*²¹¹ com a participação de Verónica Gago e mediação das professoras Raquel Rolnik e Paula Santoro, em 30/04/2020 e o segundo promovido em 11/11/2020, com o convite da

208 No âmbito do programa de pós-graduação em arquitetura e urbanismo da Universidade Presbiteriana Mackenzie, em 2021, o projeto de extensão *Processos de projeto de arquitetas contemporâneas*, coordenado pela professora Ana Gabriela Godinho Lima organizou o ciclo de palestras *Conversas latino-americanas: Processo de projetar*. Os encontros tiveram como objetivo a apresentação de trabalhos de arquitetas dedicadas à concepção, desenvolvimento e construção de projetos arquitetônicos, que atuam em diferentes escalas e contextos latino-americanos. Todos os eventos e estão disponíveis no Youtube: <https://www.youtube.com/playlist?list=PLIjqr7E2g6bShYiYX3rqbq9QtWJIdQoh1>.

209 Disponível em: <https://www.facebook.com/coletivozaha/>. Acessado em 12/12/2021.

210 Encontros e palestras promovidos às quartas-feiras pelo grupo docente da FAU-USP. Os temas de cada encontro são variados, geralmente contam com um convidado externo e debate mediado por docentes da instituição.

211 Link disponível no canal de Youtube da FAU-USP: https://www.youtube.com/watch?v=mqJ-wg_w6cw&list=PLR2tOfQSm00xNBiT9-wQQSvcohoQWzPC&index=10. Acessado em 12/12/2021.

Vale destacar que o encontro foi transmitido ao vivo em sala do *Google Meets*, com reprodução no canal do *Youtube* da instituição. Logo no início do debate a sala do *Google Meets* sofreu um ataque de *hackers* para atrapalhar e promover o cancelamento da transmissão. O debate ocorreu, mas foi bastante prejudicado, com menos tempo de duração devido as interferências ocorridas.

arquiteta Suzana Torre para a discussão do tema *Feminismo e Arquitetura*²¹² e mediação da professora Mônica Junqueira de Camargo.

Outro evento a ser destacado é a realização do Simpósio *Domesticidade, Gênero e Cultura Material*, em 2014 no Centro de Preservação Cultura da USP – Casa da Dona Yayá, onde o entendimento do habitar e da moradia foram relacionados com a produção social e cultural, com as relações de gênero, arranjos familiares e cultura material. O simpósio comprovou a diversidade de leituras, significados e questões que o espaço doméstico permite elaborar a partir da problematização da moradia²¹³. O simpósio resultou na publicação do livro homônimo em 2017.

Em trabalho apresentado no *XII Seminario Internacional de Investigación en Urbanismo*, as pesquisadoras Livia Perfeito, Mariana Pena e Victoria Hrihorowitsch²¹⁴ partiram da hipótese de que os estudos de gênero no campo da arquitetura e urbanismo haviam aumentando na última década, uma vez que foi dada maior visibilidade à temática. As autoras apresentaram o levantamento da totalidade de pesquisas de gênero, estudos urbanos e mulheres realizadas nos cursos de pós-graduação de arquitetura e urbanismo de universidades públicas da região sudeste de 2009 a 2019. As pesquisadoras verificaram 1855 dissertações de mestrado e 886 teses de doutorado, de onze programas de pós-graduação. Do total, foram registradas apenas doze dissertações de mestrado e duas teses de doutorado relacionadas à perspectiva de gênero no campo da arquitetura e urbanismo (PERFEITO; PENA; HRIHOROWITSCH, 2020).

As autoras afirmam que o programa de pós-graduação da faculdade de arquitetura da UFMG foi o que apresentou maior número de pesquisas com a temática de gênero, porém os maiores números de pesquisas estão concentrados no Estado de São Paulo, somando as pesquisas realizadas na Universidade de São Paulo (São Paulo e São Carlos) e na Unicamp. As autoras finalizam o artigo destacando que os números levantados durante a realização do artigo e os números reais podem apresentar certa diferença, uma vez que alguns dados estavam indisponíveis para a análise. Porém o baixo percentual da temática diante da totalidade das pesquisas demonstra que as questões de gênero praticamente não são debatidas no conjunto de pesquisas de pós-graduação voltadas à arquitetura e urbanismo (PERFEITO; PENA; HRIHOROWITSCH, 2020).

Chama a atenção o pouco espaço destinado aos livros que debatem arquitetura, feminismo e gênero nas bibliotecas dos cursos de arquitetura e urbanismo. A partir da pesquisa no *Banco de Dados Bibliográficos da USP*²¹⁵, com a utilização da palavra chave “Women”, são poucos os livros que fazem parte do catálogo geral da biblioteca da FAU-USP, a biblioteca possui apenas alguns dos títulos que foram utilizados ao longo de toda essa pesquisa. A maior parte das publicações foram obtidas a partir da pesquisa em catálogos *online* de bibliotecas internacionais ou a partir de trocas com outras pesquisadoras também interessadas na temática arquitetura e gênero.

212 Link disponível no canal de Youtube da FAU-USP: <https://www.youtube.com/watch?v=3m71M5KSUh8>. Acessado em 12/12/2021.

213 Disponível em: <http://prceu.usp.br/noticia/lancamento-de-livro-na-yaya/>. Acessado em 17/11/2019.

214 PERFEITO, Livia; PENA, Mariana; HRIHOROWITSCH, Victoria. *A trajetória do urbanismo com perspectiva de gênero: uma análise da produção acadêmica entre 2009 e 2019*. XII Seminario Internacional de Investigación en Urbanismo, São Paulo-Lisboa, 2020. São Paulo: Faculdade de Arquitetura da Universidade de Lisboa, 2020

215 Disponível em: <http://dedalus.usp.br/>. Acessado em 19/12/2021.

Os debates e as pesquisas voltados às questões de gênero ainda aparecem em tímida escala dentro do currículo de formação dos cursos superiores em arquitetura e urbanismo. Geralmente estão presentes em seminários esporádicos ou em disciplinas eletivas, muitos alunos graduam-se sem ter tido qualquer contato com temática. Sendo assim, os coletivos feministas organizados pelo corpo discente, além de serem um espaço de acolhimento e de denúncia contra práticas abusivas realizadas por docentes ou outros estudantes, têm papel fundamental na promoção de debates e incentivo às pesquisas voltadas às questões de gênero em arquitetura e urbanismo, tanto na graduação quanto na pós-graduação.

3.2

ONDE ESTÃO AS ARQUITETAS?

Todas as vezes que me posicionei contra uma opinião de um chefe homem sofri durante um tempo pequenas agressões. Minha atenção era chamada na frente da equipe de forma constrangedora, meu trabalho passou a ser meticulosamente conferido, qualquer vírgula errada era destacada, qualquer fala minha era rebatida. Isso ocorria até que outra pessoa passasse a ser o foco das atenções e agressões.

Atualmente, em todos os níveis de escolaridade, as mulheres são mais instruídas e diplomadas que os homens²¹⁶ (HIRATA, 2015). As mulheres ocidentais têm acesso a quase todas as profissões e ocupações, porém as desigualdades entre os sexos e os preconceitos continuam existindo. As posições ocupadas por mulheres e homens e as relações de trabalho em que estão envolvidos estão em constante mudanças, porém, muitas vezes, os princípios que regem as relações de trabalho continuam estáticos. Hirata e Kergoat (2007) definem como o paradoxo que “tudo muda, mas nada muda”²¹⁷.

Hirata (2015) afirma que o emprego feminino pode ser dividido em dois polos: um polo, minoritário, é formado por mulheres executivas, relativamente bem remuneradas, em postos de responsabilidade e prestígio social. O outro polo, majoritário, é formado por mulheres em setores tradicionalmente femininos, pouco valorizados socialmente e com baixos salários. Hirata (2015) destaca que o modelo da delegação, onde uma mulher delega a outras mulheres o cuidado com a casa, família e crianças está se tornando tendencialmente hegemônico. Dessa forma, um grupo de mulheres (polo minoritário) não pode existir sem o outro (polo majoritário) e, como consequência dessa polarização, ocorre o aumento das desigualdades tanto entre as mulheres e os homens, quanto entre as próprias mulheres.

Várias pesquisadoras debruçaram-se sobre a inserção das mulheres no mercado de trabalho e em carreiras tradicionalmente masculinas²¹⁸. Com frequência tais pesquisas indicam discriminação, segregação ocupacional, hierarquização sexual, entre outras dificuldades enfrentadas pelas mulheres quando então inseridas em trabalhos com predominância masculina (SANTOS; DIOGO; SHUCMAN, 2014). Essa forma de segregação do trabalho feminino, classificada como vertical (KERGOAT, 2009), quando o trabalho masculino é mais valorizado que o feminino, configura o “teto de cristal” (YANNOULAS, 2002). Ou seja, mecanismos articulados de discriminação que limitam as possibilidades de formação profissional ou promoção de mulheres no mercado de trabalho, como destacado no seguinte episódio:

216 Na área de arquitetura e urbanismo as mulheres são maioria do corpo discente nos cursos de graduação e pós-graduação, como evidenciado nos itens anteriores deste capítulo.

217 HIRATA, Helena; KERGOAT, Danièle. *Novas configurações da divisão sexual do trabalho*. Cadernos de Pesquisa, São Paulo, v. 37, n. 132, dez. 2007, p. 600. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cp/a/cCztcWVvtWGDvFqRmdsBWQ/?lang=pt>. Acessado em: 12/12/2021

218 A publicação, *Trabalhadoras - a análise da feminização das profissões e ocupações*, apresenta uma série de artigos evidenciando a inserção das mulheres em carreiras tidas como masculinas, como a física, matemática, engenharia.

Estávamos tendo alguns problemas na obra. Era uma situação dessas complicadas numa reforma de fábrica, haviam muitas equipes trabalhando 24 horas por dia para cumprirmos a entrega num prazo extremamente curto. Convoquei uma reunião com os líderes de time, pois a comunicação entre as equipes estava conflituosa e ninguém queria ceder. Na reunião havia uns dez homens, um deles era o engenheiro que era os meus olhos na obra, era um senhor de cerca de cinquenta anos, pele e olhos claros. Fui questionando cada qual sobre as dificuldades que enfrentavam, até que eu comecei a notar que eles não se dirigiam a mim. Quando fiz uma pergunta sobre a finalização do fechamento de uma área e o responsável me respondeu: “Ah...fica tranquila. Vamos deixar bem bonito. Vai ficar lindo nas fotos”.

Meu sangue subiu à cabeça, e o que estava subliminar ficou claro. Então eu tive que explicar o cansativo óbvio: “Meu colega aqui é muito gentil e prestativo, mas ele tem zero poder de decisão. Tudo o que acontece aqui ele tem que me reportar. Eu chamei a reunião porque todos vocês aqui foram incapazes de fazê-lo, então tive que sair da minha mesa, para garantir que os fluxos da fábrica não fossem prejudicados, que é a minha principal preocupação. Se eu estivesse preocupada com estética, não estaria no chão de fábrica.”

Lombardi (2017) destaca que a identidade profissional é construída a partir de um processo de socialização que interliga a formação profissional, trabalho e carreira dentro de empresas ou instituições diversas, sendo este o percurso que legitima um indivíduo e lhe atribui reconhecimento na área de atuação. A socialização profissional transmite uma base cultural comum da profissão, e por isso está em constante transformação e reformulação, uma vez que está submetida a interferências sociais. Segundo Lombardi, a cultura profissional tem um papel crucial na integração dos trabalhadores. Dessa forma, mesmo em profissões onde há predominância feminina entre os habilitados, há certos guetos ou determinados cargos que são marcados pela masculinidade, ou seja, a integração tende a ser mais fácil para os homens e, ao mesmo tempo, mais difícil para as mulheres (LOMBARDI, 2017).

3.2.1 A DIVISÃO SEXUAL DO TRABALHO NA ARQUITETURA E A FALSA PERCEPÇÃO DE IGUALDADE

Trabalhava em um escritório responsável por um grande projeto de arquitetura envolvendo várias equipes complementares. O cliente, para economizar, decidiu não contratar o escritório e seus complementares para fazer acompanhamento da obra. Em algumas disciplinas, o cliente decidiu contratar profissionais locais, mais baratos, para fazerem a implementação do projeto. Foi o que ocorreu com o projeto de paisagismo: uma arquiteta paisagista local foi contratada para fazer a implementação do projeto. O escritório que havia coordenado todos os projetos executivos notou que a paisagista contratada não estava respeitando as especificações do projeto de paisagismo e tomou como partido pressupor que a contratação da paisagista estava atrelada à alguma troca de favores românticos com o cliente. Sempre me questionei se a mesma relação seria feita se fosse um homem contratado para implantar o projeto de paisagismo. Ou se de fato ocorreu uma troca de favores entre o cliente e a paisagista, por que necessariamente seriam românticos? Não poderiam ter feito algum acordo financeiro? Ou nenhuma das opções, poderia e pode ser apenas uma profissional que não fez o trabalho corretamente.

O *Relatório Técnico*²¹⁹, elaborado pela Fundação Cesgranrio, sobre o perfil do bacharel em arquitetura e urbanismo, evidencia que a principal área de ocupação entre os graduados e mestres no curso de arquitetura e urbanismo é a “Área de Arquitetura e Urbanismo e Construção”, com atuação de 55,3% e 47,4% dos graduados e mestres do sexo masculino e 59,5% e 42,3% das graduadas e mestres do sexo feminino, respectivamente. A área de ocupação só muda para os profissionais de ambos os sexos que possuem doutorado, sendo a atuação mais recorrente a da “Área de Ensino”. O *Censo dos Arquitetos e Urbanistas do Brasil*²²⁰, elaborado pelo CAU/BR, evidencia que 66% dos profissionais registrados no conselho possuem apenas o curso de graduação e que uma minoria faz cursos de mestrado e doutorado, com taxas de 6,8% e 1,2%, respectivamente. Dessa forma, a partir da interpolação dos dados dessas duas pesquisas, pode-se afirmar que a maioria dos profissionais homens e mulheres formados em arquitetura e urbanismo atuam na área de formação. O objetivo, então, é entender como atua a divisão sexual do trabalho no campo profissional.

Trabalhei num grande e renomado escritório de arquitetura brasileiro. O escritório tinha alguns arquitetos sócios e cada sócio gerenciava sua equipe de projeto. Entre os sócios haviam homens e mulheres, sendo muito nítida a diferença de tratamento que os demais arquitetos que trabalhavam no escritório davam aos sócios homens e às sócias mulheres. Era comum ouvirmos comentários machistas, homofóbicos e elitistas dos chefes homens e também era comum tratarem a equipe de forma mais ríspida e autoritária, sendo um comportamento aceito e tolerável dentro do escritório.

Mas o tratamento era diferente com as chefes mulheres, estas eram constantemente interrompidas por outros funcionários do escritório ou nas obras. Para tentarem barrar esse tipo de comportamento, as sócias mulheres adotaram uma postura defensiva e assertiva frente à equipe e por conta disso passaram a ter apelidos entre os funcionários do escritório: “bruxa”, “ditadora”, “mal comida”, trazendo a vida pessoal das chefes à tona, invalidando toda a sua experiência.

219 BELTRÃO, Kaizô Iwakami; IWAKAMI, Luiza Naomi; SANTOS, Ademir Pereira dos; MEGAHÓS, Ricardo Servare. *Evidências do ENADE e de outras fontes - mudanças no perfil do bacharel em arquitetura e urbanismo*. Rio de Janeiro: Fundação Cesgranrio, 2020. Disponível em: <https://www.cesgranrio.org.br/pdf/Enade/1%20-%20RELATORIO%20DIGITAL%20DE%20ARQUITETURA%20E%20URBANISMO%20COMPLETO.pdf>. Acessado em: 30/11/2021

220 Disponível em: https://www.caubr.gov.br/wp-content/uploads/2018/03/Censo_CAUBR_06_2015_WEB.pdf. Acessado em 20/12/2021.

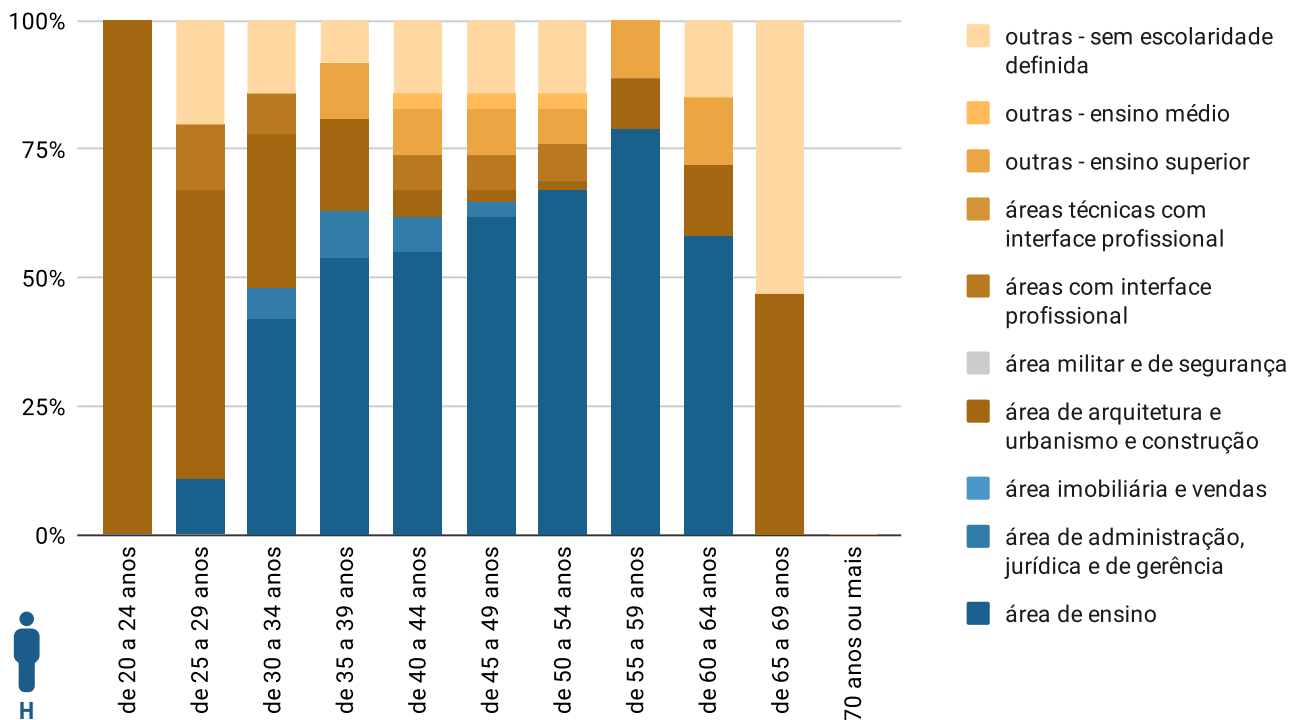


Figura 93: Distribuição dos grupos de ocupação do trabalho principal entre graduados de Arquitetura e Urbanismo, do sexo masculino, segundo grupo de idade.

Fonte: Evidências do ENADE e de outras fontes - mudanças no perfil do bacharel em arquitetura e urbanismo. Rio de Janeiro: Fundação Cesgranrio, 2020

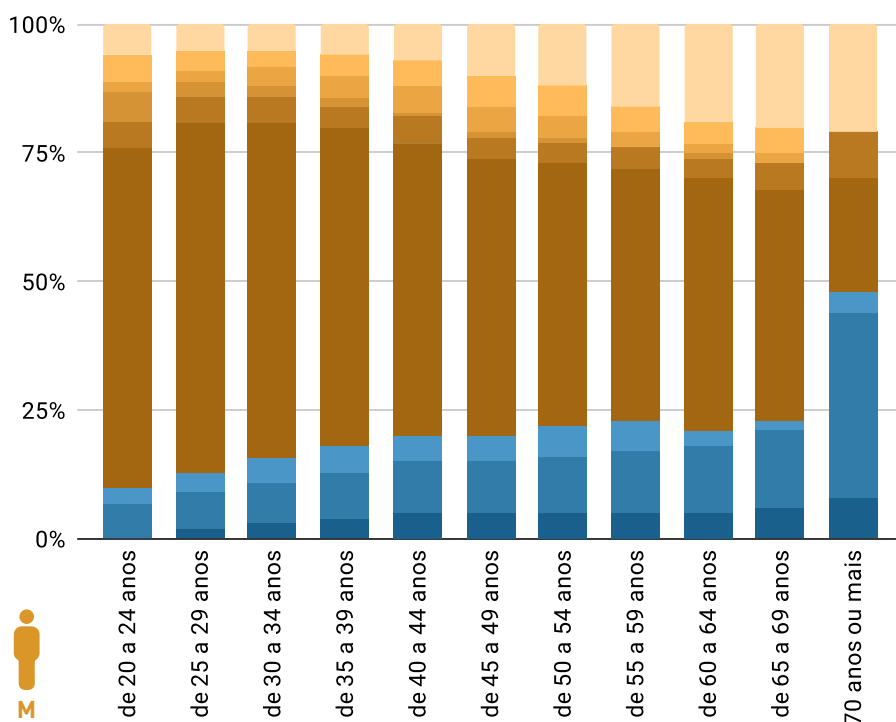


Figura 94: Distribuição dos grupos de ocupação do trabalho principal entre graduados de Arquitetura e Urbanismo, do sexo feminino, segundo grupo de idade.

Fonte: Evidências do ENADE e de outras fontes - mudanças no perfil do bacharel em arquitetura e urbanismo. Rio de Janeiro: Fundação Cesgranrio, 2020.

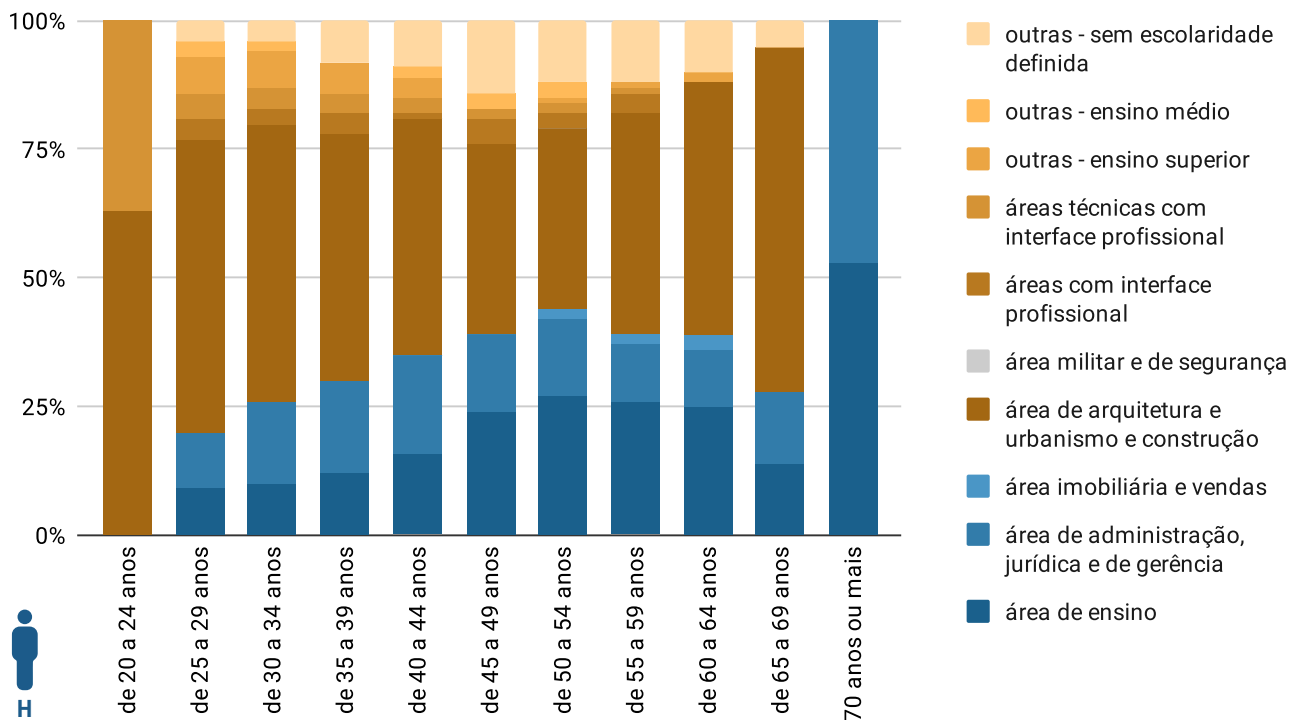


Figura 95: Distribuição dos grupos de ocupação do trabalho principal entre os mestres em Arquitetura e Urbanismo, do sexo masculino, segundo grupo de idade.

Fonte: Evidências do ENADE e de outras fontes - mudanças no perfil do bacharel em arquitetura e urbanismo. Rio de Janeiro: Fundação Cesgranrio, 2020.

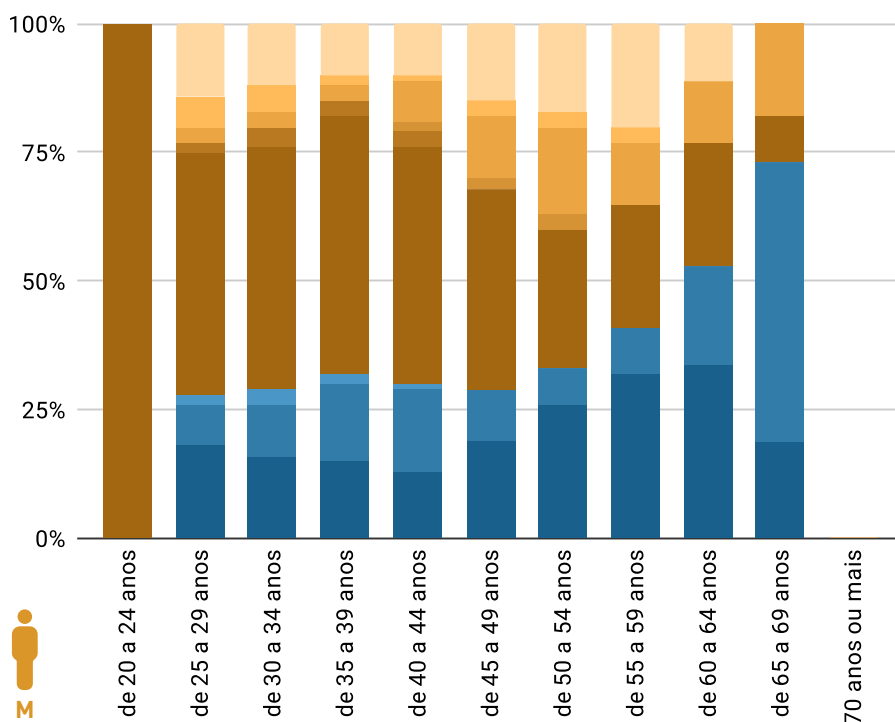


Figura 96: Distribuição dos grupos de ocupação do trabalho principal entre os mestres em Arquitetura e Urbanismo, do sexo feminino, segundo grupo de idade.

Fonte: Evidências do ENADE e de outras fontes - mudanças no perfil do bacharel em arquitetura e urbanismo. Rio de Janeiro: Fundação Cesgranrio, 2020.

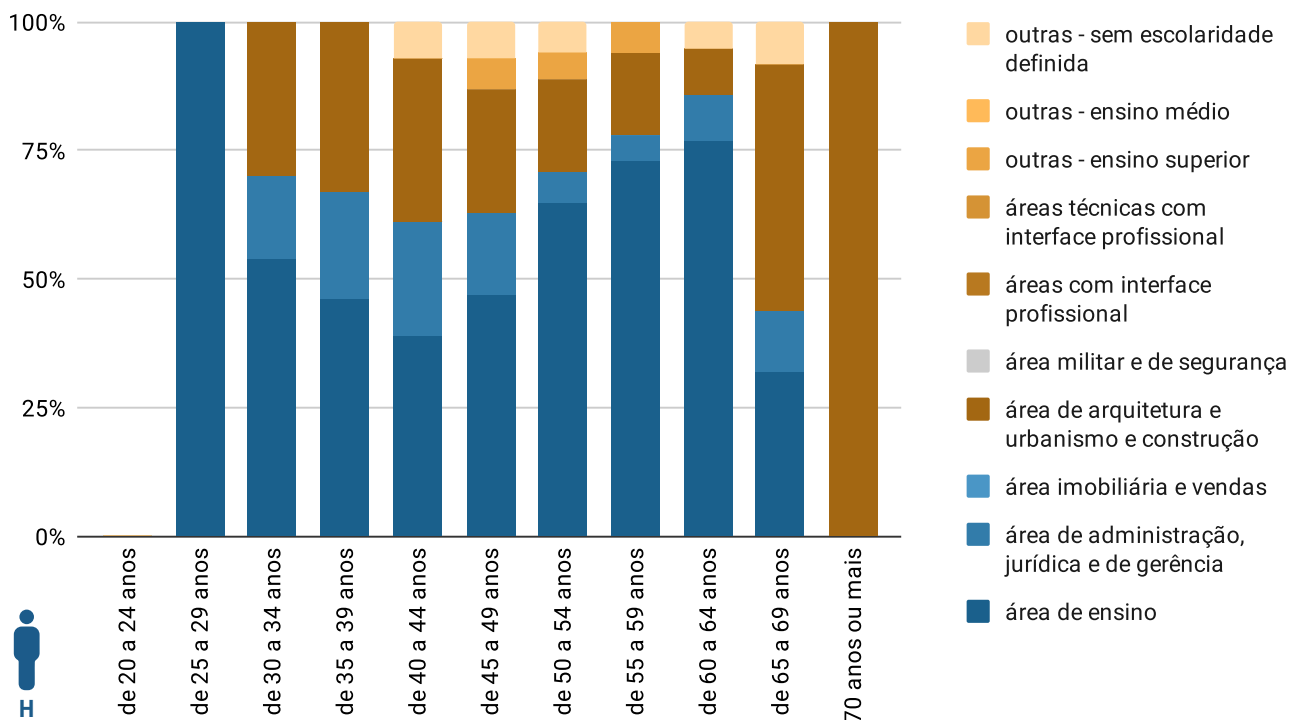


Figura 97: Distribuição dos grupos de ocupação do trabalho principal entre os doutores em Arquitetura e Urbanismo, do sexo masculino, segundo grupo de idade.

Fonte: Evidências do ENADE e de outras fontes - mudanças no perfil do bacharel em arquitetura e urbanismo. Rio de Janeiro: Fundação Cesgranrio, 2020.

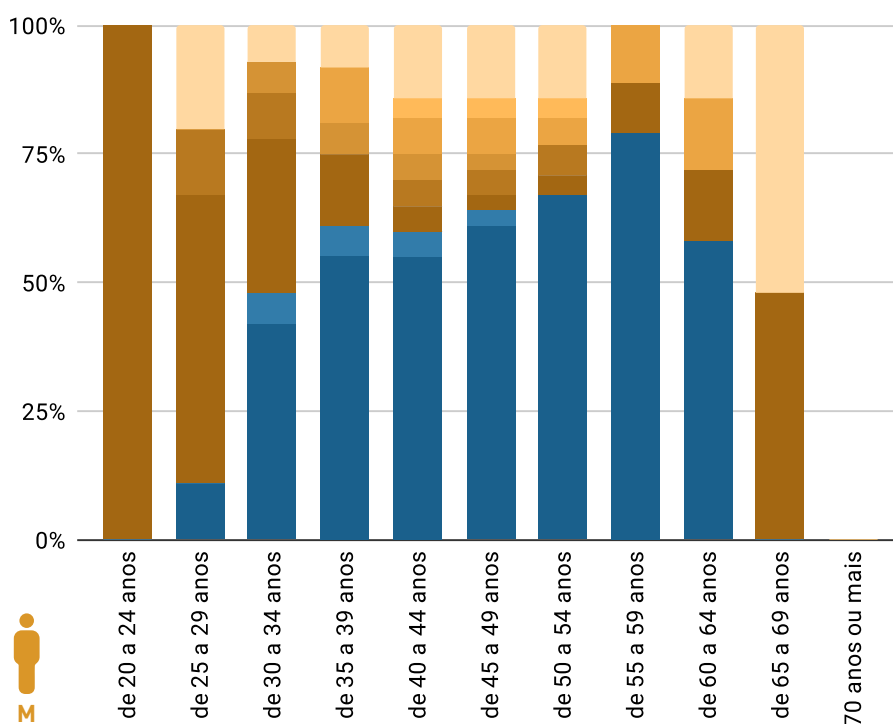


Figura 98: Distribuição dos grupos de ocupação do trabalho principal entre os doutores em Arquitetura e Urbanismo, do sexo feminino, segundo grupo de idade.

Fonte: Evidências do ENADE e de outras fontes - mudanças no perfil do bacharel em arquitetura e urbanismo. Rio de Janeiro: Fundação Cesgranrio, 2020.

A pesquisa realizada pelo CAU/BR, sobre a visão completa da presença da mulher na Arquitetura e Urbanismo²²¹, mostra que há uma prevalência de arquitetas e urbanistas mulheres no Brasil, elas representam 64% do total de profissionais em atividade no país, contra 36% de homens²²². Na faixa etária até 25 anos, as profissionais do sexo feminino representam 79% do total de arquitetos e urbanistas; entre 26 e 30 anos, o percentual é de 72% e a maioria se mantém até a faixa dos 60 anos, acima da qual os homens assumem maioria, com 60% dos profissionais. No estado de São Paulo, as arquitetas representam 62% do total de profissionais registrados no Conselho Regional. Apenas nos estados do Amapá e do Acre as mulheres são minoria dos profissionais registrados no conselho, representando 45% e 47% dos profissionais, respectivamente.

A pesquisa revelou que, como consequência da maior presença feminina no mercado de trabalho, as arquitetas e urbanistas são também maioria entre os profissionais que emitiram até 50 Registros de Responsabilidade Técnica (RRT). Essa proporção só é menor entre os profissionais que emitiram mais de 50 RRT's e entre os responsáveis técnicos de empresas, as mulheres representaram 47% em ambas categorias. Com isso, pode-se deduzir que a maior parte das profissionais mulheres atua de forma autônoma em projetos menores e/ou como funcionárias dos escritórios e empresas de arquitetura e urbanismo.

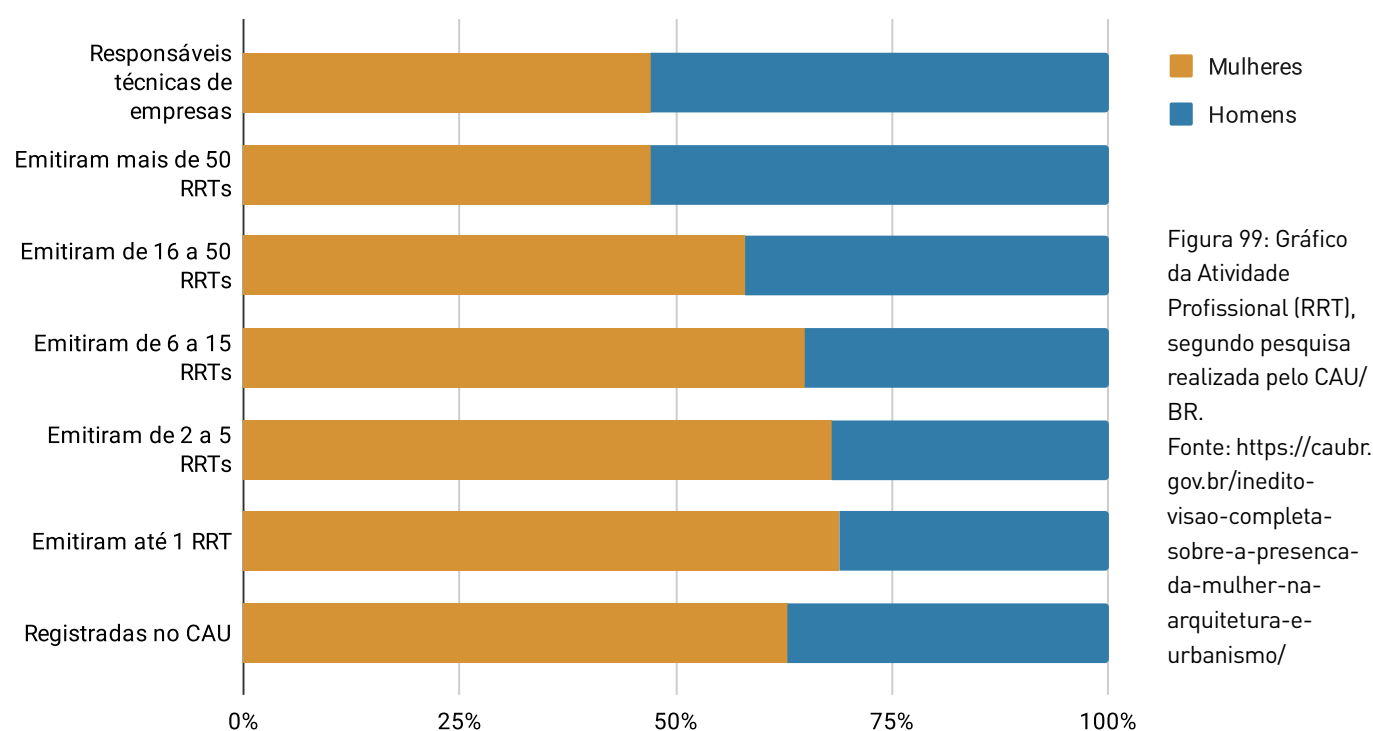


Figura 99: Gráfico da Atividade Profissional (RRT), segundo pesquisa realizada pelo CAU/BR.
Fonte: <https://caubr.gov.br/inedito-visao-completa-sobre-a-presenca-da-mulher-na-arquitetura-e-urbanismo/>

Os registros de RRT's indicam que a principal área de atuação feminina está relacionada à atividade de projeto, que corresponde a mais da metade do total de registros. Seguido pelos registros nas atividades especiais em Arquitetura e Urbanismo (assessoria, consultoria, assistência técnica, vistoria, perícia, avaliação, laudo técnico, parecer técnico, auditoria, arbitragem e mensuração). A

221 Disponível em: <https://www.caubr.gov.br/inedito-visao-completa-sobre-a-presenca-da-mulher-na-arquitetura-e-urbanismo/>. Acessado em 20/12/2021.

222 Conselho de Arquitetura e Urbanismo do Brasil (CAU/BR). Censo dos Arquitetos e Urbanistas do Brasil. Disponível em: <https://www.caubr.gov.br/especial-dia-da-mulher-arquitetas-e-urbanistas-que-fazem-diferenca/> Acessado em: 14/12/2019.

reportagem ainda destaca que nos concursos públicos de projetos de Arquitetura e Urbanismo 17% dos prêmios foram concedidos a equipes lideradas por mulheres²²³ e finaliza afirmando que nas premiações nominais por atuação ou trajetória profissional somente 15% dos profissionais homenageados foram mulheres²²⁴. A pesquisa apresentada pelo CAU/BR traz informações bastante importantes sobre a atuação profissional das arquitetas, porém ainda há muita falta de dados e levantamentos oficiais sobre a forma como as arquitetas estão inseridas no mercado de trabalho nacional.

Trabalhei em um escritório que apesar de uma das sócias ser mulher e possuir um discurso de valorização do trabalho das mulheres arquitetas, em seu próprio escritório, tratava com visível diferença seus funcionários homens. Para eles, não faltam elogios exacerbados, além de serem responsáveis pela maioria dos trabalhos criativos, enquanto os trabalhos mais burocráticos e enfadonhos eram passados para as mulheres. Costumava chamar os projetos residenciais e de reformas de trabalhos de mulherzinha e assim passava esse tipo de projeto apenas para as mulheres do escritório.

Bridget Fowler e Fiona Wilson, em artigo publicado em 2004, relataram, de forma crítica, a suposta equidade de gênero que as mulheres estão conquistando no campo profissional, avaliando a área de arquitetura e urbanismo como estudo de caso. As pesquisadoras destacam que a partir dos dados coletados pelo *Royal Institute of British Architects* (RIBA), foi possível identificar que as profissionais mulheres, muitas vezes, deixam a profissão devido a carga horária excessiva de trabalho, progressão lenta na carreira e baixa remuneração, agravadas pelo convívio com insultos e discriminações de gênero, como evidenciado nas anedotas abaixo:

Meu gerente, reconhecidamente abusador, que tinha atitudes como pegar no meu mouse de colegas enquanto estavam trabalhando e apoiava sua cabeça gentilmente sobre a delas, sabia que comigo não tinha vez. Até porque quando esboçou fazer isso eu gentilmente me ergui para que batesse com os dentes. Me chamou em uma reunião em sua sala para explicar porque eu nunca seria promovida enquanto estivesse na equipe dele. Não dosou palavras e justificou: “Olha o problema é que você acha que eu sou machista. Não dá para promover quem me quer mal. Olha a minha equipe. Tem outras mulheres, você acha que eu contrataria mulheres se eu fosse machista?”. A equipe de 60 pessoas contava com quatro mulheres: eu, minha coordenadora, a secretária dele e uma jovem aprendiz.

Trabalhei em um escritório bem renomado de São Paulo onde as arquitetas evitavam ir à copa do escritório ao mesmo tempo que um dos sócios, pois ele sempre tentava roçar nelas.

Trabalhei num escritório de arquitetura em São Paulo onde um dia, durante uma “brincadeira” os sócios misturaram o nome de uma das arquitetas da equipe com as palavras delícia e sobremesa.

Um dos sócios de um escritório bem renomado de São Paulo comentou com um arquiteto do escritório na frente de toda a equipe “você abraçou a cliente? Sentiu o cheiro daquela gostosa?”.

223 A pesquisa não lista as premiações que estão sendo levadas em conta, não quantifica as premiações nem os premiados que entraram nessa conta, também não fala qual recorte temporal foi utilizado, por exemplo, premiações dos últimos 10, 20 anos. Também não explica se os 17% considera apenas os primeiros colocados ou todo o conjunto de premiados de um concurso. Tal distinção precisa ser dada uma vez que apenas os primeiros colocados são contratados para a realização dos projetos executivos e posterior execução de obra.

224 Mais uma vez a porcentagem foi apresentada sem os dados, uma vez que não foram listadas quais são as premiações que entraram nessa quantificação e nem o recorte temporal.

Fowler e Wilson destacam que a pesquisa realizada pelo RIBA evidenciou que dois terços das mulheres arquitetas ausentaram-se da profissão ou optaram por trabalhar meio período, para realizarem o trabalho doméstico da casa e os cuidados dos filhos. Para completar os dados coletados pelo órgão de classe inglês, as pesquisadoras realizaram entrevistas com 72 arquitetos (homens e mulheres). Entre o grupo de entrevistados, a maioria dos homens eram sócios ou donos de um escritório de arquitetura e já tinham alcançado estabilidade profissional, enquanto a maioria das mulheres eram coordenadoras de projeto e membros de equipes de projeto e a minoria delas estava estabelecida profissionalmente. Todos os entrevistados reconheceram que a profissão exige muitas horas de trabalho, em um ambiente altamente competitivo, e ter filhos muda mais a vida das mulheres arquitetas do que dos homens arquitetos. O seguinte episódio relata uma situação comum nos escritórios de arquitetura:

Eu coordenava um projeto muito grande do escritório que trabalhava na época. O projeto tinha várias frentes de trabalho e a equipe dele era mínima, na maioria das vezes estava sozinha ou no máximo com uma estagiária. Eu que fazia todas as reuniões, enviava todos os e-mails, desenhava as bases e pranchas de arquitetura, fazia a compatibilização com os projetos de engenharia. Numa semana normal de trabalho eu nunca saía antes das oito da noite do escritório, em semanas de entrega era comum trabalhar mais de 70hrs na semana. Quando relatei o trabalho excessivo para meu chefe, ele respondeu: “o mercado não está bom, não podemos correr o risco de ter mais gastos com esse projeto. A equipe não aumentará”. Quando o projeto foi finalizado eu fui demitida do escritório.

A explicação mais comum, que as pesquisadoras obtiveram, para a pergunta “por que as mulheres têm salários menores?” foi porque as mulheres tinham filhos. Muitos (homens e mulheres) afirmaram que era impossível ter uma vida familiar e sucesso profissional, porém quase todos os entrevistados homens alegaram que não havia nenhum problema estrutural na profissão e que os melhores eram reconhecidos pelo seu trabalho. Já a maioria das arquitetas entrevistadas assumiu que sem um emprego contínuo em tempo integral, elas teriam menos oportunidades na evolução de suas carreiras.

Entre os entrevistados, mais homens do que mulheres trabalhavam mais que 40 horas semanais nos escritórios e duas vezes mais homens do que mulheres consideraram o trabalho fora do horário oficial de trabalho como essencial para a obtenção do reconhecimento profissional. O II Censo das Arquitetas e Arquitetos e Urbanistas do Brasil evidencia que 40% dos profissionais trabalham mais de 40 horas semanais com serviços de arquitetura e urbanismo. Entre as mulheres, a porcentagem cai para 37%, já entre os homens essa porcentagem aumenta para 45%.

Apenas um terço dos entrevistados relatou que suas empresas ofereciam licença maternidade e muitos homens a desaprovavam, pois afirmaram que a licença era responsável por transformar as mulheres em funcionárias menos atraentes. Porém mais da metade dos homens entrevistados e uma minoria das mulheres afirmaram que as crianças sofrem grande prejuízo quando não são cuidadas pelos pais biológicos. As autoras concluem que não falta às mulheres capital cultural para serem reconhecidas na profissão, mas sugerem que há pouca tolerância e espaço para aquelas que têm filhos pequenos, o que faz com que mais mulheres que homens saiam da profissão.

Conforme já evidenciado no capítulo, hoje, o CAU/BR conta com mais de duzentos mil profissionais registrados e quase trinta mil registros de empresas que prestam serviços de arquitetura e urbanismo. Soma-se a esses números os dados levantados pela Fundação Cesgranrio, que evidencia que a maioria dos graduados em arquitetura e urbanismo seguem seu ofício na área de formação. Segundo o II Censo das Arquitetas e Arquitetos e Urbanistas do Brasil, a maioria

dos profissionais trabalha por conta própria: 51% fornecem serviços como autônomos e 13% são donos de escritórios e empresas ligados à Arquitetura e Urbanismo.

O diagnóstico de Gênero na Arquitetura em Urbanismo, organizado pelo CAU/BR, destaca que, em relação ao ambiente de trabalho, os escritórios de arquitetura são majoritariamente femininos, mas a maioria dos superiores imediatos é homem. O censo evidencia que entre as mulheres: 52% trabalham como autônomas; 16% trabalham como assalariadas em empresas da área de arquitetura e urbanismo; 12% são funcionárias públicas na área de arquitetura e urbanismo; e, apenas, 10% são proprietárias de empresas ligadas à arquitetura e urbanismo. Já entre os homens o cenário é outro: 50% trabalham como autônomos; 18% são proprietários de empresas ligadas à arquitetura e urbanismo; 15% trabalham como assalariados em empresas da área de arquitetura e urbanismo e 14% são funcionários públicos na área de arquitetura e urbanismo.

O censo ainda destaca que os arquitetos com a maior faixa de renda são aqueles(as) que possuem pessoa jurídica própria: 33% dos arquitetos(as) com pessoa jurídica própria recebem entre 3 e 6 salários mínimos; 18% recebe entre 6 e 9 salários mínimos e 23% recebe mais que 9 salários mínimos. Entre os arquitetos(as) e urbanistas autônomos(as), 41% tem renda entre 1 e 3 salários mínimos; 26% entre 3 e 6 salários mínimos; 8% entre 6 e 9 salários mínimos; e apenas 5% tem renda superior a 9 salários mínimos.

O Relatório Técnico elaborado pela Fundação Cesgranrio, o Diagnóstico de Gênero na Arquitetura e Urbanismo e o II Censo das Arquitetas e Arquitetos e Urbanistas do Brasil evidenciam que há grande disparidade salarial entre os arquitetos e as arquitetas. Segundo o censo dos arquitetos, a renda média salarial das mulheres é de R\$ 3.782,42; enquanto a média salarial dos homens é de R\$ 5.099,78, ou seja, os arquitetos têm um rendimento médio mensal 35% superior ao rendimento mensal das arquitetas. O diagnóstico de Gênero na Arquitetura em Urbanismo ressalta que a maior disparidade salarial ocorre entre os salários pagos às arquitetas negras e os salários pagos aos arquitetos brancos. Segundo o censo dos arquitetos, a renda média salarial das mulheres negras é de R\$ 2.904,18; enquanto a média salarial dos homens brancos é de R\$ 5.279,33, ou seja, os arquitetos brancos têm um rendimento médio mensal 82% superior ao rendimento mensal das arquitetas negras²²⁵.

A falta de dados oficiais dificulta o entendimento da divisão sexual do trabalho dentro dos escritórios e empresas de arquitetura. Essa situação ocorre uma vez que o conselho não possui mais informações sobre as empresas que exercem trabalhos vinculados à arquitetura e urbanismo, a não ser o número de RRT's emitidas e os responsáveis técnicos por elas. Ou seja, não são registrados quantos funcionários trabalham nas empresas de arquitetura, também não há quantificação do gênero dos funcionários, da carga horária de trabalho dos funcionários ou dos salários pagos aos profissionais. O conselho também não acompanha como ocorrem as contratações nas empresas, se os funcionários são registrados, se as mulheres têm direito à licença maternidade, se há pagamento de horas extras, entre outros direitos.

Fui numa reunião de trabalho com meu antigo chefe de um projeto muito importante e com muita visibilidade nacional. Ao chegar na reunião todos os participantes, com exceção de mim e outra engenheira, eram homens brancos de meia idade. Ao entrar na sala, um arquiteto que trabalhava na fiscalização do projeto me olhou de cima a baixo e perguntou "e você? Quem é?". Fiquei atônita com a pergunta e no momento fiquei sem palavras, meu chefe que respondeu por mim dizendo quem eu era: a coordenadora do projeto.

225 Os cálculos da renda média mensal das arquitetas, arquitetas negras, arquitetos e arquitetos brancos foram realizados a partir dos dados do II Censo das Arquitetas e Arquitetos e Urbanistas do Brasil. Disponível em: <https://caubr.gov.br/censo2020/>. Acessado em: 06/02/2022.

3.2.2 INSTITUIÇÕES DE REGULAMENTAÇÃO DA ATIVIDADE PROFISSIONAL NO BRASIL E A QUESTÃO DE GÊNERO

Paula Gorenstein Dedecca (2018), em sua Tese de Doutorado *Arquitetura e Engajamento: O IAB, o debate profissional e suas arenas transnacionais (1920-1970)*, explica que o Instituto Central de Arquitetos (ICA), fundado em 1924 e renomeado como Instituto de Arquitetos do Brasil (IAB) em 1934, surgiu da fusão da Sociedade Central de Arquitetos (SCA) com o Instituto Brasileiro de Arquitetos (IBA), ambas fundadas em 1921. Dedecca afirma que “essas primeiras entidades de classe eram propostas como espaço de aglutinação em prol da construção, negociação, difusão e defesa de suas plataformas”²²⁶, caracterizando o primeiro passo de institucionalização da representação profissional do arquiteto no Brasil.

A autora relata que, nas primeiras décadas de existência do IAB, o instituto buscava ter representação profissional em diversas entidades nacionais e internacionais, como no CONFEA e no CREA; contribuir para a elaboração de legislações urbanas; envolvia-se com a atuação e debates do ensino superior; promovia palestras, eventos sociais e confraternizações; participava de congressos internacionais. Dedecca destaca a importância da instituição para a aprovação de uma normativa de regulamentação dos Concursos de Projeto de Arquitetura e de sua obrigatoriedade para a contratação de projetos de grandes dimensões, sendo uma de suas principais conquistas a Lei federal nº 125, de 3 de dezembro de 1935, que tornou obrigatória a realização de concursos, entre profissionais legalmente habilitados, para a escolha de edifícios estatais de grandes proporções.

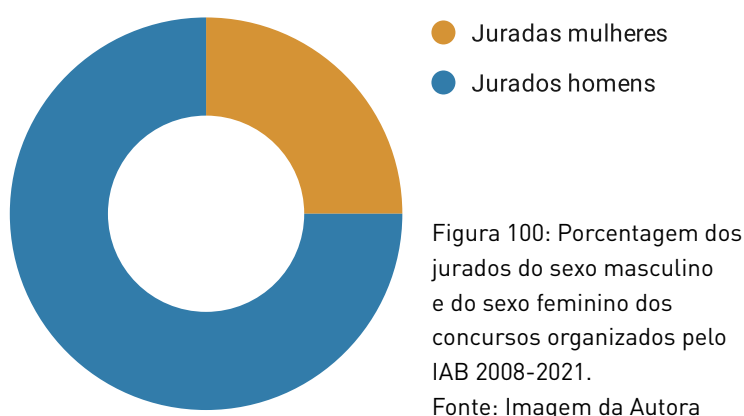
Desde a sua fundação, em 1921, o instituto já teve 38 presidentes, porém apenas em 2020 o IAB/DN elegeu sua primeira presidente mulher, a arquiteta e urbanista Maria Elisa Baptista. Atualmente, entre os departamentos estaduais, das 19 sedes do IAB, dez delas são presididas por mulheres. Importante destacar que, entre as comissões e grupos de trabalho do IAB, há a Comissão de Equidade de Gênero, fundada em 30 de junho de 2020²²⁷.

Entre as condecorações, a instituição concede desde 1967 o Colar de Ouro, símbolo do reconhecimento da entidade para profissionais e personalidades que colaboraram para o engrandecimento da Arquitetura e Urbanismo no Brasil. Somente em 2019, uma arquiteta foi laureada com a comenda: a arquiteta e urbanista Rosa Kliass. Durante a premiação não só a atuação profissional de Rosa Kliass, um dos mais importantes nomes da arquitetura da paisagem do Brasil, foi destacada, mas também sua intensa atuação nas entidades profissionais, tendo sido a primeira mulher a compor a diretoria do IAB em SP; em 1959, e fundadora e primeira presidente da Associação Brasileira de Arquitetos Paisagistas – ABAP, em 1976. Em 2020, a arquiteta e urbanista Dora Alcântara foi laureada com a honraria máxima da instituição.

226 DEDECCA, Paula Gorenstein. *Arquitetura e Engajamento: o IAB, o debate profissional e suas arenas transnacionais (1920-1970)*. Tese (Doutorado) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, História e Fundamentos da Arquitetura e do Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018. p. 47.

227 Disponível em: <https://iab.org.br/manifesto-de-criacao/>. Acessado em: 22/12/2021.

A partir da análise do portal *concursosdeprojeto.org*²²⁸, criado em novembro de 2008 e editado pelo arquiteto Fabiano Sobreira, foram quantificados todos os concursos nacionais de projetos organizados pelo IAB. Entre novembro de 2008 e dezembro de 2021, o Instituto de Arquitetos do Brasil foi responsável pela organização de 68 concursos de arquitetura, espalhados por todo o território nacional e alguns internacionais, totalizando a participação de 372 jurados. Entre os jurados selecionados, 279 são homens e 93 são mulheres, ou seja, apenas 25% dos jurados de concursos de projetos organizados pelo IAB são mulheres²²⁹. Além disso, dezoito concursos (26%) tiveram comissões julgadoras exclusivamente masculinas e, apenas, quatro (2,7%) concursos contaram com uma comissão julgadora com maioria feminina. Entre os premiados, os autores e coautores exclusivamente do sexo masculino totalizam vinte e nove vencedores, ou seja, 42,6% dos premiados.



O Conselho de Arquitetura do Brasil (CAU/BR) e os Conselhos de Arquitetura e Urbanismo dos Estados e do Distrito Federal (CAU/UF) foram regulamentados pela Lei nº 12.378, publicada em 31 de dezembro de 2010²³⁰. Atualmente, o conselho está na sua quarta gestão, que são trienais. Desde o ano da sua fundação em até 2017, o presidente do CAU/BR foi o arquiteto e urbanista Haroldo Pinheiro; entre 2018 e 2019 a presidência passou para o arquiteto e urbanista Antônio Luciano Guimarães e, desde 2020, a presidência está sob responsabilidade da arquiteta e urbanista Nadia Somekh, primeira mulher eleita.

Entre as 27 presidências do CAU/UF, apenas seis são ocupadas por mulheres, ou seja, 22%; uma diminuição de 4% comparada com as gestões 2018-2020 e 2015-2017, quando eram sete presidentes mulheres. Entre os conselheiros estaduais, o percentual de mulheres eleitas em 2020 (gestão 2021-2023) foi de 52%. Pela primeira vez, as arquitetas são maioria nos conselhos estaduais desde a fundação do CAU/BR, com a eleição de 201 mulheres e 181 homens, número bastante superior ao das gestões anteriores que corresponderam a 40% em 2017; 31% em 2015 e 27% em 2012²³¹. Foram nove os estados que colocaram a presença feminina em destaque (AC, AL, AM, GO, PB, RJ, SC e SP), elegendo mais arquitetas para ocupar as vagas titulares nas autarquias estaduais; os dois estados que apresentaram, proporcionalmente, o maior número de

228 Disponível em: <https://concursosdeprojeto.org/>. Acessado em: 29/12/2021.

229 Porcentagem um pouco maior que a encontrada entre as juradas do concurso Opera Prima, entre 1989 e 2011.

230 Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2010/lei/l12378.htm. Acessado em: 02/01/2022.

231 Disponível em: <https://www.caubr.gov.br/inedito-visao-completa-sobre-a-presenca-da-mulher-na-arquitetura-e-urbanismo/>. Acessado em: 29/12/2021.

arquitetas eleitas foram o estado de São Paulo e o estado de Santa Catarina. O primeiro elegeu 53 conselheiras estaduais entre 77 cadeiras (68%) e o segundo elegeu onze conselheiras entre dezessete cadeiras (64%). Vale destacar que em ambos estados as chapas formadas exclusivamente por mulheres foram as mais votadas.

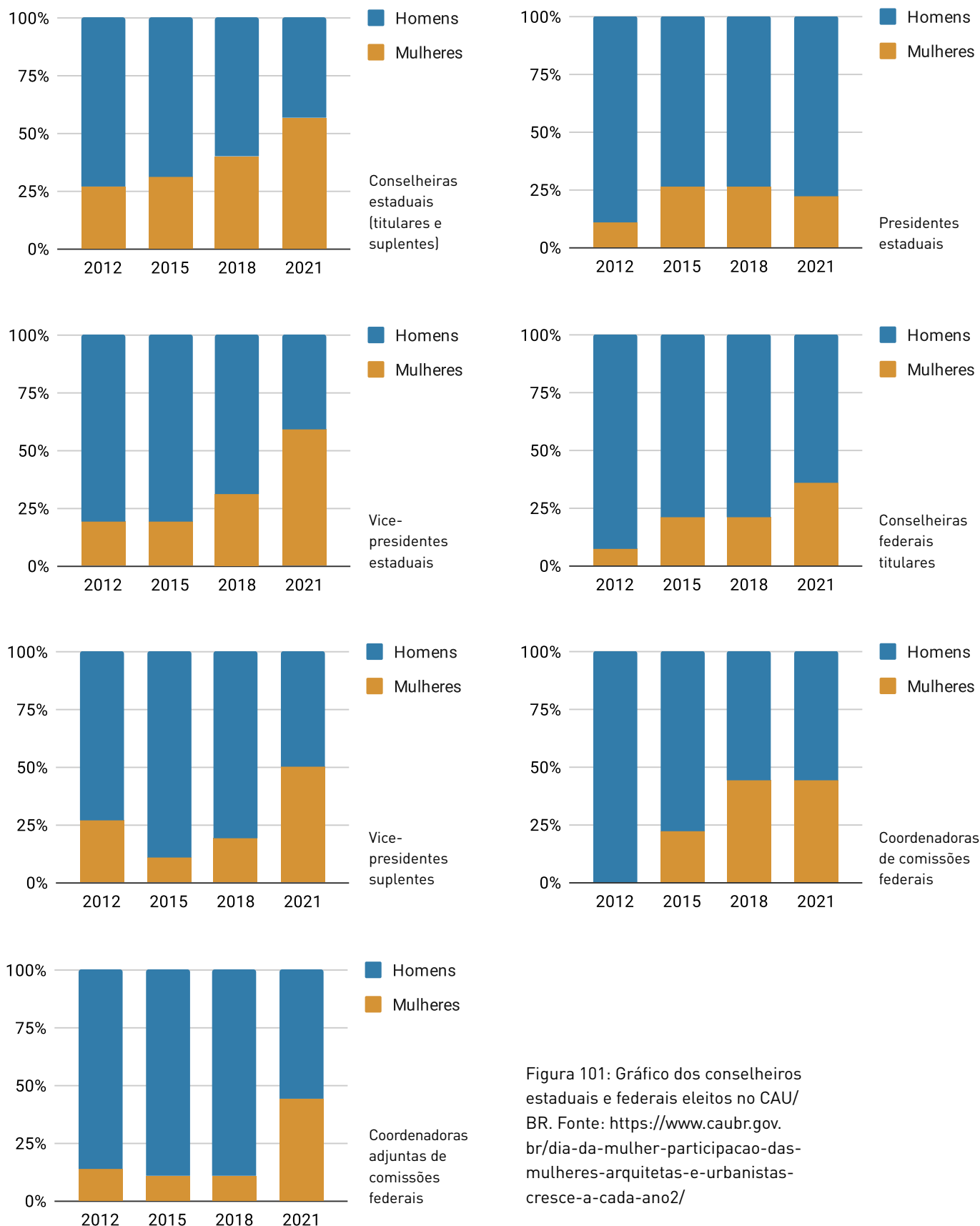


Figura 101: Gráfico dos conselheiros estaduais e federais eleitos no CAU/BR. Fonte: <https://www.caubr.gov.br/dia-da-mulher-participacao-das-mulheres-arquitetas-e-urbanistas-cresce-a-cada-ano2/>

Entre os conselheiros federais, em 2021, as mulheres passaram a ter dez representantes em um total de 27 (36%); em 2018, as arquitetas totalizavam cinco conselheiras federais (21%). Considerando o histórico dos percentuais de representatividade política feminina no CAU/BR, pode-se afirmar que a presença das mulheres está crescendo e está buscando alcançar equivalência numérica entre os representantes eleitos e os arquitetos registrados no conselho. Merecem especial destaque as ações realizadas pelo CAU/BR em 2019, com o diagnóstico da *Visão completa sobre a presença da mulher na Arquitetura e Urbanismo* e, em 2020, com a realização do *1º diagnóstico Gênero na Arquitetura e Urbanismo*²³². Certamente, esses dois relatórios contribuíram para que houvesse maior mobilização entre as arquitetas para a configuração das chapas que concorreram nas eleições do Conselho em 2020.

232 Disponível em: <https://www.caubr.gov.br/diagnostico-revela-o-perfil-da-desigualdade-de-genero-na-arquitetura-e-urbanismo/>. Acessado em: 29/12/2021.

3.3

AÇÕES PARA A EQUIDADE ENTRE OS GÊNEROS: EXPERIÊNCIAS NO ENSINO E NA PROFISSÃO

3.3.1 EXEMPLOS DE AÇÕES NO ENSINO

As arquitetas urbanistas e também pesquisadoras Joice Berth e Andréia Moassab (2020) enfatizam que, após analisarem 300 desenhos de arquitetura de concursos nacionais, verificaram que em apenas 3% deles havia pessoas negras representadas como também usuárias daquele espaço projetado. A dupla afirma que a falta de corpos negros representados nos espaços públicos denuncia o racismo estrutural e institucional naturalizado no campo da arquitetura e urbanismo. Além disso, as autoras denunciam o constante apagamento das contribuições das arquitetas do sexo feminino na profissão, concluindo que a forma como a arquitetura e urbanismo é ensinada nos cursos de graduação, escrita nos livros e publicada nas mídias especializadas consolidam a naturalização do apagamento de sujeitos que também fazem parte da produção e prática arquitetônica²³³.

Neste sentido, as autoras destacam que é urgente trazer para o ensino e a para a prática profissional uma reflexão convergente sobre o racismo e o sexismo. Andréia Moassab (2020) afirma que, nos cursos de graduação de arquitetura e urbanismo, são poucas as disciplinas que trazem reflexões sobre gênero e raça e são ainda menos os Planos Políticos e Pedagógicos que trazem um conjunto de ações para a introdução dos dois temas (gênero e raça) dentro do conjunto de disciplinas ofertadas. A autora destaca que a maioria dessas ações estão limitadas a pesquisas e atuações de poucos profissionais e não de uma mudança estrutural do sistema. Moassab traz sua experiência como professora no curso de arquitetura e urbanismo da UNILA, onde questões de gênero e raça fazem parte do Plano Político e Pedagógico do curso de arquitetura e urbanismo, perpassam pelas disciplinas obrigatórias do curso e também são temas específicos abordados nas disciplinas optativas²³⁴.

A arquiteta explica que o recorte de gênero e étnico-racial faz parte de suas preocupações em sala de aula desde 2009, quando era docente em Cabo Verde, porém a falta de material publicado sobre arquitetas mulheres e, principalmente, sobre arquitetas negras, faz com que essa proposta didática transforme-se em um enorme desafio. Moassab afirma que o primeiro obstáculo é a escassa produção bibliográfica traduzida para o português, destacando as publicações

233 BERTH, Joice; MOASSAB, Andréia. O ensino de arquitetura e a dupla invisibilidade das arquitetas negras. In: MOASSAB, Andréia; NAME, Leo (org.). Por um ensino insurgente em arquitetura e urbanismo. Foz do Iguaçu: EDUNILA, 2020. p. 162-179.

234 MOASSAB, Andréia. Os desafios de introduzir as categorias gênero e raça no ensino de arquitetura e urbanismo. In: MOASSAB, Andréia; NAME, Leo (org.). Por um ensino insurgente em arquitetura e urbanismo. Foz do Iguaçu: EDUNILA, 2020. p. 197-216.

sobre Arquitetura e Gênero e Arquitetura Gênero e Raça produzidas nos Estados Unidos e na Espanha nos últimos anos, porém ainda sem traduções para o português e ausentes dos catálogos das bibliotecas das faculdades:

Embora esteja facilmente acessível para compra on-line, essa produção não está isenta de outras clivagens, isto é, no caso do debate de gênero, não trata das arquitetas latino-americanas, nem, tampouco, há uma inclusão do debate racial a partir da afrodescendência ou até mesmo do processo de realização da América Latina, sob os auspícios da modernidade ocidental. (MOASSAB, 2020, p. 199)

Moassab continua seu artigo explicando como as questões de gênero e raça perpassam pelas disciplinas teóricas do curso de graduação em arquitetura e urbanismo da UNILA. Esclarece como o referencial teórico e base de dados das disciplinas são ampliados a cada ano, a partir das pesquisas realizadas pelos alunos nos trabalhos das disciplinas:

Na edição de 2015, a primeira exclusivamente com arquitetas mulheres, com o auxílio da monitora da disciplina, Maitê Tejada, de uma lista inicial de 40 nomes pesquisados antes de propor o tema ao alunado, chegamos a cerca de 20 arquitetas que teriam material de pesquisa disponível *on-line* para os/as alunos/as. Dos nove nomes iniciais (um para cada aluno/a), três tiveram que ser trocados ao longo do semestre porque os alunos não conseguiram encontrar material suficiente. Os trabalhos foram expostos on-line e deram origem à página *La (In)Visibilidad de las Mujeres em la Arquitectura*²³⁵, dedicada desde então a dar visibilidade às arquitetas mulheres, sendo constantemente atualizada. (MOASSAB, 2020, p. 201)

A autora destaca que nos trabalhos realizados pelos estudantes era necessário apresentar, pelo menos, a análise de um projeto das arquitetas estudadas. Para concluir o trabalho, muitos alunos tiveram que deduzir ou desenhar os projetos a partir de fotos ou desenhos parciais das obras, devido à falta de registros dos trabalhos realizados por arquitetas mulheres, sobretudo das latino-americanas. Moassab finaliza o artigo explicando que, nos Trabalhos de Conclusão de Curso, tem-se notado a presença de pesquisas e projetos que trazem reflexões sobre as questões de gênero e raça, “evidenciando a importância do ensino, pesquisa e extensão na formação profissional e na visão de mundo ampliada do egresso e egressa do curso”²³⁶.

Na Argentina, a *Facultad de Arquitectura Diseño y Urbanismo* (FADU), da Universidade de Buenos Aires (UBA), possui, desde 2017, uma Unidade de Gênero²³⁷ que tem como objetivo a sensibilização para a prevenção de violências e discriminação de gênero no âmbito da FADU-UBA. A Unidade de Gênero tem como função receber e intervir ante às denúncias de violência de discriminação de gênero e orientação sexual por parte do corpo discente, corpo docente ou funcionários da faculdade. Além da organização institucional, o curso de arquitetura da FADU oferece grande diversidade de disciplinas optativas que trazem a questão de gênero, aplicada na arquitetura e urbanismo, sob diferentes perspectivas e abordagens.

Entre elas há disciplinas de projeto do edifício, que discutem os papéis de gênero nos projetos de habitações coletivas, impulsionando novas formas de pensar os espaços coletivos, os espaços habitacionais e as políticas urbanas e habitacionais. Disciplinas de história, crítica e patrimônio

235 Disponível em: <https://www.facebook.com/InVisibilidadDeLaMujerEnLaArquitectura/>. Acessado em: 02/01/2022.

236 MOASSAB, Andréia. *Os desafios de introduzir as categorias gênero e raça no ensino de arquitetura e urbanismo*. In: MOASSAB, Andréia; NAME, Leo (org.). *Por um ensino insurgente em arquitetura e urbanismo*. Foz do Iguaçu: EDUNILA, 2020. p. 210.

237 Disponível em: <http://www.fadu.uba.ar/categoria/256-informacin-sobre-la-unidad-de-gnero>. Acessado em: 02/01/2022.

histórico, que estudam obras e projetos realizados por arquitetas. E disciplinas de projetos urbanos, que trazem a agenda feminista para a formulação de políticas públicas, desenhos de cidades e bairros mais democráticos e acessíveis para homens, mulheres e minorias sociais.

Rita Ochoa (2018) afirma que, em Portugal, na tentativa de diminuir a desigualdade entre homens e mulheres no contexto acadêmico, algumas universidades implantaram planos de igualdade de gênero. A autora destaca que a Universidade da Beira Interior (UBI) foi a primeira universidade pública portuguesa que apresentou, em 2011, um plano para igualdade de gênero, denominado *Ubigual*²³⁸. Entre as ações do plano, está a elaboração de diagnóstico anual de gênero da instituição e dos grupos que a compõem: docentes, trabalhadores não docentes e discentes. Segundo o *Ubigual*, no Departamento de Engenharia Civil e Arquitetura há uma grande masculinização dos docentes: no relatório elaborado em 2018²³⁹, pouco mais de 30% dos docentes do Departamento de Arquitetura eram mulheres, porém entre o corpo discente do curso, as mulheres representavam pouco mais de 50% dos alunos matriculados.

3.3.2 EXEMPLOS DE AÇÕES NA PROFISSÃO E NAS INSTITUIÇÕES

Em 2018, o CAU/SP, para comemorar o dia da mulher, promoveu um debate, na Faculdade de Arquitetura e urbanismo do Mackenzie, em São Paulo, onde as arquitetas convidadas deveriam responder seguinte pergunta “Qual é o lugar da mulher na profissão?”²⁴⁰. A arquiteta e urbanista Ana Gabriela Godinho Lima participou do debate e fez uma provocação ao retornar a pergunta “Qual o lugar do homem na profissão?”²⁴¹. Chama a atenção um debate promovido pelo conselho de classe com esse título, uma vez que o I Censo de Arquitetos e Urbanistas do Brasil, realizado pelo CAU/BR em 2021, já evidenciava que as mulheres são maioria na profissão. Ter conhecimento sobre as áreas de atuações dos profissionais homens e mulheres, se há disparidades de gênero entre as áreas, diferenças salariais, discriminação é um dever do conselho de classe que regulamenta trabalho dos arquitetos no Brasil.

Em março de 2019, o CAU/BR publicou reportagem com a “Visão completa sobre a presença da mulher na Arquitetura e Urbanismo”, com os dados já bastantes citados ao longo deste capítulo. Em maio do mesmo ano, foi aprovada a criação de uma Comissão Temporária de Equidade de Gênero no conselho²⁴². A comissão tem como finalidade a produção e proposta de política do CAU/BR para a equidade de gênero, para isso, além da promoção de debates sobre as mulheres na profissão, a comissão foi responsável pela elaboração do “1º diagnóstico Gênero

238 Disponível em: http://www.igualdadedegenero.ubi.pt/index.php?option=com_content. Acessado em: 03/01/2022.

239 Disponível em: <https://drive.google.com/file/d/1M5ehvx1qkrJmifqsof6JeF5QCNvyg5k1/view>. Acessado em: 03/01/2022.

240 Disponível em: <https://www.archdaily.com.br/br/890337/cau-sp-promove-o-debate-qual-e-o-lugar-da-mulher-na-profissao>. Acessado em: 03/01/2022.

241 Disponível em: <https://anagabriellalima.wordpress.com/2018/03/09/o-lugar-da-mulher-na-arquitetura/>. Acessado em: 03/01/2022.

242 Disponível em: <https://www.caubr.gov.br/mulheres-na-arquitetura-e-urbanismo-cau-br-cria-comissao-de-equidade-de-genero/>. Acessado em: 30/01/2022.

na *Arquitetura e Urbanismo*”²⁴³, apresentado em agosto de 2020.

O diagnóstico apontou a existência de uma lacuna entre as condições das mulheres e dos homens na profissão. As mulheres são as maiores vítimas de violência sexual, assédio sexual, assédio moral e discriminação de gênero; entre elas, as mulheres negras sofrem mais que as mulheres brancas. As arquitetas têm menor rendimento mensal que os homens, a principal diferença salarial ocorre entre as mulheres negras e os homens brancos, conforme já evidenciado nesse capítulo. O diagnóstico conclui que as mulheres negras e as mulheres com filhos fazem parte do grupo de profissionais que tem maiores obstáculos ao longo da carreira e afirma que grande parte dos homens ainda deve ser sensibilizada para a importância da promoção de equidade de gênero na profissão. Para a possibilidade de um banco de dados comparativos, a comissão indica que o diagnóstico de gênero deve ser realizado anualmente, porém, em 2021, já não houve a pesquisa.

Na Inglaterra, em janeiro de 2012, a revista britânica *The Architects Journal* publicou os resultados da primeira pesquisa *Women in Architecture*, com a participação de 700 mulheres britânicas que trabalhavam com arquitetura e construção. A pesquisa revelou dados alarmantes de discriminação sexual, assédio sexual e diferença salarial entre homens e mulheres arquitetas. Desde então, a pesquisa é realizada anualmente e divulgada pela revista e outros meios de comunicação especializados de arquitetura. A cada ano, é quantificada a proporção de homens e mulheres que sofrem assédios sexuais e outros tipos de discriminação em seus trabalhos, além de registrar a média salarial dos arquitetos e arquitetas, denunciando a existência de diferenças salariais para profissionais que exercem a mesma função.

O governo do Reino Unido, a partir de abril de 2017, exigiu que todas as empresas com 250 ou mais funcionários publicassem, anualmente, um relatório de disparidades salariais de gênero. O RIBA (*Royal Institute of British Architects*), órgão de classe dos arquitetos do Reino Unido, incentivou que as empresas de arquitetura com menos de 250 funcionários também apresentassem o relatório, com o objetivo de ajudar a resolver a disparidade salarial entre homens e mulheres na profissão. Em 2019, o RIBA lançou um guia de práticas profissionais²⁴⁴ para a diminuição da diferença salarial entre homens e mulheres. Em 2020, o órgão publicou os primeiros dados sobre as disparidades salariais entre os gêneros²⁴⁵, referentes aos dados de 2019 e, em 2021, foram publicados os dados referentes ao ano de 2020²⁴⁶, também foram apresentados os primeiros comparativos entre os dois anos.

Nos Estados Unidos, em 2014, o AIA (American Institute of Architects) São Francisco realizou a primeira pesquisa nacional de Equidade de Gênero na Arquitetura²⁴⁷. A comissão foi formada após a organização de dois ciclos de debates, em 2012 e 2013, que discutiram os motivos que levavam as arquitetas a abandonarem a profissão, uma vez que as alunas dos cursos de arquitetura, das faculdades norte americanas, representam 50% do total de estu-

243 Disponível em: <https://www.caubr.gov.br/wp-content/uploads/2020/08/DIAGN%C3%93STICO-%C3%ADntegra.pdf>. Acessado em: 03/01/2022.

244 Disponível em: <https://www.architecture.com/about/equality-diversity-and-inclusion/gender-pay-gap>. Acessado em: 03/01/2022.

245 Disponível em: <https://www.architecture.com/knowledge-and-resources/knowledge-landing-page/riba-publishes-2019-gender-pay-gap-data>. Acessado em: 03/01/2022.

246 Disponível em: <https://www.architecture.com/knowledge-and-resources/knowledge-landing-page/riba-publishes-2020-gender-pay-gap-data>. Acessado em: 03/01/2022.

247 Disponível em: https://issuu.com/rsheng2/docs/equityinarch2014_finalreport. Acessado em: 03/01/2022.

dantes, porém as arquitetas registradas no órgão de classe não quantificavam mais de 18% do total de arquitetos registrados²⁴⁸. Em 2015, após a realização da convenção nacional do AIA, foi criada a *Equity in Architecture Commission*²⁴⁹.

Em 2017, a *Equity in Architecture Commission* divulgou onze recomendações para expandir e fortalecer o compromisso da profissão com a equidade, diversidade e inclusão. Logo em seguida, a comissão foi encerrada e seus trabalhos foram assumidos pelo Comitê Interino de Equidade e Futuro da Arquitetura (*Interim Equity and Future of Architecture Committee - EQFA*). Em 2019, o EQFA, em parceria com a Universidade de Washington e a Universidade de Minnesota, lançaram os Guias para Práticas Equitativas (*Guides for Equitable Practice*)²⁵⁰, que foram completados e revisados em 2020.

Em 2020, na Argentina, foi fundada a associação sem fins lucrativos *Soy Arquitecta*²⁵¹. A associação tem como objetivo ajudar a promover as arquitetas na profissão, para isso organiza eventos e conferências; promove cursos de capacitação profissional e realiza pesquisas, com compilação de dados e estatísticas sobre as arquitetas na Argentina. Em 2021, a associação, junto com a *Línea de Investigación Arquitecturas, Urbanismo y Diseño Feministas* e o *Observatorio de Fenómenos Urbanos y Territoriales*²⁵², promoveu o questionário, Encuesta Arquitectas Argentinas, para mapear a situação profissional e a igualdade de gênero das arquitetas na Argentina. A associação já disponibilizou um informe preliminar²⁵³ feito a partir das primeiras análises dos dados obtidos, o relatório final será lançado em março de 2022.

Maria Estela Rocha Ramos (2020) afirma que “a escolha dos temas de pesquisa revela o posicionamento político do pesquisador-produtor de conhecimento, situando-o nas suas opções políticas por questões indenitárias, étnicas e/ou culturais”²⁵⁴. A inserção de novas temáticas e novos questionamentos, a partir de diferentes pontos de vistas, tanto no ensino quanto na prática profissional, possibilita a visibilidade da produção de conhecimento dos distintos grupos socioculturais e não, apenas, de um grupo hegemônico.

Mais do que esgotar todas as ações promovidas por instituições, universidades, grupos de pesquisa e organizações profissionais, o objetivo desse último item é mostrar que a inserção de disciplinas, grupos de estudos e comissões de gênero nas universidades possibilita que o conjunto alunos e professores entrem em contato com a problemática e os questionamentos trazidos pela perspectiva de gênero. A realização de pesquisas e questionários com os profissionais habilitados ajudam na compreensão da divisão sexual do trabalho na profissão, possibilitando a criação de políticas de equidade de gênero nessa área profissional. A base de dados gerada já possibilitou a criação de diversos manuais que indicam medidas a serem tomadas para diminuir a discriminação de gênero na profissão e promover o reconhecimento do trabalho realizado pelas arquitetas.

248 Disponível em: <http://eqxdesign.com/origins>. Acessado em: 03/01/2022.

249 Disponível em: <https://www.aia.org/pages/24311-equity-in-architecture-commission>. Acessado em: 03/01/2022.

250 Disponível em: <https://www.aia.org/resources/6246433-equitable-guides-to-practice>. Acessado em: 03/01/2022.

251 Disponível em: <http://soyararquitecta.net/>. Acessada em: 03/01/2022.

252 Disponível em: <http://soyararquitecta.net/encuesta/>. Acessado em: 03/01/2022.

253 Disponível em: <http://soyararquitecta.net/wp-content/uploads/informe-preliminar-encuesta-arquitectas-argentinas.pdf>. Acessado em: 03/01/2022.

254 RAMOS, Maria Estela Rocha. *As lacunas dos estudos afro-brasileiros no ensino de Arquitetura e Urbanismo*. In: MOASSAB, Andréia; NAME, Leo (org.). *Por um ensino insurgente em arquitetura e urbanismo*. Foz do Iguaçu: EDUNILA, 2020. p. 156.

Os dados trazidos nesse capítulo tiveram como objetivo realizar uma aproximação das formas de operação da divisão sexual do trabalho no ensino de arquitetura e urbanismo e, posteriormente, no exercício profissional. A partir deles, podemos pensar e propor novas possibilidades de ensino; ter um olhar mais atento para a distribuição dos docentes nas disciplinas; questionar as escolhas das comissões julgadoras dos concursos de projeto, se elas de fato representam a diversidade existente entre os profissionais da área; indagar se os representantes eleitos para os órgãos de classe têm como pauta discutir e promover as mudanças estruturais necessárias na profissão.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O campo teórico de gênero na arquitetura e o questionamento sobre o trabalho e a contribuição das arquitetas não são novos e, também, não são inéditos, como foi evidenciado no capítulo um. As primeiras publicações sobre o tema datam do começo da década de 1970, porém estiveram concentradas no eixo EUA-Inglaterra, com outro contexto cultural e econômico e em outro idioma. Livia Nobrega enfatiza, no artigo *Gênero em Arquitetura e Urbanismo: Breve estado da arte e experiências recentes do Núcleo de Estudos em Espaço e Gênero* (NEG/UFPE) (2016), que somente nos primeiros anos do século XXI foram editados os primeiros livros em português que trouxeram questões de gênero no campo da arquitetura. Entre eles, a autora destaca o compêndio de textos organizados por Kate Nesbit, no livro *Uma Nova Agenda para Arquitetura*, traduzido para o português em 2006, que traz um capítulo intitulado “*Feminismo, gênero e o problema do corpo*”.

Na primeira década do século XXI, no contexto nacional, o debate e as pesquisas de gênero permaneceram praticamente ausentes do campo da arquitetura, seja na atuação profissional ou na academia. Durante mais de uma década, a dissertação de mestrado da arquiteta e urbanista Ana Gabriela Godinho Lima, *Arquitetas e Arquitetura na América Latina no século XX*, defendida em 1999, foi a única pesquisa nacional que colocou como tema a contribuição e o trabalho realizado pelas arquitetas no século XX, no contexto latino americano.

Na segunda década do século XXI, a retomada e ampliação do debate sobre os papéis de gênero no campo da arquitetura, extrapolando o eixo EUA-Europa, abriram diferentes frentes de trabalhos e pesquisas: o reconhecimento do trabalho de arquitetas “esquecidas” pela historiografia; os projetos residenciais, a domesticidade e os papéis de gênero; o reconhecimento das mulheres e outras minorias como também usuárias dos espaços públicos, com demandas e necessidades específicas; pesquisas interseccionais, que relacionam classe, gênero e raça no campo da arquitetura e urbanismo, aumentando os olhares e vozes sobre a temática.

Permanece o questionamento sobre o persistente não reconhecimento do trabalho das arquitetas, tanto pela historiografia quanto pela crítica contemporânea. As premiações e publicações especializadas da área continuam retratando os arquitetos como heróis, excluindo toda a equipe multidisciplinar que participa da concepção e construção das obras arquitetônicas. Nesse sentido, o primeiro capítulo enfatiza os poucos espaços de reconhecimento “concedidos” às arquitetas nas grandes premiações nacionais e internacionais, traz exemplos de premiações exclusivas para arquitetas como uma possível forma de diminuir a desigualdade entre os gêneros e questiona se as premiações de arquitetura não poderiam adotar um sistema de reconhecimento feito por categorias, tal como ocorre na indústria cinematográfica.

Nas premiações e nas publicações especializadas, quando exibem os projetos e obras concebidos por os arquitetos, os autores são retratados como artistas solitários e excepcionais, sua vida privada pouco ou nada importa para a divulgação e promoção dos projetos. Por outro lado, quando alguma arquiteta ganha algum prêmio importante ou tem alguma obra consagrada, sua vida pessoal é tão importante quanto sua carreira profissional, as reportagens e publicações não hesitam em divulgar e destacar que a excepcionalidade dessas arquitetas

também permeia em suas relações privadas. São exaltadas suas relações pessoais e familiares, suas personalidades, estilos de vida, aparência física.

Ainda sobre as publicações especializadas, os quantitativos apresentados no capítulo dois, realizados a partir dos levantamentos nas duas revistas especializadas de maior circulação nacional, *Projeto Design* e *AU*, entre 2001 e 2015, revelam que o debate de gênero não teve espaço nos periódicos durante os anos analisados, seja nas entrevistas ou nos artigos publicados. As obras e os projetos realizados por arquitetas além de serem muito menos publicados que aqueles concebidos por arquitetos, aparecem nas categorias que têm menos prestígio entre os pares e entre a crítica arquitetônica, como, por exemplo, os projetos de interiores de espaços corporativos. Nesse capítulo é levantado o questionamento se essa disparidade numérica ocorre por uma escolha de carreira das arquitetas ao saírem das universidades, se optam por trabalhar em outros campos da profissão, ou se há uma falha nas divulgações dos projetos, onde somente os sócios de um escritório de arquitetura aparecem como autores dos projetos.

O terceiro capítulo traz uma reflexão sobre a divisão sexual do trabalho, tanto no ensino de arquitetura e urbanismo quanto na atuação profissional. O capítulo busca entender de que maneiras funcionam os mecanismos que reproduzem as relações de gênero no ensino, desde a escolha do conteúdo das disciplinas, da distribuição dos docentes entre os grupos de disciplinas e áreas de pesquisas, das dinâmicas estabelecidas nos ateliês de projetos, das pesquisas realizadas na pós-graduação, da distribuição dos/as pesquisadores/as nas áreas de concentração da pós-graduação da FAU-USP.

De modo geral, ao olhar os números totais de professores e professoras do curso de graduação e da pós-graduação da FAU-USP, pode-se afirmar que existe um equilíbrio numérico entre os gêneros. Porém, quando são analisadas as distribuições dos docentes entre os grupos de disciplinas lecionadas e as Áreas de Concentração da pós-graduação, fica evidente que as mulheres são minoria no grupo de Projeto do Edifício. As alunas também são maioria no curso de graduação, atualmente representam entre 60% e 70% do total de alunos matriculados no curso, porém as alunas vencedoras do concurso Opera Prima, nas edições realizadas no século XXI, não representam muito mais que a metade dos estudantes laureados com o prêmio. As mulheres também são maioria dos alunos da pós-graduação da FAU-USP, produziram mais pesquisas de mestrado e doutorado em todas as Áreas de Concentração, exceto na Área de Projeto de Arquitetura, onde as pesquisas de mestrado realizadas por mulheres representam 36,5% do total de pesquisas feitas na área entre 2010 e 2021.

O último capítulo enfatiza que, no Brasil, as mulheres não só são maioria nos cursos de graduação de arquitetura e urbanismo, mas também representam 64% dos arquitetos registrados no órgão de classe (CAU/BR). Porém a característica do trabalho feminino é diferente do trabalho masculino, não em relação à qualidade do trabalho, mas na sua distribuição. A maioria dos profissionais de ambos os sexos declarou que trabalha de forma autônoma, no entanto, enquanto entre os homens em o segundo lugar é ocupado por profissionais que se declararam donos

de empresas de arquitetura, as mulheres empresárias aparecem apenas na quinta colocação. A renda média mensal dos arquitetos é 35% superior que o rendimento mensal das arquitetas. Essa porcentagem é ainda maior quando é comparada a renda dos arquitetos brancos com a renda das arquitetas negras, o ganho mensal deles é 82% superior ao ganho mensal delas.

Entre as arquitetas, 52% declarou trabalhar de forma autônoma na profissão e o segundo lugar, com 16% das profissionais, é ocupado por arquitetas que declararam ser funcionárias de empresas do setor privado que prestam serviços de arquitetura e urbanismo. Porém, os poucos dados oficiais disponíveis para o entendimento da estrutura de organização da profissão nos escritórios e empresas que prestam serviços de arquitetura e urbanismo dificultam o exato mapeamento do “lugar” das arquitetas dentro das estruturas dessas empresas.

Destaco que somente no último censo realizado pelo do CAU/BR, em 2020, foi realizada a inclusão do levantamento de raça dos arquitetos brasileiros. Entre as mulheres que responderam o questionário de 2020, totalizando 25.978 respostas, 73% identificaram-se como brancas; 17% pardas; 3% mestiças; 3% negras; 2% orientais; 2% não informaram e nenhuma se identificou como indígena²⁵⁵. Chama a atenção que apenas 25% dos profissionais registrados no conselho responderam ao questionário realizado em 2020, enquanto que, no censo de 2012, o questionário foi respondido por 84% dos profissionais registrados²⁵⁶.

Por fim, o capítulo ainda mostra como as arquitetas estão representadas nas instituições que regulam a atividade profissional no Brasil, destaca que apenas em 2019 a primeira arquiteta mulher recebeu o prêmio de Colar de Ouro do IAB/DN, evidencia que os jurados, selecionados para participarem dos concursos de projetos promovidos pelo IAB entre o final de 2008 e final de 2021, são em sua maioria homens. No Conselho de Arquitetos do Brasil o número de arquitetas eleitas como representantes de classe para os conselhos do CAU/BR e CAU/UF aumentou significativamente na última eleição do conselho, realizada em 2020. O crescimento dessa representatividade de gênero só foi possível devido à grande adesão conquistada pelas chapas exclusivas femininas.

Todos os levantamentos e números exibidos ao longo dos capítulos contestam a afirmação, muito ouvida durante o desenvolvimento dessa pesquisa, que a inserção numérica de mulheres em determinado espaço é suficientemente capaz de causar transformações em seu funcionamento. As revistas especializadas *Projeto Design* e *AU* possuíam em suas equipes editoriais elevada participação feminina o que não possibilitou às publicações a inserção de questionamentos de gênero e a divulgação de projetos realizados por arquitetas com igual destaque aos projetos realizados por arquitetos; os cursos de graduação em arquitetura e urbanismo têm maior número de alunas o que ainda não possibilitou uma revisão da estrutura de ensino; as mulheres arquitetas são maioria dos profissionais no Brasil, o que não significa que obtiveram maior reconhecimento profissional.

Os números escacaram que a falta de destaque e de reconhecimento das arquitetas não é uma impressão subjetiva e infundada, não é algo do passado, do século XX, é um problema contemporâneo. Dessa forma, torna-se possível afirmar que o ensino e as maneiras de atuação das instituições do campo da arquitetura e urbanismo reproduzem e reafirmam o modelo do-

255 Disponível em: <https://caubr.gov.br/censo2020/>. Acessado em: 31/01/2022.

256 Disponível em: <https://www.caubr.gov.br/wp-content/uploads/2021/12/Comparativo-Censo-2012-2020.pdf>. Acessado em: 31/01/2022.

minante que historicamente marca nossa sociedade. A feminização indica apenas a diminuição da exclusão de um sexo em relação ao outro, não é sinônimo de igualdade e o reconhecimento profissional ainda não incorpora a diversidade da profissão.

Os números apresentados não são inquestionáveis. A escolha dos periódicos estudados não é neutra, também não é neutra a escolha da instituição de ensino estudada, ou os concursos e recortes temporais escolhidos para serem quantificados. Porém é um início de uma base de dados sobre o ensino e a profissão a partir de uma perspectiva de gênero, dentro do recorte temporal da virada para o século XXI. A complementação e comparação deles com dados de outras instituições de ensino nacionais, com quantitativos de outras mídias de publicações especializadas, é necessária para a maior compreensão do ensino, da profissão e das formas de inserção das mulheres no mercado de trabalho. A pesquisa abre espaço para que novos levantamentos e questionamentos sejam realizados.

Colaborava como coordenadora de um dos projetos mais importantes do escritório em que trabalhava, estive envolvida com o projeto por mais de cinco anos durante seu desenvolvimento, incluindo contatos com responsáveis por outras disciplinas, fornecedores e representantes do cliente. A poucos meses da conclusão da obra, inauguração e abertura do equipamento ao público, os sócios do escritório atribuíram-me os cuidados de um novo projeto, afastando-me progressivamente do projeto a que havia me dedicado durante todo o seu desenvolvimento.

Avisei diversas vezes que essa decisão iria sobrecarregar meu colega, co-coordenador, e que poderia comprometer os prazos, já arriscados, da conclusão da obra. Além disso, na prática, eu seguia ligada aos contatos e definições, por ser parte da memória do processo, independente das decisões administrativas, o que não permitia meu pleno envolvimento com o novo projeto.

Com o passar das semanas, fui convocada para uma conversa com os sócios que se queixaram da minha “falta de comprometimento” com o novo projeto. Quando argumentei que havia alertado antecipadamente para a evidente consequência daquela decisão, o que reforçava ainda mais minha característica de comprometimento - ao contrário do que era acusada - fui constrangida diversas vezes com frases como “você precisa aprender a aceitar críticas”, “não retruque”. Um dos associados, acusando-me de negligente com o novo projeto fez a seguinte metáfora: “nós te demos um novo trabalho, super legal, e você está ignorando esse filho, que está chorando, com fome”.

No momento que ouvi essa frase, eu apenas respondi: “eu não escolhi ser mãe do que vocês estão chamando de meu filho”.

Além do assédio moral, do cerceamento e falta de escolha, evidenciados pela resposta da arquiteta, faltou lembrar, no ato, a violência que foi essa associação à maternidade. E suas excessivas cobranças tão estruturantes em nossa sociedade. Sempre associadas às mulheres.

Se eu fosse um arquiteto, teriam usado tal metáfora?

BIBLIOGRAFIA

LIVROS:

- ADICHIE, Chimamanda Ngozi. *O perigo da história única*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.
- AGREST, Diana; CONWAY, Patricia; WEISMAN, Leslie Kanes (Ed.). *The Sex of Architecture*. New York: Harry N. Abrams, 1996.
- BENEVOLO, Leonardo. *A arquitetura do novo milênio*. São Paulo: Estação Liberdade, 2007.
- BERKELEY, Ellen Perry (Ed.); MCQUAID, Matilda (Ass. Ed.). *Architecture: A Place for Women*. Washington/London: Smithsonian Institution Press, 1989.
- BOURDIEU, Pierre. *A dominação Masculina*. Rio de Janeiro: Bertrand, 2012.
- BOURDIEU, Pierre. *Coisas ditas*. São Paulo: Brasiliense, 2004.
- COLE, Doris. *From Tipi to Skyscraper*. Boston: s/e, 1973.
- COLEMAN, Debra et. al. (Ed.). *Architecture and Feminism*. Princeton Architectural Press, 1996.
- COLOMINA, Beatriz (Ed.). *Sexuality and Space*. New Jersey: Princeton Papers on Architecture, 1992.
- COLOMINA, Beatriz; BUCKLEY, Craig (Ed.). *Clip, Stamp, Fold: The Radical Architecture of Little Magazines 196X to 197X*. Barcelona: Actar, 2010.
- COSTA, Sabrina Stuart Fontenele. *Modos de morar nos apartamentos duplex: rastros de modernidade*. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2021.
- FRAMPTON, Kenneth. *História crítica da arquitetura moderna*. São Paulo: Martins Fontes, 2008.
- FRIEDMAN, Alice. *Women and the Making of the Modern House: A Social and Architectural History*. New York: Harry N. Abrams, Inc., 1998.
- HALL, Jane. *Breaking Ground. Architecture by women*. New York: Phaidon, 2019.
- HARDING, Sandra (Ed.). *Feminism and Methodology*. Indiana: Indiana University Press, 1987.
- HAYDEN, Dolores. *The Grand Domestic Revolution*. Cambridge, Massachusetts e Londres, Inglaterra: The MIT Press, 1981.
- HIRATA, Helena; DOARÉ, Hélène Le; SENOTIER, Danièle (orgs.). *Dicionário crítico do feminismo*. São Paulo: Editora UNESP, 2009.
- HUGHES, Francesca (Ed.). *The Architect: Reconstructing her practice*. Cambridge: The MIT Press, 1996.
- LIMA, Ana Gabriela Godinho. *Arquitetas e Arquitetura na América Latina no século XX*. E-book. Ed. São Paulo: Altamira, 2013.
- LORENZ, Claire. *Women in Architecture, a Contemporary Perspective*. New York: Rizzoli, 1990.
- MUXÍ, Zaida. *Mujeres, casas y ciudades*. Más allá del umbral. Barcelona: Dpr-barcelona, 2018.
- NASCIMENTO, Flávia Brito do; SILVA, Joana Mello de Carvalho e; LIRA, José Tavares Correia de; RUBINO, Silvana Barbosa (org.). *Domesticidade, Gênero e Cultura Material*. São Paulo: Centro de Preservação Cultural da Universidade de São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2017.
- NOCHLIN, Linda (1971). *Por que não houve grandes mulheres artistas?* São Paulo: Edições Aurora, 2016. Disponível em: <http://www.edicoesaurora.com/ensaios/Ensaio6.pdf>. Acessado em: 27/01/2020.
- PERROT, Michele. *Minha história das mulheres*. São Paulo: Contexto, 2007.

- RENDELL, Jane; PENNER, Barbara; BORDEN, Iain (Ed.). *Gender Space Architecture: an interdisciplinary introduction*. Londres e Nova Iorque: Routledge Taylor and Francis Group, 2000.
- RIBEIRO, Djamila. *Lugar de fala*. São Paulo: Sueli Carneiro, 2019.
- RÜEDI, Katerina; WIGGLESWORTH, Sarah; MACCORQUODALE, Duncan (Ed.). *Desiring Practices: Architecture, Gender and the Interdisciplinary*. Londres: Black Dog Pub., 1996.
- SCHWITALLA, Ursula (Ed.). *Women in Architecture. Past, Present and Future*. Berlin: Hatje Cantz, 2021.
- SELLERS, Libby. *Women Design*. Londres: Frances Lincoln, 2017.
- SIMIONI, Ana Paula Cavalcanti. *Profissão Artista: Pintoras e Escultoras Acadêmicas Brasileiras*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo/Fapesp, 2019.
- SOLNIT, Rebecca. *Os homens explicam tudo para mim*. São Paulo: Cultrix, 2017.
- SOUZA-LOBO, Elisabeth. *A classe Trabalhadora tem dois sexos. Trabalho, dominação e resistência*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1991.
- STEVENS, Garry. *O Círculo Privilegiado. Fundamentos sociais da distinção arquitetônica*. Brasília: Universidade de Brasília, 2003.
- STRATIGAKOS, Despina. *Where are the Women Architects?* New York: Princeton University Press, 2016.
- TORRE, Susana (Ed.). *Women in American Architecture: A historic and Contemporary Perspective*. New York: Whitney Library of Design, 1977.
- TOY, Maggie. *The Architect, women in contemporary architecture*. Mulgrave: The images Publishing Group, 2001.
- WOOLF, Virginia. *Um teto todo seu*. São Paulo: Tordesilhas, 2014.
- YANNOULAS, Silvia Cristina (coord.). *Trabalhadoras - A análise da Feminização das Profissões e Ocupações*. Brasília: Editorial Abaré, 2013.
- ZEIN, Ruth Verde. *O lugar da crítica: ensaios oportunos de arquitetura*, Porto Alegre: Faculdades Integradas do Instituto Ritter dos Reis, São Paulo: ProEditores, 2001.

RELATÓRIOS TÉCNICOS:

BELTRÃO, Kaizô Iwakami; IWAKAMI, Luiza Naomi; SANTOS, Ademir Pereira dos; MEGAHÓS, Ricardo Servare. *Evidências do ENADE e de outras fontes - mudanças no perfil do bacharel em arquitetura e urbanismo*. Rio de Janeiro: Fundação Cesgranrio, 2020. Disponível em: <https://www.cesgranrio.org.br/pdf/Enade/1%20-%20RELATORIO%20DIGITAL%20DE%20ARQUITETURA%20E%20URBANISMO%20COMPLETO.pdf>;

Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep). Ministério da Educação. *ENADE 2017: Relatório Síntese de área Arquitetura e Urbanismo*. Brasília: Ministério da Educação, 2017. Disponível em: https://download.inep.gov.br/educacao_superior/enade/relatorio_sintese/2017/Arquitetura_e_Urbanismo.pdf;

Conselho de Arquitetos do Brasil (CAU/BR). *Censo dos Arquitetos e Urbanistas do Brasil*. Disponível em: https://www.caubr.gov.br/wp-content/uploads/2018/03/Censo_CAUBR_06_2015_WEB.pdf;

Conselho de Arquitetos do Brasil (CAU/BR). *1º diagnóstico de gênero na Arquitetura e Urbanismo*. Disponível em: <https://www.caubr.gov.br/wp-content/uploads/2020/08/DIAGN%C3%93STICO-%C3%ADntegra.pdf>;

Conselho de Arquitetos do Brasil (CAU/BR). *Comparativo dos Censos de Arquitetas e Arquitetos e Urbanistas do Brasil 2012(I) E 2020 (III)*. Disponível em: <https://www.caubr.gov.br/wp-content/uploads/2021/12/Comparativo-Censo-2012-2020.pdf>.

TESES E DISSERTAÇÕES:

ALVAREZ ISIDRO, Eva Maria. *Women in architecture. 1975, 2015*. Tese de doutorado. Universitat Politècnica de València - Departament de Projectes Arquitectònics, 2016. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10251/63278>.

ANTUNES, Lia Pereira Saraiva Gil. *Arquitetura: substantivo feminino. Contribuição para uma história das mulheres na arquitetura*. Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitectura apresentada ao Departamento de Arquitectura da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra, Junho de 2012.

DEDECCA, Paula Gorenstein. *Sociabilidade, Crítica e Posição: o meio arquitetônico, as revistas especializadas e o debate do moderno em São Paulo (1945-1965)*. Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, História e Fundamentos da Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/16/16133/tde-10072012-130257/pt-br.php>.

DEDECCA, Paula Gorenstein. *Arquitetura e Engajamento: o IAB, o debate profissional e suas arenas transnacionais (1920-1970)*. Tese (Doutorado) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, História e Fundamentos da Arquitetura e do Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018. Disponível em: <https://teses.usp.br/teses/disponiveis/16/16133/tde-10012019-111840/en.php>.

FONTES, Maria Lima de. *Mulheres invisíveis: a produção feminina brasileira na arquitetura impressa no século XX por uma perspectiva feminista*. Dissertação apresentada ao Programa de Pós Graduação da Faculdade de Arquitetura de Brasília, como requisito para obtenção do título de Mestre em Arquitetura e Urbanismo, na linha de pesquisa de Teoria, História e Crítica, pela Universidade de Brasília. Brasília, 2016.

GONZAGA, Mario Guidoux. *A Revista como Curadoria. Brasil e Argentina através das revistas Summa e Módulo*. Dissertação apresentada ao PROPAR, Programa de Pesquisa e Pós-Graduação em Arquitetura, como requisito parcial para obtenção do título de mestre em Arquitetura na Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2016.

LIMA, Ana Gabriela Godinho. *Reverendo a História da Arquitetura: uma perspectiva feminista*. Tese de doutorado apresentada ao programa de Pós-graduação da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, 2004.

ROCHA, Beatriz Araujo da. *O concurso para formandos de arquitetura e urbanismo Opera Prima: 1989-2011*. Dissertação (Mestrado) - Curso de Faculdade de Engenharia Civil, Arquitetura e Urbanismo, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2016.

SÁ, Flávia Carvalho de. *Profissão: arquiteta. Formação profissional, mercado de trabalho e projeto arquitetônico na perspectiva das relações de gênero*. Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, área de concentração: Tecnologia da Arquitetura, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010. Disponível em: https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/16/16132/tde-18012011-113711/publico/Flavia_Sa.pdf.

SOBREIRA, Fabiano José Arcadio. *Dinâmicas do jogo: concursos de arquitetura em revista: 1935 a 1971*. Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Programa de Pós-Graduação, Universidade de Brasília, Brasília, 2018. Disponível em: <https://repositorio.unb.br/handle/10482/34837>.

STUCHI, Fabiana Terenzi. *Revista Habitat: um olhar moderno sobre os anos 50 em São Paulo*. Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, área de concentração: Projeto, Espaço e Cultura), Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

ANAIS:

CAPPELLO, Maria Beatriz Camargo; CAMPELLO, Maria de Fatima de Mello Barreto. *Palavras e imagens impressas: as publicações periódicas especializadas e sua contribuição para a pesquisa em Arquitetura e Urbanismo*. In: Anais do IV ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM ARQUITETURA E URBANISMO, 2016, Porto Alegre. Disponível em: <http://www.anparq.org.br/dvd-enanparq-4/SESSAO%2032/S32-00-CAPPELO,%20M.%20B;%20CAMPELLO,%20M.%20F.pdf>.

CAMARGO, Ana Maria de Almeida. *A Imprensa periódica como fonte para a História do Brasil*. In: Anais do V SIMPÓSIO NACIONAL DOS PROFESSORES UNIVERSITÁRIOS DE HISTÓRIA, 1969, Campinas. São Paulo 1971. p. 225-239.

DEDECCA, Paula Gorenstein. *Aproximações, diferenciações e embates entre a produção do Rio de Janeiro e de São Paulo nas revistas de arquitetura (1945-1960)*. VIII Seminário Docomomo Brasil - Cidade Moderna e Contemporânea: Síntese e paradoxo das Artes. Rio de Janeiro, 2009.

GONZAGA, Mario Guidoux; SOARES, Karine de Vargas. *Narrativas Editoriais: contrastes entre publicação de livros e revistas*. In: Anais do XI DOCOMOMO_BR, 11., 2016, Recife. p. 1-10. Disponível em: http://seminario2016.docomomo.org.br/artigos_publicacao/DOCO_PE_GONZAGA_SOARES.pdf.

GUERRA, Abilio. *A construção de um campo historiográfico*. In: I ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM ARQUITETURA E URBANISMO, 2010, Rio de Janeiro. Disponível em: <http://www.anparq.org.br/dvd-enanparq/simposios/103/103-252-1-SP.pdf>.

PERFEITO, Lívia; PENA, Mariana; HRIHOROWITSCH, Victoria. *A trajetória do urbanismo com perspectiva de gênero: uma análise da produção acadêmica entre 2009 e 2019*. XII Seminário Internacional de Investigación en Urbanismo, São Paulo-Lisboa, 2020. São Paulo: Faculdade de Arquitetura da Universidade de Lisboa, 2020.

TINEM, Nelci. *As revistas de arquitetura como documentos pré-canônicos*. In: Anais do I ENANPARQ. Arquitetura, Cidade, Paisagem e Território: Percursos e Prospectivas. Rio de Janeiro: PROURB, 2010. v. único. Disponível em: <http://www.anparq.org.br/dvd-enanparq/simposios/169/169-678-1-SP.pdf>.

CAPÍTULOS DE LIVROS:

BERTH, Joice; MOASSAB, Andréia. *O ensino de arquitetura e a dupla invisibilidade das arquitetas negras*. In: MOASSAB, Andréia; NAME, Leo (org.). *Por um ensino insurgente em arquitetura e urbanismo*. Foz do Iguaçu: EDUNILA, 2020, pp. 162-179.

COLOMINA, Beatriz. *With, or without you: the ghosts Modern Architecture*. In: BUTLER, Cornelia; SCHWARTZ, Aledra (Ed.). *Modern Women: women artists at the Museum of Modern Art*. New York: The Museum of Modern Art, 2010, pp. 216-233.

FAVRO, Diane. *The pen is mightier than the Building: writing on architecture 1850-1940*. In: AGREST, Diana; CONWAY, Patricia; WEISMAN, Leslie Kanes. *The Sex of Architecture*. New York: Harry N. Abrams, 1996, pp. 295-308.

KERGOAT, Danièle. *Divisão sexual do trabalho e relações sociais de sexo*. In: HIRATA, Helena; DOARÉ, Hélène Le; SENOTIER, Danièle (org.). *Dicionário Crítico do Feminismo*. São Paulo: Editora Unesp, 2009, pp. 67-75.

LUCA, Tania Regina de. *História dos, nos e por meio dos periódicos*. In: PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). *Fontes Históricas*. São Paulo: Contexto, 2008, v. 1, pp. 111-153.

MARCONDES, Mariana Mazzini. *O cuidado na perspectiva da divisão sexual do trabalho: contribuições para os estudos sobre a feminização do mundo do trabalho*. In: YANNOULAS, Silvia Cristina (coord.). *Trabalhadoras - a análise da feminização das profissões e ocupações*. Brasília: Editorial Abaré, 2013, pp. 251-280.

MOASSAB, Andréia. *Os desafios de introduzir as categorias gênero e raça no ensino de arquitetura e urbanismo*. In: MOASSAB, Andréia; NAME, Leo (org.). *Por um ensino insurgente em arquitetura e urbanismo*. Foz do Iguaçu: EDUNILA, 2020, pp. 197-216.

MOLESWORTH, Helen. *De que modo instalar arte como uma feminista (2010)*. In: PEDROSA, Adriano; CARNEIRO, Amanda; MESQUITA, André (Org.). *História das mulheres, histórias feministas: antologia*. São Paulo: MASP, 2019, pp. 337-349.

POLLOCK, Griselda. *A modernidade e os espaços da feminilidade (1998)*. In: PEDROSA, Adriano; CARNEIRO, Amanda; MESQUITA, André (Org.). *História das mulheres, histórias feministas: antologia*. São Paulo: MASP, 2019, pp. 121-150.

RAGO, Margareth. *Epistemologia feminista, gênero e história (1998)*. In: PEDRO, Joana Maria e GROSSI, Miriam Pilar. *Masculino, Feminino, Plural. Gênero na interdisciplinaridade*. Florianópolis-SC: Editora das Mulheres, 1998, pp. 21-41.

RAMOS, Maria Estela Rocha. *As lacunas dos estudos afro-brasileiros no ensino de Arquitetura e Urbanismo*. In: MOASSAB, Andréia; NAME, Leo (org.). *Por um ensino insurgente em arquitetura e urbanismo*. Foz do Iguaçu: EDUNILA, 2020, pp. 151-161.

REILLY, Maura. *Ativismo curatorial: resistindo ao masculinismo e ao sexismo (2018)*. In: PEDROSA, Adriano; CARNEIRO, Amanda; MESQUITA, André (Org.). *História das mulheres, histórias feministas: antologia*. São Paulo: MASP, 2019, pp. 433-444.

REILLY, Maura. *Notes from the Inside: Build a Center for Feminist Art*. In: ASHTON, Jenna (Ed.). *Feminism and Museums: Intervention, Disruption and Change*. Endinburgh and Boston: Museums Etc., 2017, pp. 7-31.

RUBINO, Silvana. *A escrita de uma arquitetura (2008)*. In: RUBINO, Silvana; GRINOVER, Marina (Org.). *Lina por escrito. Textos escolhidos de Lina Bo Bardi*. São Paulo: Cosac Naify, 2009, pp. 19-40.

SCOTT, Joan. *The Problem of invisibility (1989)*. In: KLEINBER, Jay (Org.). *Retrieving women's history*, UNESCO/Berg, Paris, 1989, pp. 5-29.

SCOTT BROWN, Denise (1989). *Room at the top? Sexism and star system*. In: BERKELEY, Ellen Perry; MCQUAID, Matilda. (Eds.). *Architecture: a Place for Women*. Washington, DC: Smithsonian Institution Press, 1989, pp. 237-246.

SIMIONI, Ana Paula Cavalcanti. *Modernas em museus: uma consagração tardia (2019)*. In: PEDROSA, Adriano; CARNEIRO, Amanda; MESQUITA, André (Org.). *História das mulheres, histórias feministas: antologia*. São Paulo: MASP, 2019, pp. 483-499.

TORRENT, Horacio. *Presentación*. In: TORRENT, H. (Ed.). *Revistas de arquitectura: Representaciones urbanas y paradigmas disciplinares*. Santiago de Chile: T6 Ediciones, 2011, pp. 7-9.

TORRENT, Horacio. *Presentación*. In: TORRENT, H. (Ed.). *Revistas, Arquitectura, y Ciudad: Representaciones en la Cultura Moderna*. Santiago de Chile: T6 Ediciones, 2013, pp. 7-9.

VIANNA, Cláudia Pereira. *A feminização do magistério na educação básica e os desafios para a prática e a identidade coletiva docente*. In: YANNOULAS, Sílvia Cristina (coord.). *Trabalhadoras - a análise da feminização das profissões e ocupações*. Brasília: Editorial Abaré, 2013, pp. 159-180.

YANNOULAS, Sílvia Cristina. *Gênero e Mercado de Trabalho: situando a problemática*. In: YANNOULAS, Sílvia Cristina (Coord.) *A convidada de pedra. Mulheres e políticas públicas de trabalho e renda - entre a descentralização e a integração supranacional: um olhar a partir do Brasil 1988-2002*. Brasília: Flacso, 2003, pp. 48-62.

REVISTAS:

Acrópole, ano XXV, n° 295, 1963.

Architectural Design, vol. XLV, n° 8, 1975.

Arquitetas Invisíveis. *Pioneiras*, vol. 1, 2015.

Arquitetas Invisíveis. *Nas Sombras*, vol. 2, 2017.

Arquitetas Negras, vol. 1, 2019.

Arquitetura e Urbanismo, n° 1, 1985.

Arquitetura e Urbanismo, n° 2, 1985.
Arquitetura e Urbanismo, n° 44, 1992.
Arquitetura e Urbanismo, n° 88, 2000.
Arquitetura e Urbanismo, n° 106, 2003.
Arquitetura e Urbanismo, n° 137, 2005.
Arquitetura e Urbanismo, n° 181, 2009.
Heresies 11. *Making room: Women and Architecture*, Vol. 3 n° 3, Janeiro 1981. Disponível em <http://heresiesfilmproject.org/wp-content/uploads/2011/09/heresies11.pdf>.
PROJETO, n° 1, 1977.
PROJETO, n° 11, 1979.
PROJETO, n° 156, 1992.
PROJETO, n° 158, 1992.
PROJETO, n° 164, 1993.
PROJETO. *Mulheres na Arquitetura*, 2021.
Projeto Design, n° 194, 1996.
Projeto Design, n° 274, 2002.
Projeto Design, n° 290, 2004.
Projeto Design, n° 324, 2007.
Projeto Design, n° 397, 2013.
The Architectural Forum, Vol. 137, n° 2, 1972.

ARTIGOS PUBLICADOS EM REVISTAS E PERIÓDICOS:

AHRENTZEN, Sherry; ANTHONY, Kathryn H. *Sex, Stars, and Studios: a look at gendered educational practices in architecture*. In: *Journal Of Architectural Education*. New York: Taylor & Francis, Ltd., v. 47, n. 1, set. 1993, pp. 11-29.
ANTHONY, Kathryn H. *Designing for Diversity: implications for architectural education in the twenty-first century*. In: *Journal Of Architectural Education*. New York: Taylor & Francis, Ltd., v. 55, n. 4, maio de 2002, pp. 257-267.
BERKELEY, Ellen Perry. *Women in Architecture*. In: *The Architectural Forum*. Vol. 137, N° 2, set. 1972. pp. 46-52.
COLOMINA, Beatriz. *The Private Life of Modern Architecture*. In: *Journal of the Society of Architectural Historians*. Vol. 58, n° 3, *Architectural History*, 1999/2000, pp. 462-471.
FOMBRUN, Charles; SHANLEY, Mark. *What's in a Name? Reputation Building and Corporate Strategy*. In: *Academy of Management Journal*, Junho de 1990, pp. 233.
FOWLER, Bridget; WILSON, Fiona. *Women Architects and Their Discontents*. In: *Sociology*, Londres, v. 38, fev. 2004, pp. 101-119.
HEYNEN, Hilde. *Genius, Gender and Architecture: The Star System as Exemplified in the Pritzker Prize*. In: *Architectural Theory Review*, 2013, 12:2-3, pp. 331-345. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1080/13264826.2012.727443>.
HIRATA, Helena; KERGOAT, Danièle. *Novas configurações da divisão sexual do trabalho*. In: *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo, v. 37, n. 132, dez. 2007, pp. 595-609. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cp/a/cCztcWVwtWGDvFqRmidsBWQ/?lang=pt>.

HOGBEN, Paul; FUNG, Stanislaw. *Reading Australian architectural journals as historical sources*. In: Journal of the Department of Architecture. Sydney: University of Sidney, abr. 1997. p. 16.

KELLER, Evelyn Fox. *Qual foi o impacto do feminismo na ciência?* Cadernos Pagu, n. 27, julho-dezembro de 2006, pp. 13-34. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cpa/a/bSBYctG9zPV55wBnbQkkpCb/?format=pdf&lang=pt>.

LOMBARDI, Maria Rosa. *Engenheiras na construção civil: a feminização possível e a discriminação de gênero*. In: Cadernos de Pesquisa, São Paulo, v. 47, n. 163, jan./mar. 2017, pp. 122-146. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cp/a/vtJrrGXSJLcjjh75CBw56fy/abstract/?lang=pt>.

PÉREZ-MORENO, Lucía C.; SANTAMERA, Penélope. *Referentes femeninos en la cultura arquitectónica española. Las revistas especializadas como herramienta de análisis para la valoración de la visibilidad del trabajo realizados por mujeres (1973-1990)*. In: Hábitat y Sociedad, [S.L.], n. 11, pp. 31-47, 2018. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.12795/habitatsociedad.2018.i11.03>.

REILLY, Maura. *Taking the Measure of Sexism: Facts, Figures, and Fixes*. In: ArtNews, Special Issue: Women in Art World, June 2015, pp. 39-47.

RUBINO, Silvana. *Corpos, cadeiras, colares: Charlotte Perriand e Lina Bo Bardi*. In: Cadernos Pagu, Campinas, SP, n. 34, abr. 2016, pp. 331-362. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/8644960>.

SCOTT, Joan. *Gênero: uma categoria útil para análise histórica*. In: Educação e Realidade, Porto Alegre, jul./dez. 1995, pp. 71-99. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/view/71721>.

DOCUMENTOS EXCLUSIVOS EM MEIOS ELETRÔNICOS:

HIRATA, Helena. *Mudanças e permanências nas desigualdades de gênero: divisão sexual do trabalho numa perspectiva comparativa*. 2015. Disponível em: <http://library.fes.de/pdf-files/bueros/brasilien/12133.pdf>.

KILOMBA, Grada. *Palestra-Performance: Descolonizando o conhecimento*. Realizada em São Paulo em 2016, transcrita pelo Instituto Goethe. Disponível em: <https://www.goethe.de/mmo/priv/15259710-STANDARD.pdf>.

MCLEOD, Mary. *Um sonho adiado. História feminista da arquitetura*. Publicado originalmente na revista Casabella, nº 732, abril de 2005. Disponível em <http://arquivo.jornalarquitectos.pt/pt/242/ensaio%20/>.

MONTANER, Josep Maria; MUXÍ, Zaida. *La construcción del relato arquitectónico*. Disponível em: https://www.academia.edu/23493297/LA_CONSTRUCCI%C3%93N_DEL_RELATO_ARQUITECT%C3%93NICO.

OCHOA, Rita. *Arquitetura no feminino?* Lisboa: Academia das Ciências de Lisboa, 2018. Disponível em: http://www.acad-ciencias.pt/document-uploads/4354954_rita-ochoa---arquitetura-no-feminino.pdf.

PORTAIS ELETRÔNICOS:

Archdaily: <https://www.archdaily.com.br>

Architects' Journal: <https://www.architectsjournal.co.uk/>

Arquitetas Invisíveis: <https://www.arquitetasinvisiveis.com/>

Conselho de Arquitetura e Urbanismo do Brasil (CAU/BR): <https://www.caubr.gov.br/>

Feminino e Plural: <https://femininoeplural.wordpress.com/about/>

Instituto de Arquitetos do Brasil (IAB): <https://iab.org.br/>

Matri-Archi(itecture): <https://www.matri-archi.ch/>

Parlour : <https://parlour.org.au/>

Royal Institute of British Architects (RIBA): <https://www.architecture.com/>

Soy Arquitecta: <http://soyarquitectura.net/>

The Architectural Review: <https://www.architectural-review.com/>

The American Institute of Architects (AIA): <https://www.aia.org/>

Un dia, Una arquitecta: <https://undiaunaarquitecta.wordpress.com/>

Vitruvius: <https://vitruvius.com.br/>

LISTA DE FIGURAS

- Figura 01: Capa do livro *Where Are the Women Architects?* Despina Stratigakos, 2016. Fonte: Imagem da autora.
- Figura 02: Capa do livro *Women Design*. Libby Sellers, 2017. Fonte: Imagem da autora.
- Figura 03: Capa do livro *Mujeres, casas y ciudades. Más allá del umbral*. Zaida Muxí, 2018. Fonte: Imagem da autora.
- Figura 04: Capa do livro *Domesticidade, Gênero e Cultura Material*. Flávia Brito do Nascimento, Joana Mello de Carvalho e Silva, José Tavares Correia de Lira e Silvana Barbosa Rubino (Org.), 2017. Fonte: Imagem da autora.
- Figura 05: Capa do livro *Profissão Artista: Pintoras e Escultoras Acadêmicas Brasileiras*. Ana Paula Cavalcanti Simioni, 2019. Fonte: Imagem da autora.
- Figura 06: Capa do livro *História das mulheres, histórias feministas: antologia*. Adriano Pedrosa, Amanda Carneiro e André Mesquita (Org.), 2019. Fonte: Imagem da autora.
- Figura 07: Capa da revista *Projeto*, Edição Especial, *Mulheres na Arquitetura*, 2021. Fonte: Imagem da autora.
- Figura 08: Capa do livro *Modos do morar nos apartamentos duplex: rastros de modernidade*. Sabrina Stuart Fontenele Costa, 2021. Fonte: Imagem da autora.
- Figura 09: Capa do livro *Breaking Ground. Architecture by Women*. Jane Hall, 2019. Fonte: Imagem da autora.
- Figura 10: Capa do livro *Women in Architecture*. Ursula Schwitalla (Ed.), 2021. Fonte: Imagem da autora.
- Figura 11: Capa do livro *From tipi to Skyscraper*. Doris Cole, 1973. Fonte: Imagem da autora.
- Figura 12: Capa da revista *Architectural Design*, vol. XLV, nº 8, 1975. Fonte: ALVAREZ ISIDRO, Eva Maria. *Women in architecture*. 1975, 2015. Tese de doutorado. Universitat Politècnica de València. Departamento de Projectos Arquitectònics - Departament de Projectes Arquitectònics, 2016. p. 343.
- Figura 13: Capa do catálogo *Women in American Architecture: A historic and Contemporary Perspective*. Susana Torre (Ed.), 1977. Fonte: Imagem da autora.
- Figura 14: Capa da revista *Architectural Forum*, Vol. 137, nº 2, 1972. Fonte: Imagem da autora.
- Figura 15: Índice da revista *Architectural Forum*, Vol. 137, nº 2, 1972. Fonte: Imagem da autora.
- Figura 16: Primeira página do artigo *Women in Architecture*, publicado na revista *Architectural Forum*, Vol. 137, nº 2, 1972. Fonte: Imagem da autora.
- Figura 17: Primeira página do artigo *The case for flexible work schedules*, publicado na revista *Architectural Forum*, Vol. 137, nº 2, 1972. Fonte: Imagem da autora.
- Figura 18: Capa do *Status of Women in the Architectural Profession*, produzido pelo AIA em 1975. Fonte: Imagem da autora.
- Figura 19: Folha de rosto do *Status of Women in the Architectural Profession*, produzido pelo AIA em 1975. Fonte: Imagem da autora.
- Figura 20: Seção "Who is who" da revista *Architectural Design*, vol. XLV, nº 8, 1975. Fonte: ALVAREZ ISIDRO, Eva Maria. *Women in architecture*. 1975, 2015. Tese de doutorado. Universitat Politècnica de València. Departamento de Projectos Arquitectònics - Departament de Projectes Arquitectònics, 2016. p. 401.
- Figura 21: Seção "Who is who" da revista *Architectural Design*, vol. XLV, nº 8, 1975. Fonte: ALVAREZ ISIDRO, Eva Maria. *Women in architecture*. 1975, 2015. Tese de doutorado. Universitat Politècnica de València. Departamento de Projectos Arquitectònics - Departament de Projectes Arquitectònics, 2016. p. 402.

Figura 22: Seção “Who is who” da revista *Architectural Design*, vol. XLV, nº 8, 1975. Fonte: ALVAREZ ISIDRO, Eva Maria. *Women in architecture*. 1975, 2015. Tese de doutorado. Universitat Politècnica de València. Departamento de Projectos Arquitectónicos - Departament de Projectes Arquitectònics, 2016. p. 403.

Figura 23: Seção “Who is who” da revista *Architectural Design*, vol. XLV, nº 8, 1975. Fonte: ALVAREZ ISIDRO, Eva Maria. *Women in architecture*. 1975, 2015. Tese de doutorado. Universitat Politècnica de València. Departamento de Projectos Arquitectónicos - Departament de Projectes Arquitectònics, 2016. p. 404.

Figura 24: Seção “Who is who” da revista *Architectural Design*, vol. XLV, nº 8, 1975. Fonte: ALVAREZ ISIDRO, Eva Maria. *Women in architecture*. 1975, 2015. Tese de doutorado. Universitat Politècnica de València. Departamento de Projectos Arquitectónicos - Departament de Projectes Arquitectònics, 2016. p. 405.

Figura 25: Capa do livro *The Grand Domestic Revolution*. Dolores Hayden, 1981. Fonte: Imagem da autora.

Figura 26: Capa da revista *Heresies 11. Making room: Women and Architecture*, Vol. 3 nº 3, Janeiro 1981. Fonte: <http://heresiesfilmproject.org/archive/>

Figura 27: Capa do livro *Architecture: A Place for Women*. Ellen Perry Berkeley (Ed.) e Matilda McQuaid (Ass. Ed.), 1989. Fonte: Imagem da autora.

Figura 28: Capa do livro *Sexuality and Space*. Beatriz Colomina, 1992. Fonte: Imagem da autora.

Figura 29: Capa do livro *The sex of Architecture*. Diana Agrest, Patricia Conway e Leslie Kanes Weisman, 1996. Fonte: Imagem da autora.

Figura 30: Capa do livro *The Architect: Reconstructing her Practice*, Francesca Hughes, 1996. Fonte: Imagem da autora.

Figura 31: Capa do livro *Gender Space Architecture*. Jane Rendell, Barbara Penner e Iain Borden (ed.), 2000. Fonte: Imagem da autora.

Figura 32: Capa do livro *Architecture and Feminism*. Debra Coleman (Ed.), 1996. Fonte: Imagem da autora.

Figura 33: Capa do livro *Desiring Practices: Architecture, Gender and the Interdisciplinary*. Katerina Rüedi, Sarah Wigglesworth, Duncan McCorquodale, 1996. Fonte: Imagem da autora.

Figura 34: Capa do livro *Women and the Making of the Modern House: A Social and Architectural History*. Alice Friedman, 1998. Fonte: Imagem da autora.

Figura 35: Petição feita para que o Pritzker reconhecesse o trabalho de Denise Scott Brown junto com Robert Venturi no prêmio de 1991. Fonte: <https://www.change.org/p/the-pritzker-architecture-prize-committee-recognize-denise-scott-brown-for-her-work-in-robert-venturi-s-1991-prize>

Figura 36: Capa do site do coletivo *Matri-Archi(tecture)*. Fonte: <https://www.matri-archi.ch/>

Figura 37: Capa do blog *Un dia, Una Arquitecta*. Fonte: <https://undiaunaarquitecta.wordpress.com/>

Figura 38: Capa do livro *Arquitetas e Arquitetura na América Latina no século XX*. Ana Gabriela Godinho Lima, 2013. Fonte: https://be332de1-025f-4804-aa16-615df5882c7f.filesusr.com/ugd/ff1b92_554e1673a4184c0b9f29194d835b8220.pdf

Figura 39: Capa do blog *Feminino e Plural: percursos e projetos de arquitetas*. Fonte: <https://femininoeplural.wordpress.com/>

Figura 40: Capa plataforma *Arquitetas Negras*. Fonte: <https://linktr.ee/arquitetasnegras>

Figura 41: Capa da revista *Arquitetas Negras*, vol. 1, 2019. Fonte: Imagem da autora.

Figura 42: Capa do site *Arquitetas Invisíveis*. Fonte: <https://www.arquitetasinvisiveis.com/pg/>

Figura 43: Capa da revista *Arquitetas Invisíveis. Pioneiras*, vol. 1, 2015. Fonte: https://be332de1-025f-4804-aa16-615df5882c7f.filesusr.com/ugd/ff1b92_554e1673a4184c0b9f29194d835b8220.pdf

Figura 44: Capa da revista *Arquitetas Invisíveis. Nas Sombras*, vol. 2, 2017. Fonte: https://be332de1-025f-4804-aa16-615df5882c7f.filesusr.com/ugd/ff1b92_692517ec29d14f42a2f69e7b9c7c6b4c.pdf

Figura 45: Exposição *Women in American Architecture: A Historic and Contemporary Perspective*. Susana Torre, 1977. Fonte: <https://www.susanatorre.net/architecture-and-design/making-room-for-women/women-in-american-architecture/>

Figura 46: Exposição *Women in American Architecture: A Historic and Contemporary Perspective*. Susana Torre, 1977. Fonte: <https://www.susanatorre.net/architecture-and-design/making-room-for-women/women-in-american-architecture/>

Figura 47: Exposição *Lina Bo Bardi: Habitat*, 2019. Fonte: <https://masp.org.br/exposicoes/lina-bo-bardi-habitat>. Feita por: Eduardo Ortega

Figura 48: Exposição *Lina Bo Bardi: Habitat*, 2019. Fonte: <https://masp.org.br/exposicoes/lina-bo-bardi-habitat>. Feita por: Eduardo Ortega

Figura 49: Linha do tempo das revistas especializadas brasileiras, publicada na revista *Acrópole* nº 295, 1963. Fonte: <http://www.acropole.fau.usp.br/edicao/295>

Figura 50: Linha do tempo das revistas especializadas brasileiras, publicada na revista *Acrópole* nº 295, 1963. Fonte: <http://www.acropole.fau.usp.br/edicao/295>

Figura 51: Linha do tempo das revistas especializadas brasileiras, publicada na revista *Acrópole* nº 295, 1963. Fonte: <http://www.acropole.fau.usp.br/edicao/295>

Figura 52: Capa da revista *Projeto*, n. 1, 1977. Fonte: <https://revistaprojeto.com.br/acervo/projetodesign-revista-nasceu-10-01-2003/>

Figura 53: Capa da revista *Projeto*, n. 11, 1979. Fonte: Imagem da autora.

Figura 54: Capa da revista *Projeto Design*, n. 194, 1996. Fonte: <https://revistaprojeto.com.br/noticias/centenario-do-iab-homenageia-vicente-wissenbach-pioneiro-em-jornalismo-de-arquitetura-no-brasil/>

Figura 55: Capa da revista *Projeto Design*, n. 251, 2001. Fonte: Imagem da autora.

Figura 56: Capa da revista *Projeto Design*, n. 428, 2015. Fonte: Imagem da autora.

Figura 57: Capa da revista *AU*, n. 1, 1985. Fonte: Imagem da autora.

Figura 58: Capa da revista *AU*, n. 2, 1985. Fonte: Imagem da autora.

Figura 59: Capa da revista *AU*, n. 16, 1988. Fonte: Imagem da autora.

Figura 60: Capa da revista *AU*, n. 55, 1994. Fonte: Imagem da autora.

Figura 61: Capa da revista *AU*, n. 106, 2003. Fonte: Imagem da autora.

Figura 62: Imagem ilustrativa da organização da planilha de mapeamento das edições das revistas *AU* e *Projeto Design*. Fonte: Imagem da autora.

Figura 63: Total de projetos publicados na revista *Projeto Design* 2001-2015, separado por gênero. Fonte: Imagem da autora.

Figura 64: Total de projetos publicados na revista *AU* 2001-2015, separado por gênero. Fonte: Imagem da autora.

Figura 65: Distribuição dos projetos publicados na revista *Projeto Design* 2001-2015 por tipologias, discriminados por gêneros. Fonte: Imagem da autora.

Figura 66: Porcentagem dos projetos publicados na revista *Projeto Design* 2001-2015, na categoria 1, discriminada por gêneros. Fonte: Imagem da autora.

Figura 67: Porcentagem dos projetos publicados na revista *Projeto Design* 2001-2015, na categoria 3, discriminada por gêneros. Fonte: Imagem da autora.

Figura 68: Distribuição dos projetos publicados na revista *AU* 2001-2015 por tipologias, discriminados por gêneros. Fonte: Imagem da autora.

Figura 69: Porcentagem dos projetos publicados na revista *AU* 2001-2015, na categoria 1, discriminada por gêneros. Fonte: Imagem da autora.

Figura 70: Porcentagem dos projetos publicados na revista *AU* 2001-2015, na categoria 3, discriminada por gêneros. Fonte: Imagem da autora.

Figura 71: Distribuição geográfica dos projetos publicados na revista *Projeto Design* 2001-2015. Fonte: Imagem da autora.

Imagem 72: Distribuição geográfica dos projetos com autoria de arquitetas publicados na revista *Projeto Design* 2001-2015. Fonte: Imagem da autora.

Figura 73: Distribuição geográfica dos projetos publicados na revista *AU* 2001-2015. Fonte: Imagem da autora.

Figura 74: Distribuição geográfica dos projetos com autoria de arquitetas publicados na revista *AU* 2001-2015. Fonte: Imagem da autora.

Figura 75: Comparativo entre capas protagonizadas por arquitetos e por arquitetas, revista *Projeto Design* 2001-2015. Fonte: Imagem da autora.

Figura 76: Comparativo entre entrevistas realizadas com arquitetos e com arquitetas, revista *Projeto Design* 2001-2015. Fonte: Imagem da autora.

Figura 77: Comparativo entre os gêneros dos entrevistadores, revista *Projeto Design* 2001-2015. Fonte: Imagem da autora.

Figura 78: Comparativo entre capas protagonizadas por arquitetos e por arquitetas, revista *AU* 2001-2015. Fonte: Imagem da autora.

Figura 79: Comparativo entre entrevistas realizadas com arquitetos e com arquitetas, revista *AU* 2001-2015. Fonte: Imagem da autora.

Figura 80: Comparativo entre os gêneros dos entrevistadores, revista *AU* 2001-2015. Fonte: Imagem da autora.

Figura 81: Publicidade nas revistas *AU* e *Projeto Design* 2001-2015. Fonte: Imagem da autora.

Figura 82: Publicidade nas revistas *AU* e *Projeto Design* 2001-2015. Fonte: Imagem da autora.

Figura 83: Publicidade nas revistas *AU* e *Projeto Design* 2001-2015. Fonte: Imagem da autora.

Figura 84: Publicidade nas revistas *AU* e *Projeto Design* 2001-2015. Fonte: Imagem da autora.

Figura 85: Porcentagem de homens e mulheres vencedores do Concurso Opera Prima 2001-2019. Fonte: Imagem da autora.

Figura 86: Gráfico com o quantitativo dos orientadores dos projetos vencedores do Concurso Opera Prima, separados por gênero. Fonte: Imagem da autora.

Figura 87: Total de docentes da FAU-USP do curso de graduação, separados por gênero. Fonte: Imagem da autora.

Figura 88: Distribuição dos docentes do Departamento de Projeto da FAU-USP do curso de graduação, separados por disciplina e por gênero. Fonte: Imagem da autora.

Figura 89: Total de docentes da FAU-USP do curso de pós-graduação, separados por gênero e Área de Concentração. Fonte: Imagem da autora.

Figura 90: Total de dissertações e teses defendidas na FAU-USP 2010-2021, separadas por gênero. Fonte: Imagem da autora.

Figura 91: Total de dissertações defendidas na FAU-USP 2010-2021, separadas por Área de Concentração e gênero. Fonte: Imagem da autora.

Figura 92: Total de teses defendidas na FAU-USP 2010-2021, separadas por Área de Concentração e gênero. Fonte: Imagem da autora.

Figura 93: Distribuição dos grupos de ocupação do trabalho principal entre graduados de Arquitetura e Urbanismo, do sexo masculino, segundo grupo de idade. Fonte: Evidências do ENADE e de outras fontes - mudanças no perfil do bacharel em arquitetura e urbanismo. Rio de Janeiro: Fundação Cesgranrio, 2020

Figura 94: Distribuição dos grupos de ocupação do trabalho principal entre graduados de Arquitetura e Urbanismo, do sexo feminino, segundo grupo de idade. Fonte: Evidências do ENADE e de outras fontes - mudanças no perfil do bacharel em arquitetura e urbanismo. Rio de Janeiro: Fundação Cesgranrio, 2020.

Figura 95: Distribuição dos grupos de ocupação do trabalho principal entre os mestres em Arquitetura e Urbanismo, do sexo masculino, segundo grupo de idade. Fonte: *Evidências do ENADE e de outras fontes - mudanças no perfil do bacharel em arquitetura e urbanismo*. Rio de Janeiro: Fundação Cesgranrio, 2020.

Figura 96: Distribuição dos grupos de ocupação do trabalho principal entre os mestres em Arquitetura e Urbanismo, do sexo feminino, segundo grupo de idade. Fonte: *Evidências do ENADE e de outras fontes - mudanças no perfil do bacharel em arquitetura e urbanismo*. Rio de Janeiro: Fundação Cesgranrio, 2020.

Figura 97: Distribuição dos grupos de ocupação do trabalho principal entre os doutores em Arquitetura e Urbanismo, do sexo masculino, segundo grupo de idade. Fonte: *Evidências do ENADE e de outras fontes - mudanças no perfil do bacharel em arquitetura e urbanismo*. Rio de Janeiro: Fundação Cesgranrio, 2020.

Figura 98: Distribuição dos grupos de ocupação do trabalho principal entre os doutores em Arquitetura e Urbanismo, do sexo feminino, segundo grupo de idade. Fonte: *Evidências do ENADE e de outras fontes - mudanças no perfil do bacharel em arquitetura e urbanismo*. Rio de Janeiro: Fundação Cesgranrio, 2020.

Figura 99: Gráfico da Atividade Profissional (RRT), segundo pesquisa realizada pelo CAU/BR. Fonte: <https://caubr.gov.br/inedito-visao-completa-sobre-a-presenca-da-mulher-na-arquitetura-e-urbanismo/>

Figura 100: Porcentagem dos jurados do sexo masculino e do sexo feminino dos concursos organizados pelo IAB 2008-2021. Fonte: Imagem da Autora

Figura 101: Gráfico dos conselheiros estaduais e federais eleitos no CAU/BR. Fonte: <https://www.caubr.gov.br/dia-da-mulher-participacao-das-mulheres-arquitetas-e-urbanistas-cresce-a-cada-ano2/>

ANEXOS

ANEXO I: TOTAL DE PROJETOS PUBLICADOS NA REVISTA PROJETO DESIGN, DE 2001 A 2015, SEPARADOS POR TIPOLOGIA

ano	número de projetos	HABITAÇÃO		ARQUITETURA INDUSTRIAL	COMÉRCIO E SERVIÇOS						
		projetos unifamiliares	projetos multifamiliares	fábricas e indústrias	edifícios corporativos e comerciais	espaços cooperativos	lojas	cafés e restaurantes	hotéis	outros	
2001	H	2195	22	6	7	33	9	16	9	10	3
	M	61	7	1	1	8	8	2	4	1	0
	T	2256	36	8	8	103					
2002	H	2082	11	0	1	9	9	8	6	8	0
	M	33	8	1	1	4	5	1	1	0	0
	T	2115	20	2	2	51					
2003	H	2077	10	1	1	15	6	6	3	5	0
	M	30	5	1	0	3	9	3	0	1	1
	T	2107	17	1	1	52					
2004	H	2065	12	4	1	7	7	3	4	3	1
	M	32	5	2	0	1	5	2	0	0	0
	T	2097	23	1	1	33					
2005	H	2069	7	1	1	13	5	5	4	1	0
	M	21	1	0	0	3	3	1	0	0	0
	T	2090	9	1	1	35					
2006	H	2065	7	1	0	8	5	3	3	1	1
	M	20	3	0	1	1	4	0	2	0	0
	T	2085	11	1	1	28					
2007	H	2046	9	0	1	2	8	2	3	1	1
	M	15	2	0	1	2	4	2	1	0	0
	T	2061	11	2	2	26					
2008	H	2063	9	5	1	7	1	5	2	1	3
	M	18	4	2	2	0	3	2	1	1	0
	T	2081	20	3	3	26					
2009	H	2062	8	5	1	5	5	0	3	0	0
	M	21	2	1	0	1	6	0	2	1	0
	T	2083	16	1	1	23					
2010	H	2062	7	2	0	6	7	3	2	0	0
	M	21	4	1	0	0	5	3	3	2	0
	T	2083	14	0	0	31					
2011	H	2077	12	0	2	6	3	5	2	0	1
	M	29	5	1	0	1	4	3	2	0	0
	T	2106	18	2	2	27					
2012	H	2065	10	1	0	6	7	4	2	1	2
	M	32	2	1	1	3	3	4	0	2	0
	T	2097	14	1	1	34					
2013	H	2072	9	7	1	5	7	2	3	0	0
	M	24	1	3	1	0	2	1	2	0	0
	T	2096	20	2	2	22					
2014	H	2065	13	5	0	3	6	3	0	2	0
	M	27	3	1	1	2	2	1	3	1	0
	T	2092	22	1	1	23					
2015	H	2066	9	5	0	11	6	0	2	1	1
	M	23	1	2	1	1	3	0	3	0	0
	T	2089	17	1	1	28					
TH	31131	198	17	17	387						
TM	407	70	10	10	155						
TT	31538	268	27	27	542						

ano		COMPLEXOS ESPORTIVOS	ARQUITETURA EDUCACIONAL		ARQUITETURA INSTITUCIONAL		ARQUITETURA HOSPITALAR			EDIFÍCIOS PARA LAZER E CULTURA	PROJETOS DE URBANISMO	ESPAÇOS LIVRES	TERMINAIS DE TRANSPORTE
		clubes, ginásios, estádios	escolas	ensino superior	edifícios institucionais	edifícios religiosos	clínicas	laboratórios	hospitais/ PS	teatros, museus, galerias, bibliotecas	requalificação urbana, urbanização	parques, praças	rodoviárias, estações de metrô, trem
2001	H	2	4	10	11	6	3	0	2	19	9	2	11
	M	2	2	0	2	2	2	2	0	12	1	3	1
	T	4	16		21		9			31	10	5	12
2002	H	3	3	2	4	1	1	0	1	9	0	4	0
	M	0	1	1	3	0	0	0	1	4	0	0	2
	T	3	7		8		3			13	0	4	2
2003	H	2	4	7	3	0	0	0	0	9	0	1	1
	M	0	2	2	0	0	0	0	0	2	0	1	0
	T	2	15		3		0			11	0	2	1
2004	H	2	4	5	2	2	0	0	0	2	0	0	2
	M	2	5	0	2	0	0	0	0	4	0	2	2
	T	4	14		6		0			6	0	2	4
2005	H	4	6	5	4	0	0	0	0	7	0	0	1
	M	0	2	1	3	0	1	0	1	2	0	2	1
	T	4	14		7		2			9	0	2	2
2006	H	0	8	1	6	0	0	1	0	12	1	0	1
	M	0	3	1	0	0	0	0	0	5	0	0	0
	T	0	13		6		1			17	1	0	1
2007	H	0	2	2	1	2	0	0	0	3	0	0	2
	M	0	0	0	0	1	0	0	0	1	0	0	1
	T	0	4		4		0			4	0	0	3
2008	H	4	3	0	2	1	0	0	0	10	0	1	0
	M	1	0	0	0	0	0	0	0	1	1	0	0
	T	5	3		3		0			11	1	1	0
2009	H	10	2	1	2	0	0	1	2	8	0	0	0
	M	3	0	0	0	0	0	0	0	4	0	1	0
	T	13	3		2		3			12	0	1	0
2010	H	3	5	0	4	0	0	0	1	7	1	1	3
	M	0	1	0	0	0	0	0	1	1	0	0	0
	T	3	6		4		2			8	1	1	3
2011	H	1	5	0	4	0	1	0	2	14	3	1	4
	M	1	2	0	1	0	0	1	0	6	1	0	1
	T	2	7		5		4			20	4	1	5
2012	H	3	2	0	5	0	0	0	0	7	3	0	0
	M	2	0	1	3	0	0	1	0	7	1	0	1
	T	5	3		8		1			14	4	0	1
2013	H	2	4	0	3	1	0	0	0	10	0	5	0
	M	0	2	0	1	1	0	0	0	7	1	1	1
	T	2	6		6		0			17	1	6	1
2014	H	1	5	1	2	0	0	0	2	3	4	1	0
	M	2	1	1	1	1	0	0	0	5	1	1	0
	T	3	8		4		2			8	5	2	0
2015	H	1	2	0	5	0	0	0	1	5	0	0	2
	M	0	0	2	2	0	0	0	0	5	1	0	2
	T	1	4		7		1			10	1	0	4
	TH	38	93		71		18			125	21	16	27
	TM	13	30		23		10			66	7	11	12
	TT	51	123		94		28			191	28	27	39

ANEXO I: TOTAL DE PROJETOS PUBLICADOS NA REVISTA AU, DE 2001 A 2015, SEPARADOS POR TIPOLOGIA

ano	número de projetos	HABITAÇÃO		ARQUITETURA INDUSTRIAL	COMÉRCIO E SERVIÇOS						
		projetos unifamiliares	projetos multifamiliares	fábricas e indústrias	edifícios corporativos e comerciais	espaços corporativos	lojas	cafés e restaurantes	hotéis	outros	
2001	H	2045	9	2	2	3	0	2	2	2	0
	M	12	5	0	0	0	0	0	2	0	1
	T	2057	16		2	12					
2002	H	2022	5	1	0	1	0	0	1	0	1
	M	5	1	0	0	0	0	0	0	0	0
	T	2027	7		0	3					
2003	H	2046	11	0	1	6	3	3	1	2	1
	M	5	0	0	0	0	1	2	0	0	0
	T	2051	11		1	19					
2004	H	2044	10	2	0	5	2	1	0	1	1
	M	20	3	1	0	2	1	1	0	0	0
	T	2064	16		0	14					
2005	H	2046	10	1	0	8	2	1	2	1	1
	M	8	3	0	1	1	0	0	0	0	0
	T	2054	14		1	16					
2006	H	2043	15	5	0	5	0	1	0	0	0
	M	14	4	1	0	2	0	1	1	0	0
	T	2057	25		0	10					
2007	H	2044	10	3	0	4	1	1	1	2	0
	M	18	6	4	0	0	2	0	0	1	0
	T	2062	23		0	12					
2008	H	2065	12	7	0	11	7	4	1	0	0
	M	11	5	0	0	1	3	1	0	0	0
	T	2076	24		0	28					
2009	H	2067	14	6	2	6	9	1	0	0	1
	M	19	2	2	1	2	3	0	1	0	0
	T	2086	24		3	23					
2010	H	2068	15	6	1	6	9	0	0	0	0
	M	20	4	1	0	1	5	0	0	1	0
	T	2088	26		1	22					
2011	H	2056	7	2	2	6	7	2	0	1	0
	M	28	10	2	2	0	4	1	1	0	0
	T	2084	21		4	22					
2012	H	2062	10	3	1	8	7	1	2	1	0
	M	28	4	6	0	5	0	0	1	0	0
	T	2090	23		1	25					
2013	H	2064	10	8	1	3	7	2	0	0	1
	M	26	5	1	0	6	3	1	1	0	0
	T	2090	24		1	24					
2014	H	2067	10	5	1	10	6	0	1	2	0
	M	20	6	0	0	3	4	0	1	1	0
	T	2087	21		1	28					
2015	H	2063	14	5	2	5	6	0	3	0	0
	M	31	8	2	2	3	7	1	0	1	0
	T	2094	29		4	26					
TH	30802	218		13	204						
TM	265	86		6	80						
TT	31067	304		19	284						

ano		COMPLEXOS ESPORTIVOS	ARQUITETURA EDUCACIONAL		ARQUITETURA INSTITUCIONAL		ARQUITETURA HOSPITALAR			EDIFÍCIOS PARA LAZER E CULTURA	PROJETOS DE URBANISMO	ESPAÇOS LIVRES	TERMINAIS DE TRANSPORTE
		clubes, ginásios, estádios	escolas	ensino superior	edifícios institucionais	edifícios religiosos	clínicas	laboratórios	hospitais/ PS	teatros, museus, galerias, bibliotecas	requalificação urbana, urbanização	parques, praças	rodoviárias, estações de metrô, trem
2001	H	1	1	0	0	0	1	0	1	11	2	2	3
	M	1	0	0	0	0	0	0	0	0	1	2	0
	T	2	1		0			2		11	3	4	3
2002	H	2	0	2	2	0	0	0	0	4	1	0	0
	M	0	0	1	1	0	0	0	0	0	1	1	0
	T	2	3		3			0		4	2	1	0
2003	H	1	0	1	2	1	0	0	0	9	1	0	0
	M	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	1	0
	T	1	1		3			0		10	1	1	0
2004	H	3	2	1	3	0	1	0	0	4	1	2	1
	M	1	0	0	3	0	0	0	0	5	3	0	0
	T	4	3		6			1		9	4	2	1
2005	H	0	1	2	0	0	1	0	0	8	2	0	1
	M	0	1	0	1	0	0	0	0	0	0	1	0
	T	0	4		1			1		8	2	1	1
2006	H	2	1	0	1	0	0	0	0	6	0	0	1
	M	1	1	0	0	0	0	0	0	2	1	0	0
	T	3	2		1			0		8	1	0	1
2007	H	1	0	0	6	0	0	0	1	4	2	0	1
	M	0	0	1	1	0	1	0	1	0	1	0	0
	T	1	1		7			3		4	3	0	1
2008	H	0	2	2	2	1	0	0	4	3	0	1	0
	M	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1
	T	0	4		3			4		3	0	1	1
2009	H	0	2	2	2	1	1	0	0	8	2	1	0
	M	0	2	0	0	0	0	0	0	4	1	1	0
	T	0	6		3			1		12	3	2	0
2010	H	1	1	3	5	1	0	0	0	7	1	1	1
	M	0	1	0	1	0	0	0	0	3	1	1	1
	T	1	5		7			0		10	2	2	2
2011	H	0	1	0	5	0	1	0	0	9	0	1	1
	M	1	0	0	2	0	0	0	0	3	2	0	0
	T	1	1		7			1		12	2	1	1
2012	H	0	0	2	2	1	0	0	0	7	5	0	0
	M	0	0	0	1	0	0	0	0	10	0	1	0
	T	0	2		4			0		17	5	1	0
2013	H	1	1	0	4	1	0	0	0	7	1	3	1
	M	1	0	0	1	0	0	0	0	3	4	0	0
	T	2	1		6			0		10	5	3	1
2014	H	0	2	1	2	1	0	0	1	8	2	0	1
	M	0	0	0	1	0	0	0	0	1	1	1	1
	T	0	3		4			1		9	3	1	2
2015	H	2	2	0	1	1	1	0	0	4	2	0	0
	M	0	2	0	1	0	0	0	0	2	1	1	0
	T	2	4		3			1		6	3	1	0
	TH	14	32		45			13		99	22	11	11
	TM	5	9		13			2		34	17	10	3
	TT	19	41		58			15		133	39	21	14

ANEXO II: TOTAL DE PROJETOS PUBLICADOS NA REVISTA PROJETO DESIGN, DE 2001 A 2015, SEPARADOS POR LOCALIZAÇÃO

ano	número de projetos	PROJETOS NACIONAIS					PROJETOS INTERNACIONAIS		
		SUL	SUDESTE	CENTRO-OESTE	NORTE	NORDESTE	AMÉRICA LATANINA	OUTRAS LOCALIDADES	
2001	H	203	18	139	12	5	18	3	8
	M	62	6	47	1	3	1	1	3
	T	265	24	186	13	8	19	4	11
2002	H	79	12	53	1	0	6	2	5
	M	33	2	24	2	0	4	1	0
	T	112	14	77	3	0	10	3	5
2003	H	72	7	49	2	1	6	1	6
	M	33	1	28	0	1	1	1	1
	T	105	8	77	2	2	7	2	7
2004	H	60	2	55	0	0	1	1	1
	M	31	0	27	0	1	0	0	3
	T	91	2	82	0	1	1	1	4
2005	H	62	4	47	1	0	3	3	4
	M	21	1	18	1	0	0	1	0
	T	83	5	65	2	0	3	4	4
2006	H	59	2	47	2	1	2	0	5
	M	20	1	15	0	0	1	0	3
	T	79	3	62	2	1	3	0	8
2007	H	34	2	24	2	1	2	0	3
	M	14	1	11	0	0	2	0	0
	T	48	3	35	2	1	4	0	3
2008	H	52	5	34	6	0	0	0	7
	M	19	6	11	1	0	1	0	0
	T	71	11	45	7	0	1	0	7
2009	H	49	3	36	2	2	3	0	3
	M	22	2	15	2	1	2	0	0
	T	71	5	51	4	3	5	0	3
2010	H	51	1	38	1	0	1	2	8
	M	21	0	21	0	0	0	0	0
	T	72	1	59	1	0	1	2	8
2011	H	64	4	44	7	0	2	0	7
	M	32	2	21	2	1	1	1	4
	T	96	6	65	9	1	3	1	11
2012	H	56	4	38	6	1	0	0	7
	M	32	0	24	4	1	1	0	2
	T	88	4	62	10	2	1	0	9
2013	H	58	4	42	4	0	4	0	4
	M	24	2	18	1	0	1	0	2
	T	82	6	60	5	0	5	0	6
2014	H	51	5	32	4	1	6	1	2
	M	26	4	14	2	0	6	0	0
	T	77	9	46	6	1	12	1	2
2015	H	51	5	40	3	1	0	0	2
	M	22	2	20	0	0	0	0	0
	T	73	7	60	3	1	0	0	2
TH	1001	78	718	53	13	54	13	72	
TM	412	30	314	16	8	21	5	18	
TT	1413	108	1032	69	21	75	18	90	

ANEXO II: TOTAL DE PROJETOS PUBLICADOS NA REVISTA AU, DE 2001 A 2015, SEPARADOS POR LOCALIZAÇÃO

ano	número de projetos	PROJETOS NACIONAIS					PROJETOS INTERNACIONAIS		
		SUL	SUDESTE	CENTRO-OESTE	NORTE	NORDESTE	AMÉRICA LATAMINA	OUTRAS LOCALIDADES	
2001	H	43	2	16	4	1	4	0	16
	M	13	0	8	0	0	3	1	1
	T	56	2	24	4	1	7	1	17
2002	H	20	0	11	2	0	0	0	7
	M	5	0	1	0	1	2	0	1
	T	25	0	12	2	1	2	0	8
2003	H	43	4	24	0	0	4	1	10
	M	5	0	2	0	0	1	0	2
	T	48	4	26	0	0	5	1	12
2004	H	39	0	25	1	2	0	0	11
	M	20	1	10	0	7	2	0	0
	T	59	1	35	1	9	2	0	11
2005	H	40	3	24	0	0	1	0	12
	M	8	0	6	0	1	0	0	1
	T	48	3	30	0	1	1	0	13
2006	H	37	1	20	1	0	1	1	13
	M	14	1	9	0	0	2	1	1
	T	51	2	29	1	0	3	2	14
2007	H	37	1	19	1	1	2	5	8
	M	18	1	14	0	0	0	0	3
	T	55	2	33	1	1	2	5	11
2008	H	57	4	29	3	2	1	7	11
	M	11	0	9	0	0	0	1	1
	T	68	4	38	3	2	1	8	12
2009	H	58	3	37	0	2	0	6	10
	M	19	0	16	0	0	0	1	2
	T	77	3	53	0	2	0	7	12
2010	H	54	1	34	10	0	2	6	1
	M	24	0	18	2	0	1	1	2
	T	78	1	52	12	0	3	7	3
2011	H	46	2	25	7	0	0	5	7
	M	26	1	17	1	0	0	3	4
	T	72	3	42	8	0	0	8	11
2012	H	51	1	26	0	0	6	6	12
	M	27	0	20	1	0	2	1	3
	T	78	1	46	1	0	8	7	15
2013	H	51	0	35	2	1	0	4	9
	M	25	1	15	0	0	2	2	5
	T	76	1	50	2	1	2	6	14
2014	H	41	3	20	3	0	2	7	6
	M	19	2	13	0	1	1	0	2
	T	60	5	33	3	1	3	7	8
2015	H	47	6	26	2	0	1	5	7
	M	32	0	20	1	2	1	4	4
	T	79	6	46	3	2	2	9	11
TH	664	31	371	36	9	24	53	140	
TM	266	7	178	5	12	17	15	32	
TT	930	38	549	41	21	41	68	172	

**ANEXO III: TOTAL DE ENTREVISTAS,
ENTREVISTADORES E DEBATES PROMOVIDOS
NA REVISTA PROJETO DESIGN, DE 2001 A 2015**

ano		ENTREVISTADOS(AS)	ENTREVISTADORES(AS)	DEBATES (convidados e convidadas para debater um tema)
2001	H	11	14	10
	M	0	8	5
	T	11	22	15
2002	H	9	15	10
	M	2	9	6
	T	11	24	16
2003	H	11	15	7
	M	1	8	
	T	12	23	7
2004	H	12	15	
	M		1	
	T	12	16	0
2005	H	12	13	
	M		2	
	T	12	15	0
2006	H	11	12	
	M	1		
	T	12	12	0
2007	H	10	7	
	M	1	5	
	T	11	12	0
2008	H	12	5	
	M	2	9	
	T	14	14	0
2009	H	13	4	
	M		9	
	T	13	13	0
2010	H	9	7	
	M	2	3	
	T	11	10	0
2011	H	10	3	9
	M	1	10	1
	T	11	13	10
2012	H	10	4	
	M	2	9	
	T	12	13	0
2013	H	16	3	
	M		13	
	T	16	16	0
2014	H	10	2	7
	M	1	9	
	T	11	11	7
2015	H	23	2	
	M	2	10	
	T	25	12	0
	TH	179	121	43
	TM	15	105	12
	TT	194	226	55

**ANEXO III: TOTAL DE ENTREVISTAS,
ENTREVISTADORES E DEBATES PROMOVIDOS
NA REVISTA AU, DE 2001 A 2015**

ano		ENTREVISTADOS(AS)	ENTREVISTADORES(AS)	DEBATES (convidados e convidadas para debater um tema)
2001	H	8	3	
	M		5	
	T	8	8	0
2002	H	6	1	
	M		5	
	T	6	6	0
2003	H	10	5	
	M	3	7	
	T	13	12	0
2004	H	12	1	
	M	1	11	
	T	13	12	0
2005	H	11	3	12
	M	1	9	2
	T	12	12	14
2006	H	15	2	
	M	1	11	
	T	16	13	0
2007	H	12	1	
	M	1	11	
	T	13	12	0
2008	H	10		
	M	2	12	
	T	12	12	0
2009	H	13	1	
	M	3	13	
	T	16	14	0
2010	H	13	5	
	M	4	10	
	T	17	15	0
2011	H	11	3	
	M	2	10	
	T	13	13	0
2012	H	12	1	4
	M	6	14	3
	T	18	15	7
2013	H	10	2	
	M	3	10	
	T	13	12	0
2014	H	12	5	
	M	3	6	
	T	15	11	0
2015	H	13	2	
	M	2	13	
	T	15	15	0
	TH	168	35	16
	TM	32	147	5
	TT	200	182	21

